



Bestseller do New York Times

Jude Deveraux

Autora de Alguém para Amar e Jardim de Alfazema

Perfume
da Paixão

• ROMANCE •

E se descobrisse que o seu noivo
não era quem afirmava ser?



Quinta Essência



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Titulo original: Scarlet Nights

Título: Perfume da Paixão

Autor: Jude Deveraux

Tradução: Lídia Geer

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

Revisão: Silvina de Sousa

ISBN: 9789895557509

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Deveraux, Inc., 2010

Direitos reservados para Portugal

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

FORT LAUDERDALE, FLORIDA

– ACHO QUE A ENCONTRÁMOS – disse o capitão Erickson. O seu tom de voz era forçado, dando a entender que fazia o possível para ocultar o júbilo que sentia.

Estavam sentados a uma mesa para piqueniques no Parque Hugh Taylor de Birch State, logo à saída da A1A, em Fort Lauderdale. Era uma manhã de Setembro, e o Sul da Florida começava a refrescar. No mês seguinte, o tempo estaria divino.

– Calculo que te refiras à Mitzi – retorquiu Mike Newland, pois ainda na véspera o capitão tinha-lhe entregado uma pasta bastante volumosa com documentação sobre essa família.

Mizelli Vandro era uma mulher que vários departamentos de polícia, incluindo a brigada para os crimes de fraude de Fort Lauderdale, assim como os Serviços Secretos – por crimes de natureza financeira – e o FBI – por violência –, andavam a investigar havia vários anos. Tanto quanto era do conhecimento geral, a única fotografia dela fora tirada em 1973, quando tinha dezasseis anos e estava prestes a desposar um homem de cinquenta e um. Até nessa altura, ela não era nenhuma beldade, e o seu rosto era facilmente recordado devido ao nariz enorme e à boca de lábios quase inexistentes.

Quando o capitão não lhe deu réplica, Mike soube que não tardaria a surgir um Grande Trabalho. Teve alguma dificuldade em refrear o mau humor. Acabara de trabalhar num caso como agente infiltrado que se prolongara por três anos, e durante esse tempo vários assassinos a soldo haviam sido incumbidos de o assassinar.

Embora Mike nunca tivesse trabalhado no caso Vandro, soubera que uns anos antes vários membros importantes da família tinham sido presos num único dia, mas em várias cidades. Todavia, Mitzi, o seu filho Stefan e mais alguns membros da família – dos quais possuíam muitas fotografias – haviam sido informados, tratando de desaparecer sem darem nas vistas. Até recentemente, ninguém sabia para onde teriam escapado.

Mike serviu-se de chá verde contido num termo, perguntando ao capitão se era servido.

– Não, obrigado – respondeu o capitão com um abanar de cabeça. – Fico-me por isto – acrescentou, erguendo algo cheio de aditivos e cafeína.

– E então, onde é que ela está? – perguntou Mike num timbre ainda mais áspero do que o habitual.

Era frequente ter de responder a perguntas relativas à sua voz, e a meia mentira-padrão era que se devia a um acidente durante a infância. Havia ocasiões em que até se esmerava, inventando histórias em que entravam triciclos e acidentes de viação, o que lhe desse na veneta nesse dia. Qualquer que fosse a história que ele contava, a verdade é que a voz de Mike era tão intimidante quanto a sua constituição física quando entrava em acção.

– Alguma vez ouviste falar de...? – Enquanto o capitão procurava um bocado de papel no bolso da camisa, Mike apercebeu-se de que ele se sentia entusiasmado devido a outra coisa qualquer que não ter descoberto o paradeiro de Mitzi. Ao fim e ao cabo, era, pelo menos, a sexta vez em que ouviam dizer que ela fora encontrada. – Ah, aqui está! – exclamou o capitão, com uns olhos que pareciam dançar. – Vamos lá ver se sou capaz de pronunciar o nome deste lugar.

- A Checoslováquia já não existe – disse Mike, com uma expressão imperscrutável.
- Não, não, esta cidade é nos Estados Unidos. Algures no Norte.
- Jacksonville é « algures no Norte» .
- Encontrei – disse o capitão. – Eddy qualquer coisa... Lean.
- Eddy Lean é o nome de uma pessoa, e não de uma localidade.
- Se calhar pronunciei mal. Diz mais depressa.

Um músculo contraiu-se no maxilar de Mike. A partida que o capitão tentava pregar-lhe não lhe agradava nada, qualquer que esta fosse.

– Eddylean. Nunca ouvi esse nome. E então, onde é que...? – Mike interrompeu-se e respirou fundo. – Ed-uh-lean – disse em voz baixa, num tom tão baixo que o capitão mal conseguiu ouvi-lo. – Edilean.

– É isso mesmo. – O capitão voltou a guardar o papel na algibeira. – Já tinhas ouvido falar desse lugar?

As mãos de Mike começaram a tremer com tal intensidade que não conseguia levantar a caneca. Forçou-as a pararem de tremer – enquanto tentava relaxar a sua expressão facial de maneira a que a sensação de pânico não fosse perceptível. Só tinha falado a um homem a respeito de Edilean, e isso havia sido há muito tempo. Se esse homem estivesse envolvido no caso, tal significava perigo.

– Tenho a certeza de que descobriste que a minha irmã vive lá – disse Mike calmamente.

O sorriso desapareceu do rosto do capitão. A intenção fora agradecer com Mike, não lhe agradando nada ver uma emoção tão a nu num dos homens sob o seu comando.

– Foi o que me disseram, mas este caso não tem nada que ver com ela. E antes que me perguntes, ninguém, a não ser eu e o procurador-geral, sabe que ela vive lá.

Mike esforçou-se por controlar a pulsação cardíaca. Em muitas situações tivera de fazer com que as pessoas acreditassem que era o que não era, o que lhe ensinara a manter a calma. Mas nessas alturas fora a sua própria vida que estivera em jogo. Se se passasse alguma coisa na pequenissima Edilean, no estado da Virgínia, então, a vida da única pessoa que para si era importante, a sua irmã Tess, corria perigo.

– Mike! – exclamou o capitão em voz alta, mas logo em seguida baixou o tom. – Volta à Terra. Ninguém sabe nada acerca de ti, da tua terra natal ou da tua irmã, e ela está em absoluta segurança. – Hesitou. – Presumo que sejam muito chegados, certo?

Mike encolheu um ombro. A experiência ensinara-lhe a revelar tão pouco a respeito de si próprio quanto possível.

– De acordo, não me digas nada. Mas conheces esse lugar, não é verdade?

– Nunca lá pus os pés. – Mike forçou um sorriso. Readquirira o domínio sobre si próprio e foi com satisfação que viu a expressão carrancuda do capitão. Mike gostava de ter o controlo de qualquer situação. – Queres dizer-me o que se passa? Não sou capaz de imaginar que tenha acontecido alguma coisa de mal na pequena Edilean.

– Não desde 1941, pensou, enquanto pela sua mente desfilava uma centena de imagens, e nenhuma era agradável. Muito embora fosse verdade que nunca pusera pé em Edilean, a vila e os seus habitantes tinham pontuado a sua infância. Não foi capaz de impedir-se de levar a mão à garganta ao recordar-se *daquele* dia e da sua avó, encolerizada e cheia de ódio.

– Não se passou nada, pelo menos até ao momento – disse o capitão –, mas sabemos que o

Stefan se encontra lá.

– Em Edilean? O que anda ele a aprontar?

– Não sabemos, mas está prestes a casar-se com uma rapariga da terra. – O capitão bebeu um gole da sua cola. – Pobrezinha. Ela cresceu num lugar onde se vendem tractores, e, então, o Stefan aparece com o seu fascínio da grande cidade e arrebatada-a, deixando-a deslumbrada. Ela nunca teve a mínima hipótese de escapar aos encantos dele.

Mike baixou a cabeça para ocultar um sorriso. O capitão era natural do Sul da Florida, onde havia lojas em todas as esquinas. Sentia pena de qualquer pessoa que alguma vez tivesse sido obrigada a remover neve à pazada.

– Ela chama-se Susie. Ou um nome qualquer que começa por « S ». – Pegou numa pasta que estava ao lado dele no banco corrido. – Não, chama-se Sara...

– Shaw – completou Mike. – Ela vai casar-se com Greg Anders. Mas presumo que o Greg Anders seja o filho da Mitzi, o Stefan, certo?

– Não há dúvida de que sabes muita coisa acerca dessa localidade para alguém que nunca esteve lá. – O capitão fez uma pausa, dando tempo a Mike para que se explicasse, mas este remeteu-se ao mutismo. – Sim, ele é o Stefan e temos razões para acreditar que a Mitzi também vive lá.

– E ninguém prestaria atenção a uma mulher de meia-idade.

– Precisamente. – O capitão empurrou a pasta de cartolina por cima do tampo da mesa em direcção a Mike. – Não sabemos o que se está a passar, nem tão-pouco por que razão é que dois criminosos de alto coturno se encontram ali; portanto, precisamos de alguém que vá até lá e descubra isso mesmo. Uma vez que tens ligações familiares na vila, és o grande vencedor.

– E eu que nunca me considerei um homem de sorte.

– Quando Mike abriu a pasta, constatou que era do Departamento da Polícia de Decatur, Illinois. Olhou para o capitão com uma expressão inquiridora.

– Está tudo aí, tudo sobre como o Stefan foi encontrado. Um agente de polícia estava de férias em Richmond, na Virgínia, com a mulher e viu o Stefan com uma rapariga numa loja de roupa. Esse agente descobriu onde viviam. No teu caso, um tipo que trabalhou contigo há muito tempo sabia de Edilean e da tua irmã.

– Quando Mike franziu o cenho ao ouvir aquilo, o capitão não pôde impedir-se de esboçar um esgar sorridente. O secretismo de Mike, ou « privacidade », como ele o classificava, podia ser exasperante. Toda a gente na brigada que combatia os crimes de fraude costumava ir beber copos, e a seguir o capitão sabia qual o agente cuja mulher o tinha deixado, quem andava enrolado com uma colega e quem estava a ter dificuldades com um caso. Mas não Mike. Ele era tão comunicativo como os colegas ao falar das suas sessões de treino físico, da sua comida e até do seu automóvel. Dava a impressão de que falava muito a respeito de si próprio, mas, no dia seguinte, o capitão constatava que não ficara a saber absolutamente nada a respeito da vida pessoal de Mike.

Quando o adjunto do procurador-geral dos Estados Unidos para o Distrito Sul da Florida telefonou a informar que pensavam que um dos criminosos mais procurados dos Estados Unidos talvez se encontrasse em Edilean, na Virgínia, e disse que a irmã de Mike Newland vivia nesse local, foi por um triz que o capitão não se engasgou com o café. Ele apostaria que Mike não tinha família nenhuma neste mundo. De facto, o capitão nem sequer sabia ao certo se Mike tivera

alguma namorada extracaso. Nunca se fizera acompanhar de nenhuma nas festas e, tanto quanto o capitão sabia, Mike jamais convidara alguém a ir ao seu apartamento – de que mudava de seis em seis meses. Mas era preciso levar em linha de conta que Mike era o melhor agente infiltrado que haviam tido. Depois de cada missão, ele era obrigado a esconder-se até todas as pessoas que incriminara se encontrarem na cadeia.

– Quando parto e o que tenho de fazer? – perguntou Mike, fechando a pasta.

– Queremos que a salves.

– A Mitzi? – inquiriu Mike, mostrando uma expressão genuína de horror. – Para que possa ir a julgamento?

– Não, não estou a referir-me a ela. À rapariga. É claro que queremos que descubras a Mitzi, mas também queremos que salves essa Sara Shaw. A partir da altura em que os Vandlo conseguirem obter o que pretendem dela, nunca mais ninguém lhe porá a vista em cima. – Fez uma pausa. – Mike?

O interpelado olhou para o capitão.

– Se a tua irmã estiver realmente lá e se eles descobrirem quem és...

– Não te preocupes – retorquiu Mike. – Neste momento, a Tess está na Europa em lua-de-mel. Vou dizer-lhe que mantenha o marido fora da cidade até este caso estar resolvido de uma maneira ou de outra.

O capitão abriu outra pasta, de onde tirou uma fotografia grande em papel brilhante, de uma mulher com cabelo e olhos escuros. Era de uma beleza deslumbrante. Encontrava-se na esquina de uma rua à espera que o semáforo mudasse; uma ligeira brisa colara-lhe a roupa ao corpo. Ela era senhora de um corpo que cortaria a respiração a qualquer homem.

– A tua irmã é realmente assim?

– Apenas nos seus piores dias – replicou Mike, mal olhando para a fotografia.

– Muito bem – disse o capitão, pestanejando algumas vezes. Colocou uma fotografia de Sara Shaw em cima da mesa. A jovem mulher tinha um rosto oval e cabelos claros; usava um vestido branco que lhe emprestava uma expressão tão doce quanto a da irmã de Mike, ou seja, tentadora. – Ela não é o tipo de mulher que o Vandlo prefere habitualmente.

Mike pegou no retrato e examinou-o minuciosamente. Não tencionava dizer ao capitão que sabia bastante acerca de Sara Shaw. Era uma das melhores amigas da irmã, o que se tornava bastante significativo, já que a língua afiada de Tess não lhe granjeava a amizade de muitas pessoas. Mas desde que se haviam conhecido, Sara conseguira ver para lá das palavras cáusticas de Tess e da sua extraordinária beleza a pessoa que ela era realmente.

– Conhece-la?

– Nunca fui apresentado a Miss Shaw, mas já ouvi falar dela – replicou Mike, pousando a fotografia. – Portanto, deduzo que ninguém faz a mínima ideia sobre o que os Vandlo quererão em Edilean?

– Tem havido uma investigação intensa, tanto à distância como localmente, mas ninguém chegou a conclusão nenhuma. O que quer que se passe, leva-nos a concluir que Miss Shaw parece estar no centro dos acontecimentos. Será ela rica, e ninguém tem conhecimento disso? Estará prestes a herdar milhões?

– Não, que eu saiba. Ela abriu uma loja recentemente com... – A irmã mantinha-o ao corrente dos mexericos em Edilean, apesar de não ser fácil recordar tudo o que ela lhe dizia. Agora,

parecia que tudo isso era de uma importância vital. – Com o noivo, Greg Anders. A Tess detesta o homem, diz que ele é sobranceiro para com toda a gente que não lhe compre alguma coisa. Mas é a Tess quem trata de toda a contabilidade da Sara, e teve o cuidado de se certificar de que ele não a deixava com dívidas.

– Isso parece coisa de um Vandlo. – O capitão mostrou alguma hesitação. – A tua irmã gere as finanças de outras pessoas? – O tom de voz dele deixava adivinhar que não conseguia acreditar que uma mulher com o aspecto físico de Tess também fosse inteligente.

Mike não tinha intenção de responder àquilo. Estava bem ciente da curiosidade do capitão a respeito da sua vida particular e não tencionava revelar-lhe o que quer que fosse.

– Por conseguinte, queres que apanhe esses criminosos, mas, além disso, também devo afastar a encantadora Miss Shaw de Stefan Vandlo? A minha incumbência é seguir e observar? Ou deverei fazer mais?

– Terás de fazer o que for preciso para a manter viva. Achamos que o Stefan tenciona assassinar Sara assim que conseguir o que pretende... e o que ele parece querer mais do que qualquer outra coisa é casar-se com ela.

– Palpita-me que os vestidos que estão à venda na loja são caros, Sara deve ter oportunidade de ir a muitas casas de gente rica. Talvez os Vandlo queiram inteirar-se do recheio dessas residências.

– Foi isso que também pensámos, mas, como namorado dela, o Vandlo já tem acesso a essas casas, não se tendo registado quaisquer furtos. Trata-se de algo maior, e ninguém faz a mais pequena ideia do que seja. – O capitão bateu na pasta. – Depois de teres lido isto, estou em crer que concluirás que o que eles andam a tramar é muito mais do que o roubo de uns quantos colares. Só pode ser, uma vez que tanto a mãe como o filho se encontram lá. – Baixou o tom de voz. – Acreditamos que o Stefan se divorciou da mulher, com quem estava casado há dezanove anos, para que o casamento com Miss Shaw seja legal... o que significa que herdará o que quer que ela possua depois de morrer num qualquer alegado acidente. – Olhou para Mike na expectativa. – Tens a certeza de que não sabes o que possa Miss Shaw ter de tão valioso que dois dos maiores vigaristas do mundo se prepararam tão bem para isso?

– Não faço a mais pequena ideia – respondeu Mike, sinceramente. – Os McDowell são ricos, e o Luke Conner vive na vila, mas...

– O autor dos livros de Thomas Canon? Li-os todos! Ei! Talvez consigas arranjar-me um exemplar autografado.

– Com certeza. Farei o papel do turista que se perdeu.

O capitão voltou a afivelar uma expressão séria.

– Demasiado inverosímil. Vais ter de recorrer à ligação com a tua irmã, com a vila, usar o que quer que te ocorra para poderes aproximar-te desta rapariga o suficiente para a dissuadires de se casar com Stefan. *Não* queremos que as coisas se configurem de modo a ele poder herdar os bens dela. E vais ter de fazer isso de imediato porque o casamento está marcado para daqui a três semanas.

Mike olhou para ele com a expressão de quem não queria acreditar no que ouvia.

– E o que devo fazer? Seduzi-la?

– Ninguém te pediria uma coisa dessas se não pensássemos que és capaz. Além do mais, tanto quanto me lembro, tens sido bem-sucedido com várias mulheres. Estou a recordar-me da

rapariga em Lake Worth. Como se chamava?

– Tracy, e não era muito recomendável. Neste caso, estamos a falar de uma menina com *princípios*. Como lido com ela?

– Não sei. Trata-a como uma senhora. Cozinha para ela. Puxa a cadeira para ela se sentar. As raparigas como ela apaixonam-se por homens cavalheirescos. Tenho a certeza de que foi assim que o Vandlo a atraiu. E antes que perguntes, não, não podes raptá-la e não podes alvejar o Stefan. Esta jovem, a Sara Shaw, tem de se manter onde está para te ajudar a descobrir o que esses dois andam a tramar. – O capitão esboçou um sorriso matreiro. – Arranjámos as coisas de maneira a que o Stefan esteja ausente durante as três semanas que antecedem o casamento. Confrontámo-lo com alguns problemas de família que ele não pode ignorar.

– Quais, por exemplo?

– Apesar de ele estar divorciado da mulher, sabemos que continua a dedicar-lhe afecto, pelo que decidimos prendê-la por conduzir embriagada... o que foi fácil. Desde que o Stefan a deixou, ela bebe excessivamente; só precisámos de a deter uma noite, e agora corre o risco de ir parar à cadeia. Deixámo-la telefonar-lhe às primeiras horas da manhã e, tal como tínhamos esperado, ele veio imediatamente. Se nos causar algum problema, pomo-lo atrás das grades até se acalmar. – O capitão sorriu: – Pergunto a mim mesmo o que terá ele dito à noiva para lhe explicar a razão por que veio a correr para junto da ex-mulher.

Mike estava a tapar o termo enquanto a sua mente continuava concentrada no modo como executar a missão.

– Duvido muito que um aldrabão como o Vandlo lhe tenha falado sobre a ex-mulher.

– Mais cedo ou mais tarde, terás de contar a verdade a Miss Shaw, o que será um ponto a teu favor. Faça o que fizeres, só terás de agir com *rapidez* – acrescentou o capitão. – E nunca te esqueças de que esta jovem seria a quarta a desaparecer depois de ter começado a sair com Stefan Vandlo. Ele usou um nome falso e extorquiu a essas raparigas tudo o que possuíam. Em seguida, «desapareciam» e o namorado, o Vandlo, levava sumiço.

– Sim, recordo-me disso – disse Mike. – E se não fossem algumas informações, ainda que vagas, de testemunhas oculares, continuaríamos sem saber quem ele era.

– Certo, e isso porque o Stefan não deixou qualquer indício da sua presença, nem sequer uma única impressão digital. E conheces bem a regra: sem provas não há lugar a condenação. Pessoalmente, gostaria de poder prender o homem neste preciso momento, mas os altos poderes querem uma investigação pela calada de modo a apanhar a mãe. Se detivermos só o filho, ela começará a usar os sobrinhos. Ela é o cérebro; portanto, temos de a pôr fora de acção. Permanentemente.

Mike viu as horas no seu relógio.

– Só preciso de passar pelo meu apartamento para ir buscar umas coisas, e depois posso partir...

– Hum... Mike – disse o capitão, num tom apologetico –, parece-me que não viste as notícias nas últimas duas horas. Há outra coisa que precisas de saber.

– O que aconteceu?

– Lamento muito isto – respondeu o capitão, pegando nos últimos documentos que tinha em cima do banco e entregando-lhos.

Quando Mike abriu a pasta de cartolina, viu a cópia de uma notícia. «FOGO EM

APARTAMENTO», dizia o cabeçalho. «AUTORIDADES DIZEM QUE O INCÊNDIO SE DEVEU A CIGARROS.»

A fúria de Mike ficou ao rubro quando olhou para a fotografia. Era do prédio de seis andares onde morava. As chamas deflagravam na esquina do quarto andar – o seu apartamento.

Juntou os papéis aos outros antes de erguer o olhar, fitando o capitão.

– Quem fez isto?

– Os agentes federais dizem que deve ter sido... Deixa-me confirmar. Não quero citar ninguém erroneamente. – A sua entoação era sarcástica, enquanto agitava uma folha de papel. – Um «acidente fortuito» foi como classificaram a ocorrência. Isto é, felizmente para eles. – Os olhos do capitão expressavam empatia. – Lamento muito o sucedido, Mike, mas eles querem que vás para lá sem deixares nada atrás. A tua justificação é o facto de o teu apartamento ter sido destruído por um incêndio, o que te levou a tirar umas muito merecidas férias do teu trabalho policial. Faz todo o sentido ficares em casa da tua irmã, que está desocupada. Deve ser uma coincidência a casa dela ficar no mesmo edifício em que Miss Shaw vive. Nós... eles... querem que mintas o mínimo possível. Oh, sim, quase me esquecia. – Levou a mão à algibeira, de onde tirou um *BlackBerry* novinho em folha, entregando-o a Mike. – O Stefan deu os primeiros passos no «ofício» como carteirista, por isso, quando o conheceres, ele vai aliviar-te do teu telemóvel. Não queres que se inteire dos números que possas ter registado e que possivelmente revelariam quem és. Enquanto estiveres em Edilean, deves contactar-nos *somente* através da tua irmã. Achas que ela não porá objecções?

– De maneira nenhuma – replicou Mike, renovando a sua determinação em dizer a Tess que se mantivesse afastada. O caso devia ser realmente grave para terem ido ao ponto de incendiar o seu apartamento. Mike nunca o dissera a ninguém, mas havia vários anos que Tess lhe enviava bolos feitos pela amiga Sara Shaw; conseqüentemente, era da opinião de que uma pasteleira de tanta qualidade merecia ser salva.

– Lamento a perda das tuas roupas – acrescentou o capitão quando viu que Mike se mantinha em silêncio. Todos sabiam que Mike era um «janota». – O que perdeste?

– Nada importante. A Tess guarda tudo o que é importante para mim num armazém em... – hesitou. – Em Edilean.

– O meu conselho é que não vás lá. – O capitão queria desanuviar o ambiente. – Uma vez mais, lamento muito o que aconteceu ao teu apartamento. Tencionava oferecer-me para cuidar dos peixinhos que tens no aquário.

Mike bufou de irritação quando se levantou da cadeira. Não tinha peixinhos nenhuns, tão-pouco um cão, nem sequer uma casa que fosse sua. Desde que saíra de casa dos avós, aos dezassete anos, sempre vivera em apartamentos mobilados e arrendados.

Mike lançou um olhar à rua que atravessava o parque. Faria uma corrida – estava a precisar do exercício – e depois pôr-se-ia a caminho.

– Partirei dentro de duas horas – disse. – Devo chegar a Edilean dez horas depois –, isto é, caso use a sirena de quando em vez.

– Eu sabia que ias aceitar – retorquiu o capitão, sorrindo.

– Queres ir correr comigo?

– Deixo essa tortura para ti – respondeu o capitão, fazendo uma careta. – Mike?

– Sim?

– Tem cuidado, de acordo? O Stefan ainda tem uns resquícios de consciência... ou, no mínimo, medo de represálias... mas a mãe...

– Sim, eu sei. És capaz de reunir mais algumas informações sobre a mãe e filho que me possam ser úteis?

– E que tal se corresses até ao meu carro neste momento para eu te dar três caixas cheias de material?

Mike soltou uma das suas muito raras gargalhadas, o que levou o capitão a fitá-lo com uma expressão interrogadora.

– Tens alguma coisa em mente, não é verdade?

– Estava a pensar na maneira como devo apresentar-me a Miss Shaw e recordei-me da história que a minha irmã me contou sobre um túnel muito antigo. Por mero acaso, vai dar ao soalho do quarto da minha irmã. Tudo o que tenho de fazer é conseguir levar Miss Shaw para lá.

O capitão ficou à espera que Mike lhe desse mais pormenores, mas este ficou-se em silêncio.

– Só dispões de três semanas. Achas-te capaz de atrair Miss Shaw, afastando-a de um sedutor da grande cidade como o Stefan, nesse curto espaço de tempo?

– Em circunstâncias normais, eu diria que sim, mas agora... – replicou Mike, com um suspiro e um encolher de ombros. – Diz-me a experiência que a única maneira de atrair uma mulher é descobrir o que ela quer e depois dar-lhe o que pretende. Mas acontece que não faço a mínima ideia do que a Sara Shaw possa desejar. – Olhou para o capitão. – Então onde estão essas caixas cheias de informações? Preciso de sair daqui para fora.

Mike seguiu-o até ao carro.

*

Ramsey McDowell dormia profundamente quando ouviu um estridente «Holding Out for a Hero», de Bonnie Taylor, no telemóvel da mulher. Resmungou e tapou a cabeça com a almofada, num esforço para não ouvir o barulho – e para manter as suas emoções ao largo. Era o irmão a ligar-lhe, um homem a que Rams nunca fora apresentado, um homem mais elusivo do que um fantasma, mais secreto do que um espião. Não obstante ele nunca ter visto o homem, Rams ouvira falar dele mais do que desejara. Segundo a noiva, o irmão era o indivíduo mais inteligente, mais industrioso, mais heróico e, como é evidente, mais bem-parecido em todo o planeta.

– Ela conseguiu encher-te de ciúmes, não é verdade? – perguntara-lhe o primo Luke, com uma gargalhada. – Não te preocupes, meu velho, alguns dias... ou anos... num ginásio e talvez consigas competir com a reputação dele.

Ciumento ou não, Ramsey sabia que a mulher interrompia tudo – refeições, discussões e até mesmo sexo – se o telefone dela emitisse aquela canção chocante.

– Ele não é um herói – dissera Ramsey da primeira vez que Tess tinha saltado de cima dele para correr a atender o telemóvel. – É apenas um agente de polícia.

– Detective – corrigira Tess, falando-lhe por cima do ombro. Estava nua, e a visão do corpo dela, lindíssimo, a correr era o suficiente para que lhe perdoasse. Mas isso acontecera havia várias semanas e ele já estava farto dos telefonemas diários.

– Habitualmente, ele só me telefona uma vez por semana – disse Tess –, mas como agora está de férias, podemos falar um com o outro sempre que quisermos.

O «sempre que quisermos» veio a revelar-se ser *todos os dias*, e a maneira como o homem os apanhava a meio de todas as «actividades» levava Rams a pensar que estariam a ser observados através de uma câmara oculta. Até mesmo agora, durante a lua-de-mel dos recém-casados, ele continuava a telefonar-lhe.

– Mike! – exclamou Tess quando pegou no telefone. Estava sem fôlego e na sua voz transparecia algum receio. – Aconteceu alguma coisa de mal?

Rams olhou para o relógio. A hora europeia indicava o nascer do dia. Por que diabo é que o homem não era capaz de arranjar uma namorada como as pessoas normais faziam?

– De acordo – disse Tess baixinho, continuando a falar ao telefone enquanto se sentava na cama. – Claro que faço.

Rams tirou a almofada de cima da cabeça e olhou para ela com uma expressão de curiosidade. Nunca a tinha ouvido a falar naquele tom de voz.

– Mike, tem cuidado, de acordo? Não, estou a falar a sério. *Muito* cuidado.

Rams sentou-se na cama e pôs-se a observá-la mais atentamente. Havia luz suficiente no quarto para que pudesse ver lágrimas nos olhos de Tess.

– O que se passa?

Ela levantou a mão num gesto em que lhe pedia que se calasse.

– Compreendo perfeitamente. O Luke fará o que eu lhe pedir.

– O Luke fará o quê? – perguntou Ramsey.

– Importas-te de estar calado? – disse Tess, olhando para o marido. – Isto é importante.

Num gesto de irritação, Rams atirou as cobertas para trás, pegou nas calças que estavam penduradas nas costas de uma cadeira e abriu os cortinados para olhar para as montanhas lá fora. Atrás dele, Tess continuava a falar.

– Sim, acho que está em boas condições e, além de mim, apenas o Luke tem conhecimento disso. Tenho a certeza de que não disse nada à Joce. Teve medo que ela quisesse investigar, e ele sempre pensou que era perigoso. – Tess fez uma pausa, sorrindo. – Ainda não, mas o Rams está a trabalhar nisso com entusiasmo e determinação. Sim, o primeiro vai chamar-se Michael.

De um momento para o outro, a fúria de Ramsey desvaneceu-se, e estirou-se na cama ao lado da mulher. Não gostava da maneira como ela partilhava pormenores da vida íntima de ambos com o irmão, mas agradou-lhe que ela lhe dissesse que planeavam ter filhos. Ainda não haviam falado a esse respeito, mas naquele momento apercebeu-se de que não o fizera por recear que ela lhe respondesse que não queria ter filhos. Tess era uma mulher de opiniões muito vincadas. Mas depois da satisfação que sentiu quando a ouviu dizer que desejava ter filhos, Ramsey começou a imaginar uma dúzia de crianças, todas com nomes que seriam variantes de Michael: Michaela, Michalia, Mickey, Michelle...

– Mas que telefonema tão extraordinário – disse Tess quando desligou o telemóvel.

– Oponho-me a Mickey. Nada de ratos.

– Vais recomençar com os teus ciúmes? – perguntou Tess, olhando-o com uma expressão de descontentamento.

– Não estou... – começou Rams a dizer, mas interrompeu-se. – Então por que motivo o teu irmão achou que devia telefonar-te a meio da noite? Ou andará ele a brincar ao James Bond num

país em que esta é a hora do chá?

– Ele acabou de chegar a Edilean.

– O teu irmão está na *nossa* terra e tu ainda não começaste a fazer as malas? – perguntou Rams, olhando para ela.

– Não, não vou fazer malas nenhuma. Ele quer que prolonguemos a nossa lua-de-mel... e que nos mantenhamos afastados de casa.

– Não que eu levante alguma objecção, mas por que razão quer ele que façamos isso?

– Ao que tudo indica, o meu irmão foi enviado para Edilean para investigar um caso.

– Mas ele... – Ramsey engoliu em seco.

O irmão de Tess costumava trabalhar secretamente em casos importantes. Casos de grande envergadura. Investigava crimes que tinham repercussões internacionais. Trabalhava infiltrado em gangues que andavam em guerra entre si... já fora alvejado em diversas ocasiões.

Rams levantou-se da cama e dirigiu-se para o roupeiro.

– O que estás a fazer?

– Vou voltar para casa; tu ficas aqui. Se o teu irmão foi enviado para Edilean, isso significa que há qualquer coisa muito malparada.

– Se fores, vou atrás de ti, e isso porá a vida do meu irmão em perigo. Além disso, o Mike disse-me que, se *eu* estiver lá, posso tornar-me num alvo a abater. É isso que queres?

Ramsey virou-se e olhou para ela. Não tinha maquilhagem nenhuma nem uma única peça de roupa, e era tão maravilhosa que ele mal conseguia manter-se direito. Continuava a ter dificuldade em acreditar que quando a pedira em casamento, havia apenas quatro semanas, ela tinha dito sim. Casaram-se três semanas depois, numa cerimónia muito discreta, com apenas uma dúzia de convidados. E com a excepção de o irmão de Tess não ter podido estar presente, foi exactamente como ambos haviam desejado. De facto, Tess dissera: «Se pensas que vou fazer figuras tristes vestida com cem metros de seda branca e com uma data de mulheres à minha volta vestidas de cor-de-rosa, pediste em casamento a mulher errada. Gasta o dinheiro numa pedra. Quero um anel suficientemente grande para poder dançar em cima dele.» Foi com toda a satisfação que ele lhe fez a vontade. E também acrescentou um par de brincos de diamantes – as jóias que ela usava naquele momento. Apenas os diamantes, a sua pele e o cabelo.

– O que está a passar-se em Edilean? – perguntou Rams. – Quem corre perigo?

– Sabes bem que o Mike não me pode contar nada. Os casos dele são ultra-secretos. Se alguém soubesse alguma coisa, era possível que se perdessem vidas.

Ramsey fitou-a com um olhar penetrante. Tanto quanto lhe era dado perceber, o irmão não tinha segredos para ela.

– A Sara – respondeu Tess, com um suspiro.

– A minha prima Sara? – perguntou Ramsey, respirando fundo. – A doce e querida Sara? É por causa desse sacana com quem ela quer casar-se, não é?

– Sim – confirmou Tess simplesmente. – Ele não é quem diz ser.

– Ora aí está uma grande novidade! Desde a primeira vez que o vi que não gosto do homem.

– Todos sentimos a mesma coisa, mas a verdade é que ele ajudou a Sara a recuperar, e os clientes deles adoram-no. O Mike quer que façamos umas coisas.

– O Mike quer que *nós*...? – Ramsey fez uma careta. – Se ele pediu a *nossa* ajuda, isso só pode

significar que quer que me ponhas a par do que se passa com a Sara, não é?

– Por acaso pensarás que eu te diria alguma coisa que o Mike não quisesse? – perguntou Tess, sorrindo-lhe.

Ramsey aprontava-se para lhe dizer, uma vez mais, o que pensava do seu irmão, tão esquivo e cheio de secretismos, mas não o fez.

– De acordo. Dou-me por vencido. O que quer ele que façamos?

– Em primeiro lugar – começou Tess, baixando a voz e deslizando por entre os lençóis da cama –, quer que façamos sobrinhos. Diz que está farto de não ter crianças para quem comprar prendas de Natal.

– Ele disse isso? – retorquiu Rams, enquanto despiu as calças e se metia também entre os lençóis. – E que mais te pediu o teu muito inteligente irmão?

– Que descobríssemos o que possui a Sara que possa ser cobiçado por um ladrão. Parece que o Greg é um vigarista de alto coturno e que a Sara tem algo que ele quer muito. – Quando Rams começou a afastar-se dela, Tess puxou a cara dele para junto da sua. – E tu vais levar-me a Veneza.

– Durante quanto tempo? – perguntou ele, num murmúrio.

– Até o Mike dizer que podemos voltar para casa.

Ramsey não gostava nada do modo autocrático como o cunhado decretava o que deviam fazer; contudo, estava disposto a fazer o que fosse necessário para que a sua amada mulher não corresse qualquer perigo. Abruptamente, interrompeu os beijos no pescoço dela.

– Que género de presentes é que o teu irmão costuma oferecer a crianças?

– C-4. – Quando Ramsey a olhou, horrorizado, ela riu-se. – Não sei. E que tal se esperássemos para ver?

Na manhã seguinte, enquanto Ramsey estava no chuveiro, Tess telefonou ao seu amigo, e primo de Ramsey, Luke Connor, a fim de falar com ele sobre o que Mike precisava. Ele e a mulher, Jocelyn, viviam em Edilean Manor, uma mansão construída em 1770. Moravam na parte da residência com dois pisos, enquanto Sara tinha um apartamento numa das alas. Até ao seu casamento, Tess ocupara o apartamento na ala oposta.

Alguns anos antes, Luke, um escritor de grande sucesso, regressara a Edilean para recuperar de um casamento desastroso. À guisa de cura, chamara a si a tarefa da manutenção da mansão e terreno circundante. No cabo de alguns dias de chuva intensa que estivera prestes a inundar a vila, ele descobriu um túnel antigo. Tinha sido escorado com vigas sólidas e o chão fora revestido com tijolos de fabrico caseiro – e estendia-se até ao soalho do apartamento de Tess.

Em circunstâncias normais, ele revelaria a sua descoberta aos residentes de Edilean, mas na altura sentia-se tão deprimido que não falava com ninguém. Em segredo, apenas com a ajuda do avô, restaurou o túnel – que deduziu ter sido utilizado durante a Guerra Civil como parte do caminho-de-ferro subterrâneo que se destinava a ajudar escravos a escapar da sua servidão.

Depois de o avô ter falecido, ninguém, além de Luke, sabia da existência do túnel – até que Tess o descobrira. Andava intrigada com o grande quadrado recortado nas tábuas no meio do soalho do seu quarto. Luke tivera o cuidado de não deixar quaisquer pegadas na superfície exterior, certificando-se de que a porta do alçapão se mantinha trancada pelo lado de dentro, mas isso não dissuadiu Tess de recorrer a um pé-de-cabra para levantar as tábuas. Desceu a escada de mão que Luke instalara e, munida de uma lanterna, começou a percorrer o túnel escuro e bafiento.

Quando tropeçou no corpo de Luke, que tinha adormecido – descobrindo para onde ele desaparecia quando ninguém sabia do seu paradeiro –, durante uns longos momentos ambos ficaram em pânico. Depois de se acalmarem, foram para o apartamento de Tess, onde Luke acabou por lhe confidenciar os seus problemas. Por seu lado, Tess falou-lhe do irmão e um pouco sobre as razões que a tinham levado a Edilean. Tess não precisou de lhe dizer que estava perdidamente apaixonada pelo seu chefe, o primo de Luke, Ramsey. Ele disse-lhe que não havia ninguém na vila que não estivesse a par desse amor. Todavia, Tess teve de esperar muito tempo até Rams descobrir isso por si próprio.

Depois desse primeiro encontro quase histórico, Luke e Tess haviam estabelecido uma amizade e, sem que fosse do conhecimento da vila, rica em mexericos, era frequente Luke ir ao apartamento de Tess, através do túnel, passando a noite no segundo quarto dela. Portanto, agora, ela telefonou-lhe informando-se sobre o que o irmão precisava.

– Deixa-me ver se percebi bem – disse Luke. – Queres que eu trate de sabotar o apartamento da Sara, para que ela se veja obrigada a mudar-se para o teu, porque o teu irmão... pessoa que nunca vi na minha vida... quer entrar sorrateiramente no teu quarto, onde a Sara passará a dormir. E isto acontecerá a horas tardias, certo?

– É isso precisamente. O túnel está em boas condições?

– Tem muitos insectos rastejantes e teias de aranha, mas a estrutura é sólida.

– E então, estás disposto a ajudar-nos?

– Tenho uma pergunta a fazer.

– Que é...?

– O teu irmão é casado?

– Não. Porquê?

– Achas que ele é capaz de seduzir a Sara, afastando-a do Anders?

– O meu irmão até era capaz de seduzir a Jolie, que não hesitaria em deixar o Pitt.

– Há ocasiões em que quase sinto pena do meu primo – disse Luke, num gemido.

– O Rams precisa de competição – retorquiu Tess. – Como tem passado a Joce?

– Não muito bem. Acabámos de saber que ela tem de ficar de cama durante o resto da gravidez, caso contrário, arrisca-se a perder os gémeos. Mas pu-la a investigar a árvore genealógica da família, e está a adorar.

– Diz-lhe que os meus pensamentos estão com ela e que lhe telefono amanhã. Posso fazer alguma coisa para ajudar? – perguntou Tess.

– Volta para casa logo que pudes. Ela sente a tua falta. Quanto à Sara, se eu lhe disser que tenho de fumigar o apartamento, ela põe-se a andar enquanto o diabo esfrega um olho. Deixa isso comigo.

– Fico-te muito agradecida – retorquiu Tess, desligando. Quando Rams saiu do chuveiro, ela estava sentada no pequeno sofá do quarto do hotel a ler uma revista. – Então o que se veste em Veneza?

– Exactamente o que tens vestido. – Ela estava nua. – Só que eles acrescentam uma máscara.

– E onde é que a põem?

Ramsey riu-se, aproximando-se dela, e a toalha que tinha à volta da cintura caiu no chão.

ANOITE JÁ IA ADIANTADA, e Sara ainda cosia algumas emendas no corpete de um vestido de noite que ela e Greg tinham comprado aquando de uma viagem a Nova Iorque. Fora «um daqueles», o que queria dizer um vestido que Sara sentira alguma relutância em comprar.

– Nenhuma mulher na Virgínia vestiria isto – dissera Sara. Era cavado nas ancas.

– A Marilyn Steward – resmungara Greg enquanto atirava para o lado outros quatro vestidos.

– A coxa esquerda dela é mais larga do que a cintura deste vestido – disse Sara enquanto o levantava diante de si e o observava atentamente. – Talvez a Carol Wills. Ela ainda é suficientemente jovem e magra para...

Greg tirou-lhe o vestido das mãos.

– Porque tens de me chatear sempre que quero comprar um vestido? Deixa o estilo de vestidos comigo, de acordo? Compro um vestido do tamanho quarenta e dois e ponho-lhe uma etiqueta de tamanho trinta e oito, e Mistress Steward vai adorá-lo.

– Certo. – Como sempre, Sara cedeu. Enquanto pendurava o vestido no expositor pensava: «E vou ter de o alterar totalmente para lhe servir.» Exactamente o que fazia naquele momento. Tinha um guarda-fatos cheio de vestidos, calças, casacos, e até mesmo roupa interior, que precisavam de alterações para poderem servir às exigentes clientes de ambos.

Porém, não obstante o que pensava acerca dos métodos dele, Sara era forçada a admitir que a loja estava a dar lucro sob a competente gestão de Greg. Tal como ele previra, tinham clientes que vinham de Richmond, e até mesmo algumas senhoras da zona de Washington. A selecção de vestuário deles era bastante vasta, e as alterações gratuitas um autêntico êxito. Tinha mulheres que compravam vestidos de tamanho trinta e seis e que depois perguntavam a Sara se podia, por favor, «alargar as costuras um tudo-nada». Por outras palavras, alargá-los dois tamanhos. Sempre que isso acontecia, Greg dizia: «Claro que sim.» O truque dele era manter os tamanhos maiores nos fundos da loja. Após Sara desmanchar o vestido de um tamanho maior, encurtando-lhe as mangas e as bainhas, e depois de estreitar os ombros, Greg apresentaria – com um grande floreado e muito encanto – à cliente um vestido cuja etiqueta indicava um tamanho trinta e seis nas costas.

O único problema com este esquema – para além do logro, que Sara detestava – era o facto de ela ser a única costureira.

– Só até estarmos bem estabelecidos – dizia Greg. – E depois compraremos aquela casa no campo que sempre quiseste. Teremos uma dúzia de crianças e tu nem sequer possuirás uma máquina de costura.

Era um sonho maravilhoso, a que Sara se agarrava com todas as forças da sua alma, em especial agora que Greg partira tão abruptamente e de maneira tão misteriosa, deixando Sara a braços com vinte e cinco peças de vestuário que precisavam de ser alteradas. Do mal o menos, todos os preparativos para o casamento estavam tratados, pensou, graças à magnífica capacidade de planificação de Greg. Na verdade, ela não tivera de fazer nada além de escolher o vestido de noiva – que se encontrava na família havia várias gerações. Greg dissera: «Deixa tudo comigo.

Sei exactamente o que gostas.» Sara tinha tanto trabalho na loja que só lhe restara dizer: «Obrigada.»

Mas a verdade era que a possibilidade da ausência dele durante a Feira Escocesa na semana seguinte tornara-se, até certo ponto, um alívio. O facto de ela ter querido ir, e ele não, dera azo a uma das poucas discussões sérias entre os dois. Greg dissera-lhe que podia ficar em Edilean para esse evento caso quisesse, mas tencionava ir a Nova Iorque, uma vez que tinha bilhetes para uma peça na Broadway que sabia que Sara queria ver. Quando ela lhe disse que até parecia que ele tinha decidido fazer essa viagem para a impedir de assistir àquele evento anual, ficou encolerizado.

– Claro que sim! – gritara-lhe Greg. – Quero estar contigo durante todos os momentos que for possível, mas como posso ir a uma festarola de saloios nesta vila? Todos os teus amigos e familiares me *odeiam*. E queres saber porquê? Porque lhes tirei a sua preciosa e pequena burra de carga!

– Eu não sou... – começou Sara a replicar, mas já tinha dito tudo aquilo antes. Por vezes, sentia-se dividida entre o homem que amava e a vila que adorava. O que era, claro, absolutamente absurdo. Mas era verdade que na sua terra natal, Edilean, as pessoas não gostavam do homem com quem ia casar-se. Os que viviam fora da vila adoravam-no. As suas clientes pediam-lhe conselhos, riam-se das suas piadas e não se fartavam dos elogios dele, absorvendo-os como rum em pão-de-ló. Mas em Edilean...

Sara acabara por concordar em acompanhar Greg a Nova Iorque, não estando presente na feira pela primeira vez nos seus vinte e seis anos. Não coseria os trajes tradicionais escoceses para as suas muitas primas e não ajudaria a mãe a fazer os pães grandes de aveia e cevada nem os *scones*. Tão-pouco ajudaria na banca de Luke, cheia de grinaldas de ervas aromáticas, nem teria um dia pleno de gargalhadas ao ver os joelhos de todos os homens da vila quando vestissem as saias escocesas. Também não teria oportunidade de...

Os seus pensamentos foram interrompidos porque, para sua grande perplexidade, parte do soalho do quarto pareceu elevar-se. Pousou o vestido que tinha estado a costurar em cima da cama e esfregou os olhos cansados. Encontrava-se no apartamento de Tess, na ala oposta de Edilean Manor ao seu apartamento; portanto, talvez fosse normal o soalho começar a levantar. Ou, quem sabe, talvez estivesse a precisar de dormir durante muitas horas.

Silenciosamente, Sara levantou-se da cama e dirigiu-se descalça para junto da cómoda de Tess. O quarto estava mergulhado numa semiobscuridade, uma vez que a única luz vinha do candeeiro de pé alto que ela colocara aos pés da cama para poder ver enquanto trabalhava.

Ao olhar atentamente para o chão, apercebeu-se da portinhola de um alçapão por baixo do pequeno tapete. Não a tinha visto antes, mas, por outro lado, até hoje, dia em que o primo Luke corraera com ela do seu próprio apartamento com a sua horrível fumação para aniquilar as térmitas, nunca havia estado no quarto de Tess.

Quando a portinhola no soalho se elevou mais alguns centímetros, o primeiro instinto de Sara foi sair do apartamento e pegar no telemóvel, que tinha deixado em cima da bancada da cozinha, enquanto corria. Ligaria para a Polícia e depois iria para casa de Luke.

Mas a porta do quarto ficava de frente para a portinhola do alçapão. Quem quer que entrasse furtivamente no quarto vê-la-ia – e poderia chegar até ela – antes que tivesse tempo para escapar. Num gesto rápido, apagou a luz e deu um salto por cima do alçapão com o objectivo de

chegar ao soalho no outro lado, desatando a correr dali para fora.

Mas, para sua grande estupefacção, Sara viu um homem empurrar a portinhola para trás quando saltou, e teria caído desamparada se ele não tivesse surgido repentinamente do alçapão no chão, agarrando-a. Instintivamente, ela debateu-se enquanto caíam juntos. Tentou arranhá-lhe a nuca e atingi-lo entrepernas com um joelho flectido, mas ele impediu-a de levar a cabo os seus intentos. Sara não teria hesitado em puxar-lhe os cabelos, mas eram tão curtos que não conseguiu agarrá-los.

– Raios partam! – praguejou ele, numa voz enrouquecida que parecia saída de um filme macabro.

A voz e o facto de agora estarem caídos no soalho enrolados um no outro fizeram com que Sara se debatesse ainda com mais energia. Ele mantinha-se parcialmente em cima dela, enquanto ela se contorcia e esperneava numa tentativa de o forçar a desviar-se.

– Importa-se de *parar* com isso! – disse ele, num timbre de voz estranho. – Já estou com dores. Não precisa de as aumentar.

– Saia *de cima* de mim!

– Com todo o prazer! – ripostou o homem, rebolando para o lado até ficar estendido de costas no chão.

Imediatamente, Sara pôs-se de pé. A única maneira de sair do quarto era passando por cima dele, mas ainda estava com um pé no ar quando ele a apanhou pelo tornozelo, imobilizando-a.

– Calma aí! – disse ele. – Acho que vai ter de explicar à Polícia o que está a fazer aqui a esta hora da noite.

O que ele disse era tão absurdo que Sara deixou de se debater e olhou-o de alto com fixidez – apesar de continuar a agarrá-la pelo tornozelo em cima do seu peito. O quarto estava escuro de mais para se poder ver com clareza, mas ele vestia uma camisa branca que lhe teria custado um bom dinheiro. Não era o tipo de camisa que um ladrão vulgar usaria.

– Polícia? – retorquiu ela, numa voz murmurada. – *Você* tenciona participar de *mim* à Polícia?

Ele largou-lhe o tornozelo e num movimento cheio de agilidade colocou-se defronte dela.

– Muito bem, então, diga-me lá o que está a fazer aqui.

– Dizer-lhe? – retorquiu Sara, com a sensação de ter entrado num qualquer acto de comédia. – Eu *vivo* aqui.

O homem inclinou-se de lado para poder ligar o candeeiro de pé alto, e quando Sara começou a dirigir-se à porta do quarto, agarrou-a pelo pulso. Não a agarrou com força, mas ela soube que não seria capaz de se libertar da mão dele.

– Sei que o que disse não é verdade – afirmou ele enquanto a puxava para a frente, após o que, com destreza, a sentou na única cadeira que havia no quarto. – E agora, minha menina, comece a falar.

Sara levantou a cabeça e olhou para ele. Não era um homem particularmente corpulento e, de certeza, não era tão alto como os primos Luke e Ramsey, embora fosse bastante bem-parecido – de uma maneira um tanto ou quanto agreste. Apesar de o cabelo começar bastante recuado na testa, tinha patilhas abundantes de cabelo preto. Resumindo, Sara *não* gostava nada de estar sozinha com ele num quarto mal iluminado.

A sua existência muito comum numa pequena localidade não a tinha preparado para um encontro daquela natureza, mas, por outro lado, ela, à semelhança de todos os demais, havia visto

muitos filmes. Endireitou as costas e respirou fundo – e desejou não ter vestido uma camisa de dormir semitransparente de linho irlandês. E também era mau que o seu cabelo lhe caísse solto até aos ombros. Por sua vontade, gostaria de ter uma aparência mais «dura».

– A questão – começou ela a dizer, com tanta serenidade quanta conseguiu chamar a si – é saber... quem é *você*?

Ele inclinou-se a fim de fechar a portinhola do alçapão. Quando Sara se mexeu na cadeira, olhou para ela.

– Sou irmão da locatária deste apartamento e *você* encontra-se aqui abusivamente.

Sara ficou de boca aberta, de tão estupefacta que se sentia.

– A Tess? Você é irmão da Tess? Mas não é nada parecido com ela.

A expressão encrespada abandonou a fisionomia dele, e quando esboçou um pequeno sorriso, que mostrou uma covinha na bochecha esquerda, deixou de parecer assustador.

– Ela herdou a beleza, mas eu herdei a inteligência.

Sara teve de se esforçar para não sorrir ao ouvir aquilo. Ele estava a insinuar que Tess era uma beldade sem cérebro, mas acontecia que Tess era uma das pessoas mais inteligentes que Sara conhecia. Não estava disposta a permitir que ele fugisse ao verdadeiro assunto.

– Até ver alguma prova, não acredito em si.

Ele levou a mão à algibeira das calças, bastante caras, e tirou uma carteira delgada, abrindo-a no compartimento onde tinha a carta de condução.

– Acontece que só acredito na Tess – disse Sara sem sequer olhar para o documento.

– Com certeza. Vamos telefonar-lhe – retorquiu ele, sacando do telemóvel que tinha no bolso da frente e premindo um botão.

– Ela não vai atender – adiantou Sara. – Para o caso de não saber, acontece que ela está em lua-de-mel com o meu primo.

Se ele não estivesse a par disso, não podia ser irmão de Tess. Todos sabiam que Tess costumava falar com o irmão todos os domingos à tarde, e ela admitia com toda a franqueza que lhe contava *tudo*.

Quando tocou uma vez e ninguém atendeu, Sara olhou para a porta do quarto. Conseguiria escapar? Se gritasse a plenos pulmões, seria possível que Luke a ouvisse através das paredes? Conseguiria gritar num tom suficientemente alto para o acordar?

Olhou para o homem, que tinha uma expressão tão presunçosa no rosto que só lhe apeteceu bater-lhe.

Tess atendeu a meio do segundo toque e, com um pequeno sorriso bastante irritante, ele passou o telemóvel a Sara.

– Olá, mano! – disse a voz inconfundível de Tess, mas de onde transparecia uma inquietação evidente. – Estás bem? Aconteceu alguma coisa?

– Tess, sou eu, a Sara.

– Sara?! – o tom de voz de Tess elevou-se. – Porque estás a falar pelo telefone do meu irmão? Oh, meu Deus! Ele está ferido? Estarei aí...

– Não – apressou-se Sara a dizer. – Só preciso de saber se este homem que irrompeu pelo meu... quer dizer, pelo teu apartamento é o teu irmão. É óbvio que tem o telefone dele, mas não tem o aspecto que eu imaginava que o *teu* irmão teria.

– Oh?! – exclamou Tess, tendo recuperado a calma habitual. – Qual é a aparência do teu

intruso?

Sara não conseguia suportar a expressão de « eu bem lhe disse» do homem, e por isso decidiu mentir.

– Ele é baixo, magro, meio careca, e há uma semana que não se barbeia, além de ter a voz de um sapo muito mal-humorado.

– Então presumo que esteja vestido – retorquiu Tess.

Aquela réplica desconcertante fez com que os receios de Sara voltassem a dominá-la. Tess sempre se mostrara bastante vaga a respeito da actividade profissional do irmão.

– O que queres dizer com isso de ele estar vestido? Tess, não me parece que...

– Olá, maninha – cumprimentou o homem, tirando-lhe o telemóvel da mão –, não sei o que lhe disseste, mas estás a assustá-la. – Fez uma pausa. – Porque não me informaste que havia alguém a morar no teu apartamento enquanto estavas fora? – Ele sorriu, e a covinha voltou a aparecer-lhe na bochecha. – Estou a ver. Andas tão ocupada com as obrigações da tua lua-de-mel que te esqueceste completamente de mim. Sim, sim, estou a compreender. – Olhou para Sara por cima do ombro. – E então... o que faço com ela?

Sara lançou-lhe um olhar de fúria.

Ele riu-se de qualquer coisa que Tess lhe disse.

– Por mim, teria todo o prazer, mas, não sei porquê, não me parece que ela esteja de acordo com isso. A propósito, quem é ela? – Enquanto ele olhava para Sara, os seus olhos arregalaram-se. – A Sara Shaw? A que faz aquele pão de maçã que costumas enviar-me? A que conseguiu arranjar o meu casaco de cabedal? A rapariga que disseste que era a melhor amiga que tiveste em toda a tua vida? *Essa* Sara Shaw?

Sara sentiu-se lisonjeada ao ouvir as palavras dele, mas, ao mesmo tempo, não acreditava nele. Levantou-se da cadeira, vestiu um roupão de seda azul que tinha acabado de arranjar e foi para a cozinha. Encheu de água a chaleira eléctrica e tirou a lata de folhas de chá preto do armário. Alguém oferecera aquele chá a Tess por ocasião do Natal e até agora, meses depois, a caixa ainda não tinha sido aberta. Até ela chegava a voz do homem no quarto, que continuava a falar ao telefone num tom baixo.

« Como se chama ele? », perguntou-se enquanto tentava recordar-se. Era um nome vulgar. William ou James. Não. Chamava-se Mike. Na maior parte das vezes que falava dele, Tess referia-se ao « meu irmão ». Por exemplo: « O meu irmão é capaz de escalar montanhas e de laçar a Lua sempre que quiser. » Ou algo nestes termos. Sara e Joce costumavam brincar com ela sempre que corria para o telefone ao ouvir « Holding Out for a Hero », a canção que ela escolhera para o toque do irmão.

Uma ocasião, numa noite em que saíram em grupo, só raparigas, o telemóvel de Tess começara a tocar e ela viu que era Ramsey, o noivo, mas não atendeu. Alguns minutos depois, quando o irmão telefonou, ela atendeu a chamada. Quase só disse « sim » em voz baixa, e depois desligou. Quando Sara e Joce desataram a rir às gargalhadas, Tess não percebeu onde estava a graça.

– O que se passa com o teu irmão, que faz com que largues tudo sempre que te telefona? – perguntou Joce.

– Se não fosse ele, eu não estaria aqui.

– Queres dizer que ele te mandou para Edilean? – perguntou Sara.

– Não, quero dizer que não estaria viva se não fosse o meu irmão.

Sara e Joce nem sequer pestanejaram. Tess *nunca* falava da sua infância. Ambas sustiveram a respiração enquanto aguardavam que ela lhes dissesse mais, mas quando ficou patente que não estava disposta a acrescentar mais, continuaram a fitá-la, com uma expressão determinada.

– O que posso dizer-vos? – retorquiu por fim Tess, encolhendo os ombros. – Ele é um bom homem. Ajuda as pessoas.

– Fazendo o quê? – perguntou Sara.

Tess pareceu prestes a falar, mas em seguida ocultou o rosto por detrás da ementa.

– Quem quer partilhar uma pizza?

Numa outra ocasião, perguntaram-lhe por que razão ele nunca a visitava. Ela disse-lhes que Mike guardava todo o tempo que tinha de férias para conhecer outros lugares e estudar, acrescentando que quando andava na faculdade costumava ir com ele. Joce e Sara deduziram que « estudar », referia-se a estudos universitários, mas não foi isso que Tess quis dizer. No seu ano de caloiira, tinham ido ao Japão para que Mike pudesse estudar *kendo*. No segundo ano, foram à China pelo *kung fu* e, no ano seguinte, à Tailândia para que ele aprendesse *muay thai*. No ano em que se formou, foram ao Brasil, onde ambos tiraram um curso de *jujitsu*.

– É claro que o Mike era um pouco melhor do que eu – dissera Tess, com olhos que riam.

Portanto, o irmão era um atleta. Mas isso continuava sem explicar qual o meio de vida do misterioso irmão de Tess. Tentaram obter informações junto de Rams, mas este era tão sigiloso quanto a mulher que amava.

– Se ela quiser que vocês saibam o que o irmão faz profissionalmente, será ela própria a dizer-vos.

Mas, por muito que elas tentassem, não conseguiam descobrir absolutamente nada. Tudo o que sabiam é que ele era detective da Polícia de Fort Lauderdale e que « viajava muito ».

E, naquele momento, Sara encontrava-se a sós numa casa com o elusivo irmão de Tess.

– Estou em crer que um pedido de desculpas seria apropriado – disse Mike, da ombreira da porta.

– Se pensa que eu vou...

– Não, eu – apressou-se Mike a acrescentar. – Tenho de lhe pedir desculpa. A minha única justificação é que conduzi dez horas seguidas, estou cansado e só queria dormir. Não estava à espera de encontrar alguém em casa da Tess. Deixe-me fazer isso.

Tirou-lhe a chaleira eléctrica das mãos, deitando a água no bonito bule de porcelana, um outro presente de Natal, agitando a água a ferver para aquecer a porcelana e depois deitando a água fora. Em seguida, pôs três colheres de chá preto no bule, que encheu com água a ferver.

Sara observava-o a abrir as portas dos armários até encontrar as chávenas e os pires. Uma vez que não sabia onde é que a irmã guardava as coisas, ela concluiu que ele nunca teria estado ali. Não sabia de ninguém na vila que o conhecesse, mas ele podia ter chegado através do túnel para visitas secretas e...

– Leite? – perguntou ele, abrindo o frigorífico, de onde tirou um pacote.

Os olhos dela arregalaram-se quando ele deitou o leite numa pequena leiteira que fazia parte do serviço de chá, colocando tudo na mesa de carvalho que Ramsey comprara recentemente. Mike pôs alguns biscoitos num prato. Quando acabou, a mesa parecia pronta para receber uma duquesa.

Mike puxou a cadeira para ela se sentar, e, depois de Sara se ter sentado, instalou-se diante dela e estendeu-lhe o prato com biscoitos.

– Tenho a certeza de que não são tão bons como o seu pão de maçã.

Sara sabia que ele estava a adúlá-la, mas nem por isso se sentiu apaziguada.

– O que está a fazer aqui? E por que razão é que a Tess não me avisou da sua chegada? E como teve conhecimento do... Aquilo é um túnel?

– Está a dizer-me que vive aqui e que não sabe da existência do túnel?

– Não sei nada a esse respeito.

– Nesse caso, redobro as minhas desculpas. A Tess pôs-me a par do túnel há alguns meses. Até me desenhou um mapa para me mostrar onde é a entrada. O seu primo Luke encontrou-o quando andava a tratar do jardim e disse que tinha servido para o caminho-de-ferro subterrâneo. A Tess também me confirmou que ele o mantinha em boas condições de há uns anos para cá. – Mike bebeu um pouco de chá. – Esqueci-me de lhe perguntar se queria açúcar.

Sara abanou a cabeça.

– E então, onde tenciona passar a noite?

Mike olhou para o corredor que dava acesso a dois pequenos quartos.

– Não – disse Sara, com tanta calma quanta lhe era possível. – Não vai passar a noite comigo.

Ele olhou para ela por cima do bordo da chávena.

– Sabe bem o que quis dizer! Sei que é polícia numa grande cidade, mas esta é uma pequena localidade; portanto, não pode... – a voz dela sumiu-se quando o viu a bocejar.

– Peço desculpa. Foi um dia muito comprido. Importa-se que eu seja o primeiro a ir à casa de banho? A menos que você... hum...

– Não – respondeu Sara. – Não preciso de « hum » nada. Eu só estava a dizer...

Mike levantou-se da mesa.

– Imagino que a verei amanhã – disse Mike, pondo a sua chávena vazia no lava-louças. – Deixe o resto da louça na mesa, que eu trato disso amanhã de manhã. Durma bem, Miss Shaw.

Com estas palavras, ele dirigiu-se para a casa de banho, que ficava entre os dois quartos, e fechou a porta.

« De maneira nenhuma! », disse Sara para consigo. Em circunstância alguma estaria disposta a passar a noite na mesma casa que ele. Quando pensou nos mexericos que fervilhariam e que se espalhariam por toda a vila caso ela dormisse ali, levantou-se da mesa e foi buscar o seu telemóvel, que tinha deixado em cima da bancada; ligou o número da mãe. Passaria o resto da noite em casa dos pais. Se fizesse isso, talvez as pessoas da vila não viessem a saber que estivera a sós com um estranho durante a última hora. E se não soubessem, ninguém diria nada a Greg.

Foi ao pensar em Greg que deixou de premir os números. Uma vez mais, recordou-se da maneira abrupta como ele partira havia duas noites. Tinham estado em casa dela – o contrato de arrendamento da dele expirara, e ele dissera que não havia necessidade nenhuma de pagarem por duas residências, pelo que fora viver com ela. O telemóvel dele tocara minutos antes da meia-noite, despertando os dois, e Sara vira-o tactear à procura do aparelho. Quando viu o nome no mostrador, sentou-se, direito, completamente desperto, perguntando:

– O que se passa? – Ouviu em silêncio durante, no mínimo, cinco minutos, após o que disse: – Não te preocupes. Eu trato disso – e desligou.

Atirou as cobertas para trás e levantou-se da cama começando a vestir-se.

– O que se passa? – perguntou Sara, pestanejando, sonolenta.
– Nada. Tenho de me ausentar algum tempo, mais nada. Volta a dormir.
– Algum tempo? Concretamente, durante quanto tempo? E o casamento...
– Gaita, Sara! Não vais começar a moer-me o juízo outra vez, pois não? Sei muito bem qual a data do casamento. Como poderia esquecer-me quando fui eu que tive de tratar de todos os preparativos? Aconteceu uma coisa inesperada e preciso de ir. Voltarei a tempo do casamento.

Pegou na carteira e nas chaves do carro, que estavam em cima da cómoda, e partiu. Assim, sem mais nem menos e sem qualquer explicação adicional.

Sara sentara-se na cama, sentindo-se como se acabasse de sair do centro de um furacão. Não sabia o que tinha acontecido, mas a verdade é que Greg se ausentara sem sequer levar o estojo da barba, e ela não sabia quando ele regressaria.

Não conseguiu voltar a adormecer e, assim que o dia raiou, começou a ligar para Greg, mas ele não atendeu.

Depois, no princípio dessa mesma tarde, Luke tratara de correr com ela de casa com as suas latas de veneno tóxico para bicharada, alegando que tinha de fumigar a casa sem mais demoras e que ela podia mudar-se para a casa de Tess enquanto ele procedia à desinfestação. Sara começara a pôr as suas coisas no quarto das visitas, mas Luke insistira que se instalasse no quarto de Tess.

– Mas porquê? – perguntara Sara. – Eu não preciso de...

– A cama no outro quarto não é nada confortável. O colchão não é de molas – replicara Luke quando já voltava a sair.

Considerando bem as coisas, toda aquela situação era tão estranha que durante algum tempo Sara pensou que andavam a planejar uma festa de despedida de solteira. Mas, por muito que observasse o que se passava à sua volta, não descortinou qualquer prova disso.

Sara ouviu a água a correr e, então, ocorreu-lhe que não se importaria nada se Greg viesse a saber que o irmão de Tess pernoitara no apartamento com ela.

– Que outra coisa podia eu ter feito? – perguntaria a Greg, com um pestanejar sucessivo, numa atitude de mulher indefesa. – A noite já ia adiantada e ele não tinha para onde ir – acrescentaria. – Podes ver que eu não tive alternativa.

Ao imaginar os ciúmes e a irritação de Greg, sorriu enquanto se encaminhava para o quarto. Sim, seria bastante bom poder dizer a Greg que tinha estado sozinha num apartamento com outro homem.

Quando já fechava a porta, pensou no desavisado com o irmão de Tess. Sem dúvida que o homem sabia mexer-se com rapidez! E enquanto estivera em cima dele, sentira a sua musculatura. Mas mais tarde, ele conseguira manusear o bule de uma maneira que não desmereceria uma gueixa. Sara estava acostumada a lidar com homens como o pai e Luke, que deixavam os pratos no mesmo lugar depois das refeições.

Sara já estava a deixar-se cair no sono quando o ouviu a sair da casa de banho e lembrou-se de que ele não havia respondido às suas perguntas sobre o motivo por que se encontrava ali, e por que razão Tess não a avisara da chegada do irmão. « Amanhã », pensou, « vou comprar um cadeado para a porta do alçapão e um de nós terá de sair desta casa » .

SARA DORMIU ATÉ TARDE na manhã seguinte, e só vários momentos depois de ter acordado é que se recordou de tudo o que acontecera na noite anterior. Virou-se de barriga para baixo e ficou a olhar para o chão. Havia um pequeno tapete à beira da cama, mas um dos cantos estava dobrado para trás, um testemunho do fiasco da noite anterior. Levantou-se, afastou o tapete para o lado e viu que o quadrado recortado nas tábuas do soalho era bastante visível.

– Vou dizer das boas ao Luke Connor – disse em voz alta.

Estava irritada por Luke ter deixado que ela se mudasse para a casa de Tess sem a pôr ao corrente da existência do alçapão que ia dar a... onde?, perguntou-se. O facto de o homem ter surgido no quarto através do alçapão significava que devia dar para uma qualquer saída subterrânea. Assim, porque seria que ninguém na vila sabia que Edilean Manor tinha um túnel secreto? Quase conseguia ouvir o primo a dizer: « Se soubessem, não se poderia dizer que fosse “secreto”, não achas? Havia ocasiões em que Luke conseguia ser verdadeiramente exasperante!

Sara levou o seu tempo a vestir-se, o que fez com o mínimo barulho possível. Se o homem tivesse realmente feito a longa viagem de Fort Lauderdale até ali no dia anterior, o mais provável seria querer dormir até tarde. Quando ele se levantasse, Sara tencionava mostrar-se cordial e cortês, mas também se comportaria com firmeza: Ele *tinha* de se ir embora. *Não* podia ficar no apartamento com ela. Uma coisa era dizer a Greg que um homem tinha ficado com ela durante uma noite devido a uma emergência, mas outra muito diferente era dizer-lhe que ele passara duas noites – ou mais.

Ocorreu-lhe que podia ser ela a ir-se embora, mas para onde? Se fosse para casa dos pais, instalando-se no quarto destinado às visitas, teria de ouvir outra vez o sermão da mãe, que lhe diria que podia « ter escolhido melhor » do que Greg Anders. Pior ainda, seria forçada a ver o pai a olhá-la com uma expressão de tristeza nos olhos.

Sara vivera em Edilean durante toda a sua vida, pelo que tinha muitas pessoas amigas, para não mencionar os numerosos parentes; assim, restava-lhe a opção de se alojar em casa de uma dessas pessoas, mas isso suscitaria uma data de perguntas. Haveriam de querer saber onde é que Greg tinha ido e quando regressaria. Estaria de volta a tempo do casamento?, perguntariam. O facto de Sara não ter respostas para essas perguntas levaria àquela que mais detestava: estaria Sara absolutamente *certa* de querer casar-se com ele?

Não, onde ela estava, no apartamento de Tess, tão perto da sua própria casa, permaneceria. Se precisasse de mudar de roupa ou de material para a sua costura, poderia ir buscar tudo facilmente. Só necessitaria de sustentar a respiração para não inalar os vapores do pesticida quando fosse a sua casa, mas conseguiria fazer isso.

Depois de se ter vestido, Sara saiu do quarto em bicos de pés e foi à casa de banho, onde não se demorou, reparando que estava impecavelmente limpa. Nada de pêlos no lavatório, nem espuma de sabonete na porta do chuveiro. Estava exactamente como ela a deixara, por breves momentos, até pensou que talvez tivesse sonhado que um homem lhe aparecera no quarto através do alçapão.

Quando saiu da casa de banho, olhou de relance para a porta fechada do outro quarto. Não ouvira qualquer som indicador da presença dele. Encontrou uma mensagem na mesa da cozinha.

Pegou-lhe e começou a lê-la.

« Cara Miss Shaw », dizia, num estilo que ela pensava ser muito formal. A letra dele até era bastante legível.

Uma vez mais, lamento muito o que aconteceu na noite passada. Não foi minha intenção perturbar ninguém. Esta manhã vou a Williamsburg a um ginásio e depois tenho de tratar de alguns assuntos. Tenciono almoçar na Estalagem Williamsburg às treze horas; portanto, caso lhe apeteça fazer uma pausa no seu trabalho fazendo-me companhia, talvez possa compensá-la, até certo ponto, pela noite passada. Devo estar em casa por volta das dezassete horas e esta noite serei eu a preparar o jantar. Talvez possamos cozinhar à vez, não? Se houver alguma coisa que queira que eu lhe leve da cidade, ou se só quiser apenas conversar um pouco, por favor, telefone-me.

Ele tinha escrito o número do seu telemóvel com o código da área, 954, no fundo da folha de papel. Sara atirou o papel para cima da mesa.

– A audácia e presunção do homem! – exclamou em voz alta. Almoçar com ele? Com certeza que saberia que ela estava prestes a casar-se. Na noite anterior, quando Tess lhe dissera quem ela era, Sara concluiu que ele saberia várias coisas a seu respeito, por conseguinte, era possível que até soubesse a que horas e onde é que o casamento se realizaria. E o que teria ele querido dizer com « se só quiser conversar um pouco »? Por acaso, pensaria ele que ela não tinha *amigos*? E cozinhar « à vez »? Durante quanto tempo é que ele planeava ficar?

Irritada, olhou para a cozinha e viu que ele cumprira o que dissera, tendo arrumado tudo do chá que haviam tomado na noite anterior. Quando abriu o frigorífico, constatou que o pouco que tinha no interior estava impecavelmente arrumado.

– Não é o meu tipo de homem – disse Sara em voz alta.

Em silêncio, Sara comeu uma tigela de cereais e depois pôs a louça suja na máquina, após o que foi para o quarto a fim de iniciar o seu dia de trabalho. Mas quando olhou para o interior do roupeiro e viu as três caixas cheias de roupa e as peças de vestuário, mais de doze, penduradas nos cabides, só lhe apeteceu fechar a porta e sair de casa.

Tudo aquilo era por culpa de Greg, pensou. Cem por cento era causado por ele. Porque tivera de partir tão abruptamente? Por que razão não pôde dizer-lhe onde ia, e o que tinha de fazer que era assim tão importante? Porque não pudera ter-lhe escrito uma mensagem como a que o irmão de Tess lhe deixara? « Minha querida Tess », diria ele, « lamento muito, mas fui forçado a ausentar-me para ir... » Era neste ponto que ela nunca sabia o que pensar. Duas noites antes, Sara diria que sabia quase tudo o que havia a saber sobre o homem que planeava desposar. Os dois haviam passado muitas horas juntos, durante as quais ele a pusera a par da sua vida antes de a conhecer. Ele contara-lhe como duas mulheres o tinham tratado tão mal que admirava que ele voltasse a sentir afecto por qualquer mulher depois disso. Mas disse que o amor de Sara fizera com que se esquecesse de tudo o que lhe acontecera antes.

Portanto, se ela sabia tanto a respeito dele, quem lhe teria telefonado fazendo com que ele partisse no momento seguinte sem mais nem menos?

Quando o seu telemóvel começou a tocar, correu tão depressa para atender que devia ter parecido um jogador de rãguebi a atirar-se à bola.

– Estou? – disse, quase sem fôlego.

– Sara, minha querida, estás bem?

Era a mãe de Luke, a sua prima por casamento, mas uma vez que a senhora tinha a idade da sua mãe, muito à tradição sulista, Sara sempre a tratara por « tia » .

– Estou ótima, tia Helen. Só tropecei quando vinha atender o telefone. Lamento muito não poder ajudar a costurar os trajes para a festa deste ano, mas tenho tanto trabalho na loja que não me foi possível pegar-lhes.

– Não tem importância, querida. A minha irmã tem estado a trabalhar neles comigo. Só queria saber se posso ajudar-te em alguma coisa com respeito ao teu convidado.

– O meu convidado?

– Sim. O irmão da Tess, o Mike. É um homem tão prestável e educado, não achas? Quando ele me disse que ia ficar no apartamento da Tess, lembrei-me que o Luke tinha de fumar a tua casa e pensei que era muita generosidade da tua parte permitires que ele ficasse contigo.

– Tia Helen, são apenas nove e meia da manhã – retorquiu Sara depois de ter visto as horas no relógio da mesa-de-cabeceira. – Como soube tudo isso tão depressa?

– Fiquei outra vez sem bateria no meu carro... vou esfolar o meu marido se ele não me comprar uma nova ainda hoje... e o Mike deu-me boleia até à cidade, o que me deu oportunidade de lhe fazer algumas perguntas. É um jovem tão cortês e tenho de dizer que adorei a sua companhia.

Sara afastou o telemóvel do ouvido a fim de poder olhar para o aparelho com uma expressão de fúria. Até que ponto uma pessoa podia ser tão pouco subtil?, perguntou-se Sara. A sua tia Helen era uma das mulheres que mais detestavam Greg.

– Sim, ele é um homem muito simpático, não é? – disse Sara, numa voz cheia de doçura. – Porque é que a tia e o tio James não o convidam a alojar-se na *vossa* casa? Tenho a certeza de que ele adoraria os seus cozinhados.

Helen não hesitou. No mesmo tom prazenteiro, replicou:

– Quem me dera poder convidá-lo, mas sabes bem como o James aprecia a sua privacidade. Espero ver-te na igreja no domingo, e que tal se levasses o Mike? Com a Tess no estrangeiro, o pobre homem está sozinho.

– Talvez ele possa ir com o Luke – ripostou Sara. – É possível que eu vá sair com o Greg no domingo.

– Oh... Ele já voltou?

Sara não tencionava responder àquela pergunta, porque, se o fizesse, ver-se-ia confrontada com mais perguntas, com Helen a querer saber onde é que ele tinha ido e quando regressaria.

– Que maçada, o tacho que tenho ao lume está a deitar por fora. Tenho de desligar.

– Decerto que estás a começar a preparar o jantar para o Mike. Que simpático da tua parte. Ele...

– Adeus – atalhou Sara e desligou.

Mas que mal é que ela teria feito para... Não, pensou, não permitiria que aquela situação a irritasse. Naquela noite, com toda a calma, diria ao irmão de Tess que tinha de se ir embora, pondo fim àquele assunto de uma vez por todas. De facto, talvez fosse bom a tia Helen ter conhecimento da presença de Mike. Quem sabe se os residentes da vila não poderiam albergá-lo à vez.

Sara tinha acabado de pegar no primeiro casaco que precisava de ser alterado quando o telefone voltou a tocar. Desta feita, viu no mostrador que era a tia Mavis quem lhe ligava.

– Pergunto a mim mesma que boa acção é que ele *lhe* terá feito – resmungou Sara, deixando que o telefonema fosse parar ao correio de voz. Quando voltou a tocar dez minutos depois e ela viu que era a mãe, Sara também não atendeu.

Pegou na cesta da costura e em dois vestidos, pôs o telemóvel a carregar e saiu para o jardim. Sabia que devia ter o telemóvel junto de si para o caso de Greg lhe ligar, mas, naquele momento, não queria falar com ele nem com qualquer outra pessoa.

Sentou-se numa das bonitas cadeiras, e mesa condizente, de ferro forjado colocadas à sombra de uma árvore e começou a coser. Tinha uma dúzia de costuras para coser num vestido muito caro que parecia ter sido usado por uma mulher enquanto fazia *jogging*. Sara sabia que teria de passar algum tempo na máquina de costura naquela tarde. Tencionava ligar o canal HBO para ouvir um filme a seguir ao outro enquanto trabalhava. Talvez conseguisse encontrar algum filme de terror, o que desviaria os seus pensamentos de Greg e fá-la-ia deixar de se interrogar sobre o paradeiro dele... e de pensar no homem que tinha aparecido no apartamento na noite anterior.

– Bom dia.

Sara ergueu o olhar e viu Luke; sorriu-lhe. Não tencionava deixar que ele, ou qualquer outra pessoa, se apercebesse do quanto se sentia irritada.

– Porque não estás a escrever?

– Precisava de pensar – respondeu ele, erguendo a pá. Era uma piada entre os membros da família; sempre que Luke estava preocupado por qualquer razão, escavava buracos.

– A Joce está bem?

Sara costumava visitar a mulher de Luke todos os dias porque ela precisava que a distraíssem do tédio de estar acamada. Havia mais de um ano que Joce trabalhava numa biografia da avó, uma mulher proeminente da história de Edilean, mas tinha chegado a um impasse no seu trabalho de pesquisa, o que a forçou a pôr o manuscrito de lado.

– Está ótima. Bem... talvez não esteja a sentir-se muito bem nesta altura – replicou ele, com uma pequena careta risonha. – Tem andado a trabalhar na árvore genealógica da família dela e... – O sorriso alargou-se. – Ontem à noite, a Joce descobriu que somos primos em sétimo grau. Acho que ela anda preocupada, receando que os gémeos sejam atrasados mentais.

– Ou hemofílicos – retorquiu Sara, referindo-se à família real europeia que casara tanto entre si que transmitira a doença ao longo de vários séculos.

Luke percebeu a alusão.

– Por favor, não lhe menciones isso porque, se o fizeres, ela acrescentará essa anomalia à lista das coisas que podem correr mal. Tencionas encontrar-te com o Mike na cidade para almoçarem juntos?

– Não me digas que ele também te influenciou – disse Sara, gemendo.

– Me influenciou? – retorquiu Luke, surpreendido. – Não sei o que queres dizer com isso. Vi-o esta manhã mais ou menos às seis horas e perguntou-me se havia ginásios na área, e eu informei-o.

– Andavas cá fora às seis da manhã?

– Costumo andar – respondeu Luke –, e se alguma vez saíesses da cama antes do meio-dia, saberias que me levanto muito cedo.

– Nunca dormi até ao meio-dia em toda a minha vida.

Luke olhou para ela.

– Está bem, talvez tenha, mas há muitos anos que não durmo até tão tarde. Demasiado trabalho à minha espera.

– E então como te estás a sair, com tudo o que o Greg te deixou para fazeres?

Sara sabia exactamente onde ele queria chegar com aquela conversa. Ao fim e ao cabo, Luke era seu primo e tinha vivido perto dele durante toda a sua vida. Apesar de ele ser oito anos mais velho do que Sara, sempre haviam sido muito chegados.

– Já tive o meu quinhão de chatices por hoje; por isso, não me venhas com tretas. Não sou capaz de compreender porque é que toda a gente desta vila está a tomar o partido de um homem que nem sequer conhece. Tanto quanto qualquer de vós sabe, o Mike Newland até pode ser um assassino em série.

– Ele é da família da Tess, e nós conhecemo-la bem – disse Luke. – E quando ela se casou com o Rams, passou a ser uma de nós. E o Mike é irmão dela.

Sara não queria discutir com o primo, do mesmo modo que não queria falar do seu futuro. Decidiu passar ao ataque.

– Com toda a tua conversa a respeito de « nós », porque nunca me falaste da existência do túnel? Desta vez foi alguém do nosso conhecimento que o usou... ou seja, que conhecemos por relacionamento familiar, certamente que não em termos de carácter... mas o que devo fazer quando da próxima vez for um estranho que me apareça no quarto através do alçapão?

– O Mike disse que lamentava isso, mas...

– Ele disse-te que entrou furtivamente no meu quarto a meio da noite e que me pregou um susto de morte? Também te disse que queria chamar a Polícia por causa de mim?

– Para todos os efeitos, ele estava no seu direito de proceder desse modo. Ia a entrar no apartamento da irmã, enquanto tu és...

Sara não queria ouvir dizer que Mike Newland tinha razão e ela não.

– Como estão as coisas a correr no *meu* apartamento?

– Tudo bem – replicou Luke. – Esta manhã tirei a sanita.

– Antes ou depois de te teres encontrado com o irmão da Tess?

Luke reagiu como se tivesse de pensar naquilo.

– Depois. De facto, logo após ter encontrado o Mike. Fui ao teu apartamento e vi que a tua sanita precisava de ser substituída. Só necessitei de alguns minutos para a remover.

– Toda a cozinha precisa de ser renovada, mas ainda não fizeste isso.

– Sei que é preciso fazer isso – reconheceu Luke, contrito, mas logo de imediato levantou a cabeça. – Já sei. Talvez consiga convencer o Mike a ajudar-me a renovar a tua cozinha. Ele parece-me um homem capaz de manejar uma chave de parafusos. Importas-te de nos fazeres o almoço todos os dias?

Sara pegou na sua enorme almofada dos alfinetes, atirando-lha. Luke apanhou-a e atirou-a de volta, e depois, rindo-se, foi para o jardim com a pá em cima do ombro.

Ao meio-dia, Sara foi para dentro de casa a fim de preparar o seu almoço. Estivera demasiado ocupada para ter ido ao supermercado desde a partida de Greg, pelo que em casa só havia um pão de três dias e um pouco de salada de atum que a mãe lhe preparara. Enquanto comia a sandes desenhada, não pôde evitar olhar para o relógio. Ainda tinha tempo para mudar de

roupa e seguir de automóvel para Williamsburg, onde almoçaria com Mike na requintada Estalagem Williamsburg.

Mas depois pensou nos muitos mexericos a que esse almoço daria origem, para não mencionar a expressão de « eu bem lhe disse » que se espelharia na cara « daquele homem », o que a levou a pôr a ideia de parte. Levantou-se da cadeira e foi ver o telemóvel, mas Greg continuava sem lhe ligar. Em contrapartida, tinha três mensagens no seu correio de voz deixadas por pessoas da vila. Com relutância, Sara ouviu as três – eram todas a gabar Mike Newland, um homem maravilhoso. Tinha ajudado a tia Mavis a descarregar o automóvel, reposto a corrente na serra do tio Arnie e depois até lhe cortara a pernada da árvore. A pior era da mãe. Mike fizera uma visita à progenitora de Sara, que lhe disse que passaria por casa da filha naquela mesma tarde para « conversarem sobre isso ».

– Mas o que fez ele esta manhã? – perguntou Sara quase aos gritos. – Foi de casa em casa para se apresentar? Ou terá passado o dia a praticar boas acções?

Durante uns momentos, Sara ficou a pensar se ele teria passado a noite a sabotar o que era propriedade das pessoas, para, logo pela manhã, poder ir de casa em casa reparar os estragos que fizera.

Sorrindo ante o seu pequeno devaneio, pôs a louça suja na máquina, pegou nas suas coisas, marcou o número do telemóvel de Greg e enviou-lhe uma mensagem, e depois voltou para o jardim. Devia pôr a máquina de costura em cima da secretária de Tess, ligar o televisor e trabalhar dentro de casa, mas nesse caso teria de ouvir o telefone a tocar – ou ver-se-ia forçada a explicar às pessoas a razão por que o desligara. Mas como estava no jardim, tinha a desculpa de que se encontrava a trabalhar lá fora e não ouviu o telefone. Quanto a Greg, se ele telefonasse, talvez fosse bem feito a chamada ir directamente para o correio de voz.

Às duas horas, foi para dentro para fazer um jarro de chá gelado e viu que Greg ainda não lhe telefonara. Enquanto a água fervia, olhou para a porta fechada do quarto de Mike. Melhor dizendo, do quarto de visitas de Tess; Sara sentiu-se invadida por uma curiosidade irreprimível. Fazendo o mínimo barulho possível, como se pudesse ser ouvida por alguém, levou a mão à maçaneta. Não ficaria surpreendida se constatasse que a porta estava fechada à chave, mas não era o caso. Sentindo-se como uma ladra, espreitou para dentro. Os cortinados estavam abertos na única janela do quarto, a cama havia sido feita e, tanto quanto lhe era dado ver, o quarto estava exactamente como no dia anterior. Ao contrário do que Luke lhe dissera, não lhe pareceu que a cama fosse desconfortável.

Sentindo-se mais ousada, entrou no quarto e olhou à sua volta. Nada. Não havia nada que indicasse que ele tinha estado ali. Dirigiu-se para o roupeiro, abrindo-o. Não encontrou sequer uma camisa, tão-pouco qualquer mala de viagem no fundo. Mas, agora que pensava naquilo, ele não trouxera bagagem nenhuma na noite anterior, quando aparecera vindo do túnel.

Franzindo a testa, Sara abriu as três gavetas da cómoda. Também estavam vazias, assim como as da mesa-de-cabeceira, e não havia nada debaixo da cama. Até se deu ao trabalho de afastar as cobertas para ver por baixo delas; constatou que não havia absolutamente nada dele no quarto.

Ao sair, pensou na mensagem em que ele lhe dizia que precisava de tratar de alguns assuntos. Que assuntos secretos teria ele a tratar em Williamsburg?

Sara acabara de fechar a porta do quarto quando deu pela aproximação de um carro, pensando de imediato que seria a mãe. Sem dúvida que se tratava de um qualquer instinto inato

que lhe dizia sempre que a mãe se encontrava por perto; quando olhou para fora, viu que não se enganara. Antes que Sara tivesse tempo de pensar numa maneira de escapar, a mãe chegou à porta da frente.

Quando viu a filha através do vidro, disse:

– Preciso de ajuda.

– E não precisamos todos? – resmungou Sara enquanto abria a porta.

Para sua surpresa, viu que a mãe trazia oito sacos de lona – nunca de plástico – com produtos de mercearia, que pousou no alpendre. Todos os maus pensamentos e sentimentos abandonaram Sara. A mãe sabia que a filha se fartava de trabalhar para acabar todas as alterações na roupa das suas clientes antes do dia do seu casamento, tendo decidido cozinhar-lhe as refeições. A empresa Produtos Orgânicos Armstrong – o apelido de solteira de Eleanor Shaw – expandira-se desde que a mãe a fundara na cozinha de sua casa em 1976. Agora geria três estabelecimentos, um em Edilean, outro em Williamsburg e, durante os meses de Verão, um amplo mercado de fruta e legumes à beira da estrada para Richmond. Dava emprego a quase uma dúzia de mulheres, que cozinhavam alimentos que se vendiam tão rapidamente quanto elas os preparavam, além de ter outras quinze empregadas que trabalhavam nos estabelecimentos. O facto de a mãe tirar tempo da sua extremamente ocupada rotina diária para cuidar das necessidades da filha fez com que Sara esquecesse quaisquer queixas. A realidade é que tinha a mãe mais maravilhosa do mundo.

Sara enlaçou a mãe pelo pescoço, dando-lhe um abraço apertado.

– Obrigada. És a melhor mãe... a melhor amiga... que alguém possa ter. Como adivinhaste que eu estava praticamente a morrer à fome?

Quando Eleanor foi libertada do abraço, entregou a Sara dois sacos com mercearias.

– Lamento desiludir-te, minha doçura, mas foi o Mike quem comprou isto tudo.

– O Mike?! – exclamou Sara, de boca aberta. – O irmão da Tess?

– Tens mais de um Mike a viver contigo?

Sara pousou os sacos com as compras em cima da bancada da cozinha junto do frigorífico.

– Muito bem, portanto, que acções heróicas de importância monumental é que ele *te* fez hoje?

Quando Ellie abriu a porta do frigorífico, arqueou uma sobrancelha e olhou para a filha.

– Mas que bicho te mordeu? O facto de o teu futuro marido se ter posto a andar, deixando-te praticamente no altar, ou por ele ainda não te ter telefonado?

– Como soubeste... – Sara ficou com uma expressão furibunda quando se apercebeu de que a mãe não soubera ao certo se Greg lhe ligara ou não até a sua explosão de fúria lhe ter dito. – Muito bem, deita tudo cá para fora. Diz o que tens a dizer e depois vai-te embora. Tenho muito trabalho.

– Tens sempre. – Ellie guardou um molho de *cavolo nero* de folha escura no compartimento fechado para os legumes, ajustando o grau de humidade. – Verdade seja dita, parece que agora tens tanto trabalho que nem sequer tens tempo para te alimentares, quanto mais para estares com os teus amigos e família.

Não era a primeira vez que Sara ouvia aquele sermão. Levou a mão a um dos sacos, de onde tirou um pesado naco de queijo parmesão.

– Eu não tenho...

– Um ralador para o queijo? – concluiu Ellie. – Não te preocupes, o Mike tratou disso.

Comprou-me um para ti. Pagou-o com um cartão de débito. Sabes o que é, o tipo de cartão que debita directa e imediatamente a conta bancária?

Sara não precisava que a mãe lhe explicasse aquilo a que se estava a referir. Não muito depois de ter apresentado Greg à sua família, ele fora à loja da mãe e encheria um carrinho de alimentos previamente preparados, dos mais caros – e depois saíra sem ter pagado a conta. Quando a gerente do estabelecimento correu atrás dele, Greg disse que podia levar o que muito bem lhe apetecesse sem pagar porque a sua «namorada» era dona da loja. A gerente levou alguns minutos a compreender que Greg estava a falar de Sara, e não de Ellie. Posteriormente, foi Sara quem teve de lidar com a irritação de Greg porque a futura sogra não estava disposta a dar-lhe tudo o que ele queria do seu estabelecimento. Desde então, Sara passara a encarregar-se das compras, pagando tudo o que levava para casa, embora beneficiasse do desconto dado habitualmente aos funcionários da empresa da mãe. Não disse a Greg, por não querer ter de passar mais horas a explicar-lhe a situação, mas trazia vários artigos que não pagava.

Agora, Sara, enquanto arrumava mais alimentos – nenhum previamente cozinhado –, pensava na maneira de conseguir que a mãe se pusesse do seu lado. Os elogios a Mike Newland estavam a adquirir proporções absurdas.

– Olha uma coisa, mãe, sei que ele parece um homem muito simpático, e tudo o mais, além de ser irmão da Tess, mas há uma coisa a respeito dele que me impede de confiar nele. Espera até ouvires como entrou no meu quarto a meio da noite. Ele...

– Já sei. Ele entrou através do antigo túnel.

Sara deteve-se, a mão num pequeno saco de lona reutilizável cheio de malaguetas.

– Como soubeste do túnel?

– A tia Lissie falou-me disso quando eu era miúda, mas foi fechado. O Luke descobriu-o no ano anterior a ter conhecido a Joce. Sabes quando foi, naquela altura em que ele andava tão deprimido que não falava com ninguém. Convenceu o meu pai a ajudá-lo a escorar o túnel. Parece-te que o meu pai andasse a fazer uma coisa dessas sem que eu viesse a saber? Era eu que lavava as roupas imundas dele e lhe friccionava as costas doridas com unguento.

– Quem mais sabe da existência do túnel?

– Vivos ou mortos?

– Estou a ver – retorquiu Sara, abanando a cabeça –, uma data de pessoas da tua geração e ainda mais velhos estão a par, mas isso não desculpa a maneira como ele... este estranho... o usou. Acredito que ele *queria* assustar-me.

– Sim, calculo que ele devesse bater à porta de uma casa que supunha estar vazia.

– Se ele e a Tess são tão chegados, como é que não sabia que eu me tinha mudado para cá? E porque é que o quarto dele está vazio? Ele apareceu aqui a meio da noite sem *nada*. Não te parece que isso é um pouco estranho?

Ellie desviou o olhar do frigorífico, erguendo a cabeça.

– Não se a casa onde morasses ardesse e tudo o que tivesses fosse a roupa que tinhas no corpo e o carro.

Sem palavras, Sara ficou a olhar para a mãe.

Ellie endireitou-se, levando a mão à região lombar. Tinha sessenta e dois anos e ainda era uma mulher bonita – o que se devia, dizia ela, a não comer os venenos contidos nos alimentos produzidos industrialmente –, mas não era nada parecida com a filha. A beleza delicada de Sara

fora herdada da irmã da mãe de Ellie, Lissie, uma mulher com uma beleza de alabastro.

– Calculei que ele não te tivesse dito por que razão apareceu a meio da noite e não tinha nada de pessoal no quarto... o que me leva a deduzir que andaste a bisbilhotar. O pobre homem não tem nada. Encomendei *kilts* para ele.

– Fizeste o quê?

– Tirei-lhe as medidas e telefonei para a loja em Edimburgo para encomendar dois trajes escoceses completos para ele, um formal e outro para usar quando participar nos jogos durante a feira.

– Jogos? Na feira? Estás a falar dos jogos *escoceses*? Atirar uma corda? Lançamento do peso? As *batalhas* a fingir?! Os Frazier vão chaciná-lo.

Ellie olhou para a filha com uma expressão cáustica.

– Exactamente o que tens contra este homem? Ele é, inquestionavelmente, melhor do que...

Quando a mãe estava prestes a concluir a frase, Sara lançou-lhe um olhar de advertência.

– Se estás a pensar dizer alguma coisa negativa a respeito do Greg, não o faças.

– Não sonharia em fazer uma coisa dessas.

– Só porque não és capaz de pensar em nada que já não tenhas dito.

– Ah, não? Dá-me três horas e garanto-te que não me faltará que pensar e dizer. – Ao ver a expressão no rosto da filha, Ellie levantou as mãos num gesto de rendição. – De acordo. Acabaram-se as disputas. Não tenho nada que ver com o assunto. Então, como está o teu trabalho a correr?

– Bem – respondeu Sara, que queria que o assunto se desviasse de Greg. – Para que são todos estes artigos de mercearia que ele comprou? Está a planear abrir uma loja que te faça concorrência?

– São os produtos de que o Mike precisa para poder cozinhar. – A fisionomia de Ellie ficou com uma expressão de deleite. – Nunca conheci um homem que não estivesse envolvido nesta actividade que soubesse tanto acerca de produtos orgânicos. Devemos ter passado, pelo menos, dez minutos a falar sobre os benefícios das sementes de linhaça.

– Parece ser um assunto fascinante.

Ellie ignorou o comentário sarcástico.

– O Mike deu-me uma receita para sopa de cheruvia que vou experimentar e dar ao teu pai esta noite ao jantar; eles combinaram uma partida de golfe para este sábado.

– Quem é que combinou?

– O Mike e o teu pai.

– O meu pai vai jogar golfe com um homem que tem metade da sua idade e que ele nem sequer conhece? Com um polícia?

– Tenciono dizer ao Mike que deixe as armas em casa, e o Henry pode usar o colete à prova de bala. Mas não respondeste à minha pergunta: o que tens contra o homem, que, a propósito, não é assim tão novo? Tem trinta e seis anos e pode aposentar-se das forças policiais dentro de menos de três anos. Pergunto a mim mesma onde estará ele a planear viver.

– Mãe, se pensas que este homem e eu...

– Jamais me passaria pela cabeça interferir na vida de qualquer das minhas queridas filhas. Na verdade, estava a pensar no Mike com a Ariel. Não achas que fariam um casal encantador?

– A Ariel? – perguntou Sara, horrorizada. – A Ariel Frazier? O que veio *ela* fazer à vila?

– Sara, querida, já te esqueceste de que a Ariel *vive* aqui?

– Ela não vive cá desde o liceu, quando disse a quem a quis ouvir que mal podia esperar para deixar esta vila atrasada e todos os que vivem nela.

– E foi o que fez. Foi para a Faculdade de Medicina e acabou o curso. Agora quer fazer um intervalo antes de iniciar o muito duro estágio. Cumprido este, a sua formação ficará concluída; ela pretende abrir uma clínica aqui, em Edilean.

Sara ficou com a impressão de que a mãe a fitava como se esperasse que ela dissesse ou fizesse alguma coisa, mas Sara não fazia ideia do que isso pudesse ser. Ariel era um ano mais velha do que ela, e a sua família estava radicada em Edilean há tanto tempo quanto a sua. Desde o princípio que os Frazier haviam comercializado tudo o que andasse sobre rodas, quer fosse bicicletas, carroças, tractores ou *Lamborghini*s. Dizia-se – se bem que ninguém possuísse qualquer prova – que o primeiro Frazier a instalar-se na vila era o melhor amigo de Angus McTern Harcourt, o homem que fundara Edilean. Também se dizia – ainda com menos provas – que o primeiro Frazier foi o que conduziu a carroça carregada de ouro que constituiu a base da fundação da vila. Quando Sara andava na primeira classe e Ariel na segunda, esta disse-lhe que o avô lhe havia dito que, por direito, Edilean Manor, e até mesmo toda a vila, devia pertencer à sua família. Essa foi a primeira de muitas discussões que Sara e Ariel tiveram.

– Não estás a dizer coisa com coisa – observou Ellie. – Não achas que a Ariel e o Mike formariam um belo casal?

– E como haveria eu de saber isso? Não o conheço e há vários anos que não a vejo.

– Oh! Ela é linda! Cabelos ruivos compridos e olhos azul-escuros. E, evidentemente, é inteligente. O que sempre foi. Quanto ao Mike, é um homem bastante bem-parecido.

– Sim, para quem gosta de homens com cara de bandido.

De olhos arregalados, Ellie olhou para a filha.

– Parece-me que o facto de o Greg te forçar a costurar tanto está a prejudicar a tua visão.

– Juro-te que se disseres mais alguma coisa contra o Greg, eu...

Ellie dirigiu-se para a porta.

– Eu disse-te na última vez em que tivemos uma discussão por causa dele que não voltaria a meter o nariz no assunto. Todos precisam de cometer os seus próprios erros. Desculpa. Não foi minha intenção insinuar o que dei a entender. Vou-me embora. Mas Sara, minha querida filha, penso que devias dar algum desconto ao Mike. O apartamento dele e tudo o que possuía desapareceram no incêndio e a única pessoa de família que lhe resta é a irmã. E...

– E o quê?

– A minha mãe costumava falar-me da avó do Mike e da Tess. Depois de os pais terem falecido, foi ela quem os criou, e a minha mãe dizia que a Prudence Farlane era a pessoa mais azeda que conheceu em toda a sua vida, que era como se ela tivesse um vulcão de ódio dentro. O facto de Mike poder aposentar-se em poucos anos significa que integrou os quadros das forças policiais quando ainda era adolescente. Na verdade, uma criança. Sara, acho, muito sinceramente, que devias ter um pouco de compaixão pelo homem.

Sara fez uma pequena pausa antes de responder.

– Boa tentativa, mãe, mas continuo determinada a casar-me com o Greg.

– Fiz o meu melhor – retorquiu Ellie, rindo-se. – Não te esqueças de me dizer o que é que ele vai fazer com o *cavolo*. Talvez ponha a receita dele no boletim da loja. – Deteve-se quando

chegou à porta. – Então não achas que ele seja bem-parecido?

– Acho que ele é maricas – replicou Sara, apesar de ter noção de que mentia.

– Pergunto a mim mesma se alguma vez fui tão jovem quanto tu és – disse Ellie, rindo-se de novo. – Mantém-me informada de alguma novidade. Até logo.

Com aquilo, Ellie saiu, e Sara encostou-se à porta, sentindo um grande alívio.

AO FIM DA TARDE, Sara já se havia acalmado um pouco. Sabia que grande parte do seu nervosismo se devia ao facto de há vários dias não ter notícias de Greg. Além disso, estava farta de tentar fazer com que as pessoas de Edilean gostassem do homem que amava. Se ao menos Greg permitisse que ela contasse a verdade sobre a sua vida tão árdua, estava certa de que compreenderiam. A infância dele tinha sido tão difícil que, até certo ponto, isso justificava que, por vezes, se comportasse de maneira estranha em público. Ele chegara ao ponto de admitir que sentia ciúmes do afecto que os residentes de Edilean dedicavam a Sara.

– Esforcei-me – dissera ele enquanto vertia lágrimas, que deixaram o coração de Sara quase destruído. – Esforcei-me ao máximo para fazer com que gostassem de mim. Não compreendi a situação na loja da tua mãe. Pensei que uma vez que ela é a proprietária do estabelecimento não objectaria a partilhar o que possui com a filha.

Sara ficou sem saber o que dizer. Os produtos alimentares eram gratuitos para ela, mas não para *ele*.

– Isso prende-se com questões de contabilidade – dissera Sara. – E de inventário. Vou falar com ela para ver o que...

– Não! – atalhou Greg. – Não quero que ela faça nada de especial por mim. Se a tua mãe não quer que eu coma a comida dela, tudo bem. Passaremos a fazer compras em Williamsburg.

– Se tu me deixasses explicar-lhe o teu passado... – começara Sara, mas Greg sempre a proibira de o fazer, e ela compreendia o motivo.

Ele dizia que queria que as pessoas de Edilean gostassem de si pelo seu mérito... tal como acontecia com as pessoas de fora da vila. Às vezes ele dizia:

– E depois, tu e eu sairemos daqui.

– Depois do quê? – perguntou ela, mas ele não lhe deu resposta.

– Estou a interrompê-la?

Sara ergueu o olhar e viu Mike Newland junto da mesa com dois copos de chá gelado nas mãos.

– Vi que o seu copo estava vazio e por isso... Fiz bem?

– Com certeza – replicou ela, esforçando-se por desfazer o franzir de testa. Se ele ficasse ali por muito mais tempo, ela ficaria com rugas de tanto franzir as sobrancelhas.

– Importa-se que me sente? – perguntou Mike, pousando os copos em cima da mesa. Ao que ela respondeu com um gesto da cabeça, indicando a cadeira vazia.

Enquanto ele se sentava, Sara continuou a costurar.

– Ouça uma coisa – disse ele na sua voz enrouquecida. – Tenho a impressão de que você e eu começámos mal ontem. – Por breves momentos, pareceu que ele não sabia o que dizer a seguir. – Teve um bom dia?

– *Você* parece ter tido um dia muito atarefado. Andou a ajudar cerca de mil pessoas, não é verdade? – A hostilidade transparecia da voz dela.

– Eu, hum... – Bebeu um gole generoso do seu chá. – Miss Shaw, sei que a perturbei ontem à noite, mas pensei que estava a entrar numa casa desocupada. Posso assegurar-lhe que a sua presença foi uma surpresa tão grande para mim quanto a minha foi para si.

– Tem razão – retorquiu Sara, pousando a costura em cima da mesa. – Estou a ser rude. Mas acontece que... – interrompeu-se e fez um gesto com a mão, indicando que o assunto não tinha importância. – Não interessa.

– Não, diga-me. Sou um bom ouvinte. – Enquanto Sara bebia o seu chá, mantendo-se em silêncio e olhando para o jardim, Mike disse: – Tem alguma coisa que ver com o seu namorado, cujo paradeiro desconhece?

– Noivo.

– Peça desculpa. Ouvi tantas bisbilhotices esta manhã que não consigo manter-me a par de tudo. A propósito, quem é uma tal Ariel?

– Uma prima afastada. Segundo diz a minha mãe, ela é a mulher mais bela, brilhante e talentosa à face da Terra... isto é, a seguir às minhas duas perfeitas irmãs.

Mike fitou-a por uns momentos, após o que se levantou da mesa.

– Parece-me que teve um dia bastante difícil. E que tal vir para dentro e deixar que eu lhe cozinhe qualquer coisa? – Ao ver que ela hesitava, Mike acrescentou: – É o que costumo fazer com a Tess desde miúdos.

Era tão agradável ter alguém que lhe sorrisse, que Sara pegou na sua costura e seguiu-o docilmente, indo para dentro de casa. Sentou-se à mesa da cozinha enquanto ele começava a preparar a refeição. Atou um avental sem peitilho (acabado de comprar) à cintura e abriu a porta do frigorífico. Tirou um abacate, natas azedas e duas limas.

– Fale comigo – pediu ele enquanto colocava tudo em cima da bancada e tirava uma faca do cepo.

Sara observava todos os seus movimentos de um lado para o outro da cozinha. Esmagou um dente de alho com a superfície plana da faca enorme como se fosse um cozinheiro profissional.

– Lamento o que aconteceu ao seu apartamento.

– Riscos inerentes ao trabalho – retorquiu Mike, com um encolher de ombros.

– O incêndio foi por causa do seu trabalho?

– A última coisa que me apetece é falar do meu trabalho ou de mim – respondeu-lhe, com um pequeno sorriso. – Gostaria mais que me falasse de si. Não se vai casar dentro de poucas semanas? O seu vestido de noiva é bonito? – perguntou Mike, descascando o abacate.

– É lindíssimo – replicou Sara, com um sorriso que se perdeu no copo de chá gelado. Não havia dúvida de que ele não era como os homens que ela conhecia. – Foi o vestido de casamento da minha tia-avó Lissie.

Mike pôs a tigela com o molho grosso de abacate que acabara de preparar diante dela, juntamente com um prato de tiras de milho.

– Quando me apresenta o seu noivo?

Ele não levava muito tempo a começar a falar sobre o assunto com que toda a gente tinha andado a atazaná-la!, pensou Sara. Sentiu-se dividida, sem saber se devia atirar-lhe a tigela ou desatar a chorar. Mas no minuto seguinte ele tirou um jarro gelado de *margaritas* do frigorífico, enchendo-lhe um copo, que ela bebeu de um só trago. Mike ficou a olhar para ela de olhos muito abertos, mas apressou-se a servir-lhe outra bebida.

– Sente-se melhor? – perguntou ele, depois de Sara ter bebido um gole generoso.

Ela acenou que sim e atirou-se às tiras e ao molho.

– Deduzo que toda a gente tenha perguntado por ele, mas você não sabe quando regressará,

assim, não tem resposta nenhuma que lhes possa dar.

– Exactamente – confirmou Sara, sentindo-se descontraída pela primeira vez desde que Greg se fora embora.

– Talvez ele tenha ido a casa – disse Mike enquanto punha fatias de pêra na salada verde.

– Ele vive aqui. Comigo.

– Não, o que eu quis dizer foi que talvez tivesse ido a casa dos pais.

– Oh...

Mike espalhou pinhões por cima da salada, que temperou com umas gotas de vinagrete de framboesa.

– Já ligou para casa dos pais dele? – perguntou quando pôs o prato diante de Sara. Esta respondeu-lhe com um resmungar.

– Peço desculpa. Não ouvi o que disse.

Ela não lhe respondeu até ter engolido a salada que tinha na boca.

– Não sei onde vivem os pais dele nem se estão vivos. Ele contou-me alguns episódios extremamente desagradáveis da infância, mas não me deu pormenores como nomes e moradas.

– Ah – retorquiu Mike, ficando de costas para ela e pensando que era verdade que Stefan tinha passado por algumas experiências bastante desagradáveis durante a juventude. Estivera preso dois anos num estabelecimento para delinquentes juvenis por ter roubado um automóvel, cumprira uma pena de seis meses por tentativa de assalto a uma ourivesaria e também fora detido duas vezes por ter andado a roubar carteiras. Quando Stefan fizera dezoito anos, já era um criminoso experimentado, mas desde então nunca mais fora preso. – Isso quer dizer que não sabe nada acerca da família dele?

– Não! E não comece a chatear-me também com esse assunto! Toda a gente tem direito à sua privacidade, e, além disso, já ouvi queixas suficientes a respeito dele da minha mãe e de toda a gente desta vila. Aposto que *você* tem coisas do seu foro íntimo que não quer que sejam do conhecimento dos outros.

– Pergunte-me o que quiser. Sou como um livro aberto.

Mike pegou nos dois frangos pequenos que tinha encomendado naquela manhã e, com movimentos rápidos, começou a recheá-los com arroz selvagem e ervas aromáticas que havia preparado antes de se juntar a Sara no jardim. Um dos benefícios que advinhavam do facto de ter trabalhado infiltrado era ser capaz de exercer várias profissões. Entre os mais úteis encontravam-se os dezoito meses que passara a trabalhar como *sous chef* num restaurante no Arizona. Era capaz de preparar uma *fajita* em dez minutos.

– Onde cresceu.

– Em Akron, no Ohio.

– Porque se recusa a Tess a falar da infância?

– Pensei que esta conversa era a meu respeito, e não da minha irmã.

– Ela é minha amiga; você é um desconhecido.

Mike atou os frangos. Uma vez amarrara um homem da mesma maneira, com as pernas unidas, os braços nas costas e a corda a toda a altura da parte da frente do corpo.

– Tem razão. O que me diz respeito, diz respeito à Tess. Os nossos pais morreram num acidente de viação quando eu tinha doze anos e a Tess cinco, pelo que fomos criados pelos nossos avós maternos – disse ele, pondo os frangos no forno.

– Já ouvi falar da sua avó.

– Aposto que sim. Disseram-lhe que ela tinha muito mau feitio?

– Sim – respondeu Sara, em voz baixa. – O seu avô era um homem simpático?

– Só muito raramente é que o víamos – replicou Mike, voltando-se para Sara. – A minha avó dizia que o trabalho o obrigava a viajar muito, mas depois de ele ter falecido, em noventa e nove, descobri, que tinha uma segunda família.

– Deus do céu! – exclamou Sara, com o garfo a meio caminho da boca, olhando para Mike, que se sentava à sua frente.

– Está a começar a compreender a razão por que a Tess nunca fala sobre a infância?

– Estou – respondeu Sara, com o olhar preso nele. – Por favor, diga-me mais. Preciso de qualquer coisa que me desvie a mente dos meus próprios problemas. A minha mãe disse-me que entrou para a Polícia quando ainda era adolescente.

Mike hesitou. Nunca no decurso de qualquer das missões em que trabalhara secretamente fora forçado a dizer a verdade a seu respeito. Mas viviam pessoas naquela vila que tinham conhecido a sua avó; portanto, se mentisse, Sara acabaria por descobrir.

– Eu era o mais velho, pelo que me punha de permeio entre a pequena Tess e a minha avó, mas a minha capacidade para aguentar tinha um limite. Na noite do dia em que concluí o liceu, disse à velha que, se ela tocasse na Tess, a mataria, e depois abandonei a vila.

– Mas é claro que não teria concretizado essa ameaça, isto é, matá-la.

Mike desviou o olhar da salada, mas não lhe deu resposta.

– O que fez depois de ter partido?

– Sempre desejara ver o mar, por isso... – Sorriu ao recordar-se daquilo. – Deitei uma moeda ao ar para decidir qual iria ver; ganhou o da Costa Leste... ou, calculo, perdeu. Fui à boleia até à Florida e deixei-me ficar por Fort Lauderdale. – Comeu outra garfada de salada. – Uma coisa leva a outra e acabei por me candidatar à Polícia. – Mike ergueu a cabeça e olhou para Sara. – E aqui estou eu agora.

– E quanto à Tess?

– Ela saiu-se muito bem, não acha?

– Não é isso, quero dizer... quando voltou a estar com ela?

– Quando acabou o liceu, eu estava à espera dela. Já tinha ido buscar as malas dela ao lugar para onde ela as atirara através da janela do quarto. Ela arremessou o chapéu e a capa à cara da nossa avó, entrou para o meu carro e fomo-nos embora.

– Imagino que tenha sido você a pagar o curso dela.

Mike dissera-lhe tudo o que podia sem revelar qualquer informação importante; assim, limitou-se a um encolher de ombros. Miss Sara Hélène Shaw era sem dúvida uma jovem muito curiosa. Ele sabia que, enquanto estivera fora, ela tinha andado a bisbilhotar o seu quarto. Pela força do hábito, Mike deixara marcas nas gavetas e alinhara o pequeno tapete com as tábuas do soalho. Quando voltou, tudo estava ligeiramente de esguelha. Ainda bem que deixara as pastas referentes ao caso, assim como as armas, no compartimento oculto debaixo da alcatifa do porta-bagagens do seu carro.

Levantou-se para olhar através do vidro do forno.

– Então sobre quem sabe mais neste momento? Sobre mim ou o homem com quem planeia casar-se?

– Que pergunta tão estranha. Lá porque nunca conheci os pais do meu noivo, isso não significa que não saiba tudo o resto sobre ele. Sei o que gosta de comer, como conduz, o que quer no futuro, também sei o que se passou com as duas últimas namoradas que teve e que lhe destroçaram o coração, o seu...

– O que quer ele para o futuro? – perguntou Mike, de modo agreste.

Sara baixou o olhar, concentrando-se nas mãos.

– O habitual. Um lar e filhos.

Não tencionava dizer-lhe que a pílula contraceptiva a fazia inchar, que Greg era escrupuloso no uso do preservativo e que era bastante vago sobre quando quereria começar a ter filhos.

– O que ele quer encontra-se aqui, em Edilean? Ele disse-lhe isso expressamente? O que lhe disse ele? – Assim que proferiu estas palavras, Mike amaldiçoou-se pela ansiedade que transparecia da sua voz, esperando que Sara não se apercebesse desse anseio.

Mas apercebeu-se.

– Eles convenceram a Tess a enviá-lo para cá, não é verdade? – disse Sara, levantando-se da mesa.

– A Tess? Não sei de que está a falar – retorquiu ele com sinceridade. – Quem são «eles»?

– Esta vila. Todos pensam que são meus donos. As outras pessoas vêm e vão, mas não eu. – O tom de voz de Sara estava a elevar-se. – A doce Sara Shaw fica na sua terra natal e *ajuda* as pessoas. Todos os outros partem e *fazem* coisas, mas *eu* continuo aqui e vejo as outras a regressar com as suas carreiras e os seus maridos, acompanhadas das suas crianças adoráveis. Mas a boa da Sara continua sempre aqui.

Pondo as mãos em cima da mesa, ela inclinou-se para ele.

– Pode dizer a todos eles... à sua irmã, ao Ramsey, ao Luke, a todos... que pode ser que não gostem do Greg, mas *eu* gosto. Ele fez com que eu conseguisse concretizar coisas. Talvez por vezes se comporte com rudeza e seja abrupto, mas, pelo menos, dá-me esperança para o futuro.

Sara inclinou-se tanto para a frente que o seu rosto ficou a escassos centímetros do dele.

– Quanto a si, Mister Newland, digo-lhe desde já que não conseguirá obter qualquer informação de mim, tal como não vale a pena tentar seduzir-me para me afastar do Greg, ou o que quer que tenha planeado, porque não resultará. Está a perceber o que lhe digo? Não estou interessada em si nem em qualquer outro homem, portanto, o melhor que tem a fazer é ir-se embora, *agora*.

Dito isto, ela saiu para o corredor e foi para o seu quarto, batendo a porta com toda a força.

Mike encostou-se para trás na cadeira absolutamente desorientado. *Não* fazia a mais pequena ideia do que ela acabara de o acusar. «Seduzi-la?» Nem sequer se aproximara dela. Passou as mãos pelo rosto. O seu instinto dizia-lhe para bater à porta do quarto de Sara, tentar falar com ela, mas como não tinha a mínima ideia do que lhe diria, isso seria inútil. Porque é que ela não teria sacado de uma bela arma, das grandes, e lha apontara? Um revólver. Uma semiautomática teria sido uma boa escolha. Ela poderia ter dito: «Se voltar a aproximar-se de mim, não hesitarei em matá-lo.» Era uma coisa que lhe haviam dito inúmeras vezes, e conseguira lidar sempre com a situação com a maior das facilidades.

O relógio do fogão tocou, indicando que os frangos estavam prontos. Mike tirou-os do forno e depois saiu de casa para telefonar a Tess.

A irmã atendeu ao segundo toque.

– Então, o que pensas dela? – perguntou Tess, sem preâmbulos.

– Ela anda muito tensa. E sabe que estou a mentir.

Aquilo deixou Tess tão perplexa que mal conseguia falar.

– Mas tu mentes *sempre*. É o que faz que sejas tão eficaz no teu trabalho. Mentas acerca de... até mesmo acerca da marca de pasta para os dentes que usas, mas as pessoas nunca dão conta de que estás a mentir.

– Tens a certeza de que estás do *meu* lado?

– Não estou a compreender nada disto – replicou Tess sem se rir. – A Sara acredita em todas as palavras de um fulano que toda a gente da vila sabe que é um mentecapto, mas não acredita em *ti*?

– Quem consegue entender isso? – A voz de Mike deixava adivinhar o quanto se sentia desconcertado. – Tratei-a como teria tratado uma princesa, cozinhei para ela, arrumei tudo o que ambos desarrumámos, mas, mesmo assim, ela continua a acusar-me de... A verdade é que não sei por que motivo estás tão irritada comigo.

– E quanto às pessoas de Edilean? Não me refiro aos recém-chegados, mas aos que conhecem a Sara. O que pensam?

Mike levou algum tempo até lhe responder.

– Falei com algumas dessas pessoas esta manhã, e constatei que estão genuinamente preocupadas com ela. Não querem que seja magoada.

Tess sabia bem o que o irmão dizia.

– Essa vila é espantosa, não é? Essas pessoas *preocupam-se* verdadeiramente com o bem-estar umas das outras. É claro que tens de conhecer as pessoas bem para seres considerado um deles, mas acontece.

– Não é nada do que nos disseram a respeito deste lugar, pois não?

– Nem de perto, nem de longe – retorquiu Tess, com uma pequena gargalhada. – Já falaste com alguém que tenha conhecido a avó?

– Não, e não quero. Gostaria de pensar que esse período tão desagradável ficou enterrado com ela.

– Eu também – secundou Tess. – Mas agora quero que me digas tudo o que *tu* pensas da Sara.

– Acho que ela é...

– Ela é o quê?

– Lindíssima.

– Lindíssima, como?

– Ela faz com que eu fique nervoso.

– Assim tão intenso?

– As coisas mais estranhas deixam-na furiosa comigo, mas é-me impossível ficar irritado com uma pessoa que veste roupas que parecem ter sido feitas por anjos.

– Sei o que queres dizer. A Sara usa sempre manga comprida, até durante os dias mais quentes. Encomenda muitos tecidos da Irlanda, com que faz as próprias roupas. Condizem com a pele de alabastro que ela tem, não concordas?

– Sim, concordo – retorquiu ele, num tom de voz enrouquecido e baixo.

– E qual é a opinião que tens de Sara como mulher? Fantástica, não é?

– Não me parece que alguma vez a tenha visto como ela é realmente, mas gosto do que me

disseram a seu respeito. Todas as pessoas da vila pensam que é, praticamente, um anjo. É a que se oferece sempre para ajudar quem quer que seja. Ela ganha tão pouco dinheiro que, se não fosse a mãe a pagar-lhe a comida, morreria de fome.

Tess sentiu-se satisfeita por Mike não poder vê-la, porque tinha um sorriso de orelha a orelha. Sabia que ele nunca tivera nada que se assemelhasse a uma relação séria com uma mulher, mas era preciso levar em consideração que as mulheres com quem «namorava» estavam sempre relacionadas com os casos em que ele trabalhara infiltrado. Em tempos mantivera uma relação tórrida com a mulher de um grande traficante de droga com o objectivo de obter informações sobre o marido. Quando foram feitas prisões, ela esbofeteou Mike com tanta força – e ele não opôs resistência – que ele teve de usar um colar cervical durante uma semana. Tess era a única pessoa que sabia o quanto Mike se sentira abatido depois desse caso. Apaixonara-se pela mulher ao ponto de até gostar dos dois filhos dela. Foi Tess quem cuidou dele depois disso, ajudando-o a ultrapassar essa fase de depressão.

– Marquei-te uma reunião para amanhã – disse ela.

– Para quê?

– Para assinares a escritura daquela casa com que ando a chatear-te há um *ano*. A documentação está no registo de propriedades em Williamsburg e, agora que estás aí, podes aproveitar para tratar do assunto.

– Mas estou aqui por causa de um caso, por isso, talvez seja melhor deixarmos isso para outra altura. Eu podia...

– Não! Não vou dar-te mais tempo. Marquei a reunião e mandei-te uma mensagem com a morada para o telemóvel. Tens de estar lá às duas horas, assinas os papéis e a propriedade passa a ser tua.

– Uma quinta! Para que quero *eu* uma quinta?

– *Não* vamos voltar a discutir esse assunto – disse Tess entre dentes. – Quer te agrade quer não, jurei à nossa avó que um dia essa propriedade pertenceria à nossa família, e estou a cumprir a promessa.

Tess jamais diria ao irmão, mas tinha jurado sobre a vida *dele*, pelo que receava que, se quebrasse a promessa, a velha horrível sairia da sepultura para exercer a sua vingança.

Mike interrompeu aquelas horríveis recordações de Tess. A verdade é que se perguntava o que faria depois de se aposentar e passar a viver perto dela.

– Diz-me outra vez o motivo por que tu e o Rams não vão viver para essa quinta?

– Ele tem um terreno onde quer construir uma casa. Mas eu já te expliquei isso tudo. E também te disse que penso que vais *gostar* dessa quinta antiga. Podes andar por onde quiseses, e consertar o que precisa de conserto ocupará o teu tempo depois de te aposentares.

– Muito bem – disse Mike, numa voz que voltara a ter uma entoação trocista –, mas vamos lá a saber: qual é o teu plano para mim com relação a essa quinta? Estás à espera que eu semeie milho? Ou será que as pessoas por aqui plantam algodão?

– Isso seria melhor do que a detestável profissão que tens agora. Mas, quando fores à quinta, não te esqueças do velhote que é o caseiro. Ele costuma saudar as visitas a tiros de caçadeira, por isso, é melhor telefonares antes de apareceres.

– Não estás a falar do velho... Como é que ele se chama?

– Brewster Lang.

– É isso mesmo – retrucou Mike. – Como pude esquecer esse nome? O único amigo verdadeiro que a avó tinha entre toda a população de Edilean. Não achas que ele é tão mesquinho como ela era, pois não?

– Penso que ele talvez lhe tenha ensinado tudo o que ela sabia.

Mike soltou um assobio em tom baixo.

– Ele não podia ser assim tão mau.

– Diz-me quando tencionares ir à quinta sem avisares antecipadamente, para eu poder alertar o hospital, dizendo-lhes que devem contar com um homem com o corpo cheio de chumbo grosso.

– Já percebi. Mas o homem deve ter quase cem anos. Ele ainda está capaz de sair da quinta?

– Não estamos a falar de Nova Iorque, onde tudo é entregue à porta, logo, calculo que tenha de comprar comida. – Tess fez uma pausa. – O Rams está a chegar. Tenho de desligar.

– Esqueci-me de te perguntar – acrescentou Mike, rindo-se: – Como é que a lua-de-mel está a correr?

Tess baixou a voz, falando num sussurro.

– Tenho quase a certeza de que estou grávida, mas ainda não disse nada ao Rams. Compra um pónei para o meu filho e mantém-no na tua quinta. Adoro-te. Adeus. – Tess desligou.

Quando Mike desligou o telemóvel, ficou surpreendido consigo próprio por se sentir tão bem com a novidade que a irmã lhe dera. Um bebé? Uma criança gorda e peganhenta com sumo de fruta, uma fralda ensopada e uma covinha na bochecha? Ele quase conseguia ver o miúdo.

– E eu a viver numa quinta – disse Mike em voz alta. – Um miúdo, um pónei e uma quinta. O melhor que tenho a fazer é dar um tiro nos miolos neste preciso momento.

Foi para dentro, jantou sozinho e guardou no frigorífico o que sobejou da refeição. Saiu para correr e quando voltou viu que a porta do quarto de Sara continuava fechada, mas havia uma luz acesa. Depois do duche, enfiou uma mensagem por baixo da porta dela, em que lhe dizia que ia para a cama e que se servisse da comida que sobrara, por favor.

Quando já estava deitado, pôs-se à escuta, mas não ouviu qualquer som da presença dela. Sentia-se mal consigo próprio por todas as perguntas que lhe fizera a terem encolerizado ao ponto de não jantar.

Depois da corrida, parara junto do seu carro para trazer algumas das pastas que o capitão lhe entregara; ficou a lê-las até à meia-noite. Se bem que já tivesse lido as pastas referentes aos crimes, ainda não dispusera de tempo para ler os relatórios pormenorizados.

Nunca estivera envolvido no trabalho da Unidade de Crimes Económicos, pelo que ao inteirar-se do modo como os Vandro actuavam sentiu-se fascinado. Stefan era bastante vulgar – seduzir e apoderar-se –, mas Mitzi era bem mais interessante. O que ela fazia exigia manha e uma total indiferença pela qualidade da vida humana.

Até alguns anos antes, Mitzi vivera na região norte de Nova Jérсия e ia todos os dias para Nova Iorque, onde punha em prática as vigarices com que enganava mulheres ricas. Atraía-as à sua teia através de um escritório exíguo no centro de Manhattan com a palavra MÉDIUM escrita no vidro da janela. Mulheres traumatizadas e em sofrimento, cujas vidas estavam num caos, acorriam a ela em grande número, na esperança de que lhes dissesse o que fazer para resolverem os seus problemas. Mitzi aceitava as que se sentiam tão desesperadas por alívio que estavam dispostas a gastar tudo o que tinham para saírem do turbilhão em que as suas vidas se

havam transformado.

O código de Mitzi, refinado ao longo de várias gerações, era composto por três partes: confiança, fé n'O Trabalho e controlo. Começava por passar vários meses a conseguir que as mulheres confiassem nela. Era perita em linguagem corporal e tinha a faculdade de dizer o que qualquer pessoa desejava minutos depois de a conhecer. E ouvia as pessoas de uma maneira como nunca haviam sido ouvidas. Mitzi ouvia o que as suas vítimas diziam, registando tudo na sua memória. Ela compreendia; ela defendia a causa dessas mulheres, tomava sempre o seu partido. Mitzi era a melhor amiga que alguém podia desejar.

Depois de conseguir que as suas vítimas confiassem nela, Mitzi começava por fazer com que acreditassem n'O Trabalho, convencendo-as de que ela, Mitzi, era tão-somente um meio usado pelos espíritos/anjos/Deus, o que quer que fosse apelativo para a vítima. Acreditar que ela agia por um Poder Mais Alto fazia com que as pessoas sentissem que tinham, por fim, encontrado o seu objectivo na vida.

Depois de a vítima confiar nela, Mitzi começava a trabalhar de modo a conseguir controlar e completar o isolamento que era necessário para que a vigarice fosse coroada de êxito. Encontrar-se-ia com a vítima, mostrando uma aparência macilenta e olhos congestionados, dizendo-lhe que tinha ficado a pé toda a noite com O Trabalho e que tinha visto coisas horríveis. Nesta altura já Mitzi sabia quais eram os medos mais arraigados da mulher em questão, o que lhe permitia usá-los contra ela. Se essa mulher temesse o ex-marido, então, Mitzi dir-lhe-ia que ele andava a maquirar com amigos contra ela. Consequentemente, era melhor afastar-se dele.

O que Mitzi proporcionava realmente às suas vítimas era esperança. Prometia amor, filhos, fortuna – o que quer que elas almejassem – e as mulheres, assustadas, agarravam-se a isso como náufragos a uma jangada. A esperança passava a ser tudo para essas mulheres, viviam para isso, respiravam isso. Mitzi fazia com que acreditassem que *ela* era a única que podia proporcionar-lhes o que desejavam – caso lhe dessem dinheiro para poder criar a energia com que concretizaria a sua tarefa. Mas podiam pagar sem estar com preocupações porque Mitzi lhes jurava que, quando O Trabalho estivesse concluído, o dinheiro ser-lhes-ia devolvido até ao último cêntimo.

Tal como acontece em todas as relações abusivas, chegava o momento em que tudo o que parecia bom acabava. Deixava de se dar ouvidos, o sentimento de profunda amizade, na qual ambas as partes se dedicavam a um objectivo, acabava. A vítima sentia-se tão desesperada para que esses tempos voltassem que pagava cada vez mais. Nessa altura não tinha outros amigos além de Mitzi, por isso, esforçava-se ao máximo por lhe agradar.

No entanto, um dia o dinheiro da vítima acabava-se, e era então que Mitzi imediata e abruptamente punha termo à relação. De súbito, o telefone era desligado e o escritório ficava deserto. Se a vítima, mergulhada num grande frenesim, conseguisse contactar Mitzi – por vezes, ao cabo de vários meses de tentativas –, os seus desesperados pedidos de ajuda esbarrariam com a frieza de Mitzi. A chorar e devastada, a vítima pedia a devolução do seu dinheiro, de acordo com o que lhe havia sido prometido. Era nessa altura que ela lhe diria que todos os cêntimos tinham «desaparecido», usados pel'O Trabalho. Sem o mínimo resquício de compaixão, Mitzi desligava o telefone.

A vítima ficaria abandonada. Regra geral, estava praticamente falida e, sob o domínio de Mitzi, cortara relações com toda a gente. Não tinha ninguém a quem recorrer para lhe dar apoio

moral enquanto tentava recuperar do abalo que sofrera, e, de uma maneira geral, a mulher sentia-se demasiado envergonhada para recorrer à Polícia para lhe dizer como – na opinião dela – tinha sido estúpida.

Caso a mulher tivesse coragem suficiente para ir à Polícia, geralmente, era ignorada. Na perspectiva das autoridades, ela entregara o dinheiro de sua livre vontade, portanto, não existia crime nenhum. Todavia, a Polícia de Fort Lauderdale dera ouvidos a uma vítima e, depois de terem congelado algumas das muitas contas bancárias de Mitzi, ficaram chocados perante a magnitude do que viam. Mitzi Vandlo espoliara muitas mulheres, apoderando-se de milhões de dólares.

Sempre que um crime envolve muito dinheiro, as autoridades federais entram em acção, e tudo muda. Não tardou que se descobrisse que Mitzi era apenas uma pequena parte daquilo que parecia ser uma das maiores engrenagens do crime organizado em todo o mundo – e ninguém sabia nada sobre essa organização criminosa.

Felizmente, as investigações prosseguiram, apoiadas por uma decisão recente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos que determinava que a credulidade de uma pessoa não eliminava o facto de um crime ter sido cometido. As pessoas que faziam o que Mitzi fizera eram tão culpadas como os assaltantes de bancos.

A lei criminal de cada estado e a lei federal funcionavam de maneiras opostas. Os criminosos que eram detidos pelas autoridades estaduais eram encarcerados, e depois é que se reuniam provas. No entanto, as autoridades federais levavam anos a reunir informações antes de procederem a qualquer detenção. Infelizmente, na primeira vez, quando já estavam preparados para indiciar Mitzi e vinte e oito membros da sua família, ela fora informada do que estava prestes a acontecer. Mitzi e o filho desapareceram e ninguém conseguira encontrá-los.

Enquanto Mike organizava os papéis, concordou com o capitão, acreditando que a única razão por que Stefan e a mãe teriam ido para uma localidade tão insignificante como Edilean, na Virgínia, só podia ser algo de grande dimensão. E, ao que tudo indicava, durante o período em que Mitzi estivera desaparecida engendrara outra maneira de extorquir dinheiro aos incautos, e, desta feita, a tramóia envolvia Miss Sara Shaw.

Mike guardou os papéis na gaveta da mesa-de-cabeceira, tomando um apontamento mental para os tirar na manhã seguinte. Não podia arriscar-se a que Sara os encontrasse quando andasse a bisbilhotar no seu quarto.

Quando já fechava a gaveta, não conseguiu impedir-se de pensar na ironia do final do dia. Naquela tarde, enquanto passava umas duas horas num *outlet* em Williamsburg a comprar roupa, imaginara um serão caseiro com Sara. Comeriam uma bela refeição e beberiam a garrafa de vinho que ele ainda não abrira. Imaginava que depois do jantar iriam buscar as suas roupas novas ao automóvel, e ele e Sara examiná-las-iam. Uma vez que o seu campo de actividade era o vestuário, pedir-lhe-ia que o aconselhasse como combinar as diversas peças. E todos os cenários que visualizava acabavam com Sara a dizer-lhe o que os Vandlo pretendiam. Mas, por qualquer razão, tudo fora por água abaixo.

Quando apagou a luz, Mike pensou em *strippers*. A partir dali iria relacionar-se profissionalmente *somente* com mulheres que fizessem *striptease*. Nada de boas raparigas, cujo comportamento não fazia o mínimo sentido.

NA MANHÃ SEGUINTE, Sara acordou com o que sabia ser uma grande ressaca. Duas margaritas não seriam suficientes para que a maior parte das pessoas se embebedasse, mas Sara nunca conseguira aguentar muito álcool.

Enquanto refrescava o rosto com água fria, começou a recordar-se do que dissera a Mike na noite anterior. A sua desculpa era o facto de ele lhe ter feito demasiadas perguntas a respeito de Greg, demasiadas insinuações, o que, acrescido a tudo o que se estava a passar, fora mais do que ela conseguira aguentar.

Teria, é claro, de lhe pedir desculpa. Na noite anterior, parecera-lhe evidente que... bem, era quase como se as pessoas estivessem de conluio contra ela –, mas isso não podia ser verdade. Não obstante, a ideia permaneceu no seu pensamento e começou a desenvolver-se.

Com o decorrer do dia e a trabalhar ininterruptamente no monte de costura, Sara disse a si própria que não era possível que Tess tivesse maquinado com toda a gente da vila com o objectivo de a afastar de Greg.

Na altura, a televisão transmitia um filme antigo, um policial, e enquanto costurava e ouvia os diálogos parecia-lhe que via uma conspiração em todos os segundos dos últimos dias. Greg tivera de se ausentar abruptamente; Luke apoderara-se do seu apartamento; Sara fora forçada a instalar-se em casa de Tess, onde havia a portinhola do alçapão. O misterioso irmão de Tess surgira «por acaso» – e agora estava a viver no pequeno apartamento com ela.

As treze horas, Sara foi à cozinha para almoçar e viu que o frigorífico estava cheio de comida que Mike havia cozinhado. O que teria ele planeado para a noite anterior com aquele jantar delicioso? Lembrava-se vagamente de o ter acusado de a tentar seduzir.

Talvez ela tivesse andado a ver um número exagerado de filmes a preto e branco, mas teve uma imagem de si própria embriagada e a acabar na cama com Mike. Pouco depois, dois homens munidos de máquinas fotográficas com enormes flashes irrompiam pelo quarto tirando fotografias.

Entregariam a Greg essas fotografias chocantes? Por uns momentos excruciantes, Sara imaginou a raiva de Greg se visse as fotografias que a mostrariam na cama com outro homem que não ele. Ele tinha ficado furioso só porque ela se rira ao ouvir uma piada de um vendedor. «Fico fora de mim porque te amo tanto», dissera Greg em várias ocasiões.

Foi buscar um prato ao armário da cozinha de Tess, encheu-o com comida que Mike cozinhou, colocou papel de cozinha por cima e meteu-o no microondas. Encheu um copo alto com chá gelado e sentou-se para um festim.

*

Quando Mike saiu do registo de propriedades com a volumosa pasta na mão, depois de ter assinado a escritura da quinta, continuava a abanar a cabeça ao pensar em Sara. Ainda não conseguira descobrir o que tinha feito para que ela ficasse tão irritada. Claro que a sua chegada através do soalho do quarto fora algo um pouco inusitado, mas continuava a não ver outra maneira de se aproximar dela tão depressa. Se tivesse batido à porta, apresentando-se, ela mostrar-se-ia cortês, mas ele seria enviado para um hotel e não voltaria a vê-la.

Verdade fosse dita, pensava que o modo como as pessoas da vila se haviam aliado contra o homem com quem ela queria casar-se era de mais. Ao passo que ele sabia, sem margem para dúvida, que Stefan era um criminoso, eles *não sabiam*. Onde estava todo aquele «apoio» de que as mulheres não se cansavam de falar? A televisão das dezasseis às dezoito horas era o que Mike classificava de as «Horas de Apoio». Uma ocasião em que Tess se encontrava em casa dele – estava a convalescer de um ferimento de bala (o quarto de que fora alvo) – e ele se sentia extremamente aborrecido por ter de se manter quieto, e farto das dores, descarregara a frustração no televisor. Atirara uma almofada ao aparelho e dissera:

– Se ouvir outra vez a palavra *apoio*, mando aquela coisa pela janela fora. Por muito estúpida que uma pessoa possa ser, por muito má que seja uma decisão, vocês mulheres só se importam com «apoiar-se» umas às outras.

– Portanto, agora sou uma de «vocês mulheres»? – perguntou Tess calmamente, sem sequer desviar o olhar da revista que lia. – Posso garantir-te que nunca, em toda a minha vida, apoiei uma mulher quando *ela* tomou uma decisão tão estúpida que *foi* ferida a tiro.

Num instante, o mau humor de Mike desapareceu e, com esforço, conseguiu levantar-se do sofá para cozinhar uma refeição bastante razoável para a irmã. Dois dias depois, ela foi para casa, regressando a Edilean.

Ao volante do carro a afastar-se de Williamsburg, Mike perguntava-se se devia dar-se ao trabalho de cozinhar. Fazia tudo e mais alguma coisa para impressionar Sara, mas, apesar de todos os seus esforços, ela ficava ainda mais furiosa. Nunca tivera qualquer problema com mulheres. De facto, um dos seus grandes problemas na vida era as mulheres gostarem demasiado dele. Namoriscavam com ele e seduziam-no. A verdade é que nunca tivera de se esforçar para seduzir uma mulher que desejasse.

Mas esse não era o caso com Miss Sara Shaw. Ela tinha antipatizado com ele desde o momento em que o vira pela primeira vez, e a animosidade que sentia aumentara rapidamente desde então. Mas, por outro lado, e tal como dissera ao capitão, mulheres como Sara eram um mistério absoluto para ele.

Quando voltou para Edilean Manor, quase esperava que a porta de casa estivesse trancada, mas encontrava-se só no trinco. O detective que havia nele surgiu à superfície. Talvez decidisse dar aulas sobre segurança doméstica em Edilean, informando as pessoas acerca da importância de manterem as portas trancadas. Viu Luke em casa de Sara; carregava o que parecia um lava-louças para a cozinha e, uma vez mais, Mike teve pena dela. Toda a vila estava contra Sara, e pensou que se estivesse no lugar dela seria capaz de se casar com alguém só para os despeitar.

Já no interior do apartamento de Tess, olhou para dentro do quarto em que Sara dormia, ao fundo do corredor, mas não a viu. Pousou a pasta com os documentos que trouxera do registo de propriedades em cima da mesa, pensando que, mais tarde, talvez falasse com ela acerca do que as pessoas da vila lhe andavam a fazer. Talvez isso desanuviasse o ambiente entre os dois. Ou então podia falar com ela sobre ter-se tornado proprietário de uma quinta. Talvez isso o ajudasse a aliviar a tensão causada por ter assumido uma responsabilidade tão pesada.

Quando olhou pela janela, viu que Sara estava lá fora, sentada por baixo de uma árvore de grande porte, com o telemóvel na mão e a eterna costura sobre a mesa ao seu lado. Naquela manhã, o capitão transmitira-lhe algumas informações através de Tess. Tal como haviam esperado que acontecesse, o mau feito de Stefan entrara em erupção quando fora falar com a

Polícia sobre a detenção da mulher. Decorridos poucos minutos, já estava algemado e encarcerado. O capitão contara a Tess, cheio de satisfação, as acusações e ameaças que Vandlo gritara aos agentes policiais quando o prenderam. E Stefan dissera repetidamente que « tinha de voltar », o que foi entendido como querendo dizer que tinha de voltar para junto de Sara, retomando a vigarice que lhe aprontara.

Quando foi detido, confiscaram-lhe o telemóvel, o que lhes permitiu ver todos os *e-mails* e mensagens de texto que Sara enviara a Stefan Vandlo desde que ele havia deixado Edilean de forma tão abrupta.

As mensagens de Sara eram um misto de cólera e súplica. Ela pedia-lhe repetidamente que lhe dissesse onde estava e quando regressaria. A única alusão a Mike foi dizer-lhe que tinha alguns « problemas » em casa e que precisava da ajuda de Greg para os resolver.

Disseram a Mike que Vandlo nunca lhe respondera, até mesmo depois de lhe terem devolvido o telemóvel.

Após fazer chá gelado, Mike levou-o a Sara, que continuava sentada no jardim. Estava preparado para mais mau humor, mas quando ela lhe sorriu sentiu um grande alívio.

– Sobre a noite passada... – começou ela a dizer, mas ele interrompeu-a.

– Não foi minha intenção perturbá-la, e tem razão quando diz que faço demasiadas perguntas. Outro dos inconvenientes da minha profissão. Alguém lhe disse que hoje fiz boas acções?

– Nem uma única pessoa – respondeu Sara, sorrindo e bebendo o chá. – Guardou a capa de cruzado em bolas de naftalina?

– Não é da capa que me quero livrar. A sua mãe disse-lhe que encomendou duas *saías* para mim? – Quando Sara se riu, Mike gostou do som e quis ouvir mais risadas. – Não, estou a falar a sério. Falei com o Luke e perguntei-lhe qual era o melhor sítio na vila para comprar alimentos orgânicos e ele...

– Dirigi-o para a minha mãe. Eu sei. Ela disse-me.

– Pensei que ela não haveria de querer clientes àquela hora da manhã, mas lá estava ela, a descarregar caixas cheias de couve-flor.

– O meu pai costuma dizer que a melhor parte do dia são as duas horas depois de a minha mãe sair de casa e antes de se levantar. – Sara olhou para Mike com uma expressão inquiridora. – E então, o que lhe disse ela para que concordasse em participar nos jogos?

– Está a dizer que eu tinha alternativa? Tanto quanto me foi dado compreender, ela havia decidido por mim antes mesmo de eu chegar. A Tess sempre me disse que as novidades se espalham velozmente pela vila, mas fiquei chocado por ela já saber tanta coisa.

Sara fez um acenar de cabeça.

– Você disse à Tess, que, por seu turno, disse ao Rams, que telefonou ao Luke, que contou à Joce, e ela ligou para a minha mãe.

– Se ao menos o nosso Governo funcionasse com tanta eficiência – retorquiu Mike, rindo-se.

– O Governo não é tão bisbilhoteiro como as pessoas desta vila. E quanto aos *kilts*?

– A sua mãe... – Mike fixou o olhar no seu copo.

– Não está a corar, pois não? – perguntou Sara, inclinando-se para ele. Tinha-se barbeado e sem as patilhas escuras parecia-se menos com um pirata. – Receio perguntar o que fez ela.

– Despiu-me o casaco, puxou-me a camisa para cima e pôs os braços em torno de mim.

– Presumo que ela tivesse uma fita métrica nas mãos.

Mike acenou que sim.

– Para o caso de não saber, pô-lo a participar na feira é a maneira de ela fazer com que você passe a ser parte de Edilean. Ela dispusera de algumas horas para pensar depois de saber que havia outro homem perto de mim, e só precisou disso para concluir que você era melhor para mim do que o homem com quem vou casar-me.

– Quanto a isso... – começou Mike a dizer, mas Sara cortou-lhe a palavra.

– Não faz mal. Sei o que eles pensam, visto que a maior parte mo disse. Até parece que o Greg se esforça por antagonizar as pessoas desta vila.

– E por que motivo haveria ele de fazer isso? – perguntou Mike, bebendo uma boa quantidade do seu chá.

– Não sei. Há ocasiões em que penso que o que o Greg quer realmente é que nos mudemos para uma ilha remota e passemos a viver aí sozinhos.

Mike não fez comentários. A primeira regra para se dominar outrem é isolando-a. Ao que parecia, Vandro já começara a pôr na bonita cabeça de Sara que estariam melhor longe das pessoas que a conheciam. Presumia que Sara tinha razão e que Stefan andava a fazer, deliberadamente, com que as pessoas de Edilean antipatizassem consigo. Depois de ele e Sara se casarem, calculou Mike, Vandro intensificaria essa animosidade até conseguir que Sara decidisse deixar a vila. Quando estivessem a viver entre estranhos, Sara seria vítima de um acidente fatal, e, como seu marido, Stefan herdaria tudo o que ela possuísse. Mas não queria que Sara se apercebesse da expressão de seriedade na sua cara.

– E então, o que é o jantar?

Ela não hesitou, mostrando-lhe a pilha de roupa.

– Vejamos... Temos algodão como entrada, lã como prato principal e seda para a sobremesa.

– Parece perfeito. Importa-se que eu junte à ementa umas quantas vieiras e espargos para acompanhar?

– Acho que é a melhor ideia que ouvi em todo o dia. Mas só com uma condição.

– Que é...?

– Mais *tequila*.

Sorrindo, Mike levantou-se, pegou na costura dela e começaram a dirigir-se para casa.

– Talvez amanhã me mostre a sua loja. A propósito, quem está a geri-la neste momento?

Sara soltou um sonoro suspiro.

– O Greg contratou uma mulher de D.C. Ela tem um curso em... – Acenou com a mão. – Não sei. Só veste fatos e é tão eficiente neste negócio que me deixa assustada. Quando a Tess voltar, estou a pensar em aticá-la para atacar a mulher.

– Está a referir-se à *minha* irmãzinha? A minha pequena Tess, de temperamento tão doce e gentil?

– A própria. Alguma vez ouviu a história do vestido vermelho?

– A Tess contou-me, mas apenas do seu ponto de vista.

Tess dissera-lhe que Ramsey, que na altura era o seu chefe, a tinha chamado ao seu gabinete para proceder a uma avaliação do seu desempenho. Não tinha nada a apontar ao trabalho de Tess, mas disse-lhe que ela devia deixar de usar as calças de ganga coladas ao corpo. «Ao fim e ao cabo, este é um local de trabalho», dissera ele pomposamente. Mike podia ter-lhe dito que ordenar a Tess que não fizesse determinada coisa era garantia de que ela o faria. No dia seguinte,

ela apareceu no escritório com um vestido de seda vermelho tão reduzido que podia ter sido usado como lenço de assoar. Uma vez que, nesse dia, Ramsey estava acompanhado de algumas pessoas que queria impressionar, foi adequadamente castigado. Rams nunca mais se queixou do que quer que Tess fizesse.

– Os homens que trabalhavam no escritório também foram chamados à pedra? – perguntou Mike.

– Ah! O meu primo Ken queria instituir o Dia do Vestido Vermelho em Edilean, mas a mulher vetou a iniciativa.

Estavam na soleira da porta, que Mike manteve aberta para ela entrar. Tal como haviam feito no dia anterior, ela sentou-se à mesa enquanto ele andava atarefado pela cozinha; Sara olhou para o telefone de linha fixa. A luz vermelha não estava ligada.

Durante todo o dia, sempre que o telemóvel tocava, o coração de Sara dava um salto. Talvez fosse Greg a telefonar-lhe por fim. Mas nunca era ele. Ou era alguém da vila a perguntar-lhe uma idiotice qualquer, como se ela iria à igreja no domingo seguinte, ou se tencionava ir à feira – ou o que quer que a pessoa usasse como pretexto para saber se Greg lhe tinha telefonado. Por vezes faziam-lhe perguntas sobre o casamento. A pessoa encarregada de todos os preparativos para a cerimónia – com quem Sara só se encontrara uma vez – telefonou para dizer que estava a ter dificuldade em encontrar cravos do exacto tom de amarelo que ela, Sara, pretendia. Como que alheada, Sara disse-lhe que o que quer que ela encontrasse estaria óptimo. Se dependesse dela, teria encomendado plantas verdes fragrantes e em flor, assim como rosas grandes com as pétalas abertas, e pediria às empregadas da mãe que decorassem a igreja. Sara crescera rodeada da maior parte dessas pessoas, pelo que sabia que adorariam fazer grinaldas e festões de flores. Mas quando tinha sugerido isso mesmo a Greg, ele retorquira que a mãe dela o detestava tanto que o mais certo seria encher a igreja com sumagre venenoso.

Nessa mesma tarde, quando Mike se aproximou de Sara com um copo de chá gelado, ela estava à beira das lágrimas. Greg não lhe tinha telefonado e nem sequer acusara a recepção das mensagens de texto e *e-mails* que ela lhe enviara. Estaria tudo acabado entre os dois, e ele não lhe dissera nada a esse respeito? Nunca se sentira tão solitária em toda a sua vida.

Mas o sorriso de Mike e a covinha subsequente atenuaram a tristeza que ela sentia. Ele também se sentia sozinho por não conhecer ninguém na vila – e nem sequer tinha uma casa a que tornar. Sempre que Sara pensara em Mike durante o longo dia, prometera a si própria que seria mais simpática com ele, e, ainda que Tess e toda a gente da vila conspirassem para que ela conhecesse Mike, não acreditava que ele estivesse a par do conluio.

Na noite anterior, ele parecera-lhe genuinamente intrigado com as acusações que ela lhe atirara à cara. De facto, ela pensou que naquele dia lhe diria a verdade sobre o que se passava. Até pensou em partilhar com ele os seus receios com relação a Greg. Magoava-a não ter ninguém a quem pudesse fazer confidências. Se dissesse a alguém de Edilean que andava preocupada por temer que ele estava prestes a abandoná-la, provavelmente comemorariam no largo principal da vila. Mas Mike era um forasteiro; portanto, talvez pudessem ser amigos.

– Que cara é essa? – perguntou Mike.

– Só pensava, mais nada. Estou desejosa de outro festim.

– Parece-me que está de muito bom humor. Aconteceu alguma coisa de especial?

– Se quer saber se o Greg me telefonou, a resposta é não. Mas não faz mal. Tenho a certeza de

que terá uma boa razão para isso.

Mike foi forçado a desviar-se para se impedir de dizer: « Sim, barras de ferro.» Voltou a olhar para ela.

– Esqueci-me de lhe perguntar se gosta de vieiras.

– Adoro. – Sara observava-o a andar pela cozinha. Como na véspera, estava elegantemente vestido. Trazia umas calças escuras de fazenda leve e uma camisa de algodão azul impecavelmente engomada, com as mangas arregaçadas até aos cotovelos. Tinha os sapatos engraxados, e Sara sabia, com base na sua experiência do comércio retalhista, que custara várias centenas de dólares. – Veste-se sempre assim tão bem?

– Às vezes, a única coisa verdadeira na vida de uma pessoa é o seu corpo, por isso, faço o que posso por ele.

Desde a chegada de Mike, ela tinha andado demasiado agitada para prestar grande atenção ao seu aspecto físico, mas naquele momento pensou em como o descreveria a Tess. Ao olhar para ele com olhos de ver, reconhecia que não era nada de deitar fora, ao contrário do que pensara inicialmente. Na realidade, não se podia dizer que Mike fosse baixo. Tinha uma estatura média. E o seu olhar de costureira calculou que teria uma cintura que não ultrapassaria os setenta e seis centímetros. Algumas das suas clientes dariam tudo para terem uma cintura tão delgada como a dele.

– Está a olhar para mim com muita atenção – disse ele enquanto tirava algumas embalagens do frigorífico.

– Continuo a não ver parecenças nenhuma entre si e a Tess.

– Veria as semelhanças se estivéssemos lado a lado. Gosta de espargos?

– Só se não estiverem a nadar naquele molho cor-de-rosa horroroso.

– Uma rapariga à minha maneira.

Quando Mike sorria daquele jeito quase parecia um homem bonito.

Desviando o olhar, Sara reparou na pasta volumosa em cima da mesa, em cuja capa se via o nome de uma imobiliária.

– O que é isto? Fechou algum negócio hoje?

– Sim e foi um presente da minha irmã – respondeu Mike, lavando as vieiras.

– Ela ofereceu-lhe um terreno ou uma casa? – perguntou Sara, num tom de voz de perplexidade.

– Calculo que ambos. É uma propriedade que se encontra na posse da família McDowell há muitos anos e que agora é minha, desde que eu ou os meus descendentes *vivamos* lá. Caso eu tente arrendá-la, tornará à posse do meu novo cunhado.

– Isso parece mesmo coisa do Rams. E que propriedade é essa? A família dele possui umas doze casas.

– Tem um nome esquisito – replicou Mike, mexendo o molho da salada, apesar de estar familiarizado com o nome desde que se conhecia como gente, mas não queria dizer-lhe isso. Já revelara coisas de mais a seu respeito. – Um nome que parece tirado de uma das aventuras de Harry Potter.

Sara estava a abrir a pasta.

– Talvez seja Castle Heights, mas eu nem sabia que os McDowell tinham qualquer propriedade por essas bandas. – Tirou a escritura de dentro da pasta e começou a lê-la. A dado passo,

sussurrou: – A Quinta Merlin.

– É isso mesmo – confirmou Mike, pondo as vieiras numa frigideira quente. – Merlin, Potter. Eu sabia que era qualquer coisa relacionada com feitiçaria. – Baixou-se para ver a intensidade da chama e reduziu-a. Quando se endireitou, Sara encontrava-se ao seu lado... e o seu rosto estava vermelho de cólera.

– Grande sacana! – vociferou entre dentes.

– O que foi?

– Sacana insidioso e mentiroso – continuou ela, com o tom de voz a subir. – Você *está* por dentro de tudo isto. De conluio com eles para destruir o que eu desejo na vida. Eu estava pronta a acreditar que você era inocente, mas concluo que é o pior de todos! Você...

Pela segunda vez na vida, Mike permitiu que uma mulher o esbofeteasse. Não fez a mínima tentativa de a impedir ou para se proteger, porque sabia que todas as palavras que ela proferia correspondiam à verdade. Mas como teria ela descoberto que trabalhava infiltrado?

Quando viu lágrimas nos olhos dela, fez um esforço tremendo para resistir ao impulso de a abraçar. Queria pedir-lhe desculpa, assim como a todas as mulheres que magoara ao longo da sua existência. Naquele momento, havia quatro mulheres na cadeia em consequência do seu depoimento. Todas mereciam ter ido para a prisão, mas continuava a não lhe agradar nada ter sido ele a colocá-las lá.

Com os olhos marejados de lágrimas, Sara estava incapaz de continuar a falar. Passou por Mike e, à semelhança do que fizera na noite anterior, bateu a porta do quarto com toda a força.

Durante uns momentos, Mike ficou imóvel, sentindo a face a arder e tentando descobrir o que se havia passado. Ela tinha descoberto o que ele andava a fazer, mas como? Apagou o lume do fogão e encaminhou-se para a mesa, pegou na pasta e olhou para o conteúdo. Sara só tirara o documento que se encontrava por cima. Começou a lê-lo, mas era apenas a habitual linguagem jurídica que estabelecia a latitude e longitude de uma propriedade vulgarmente conhecida por Quinta Merlin, assim como a doação feita a Michael Farlane Newland.

Quando ouviu a voz de Sara, foi por pouco que não deu um pulo, porque não a ouvira a entrar na cozinha.

– Quero que se vá embora – disse ela, numa voz muito calma.

Mike virou-se e olhou para ela. Tinha os olhos vermelhos por ter chorado e parecia tão perdida e desamparada no seu bonito vestido branco que ele só quis protegê-la – exactamente o que andava a tentar fazer. Por breves momentos, as fotografias que ele vira das mulheres que quase de certeza absoluta tinham sido assassinadas por Stefan Vandro passaram-lhe pela mente. Se Mike sáísse daquela casa, deixando de velar pela segurança dela, seria possível que não tardasse a ver a pequena e delicada Sara Shaw numa cova pouco funda.

– Quero que se vá embora imediatamente. Lamento que o seu apartamento tenha sido destruído, mas vai ter de encontrar outro lugar onde ficar. Se não conseguir quarto num hotel, estou certa de que a minha mãe não se importará de o acolher. Ou talvez seja *eu* a sair.

Havia um telefone fixo antigo na parede e, quando Sara estendeu o braço para lhe pegar, Mike viu que as mãos dela tremiam.

Se a sua missão não fosse tão importante, ele teria feito o que ela lhe pedia, saindo do apartamento. Não lhe agradava ser a causa das lágrimas de uma mulher. Mas não podia abandonar aquela casa.

Quando se aproximou dela, não foi capaz de resistir e pôs-lhe um braço à volta dos ombros. Sara não o repeliu e, quando começou a chorar, ele puxou-a para junto do peito.

– Peço desculpa – murmurou Mike. – O que quer que eu tenha feito, não foi minha intenção magoá-la. Por favor, diga-me o que fiz de mal.

Sara estava lavada em lágrimas, o corpo franzino tremia, encostado ao dele, e as lágrimas dela molhavam-lhe a camisa. Sentia a humidade e o calor dessas lágrimas na pele.

Gentilmente, levou-a para a sala de estar e sentou-a no sofá ao seu lado, pegou numa mãocheia de lenços de papel e começou a secar-lhe as faces.

Sara tirou-lhe os lenços da mão e assoou-se. Mike deu-lhe mais lenços.

– Quer falar comigo, por favor?

– A Quinta Merlin – disse ela a custo.

– O problema é esse? – perguntou ele suavemente. – Queria essa propriedade para si?

Ela soluçou e assoou-se de novo, enquanto dizia que sim com a cabeça.

– O Greg quer muito essa propriedade, ainda mais do que eu.

Foi como se o corpo de Mike tivesse sido atravessado por uma descarga eléctrica. Stefan Vandlo queria uma quinta antiga que, segundo Tess, estava muito degradada? Mike respirou fundo duas vezes para se acalmar. Sabia que tinha de ter muito cuidado com o que dizia agora para não voltar a perturbar Sara.

– O Rams recusou-se a vender a quinta ao Greg – continuou Sara, fungando.

– Isso foi porque o Ramsey prometeu essa propriedade à Tess há quase dois anos.

– Dois anos? Mas eles nem sequer namoravam nessa altura.

– Não – retorquiu Mike, lenta e cautelosamente, fazendo o possível para não a conturbar outra vez. – Mas era a Tess quem tratava de tudo no escritório do Ramsey, não é verdade?

– Sim, mas... – A voz de Sara esmoreceu, dando a impressão de não saber o que acrescentar.

No que dizia respeito a Mike, não existia secretismo nenhum relacionado com a quinta, assim, decidiu ser sincero com ela.

– Depois de a Tess já trabalhar para o Ramsey há três anos, ele perguntou-lhe o que considerava ela um bónus apropriado, e ela respondeu-lhe que queria a Quinta Merlin.

– E ele ofereceu-lha? Assim, sem mais nem menos? Ele *ofereceu-lhe* uma quinta que estava na sua família havia mais de duzentos anos?

– Não. A Tess não lhe pediu isso. Ela queria que ele fizesse uma escritura de arrendamento da quinta durante o resto da vida dela, mas apenas depois de ela ter conseguido poupar vinte por cento do valor da propriedade como entrada.

– Isso parece mesmo da Tess – retorquiu Sara, limpando as lágrimas. – E imagino que ela quisesse a quinta para si. – O azedume transparecia da voz dela.

Mike estava morto por lhe perguntar o que tinha a quinta que ver com Vandlo, mas sabia que era necessário conter-se.

– A verdade é que ela tem esperança de conseguir atrair-me para cá quando me aposentar.

– E aquilo que você mais deseja no mundo é uma quinta a cair de podre, certo? – Sara olhou-o de alto a baixo, concentrando-se no vestuário impecável. – Você, na minha opinião, não parece grande coisa como agricultor. Não lhe agradaria mais ter um andar requintado em Williamsburg?

Ao ver que Sara continuava a fitá-lo com uma expressão expectante, Mike soube que teria de

lhe contar toda a verdade, o que significava que teria de lhe revelar muito mais a seu respeito do que partilhara com alguém. Já na idade adulta, esforçara-se ao máximo por evitar dizer o que quer que fosse sobre a sua vida particular, mas a verdade é que o secretismo era algo profundamente enraizado em si. Desde que chegara àquela vila, no entanto, parecia que tudo o que havia tentado lhe saía gorado. A primeira vez em que alguém lhe mencionou a avó só lhe apeteceu ir-se embora dali.

– Não importa – disse Sara, começando a levantar-se do sofá. – Não é obrigado a dizer-me nada que não queira.

Mike agarrou-a pelo braço e ela voltou a sentar-se.

Enquanto esperava que ele respondesse à sua pergunta, ele pensava que ser alvejado era mais fácil do que confessar a verdade.

– Lembra-se de eu lhe dizer que fui buscar a Tess quando ela acabou o liceu?

– Sim.

– O que eu não acrescentei foi que a Tess era menor nessa altura... mas eu não. A nossa avó disse que ia fazer um grande escarcéu na Polícia caso a Tess não concordasse em fazer o que ela queria. Se a velha tivesse participado de mim, provavelmente eu teria sido acusado, mas como acabara de ingressar na Polícia, ela podia ter posto fim à minha carreira.

– O que queria ela que a Tess fizesse?

Mike recostou-se no sofá.

– Ela queria que a Tess... fosse de que maneira fosse... obtivesse a Quinta Merlin.

– Mas porquê? – perguntou Sara. – A sua avó queria trabalhar na agricultura?

– Longe disso – respondeu Mike, com um abanar de cabeça. – Ela mandou cimentar o nosso jardim das traseiras porque não gostava de terra.

– Sendo assim, porquê...?

Mike estava com dificuldade em manter a calma. Numa ocasião em que bebera umas quantas cervejas a mais, dissera na brincadeira que nada durante as missões em que trabalhara infiltrado o atemorizava, porque nenhuma das pessoas com que se confrontava era tão traiçoeira como a mulher que o criara. Os homens na companhia de quem estivera a beber queriam saber mais, mas Mike não acrescentou mais nada – e deixara de beber.

– É-lhe difícil falar sobre o assunto? – perguntou Sara, pousando a mão no braço dele.

– Nem por isso – replicou ele com bravata. – A velha odiava Edilean e todos os que viviam na vila, mas costumava dizer que a única boa recordação que tinha dela eram as tardes que havia passado na Quinta Merlin com um rapaz de nome Lang.

– Não é o Brewster Lang, pois não? – perguntou Sara, de olhos arregalados.

– Ouvi dizer que ele é o homem mais excêntrico de Edilean – retorquiu Mike, com uma careta risonha.

– Digamos que de todo o estado da Virgínia. Mas esqueça-o; e quanto à quinta?

– A minha avó costumava falar disso. Estou em crer que, com o decorrer dos anos, a quinta passou a ser uma espécie de Valhala, um paraíso, para ela, um lugar onde só o bem tinha lugar. Acredito que a intenção dela era morrer lá.

– Para ela, era o « sítio feliz ».

– Mas não para nós, quando éramos miúdos! – retrucou Mike com veemência. – Seja como for, ela ameaçou que participaria de mim por ter raptado uma menor, a menos que Tess lhe

jurasse que depois de tirar o curso universitário regressaria a Edilean e faria tudo o que fosse possível para vir a ser proprietária da Quinta Merlin. Na altura, tentei convencer a Tess a recusar, mas... – Mike interrompeu-se com um encolher de ombros. – Você conhece a Tess.

Não embelezou a história dizendo-lhe como Tess se mantivera em contacto com a velha durante o resto da vida desta. Tão-pouco lhe disse que depois da morte do avô, em termos financeiros, tinha sido muito complicado para ambos manterem a avó num lar. Ela exigira um lar que era conhecido pelas suas luxuosas instalações e funcionários dedicados.

Sara ficou a olhar fixamente para ele durante alguns momentos.

– Toda a gente se perguntava o que teria levado Tess a trabalhar aqui como secretária do Ramsey. Sabíamos que ela tinha um MBA, mas veio para esta pequena localidade para que o seu empregador lhe ditasse cartas.

– Ela jurou à nossa avó que faria tudo o que estivesse ao seu alcance, e a velha ainda estava viva quando ela concluiu o curso universitário, por isso, achou que era obrigada a cumprir a promessa. – Mike sorriu.

– O que foi?

– Só estava a recordar-me de uma das discussões que a Tess e eu tivemos quando ela ainda andava a estudar. Eu não queria que ela voltasse para Edilean, mas não me dava ouvidos. Sabe o que me disse?

– Diga-me – replicou Sara, extremamente interessada.

– Disse-me que a Quinta Merlin haveria de lhe pertencer, custasse o que custasse. Eu perguntei-lhe: «E como tencionas fazer isso?», Tess respondeu-me: «Tenciono arranjar emprego no escritório de advogados McDowell e, se a isso for obrigada, casarei com quem é dono da porra da quinta!»

Sara olhou para Mike sem ocultar a perplexidade que sentia.

– E foi precisamente isso que aconteceu. A Tess veio para Edilean e começou a trabalhar para o meu primo com o objectivo de conseguir que ele lhe desse uma antiga quinta.

– Começou dessa maneira – disse Mike, que receava ter feito com que ela pensasse que Tess levara Ramsey a casar-se consigo sob falsos pretextos de amor.

– Eu sei – disse Sara, com olhos que se haviam suavizado. – A Tess apaixonou-se pelo Rams e depois esperou vários anos até ele perceber que também estava apaixonado por ela.

– Sim, ela apaixonou-se. – O tom de voz de Mike era de alívio.

Ainda bem que a avó já tinha falecido nessa altura, porque senão era muito capaz de ter aparecido de metralhadora em punho. A sua neta a casar-se com um McDowell! Isso seria a pior coisa que podia ter imaginado.

– Portanto, agora, na maneira de pensar antiga de Rams, você passou a fazer parte da família, logo, a quinta podia ser-lhe oferecida.

– Com um grande número de limitações – acrescentou Mike, pensando que, finalmente, podia voltar a abordar o assunto que lhe interessava: Stefan Vando. Levando tudo em consideração, pensou, era mais fácil lidar com criminosos do que com as pessoas «boas». Se quisesse que um vigarista lhe desse informações, Mike só tinha de lhe dar dinheiro. Para obter informações da doce e delicada Sara, era obrigado a pôr a sua alma a nu. Sem dúvida, os criminosos eram muito mais fáceis. – Sara... – começou a dizer cautelosamente –, você mencionou que o seu noivo queria a quinta.

Ela olhou-o com uma expressão apologetica.

– Não sei o que tem você, mas traz à superfície a cólera dentro de mim. Sei que é difícil acreditar, mas é raro eu mostrar aos outros quando estou irritada. Pode perguntar ao Greg, e ele dir-lhe-á que nem sequer tenho mau gênio.

Mike teve de refrear o impulso de lhe beijar a mão num gesto de gratidão, porque sabia que Vando gostava de espancar as mulheres que o contrariavam. Mas deixou-se ficar quieto.

– Chegou a sua vez de se confessar. Porque quer ele essa quinta em tão mau estado?

– Não tenho a certeza – respondeu Sara, mas desviou o olhar para o lado, o que fez com que Mike pensasse que ela não lhe estava a dizer a verdade, ou, no mínimo, não lhe dizia toda a verdade. – O Greg falou numa data de coisas, desde remodelá-la e abri-la ao público até criar as nossas próprias lojas de produtos orgânicos. Seja o que for que o Greg planeie fazer com a quinta, sei que a deseja muito.

Mike engoliu em seco, esforçando-se por não mostrar o quanto se sentia empolgado. Aquilo era um verdadeiro progresso no caso!

– Mas o Rams recusou-se a vender-lhe essa propriedade?

– Exactamente.

– Você faz parte da família do Ramsey e não tardará a casar-se com o Greg; portanto, isso não é a mesma situação com relação à Tess e a mim?

Sara cerrou os lábios.

– Era assim que eu via a situação, mas o Rams disse que não. Foi a maior discussão que tivemos. De facto, a maior discussão que tive com qualquer ser humano... pelo menos até que o conheci. Ele veio-me com uma grande conversa, que a quinta pertencia à sua família desde o século dezoito, que era transmitida de primogénito para primogénito. Os dois irmãos mais velhos do pai morreram novos, e foi por isso que foi parar ao pai dele, Benjamin. Nem queira saber, quando me lembro da história de fazer chorar as pedras da calçada que ele me impingiu! Até se lamuriou quando alegou que os Lang, pai e filho, tinham sido os caseiros da quinta desde... – Sara levantou as mãos ao ar. – Tanto quanto sei, desde que foi construída. E pensar que a verdadeira razão foi ele ter prometido à Tess que lhe arrendaria... e, provavelmente, porque o Rams não *gosta* do homem que eu amo. Fiquei capaz de lhe *bater*!

Mike franziu o cenho, na sua melhor imitação de compreensão.

– Mas a Sara *não* faz a mais pequena ideia quanto à razão por que o Greg quer tanto essa quinta?

A bonita cara de Sara enrubescou quando baixou o olhar, concentrando-o nas mãos.

– O Greg nunca o exprimiu por palavras, mas é possível que a queira para mim. Quando soube que eu sempre tinha gostado da quinta, disse que a compraria para mim.

– Ele foi o primeiro a mencionar essa propriedade, ou foi a Sara? – Mike sabia que parecia que estava a proceder a um interrogatório, mas era algo que não podia evitar.

– Não me lembro – respondeu Sara, que parecia não ter reparado na atitude dele. – Não. Espere. Houve uma ocasião em que me disse que ouvira alguém falar da quinta, antes de ter vindo para Edilean.

– A Tess nunca me disse nada sobre a Sara ter pedido ao Ramsey que lhe desse a quinta.

– Se eu conheço o meu primo, juraria que ele não lhe disse nada sobre isso. Faz alguma ideia do número de pessoas que pediram à família McDowell que lhes vendesse a quinta?

– Não, não faço – replicou Mike, surpreso. – Não sei nada a respeito da quinta, excepto que está a cair aos bocados. Por que motivo a queria alguém adquirir?

– A casa da quinta foi remodelada tendo como centro a cabana original, que continua lá. E a família McDowell certificou-se de que todas as outras construções só tinham os melhoramentos suficientes para não se desmoronarem.

Mike tinha noção de que o seu semblante não apresentava qualquer expressão porque não fazia a mínima ideia do que ela falava. Nada daquilo fazia qualquer sentido.

Sara começou a falar mais lentamente enquanto dava explicações adicionais.

– A casa foi construída em mil seiscentos e setenta e quatro e, quando foi aumentada, a casa antiga foi deixada intacta no interior da nova. As outras construções mantêm-se inalteradas desde que foram erigidas.

– Está a dizer que a quinta foi deixada como estava em mil seiscentos e setenta e quatro? – perguntou Mike, olhando-a fixamente.

– De uma maneira geral, sim.

– Durante a Guerra Revolucionária e a Guerra Civil?

– E duas guerras mundiais. A minha mãe diz que até sobreviveu aos *hippies* dos anos setenta e que eles eram mais invasivos do que o general Sherman.

Mike mal ouvia o que ela dizia. Não sabia o que os Vandlo pretendiam, mas o seu instinto dizia-lhe que seria algo relacionado com a Quinta Merlin. Não existia outra razão para que Stefan quisesse a propriedade. Não tencionava abrir casa nenhuma ao público, estava certo – a menos que ele e a família pudessem roubar as carteiras dos visitantes.

– E então, quando vamos vê-la? – perguntou Sara.

– O quê? – retorquiu Mike, despertado dos seus devaneios.

– Quando é que você e eu vamos ver a sua nova casa?

– Não me parece que seja seguro para si. A Tess disse que o velho Brewster Lang andava sempre com uma caçadeira.

Mike não queria Sara perto de uma propriedade que os Vandlo desejassem adquirir.

– Ele ganha a vida a vender legumes... em especial, tomate de tomateiros que remontam a várias gerações... à minha mãe. Eu peço-lhe que arranje maneira de ele se ausentar no dia em que quisermos ir até lá.

– E que desculpa daria a Sara à sua mãe?

– Só tenho de lhe dizer que quero ir *consigo* e ela até nos levará lá no seu automóvel. – Sara olhou para Mike com uma expressão cáustica. – Portanto, você *não veio* para cá para fazer com que o Greg e eu rompêssemos o noivado?

Era aqui que Mike era bom: a mentir descaradamente. Em mais de uma ocasião, conseguira ludibriar os detectores de mentiras.

– A minha irmã fartou-se de me chatear para eu vir a Edilean para assinar os papéis... e obrigou-me a jurar que ficaria no seu apartamento. O meu plano era chegar aqui pelo túnel, assinar a escritura no dia seguinte e ir-me embora. Ter deparado consigo foi uma grande surpresa. Não acredita que a Tess engendrou este estratagema para que nos conhecêssemos, pois não? – Detestava pôr a irmã em xeque, mas agora era necessário que o fizesse para que Sara confiasse nele.

– Acredito, sim – ripostou ela com firmeza. – Acho que a Tess telefonou ao Luke, e os dois

maquinaram toda esta tramóia.

– Agora que penso nisso, foi a Tess que me disse que usasse o antigo túnel em vez de entrar pela porta da frente. – Jurou a si mesmo que enviaria flores à irmã... e talvez mesmo umas quantas safiras.

– Agora tenho a certeza de que vou consigo – disse Sara, muito animada. – Mister Lang costuma vir à vila às quintas-feiras, depois de amanhã, para o mercado dos agricultores, e é nessa altura que iremos à quinta.

– Não, não pode vir comigo, de maneira nenhuma. Preciso de...

– Acha que as vieiras se queimaram? – perguntou Sara, levantando-se do sofá. – Estou capaz de comer uma dúzia. O que posso fazer para ajudar a preparar o jantar? – Deu meia volta e saiu da sala de estar, dirigindo-se para a cozinha.

Quando Mike ficou a olhar para ela a sair da sala, havia uma coisa de que tinha a certeza absoluta. Sara *não* iria consigo à quinta. Até ele ter conseguido muito mais informações sobre aquela Quinta Merlin, nem sequer permitiria que ela estivesse perto da propriedade. Quanto a isso, ele estava absoluta e inteiramente *certo*.

AO VOLANTE do seu carro, a caminho da Quinta Merlin, Mike não podia impedir-se de se sentir muito satisfeito consigo próprio. Durante todo o jantar da noite anterior, Sara dera-lhe múltiplas razões para o acompanhar na quinta-feira enquanto Mr. Lang – como ela o tratava – estivesse no mercado dos agricultores. Mike agira com toda a cortesia e até fingira levar em consideração o que ela dizia, mas a verdade é que não vacilara por um segundo que fosse quanto à sua decisão de não lhe permitir que o acompanhasse.

Entretanto, para se assegurar de que nada correria mal, decidiu ir à quinta um dia antes.

Nessa noite, depois de a cozinha estar arrumada, saiu para o jardim a fim de telefonar a Tess. Pediu-lhe que fizesse o que fosse necessário, no maior sigilo, para conseguir que Lang saísse da propriedade no dia seguinte para ele poder inspeccionar a quinta minuciosamente sem conhecimento de Sara.

– Eu telefono ao Luke – disse Tess. – Ele é o único que consegue lidar com o velhote.

– Até parece que o Luke manda nesta vila.

– Acho que isso se deve ao facto de ele ser o proprietário da Casa Grande. Mas, por outro lado, conhecendo Edilean, possivelmente dever-se-á a algumas reminiscências de tempos medievais. Com que então parece que tens andado a pensar na quinta, é isso?

– Sim – replicou Mike, mas não a pôs ao corrente do interesse do noivo de Sara na quinta. Talvez fosse apenas uma coincidência, mas também podia ser a oportunidade de que precisavam.

Tess disse-lhe que trataria do assunto, e dez minutos depois telefonou-lhe para lhe dizer que seria com todo o prazer que Luke causaria a Brewster Lang problemas que chegassem para ele se manter afastado da quinta durante todo o dia. No decurso dos últimos anos, sempre que Luke tentava consertar alguma coisa na Quinta Merlin, o velho seguia-o como um cão, queixando-se tanto que ele sentira uma vontade quase irreprimível de o estrangular.

Depois de desligar, Mike voltou para dentro. A luz no quarto de Sara estava apagada, o que o deixou satisfeito. Não queria ouvir mais razões por que ela devia acompanhá-lo. Planeava dizer-lhe na quinta-feira que já tinha ido à quinta e isso poria fim àquele assunto.

Naquela manhã, quando Mike saiu cedo para ir ao ginásio, Luke já estava no jardim, enchendo a caixa de uma *Kawasaki Mule* com ferramentas.

– Estou a preparar-me para um dia com o velho Brewster – disse ele, juntando uma pá própria para instalar postes às demais ferramentas. – Tem a certeza de que quer ser proprietário dessa quinta em tão mau estado?

– A última coisa que quero neste mundo é ser dono de uma quinta. Isto foi exclusivamente ideia da minha irmã.

– Quer que você assente, é isso? – perguntou Luke, fazendo um esgar sorridente. – E então, quantos encontros com desconhecidas é que eles tentaram arranjar-lhe?

– Até ao momento, dois. Temos a...

– Deixe-me adivinhar. A Ariel Frazier e a Kimberley Aldredge.

– Esses são os nomes dela. Diga-me uma coisa... Há alguém nesta vila que tenha alguns segredos?

– Você parece ter mais do que alguns – disse Luke sem hesitações.

Mike não lhe deu réplica; entrou no carro e abriu o vidro do seu lado.

– E que tal se amanhã viesse ao ginásio comigo?

– Já se esqueceu de que estive lá ontem? E ainda fui a tempo de apanhar a última parte da sua sessão. Foram quarenta e seis minutos infernais. Não me parece que fosse capaz de aguentar uma sessão completa de exercício físico consigo.

Mike continuou a olhar para ele. Luke era um homem bem constituído e com bastante massa muscular.

– Estarei pronto às seis de amanhã – disse Luke.

Mike começou a afastar-se; queria não ser forçado a fazer a viagem até Williamsburg para ir a um ginásio. Perguntava a si mesmo que tipo de planeamento urbanístico haveria para a zona onde a Quinta Merlin se situava. Haveria alguma hipótese de poder abrir um ginásio de várias artes marciais na sua propriedade? Talvez até conseguisse alguns clientes que pagassem mensalidades. Depois de se aposentar, passaria a ter a reforma da Polícia, além das poupanças; contudo, seria bom poder contar com um rendimento suplementar.

Passou a mão pela barba. A irmã e todos os residentes de Edilean andavam a envenenar-lhe os pensamentos. Ainda tinha quase três anos de trabalho antes de poder deixar a Polícia, mudando-se para... provavelmente, Edilean, uma vez que Tess e o seu – Mike sorriu – filho estariam a viver aí. Apesar disso, continuava a não conseguir ver-se a *gostar* de viver numa quinta.

Quando Mike chegou ao parque de estacionamento do ginásio pensava no que fazer com o velhote Lang. Vivera na Quinta Merlin durante os seus oitenta e cinco anos, pelo que não seria nada fácil livrar-se dele. Talvez devessem pô-lo num lar no Ohio, onde a sua avó passara os últimos anos de vida. O pessoal estava habituado a lidar com pessoas conflituosas como ela. Sabiam bem como ter sempre um sorriso nos lábios sem permitir que ela magoasse os seus sentimentos. Na ausência de pessoas que pudesse aterrorizar, o estado de saúde da avó de Mike tinha começado a deteriorar-se rapidamente, até que numa manhã deram com ela morta na cama, os olhos abertos e com uma expressão de cólera.

Uma hora depois, Mike saiu do ginásio e seguiu de automóvel para a Quinta Merlin. Situava-se a noroeste de Edilean e as cercanias eram tão ermas como os arredores da vila, fazendo com que parecesse mais isolada do mundo do que efectivamente se encontrava. Passou pela Estrada McTern, que dava acesso à vila, e prosseguiu. Cruzou-se duas vezes com jipes com atrelados de barcos a motor, os quais se dirigiam à reserva natural para um dia de lazer.

Quando verificava as instruções que Tess lhe dera por mensagem de texto, recordou-se do que ela lhe dissera. Em tempos, o terreno da quinta abrangia mais de quatrocentos hectares, com um hipódromo enorme a apenas oitocentos metros da casa. Mas, agora, tudo o que restava resumia-se a dez hectares atravessados a meio por um pequeno e bonito ribeiro chamado K.

A primeira coisa que viu da quinta foi um enorme letreiro onde se lia «PROIBIDA A ENTRADA». Mike desviou-se bastante da estrada para estacionar o automóvel por baixo de um frondoso carvalho. Muito embora lhe tivessem garantido que Lang estaria fora durante todo o dia, não queria seguir de carro até à casa, decidindo não deixar a viatura à mercê de um homem furioso. Mike reparou numa cerca em muito mau estado e parcialmente tombada, semioculta entre ervas altas; para lá da vedação avistou o topo de uma chaminé.

Vestia um par de *Levi's*, uma *T-shirt* bege e um blusão de algodão. Certificou-se de que o

pequeno saco de plástico continuava na algibeira do blusão. Misturara um tranquilizante comum num pouco de carne picada – um de vários fármacos que trazia sempre no seu automóvel –, ficando preparado para fazer frente aos cães de Lang. Tess avisara-o da existência dos animais, tendo-lhe dito que Lang os treinava para o alertarem da presença de qualquer pessoa que entrasse na propriedade. Os cães eram outro motivo por que não quisera que Sara o acompanhasse.

Mike decidiu não seguir pelo caminho principal, optando por atravessar as ervas até ao lado da casa. Tentando não fazer barulho, seguiu por um campo cheio de salsa-burra, ervas daninhas e malmequeres silvestres que lhe davam pelo peito, esforçando-se por não deixar rasto da sua passagem.

– Calculo que seja aqui que eu deva semear um campo de cereal – disse entre dentes e não foi capaz de conter umas risadas ao pensar no quanto essa ideia era absurda.

Enquanto caminhava, mantinha-se atento a todos os barulhos, mas não ouviu nada além do chilrear dos pássaros. Quando a vegetação alta acabou de repente, viu que à distância se encontrava uma das extremidades da casa. Apesar de tanta fanfarra que ouvira a respeito da quinta, pareceu-lhe bastante vulgar, apenas uma casa antiga de dois pisos que estava a precisar de ser reparada e pintada. Tinha uma chaminé de tijolo que se erigia do solo até acima do telhado, e como tinha alguma experiência em trabalhos da carpintaria, deduziu que a lareira teria uma boa tiragem.

Havia quatro janelas, duas em cada piso, e viu um alpendre comprido que se projectava do que imaginou serem as traseiras da casa. Daquele ângulo não conseguia ver a parte da frente.

Se não lhe tivessem falado da casa, nunca adivinharia que era extraordinária, dado que, à primeira vista, não havia nada que a distinguisse de milhares de outras casas espalhadas por toda a Virgínia. Com a excepção de um pormenor. Entre ele e a casa existiam quatro construções que pareciam extraídas de um filme passado no tempo de George Washington. Havia uma à sua direita totalmente quadrada, com um telhado bastante inclinado, mas sem janelas, nem sequer uma porta que conseguisse ver. À sua esquerda havia outra construção de maiores dimensões, mais baixa, mas mais larga, com um anexo num dos lados e várias janelas. Entre as duas havia um barracão de madeira já muito antigo que parecia apenas um telhado assente no solo. Não conseguia imaginar para que teria servido. E, atrás destas três construções, viu o que era, inquestionavelmente, uma retrete.

Mike imobilizou-se a olhar para tudo aquilo. A casa era circundada por algumas árvores de grande porte que proporcionavam sombra a toda aquela área. Enquanto o seu olhar ia de uma construção à outra, começou a compreender aquilo de que Sara tinha falado. Encontrava-se perante uma plantação que permanecia sem qualquer alteração desde que fora estabelecida havia várias centenas de anos; teve percepção do quanto aquela propriedade era invulgar.

Mike virou-se e viu uma pequena vedação – a única estrutura de madeira que parecia ter sido pintada durante os últimos cinquenta anos – que circundava uma horta com grandes canteiros quadrados intervalados por carreiros de gravilha branca. Se bem que aquela horta parecesse saída de um tomo de história, também se enquadrava bastante neste século. Havia uma mesa velha à beira de um dos carreiros cheia de rolos de corda, ferramentas e marcadores de plástico. A um canto, viu um velho armário de metal com a porta aberta; no interior havia ferramentas com cabos de madeira.

Quanto à horta em si, tinha os legumes mais luxuriantes que Mike alguma vez vira; pareciam um reclame à fertilidade. O que quer que se dissesse acerca do velho Lang, não havia dúvida nenhuma de que era um perito em fazer crescer plantas.

Cautelosamente, e olhando à sua volta à espera de ver os cães, Mike aventurou-se a ir até à horta. Estava tudo alinhado em carreiros direitos, sem uma única erva daninha à vista.

Toda aquela área era tão invulgar para Mike – e de tanta beleza – que não foi capaz de resistir a percorrer os carreiros. No centro, deparou com o que calculou ser um canteiro de ervas aromáticas, um quadrado atravessado por carreiros que se entrecruzavam, com uma pequena árvore em cada canto.

Foi enquanto admirava as ervas aromáticas que teve a primeira impressão de que qualquer coisa não batia certo. Ficou perplexo ao ver que exactamente no meio de cada triângulo havia o que lhe pareceu ser uma planta alta e em franco desenvolvimento de marijuana.

Quando Mike deu um passo em direcção à planta mais próxima, ouviu um ligeiro clique. Era um som em que, se tivesse havido outros barulhos, por exemplo, o ladrar de cães, ele não teria reparado. Mas Mike já ouvira aquele som numa ocasião – e, segundos depois, um dos seus amigos ficou feito em pedaços.

Mike deixou-se ficar totalmente imobilizado; os seus olhos eram a única coisa que se mexia no seu corpo para poder olhar para aquilo que tinha pisado. Não lhe pareceu que fosse uma mina terrestre, mas podia ver um círculo que era o contorno de qualquer coisa enterrada na terra.

Mantendo o pé no mesmo lugar, em movimentos muito lentos, sacou da navalha que tinha na algibeira das calças de ganga, servindo-se da lâmina comprida para remover a terra de cima do objecto. Parecia uma velha armadilha de ferro com extremidades denteadas. Se tivesse sido accionada, ter-lhe-ia perfurado o tornozelo.

Com todo o cuidado, Mike pegou nos dois semicírculos de ferro, segurando-os firmemente enquanto levantava o pé. A pequena armadilha, que tão perniciosa era, fechou-se assim que ele retirou as mãos. Era como uma dioneia – e destinava-se a ferir alguém que tentasse chegar perto da planta de marijuana.

Ora bem, com que então o velho andava a ganhar uns dinheiros com a venda de substâncias proibidas. Para Mike, aquilo não era nada, mas perguntou-se se não existiriam mais armadilhas à volta das outras plantas para as protegerem. Ou dar-se-ia o caso de a situação ser a inversa e a *cannabis* estar a ser usada como engodo?

Com mais cautela do que alguma vez trabalhara em toda a sua vida, Mike começou a inspecionar minuciosamente a horta. Todas as plantas de marijuana tinham uma armadilha nas proximidades e todas estavam ocultas por baixo da terra.

Chegado ao portão, Mike viu quatro buracos no solo e as ervas achatadas no centro. Apercebeu-se de que alguém pusera uma tenda ali, e pensou que isso fazia todo o sentido. Uma vez que o velho andava a plantar marijuana, os rapazes da localidade, muito provavelmente, andariam a tentar roubá-la; por isso, Lang dormia na tenda para a proteger.

Era uma explicação plausível, mas, mesmo assim, Mike não acreditava que fosse isso. Qualquer coisa não batia certo. Para começar, era impossível que Lang pudesse plantar marijuana tão às claras sem que ninguém de Edilean soubesse. Havia dito a Mike que Luke tratava da manutenção dos edifícios, costumando cortar a erva à volta da casa. Inevitavelmente, ele teria reparado nas plantas e não parecia a Mike que as tolerasse.

Se, por uma hipótese bastante remota, Luke não destruísse as plantas, Mike estava certo de que a mãe de Sara não permitiria esse plantio. Passara menos de uma hora com a senhora, mas fora o suficiente para saber que ela se recusaria a comprar legumes de um homem que plantasse marijuana.

Mike passou por cima de meia dúzia de plantas espinhosas e malcheirosas para poder chegar até às plantas de *cannabis*. Quando afastou a terra, viu que uma delas fora plantada num vaso. Parecia que Lang as deixava crescer noutro lugar qualquer, mas quando tinha de se ausentar da quinta enterrava os vasos no solo. Mike sentia-se ainda mais certo de que o velhote as usava para atrair à horta quem ali fosse.

Mike voltou a pôr a armadilha em condições de funcionar e eliminou todos os vestígios da sua presença, afastando-se, para continuar a sua exploração.

Distanciou-se da casa, encaminhando-se para um extenso relvado. Havia um jardim imediatamente em frente da casa principal, com sebes altas de buxo que circundavam os canteiros geométricos.

No segundo quadrado, deparou com uma rede oculta na ramagem de uma árvore suspensa acima da horta mais abaixo. Quando Mike afastou um pau que viu no solo, encontrou um arame destinado a que tropeçassem nele. Se ele o pisasse, a rede teria baixado, encurralando-o.

– Isto parece um maldito filme do Tarzan – resmungou, afastando-se do que considerara o jardim.

Na extremidade mais afastada havia um relvado, e ele não queria atravessá-lo, mas no outro lado havia outra área vedada que desejava ver. No meio do relvado, um caminho de gravilha que, apesar de estreito, mostrava indícios recentes da passagem de um automóvel; portanto, não teria qualquer armadilha. Parecia que Lang queria apenas que ninguém se aproximasse sorrateiramente de onde ele não pudesse ver.

Mike avançou a correr por esse caminho até ao que achou ser um antigo pomar, e quando chegou aí, deteve-se num dos extremos, sentindo-se forçado a admirá-lo. As árvores pareciam ter sido plantadas originalmente em cinco longos carreiros que se estendiam a direito, mas agora existiam numerosos espaços onde em tempos se tinham erguido árvores, enquanto metade das que restavam pareciam velhas de mais para produzirem frutos.

Pela primeira vez, Mike pensou naquela propriedade como sendo sua. Gostaria de remover as árvores que estavam a morrer, substituindo-as. Pensou que seria agradável poder apanhar um damasco ou uma ameixa das árvores que lhe pertenciam. Olhou para o amplo relvado e imaginou-se a brincar à apanhada com a criança de Tess. E quando ela não estivesse por perto, ele ensinaria ao rapaz – ou à rapariga – um pouco de *kickboxing*. Talvez até pudesse pôr algumas máquinas de pesos numa daquelas velhas construções...

Obrigou-se a voltar ao presente. A área circundada por uma vedação próxima do pomar era um cemitério. Não ficou surpreso ao ver o nome MCDOWELL numa dúzia de lápides antigas, mas quando chegou ao portão avistou algo que atraiu a sua atenção. A alguns metros do cemitério havia um carreiro de pequenos blocos de cimento toscos com a inscrição de vários nomes e datas. Eram, obviamente, campas de animais de estimação, e a data mais antiga remontava a 1920. As mais recentes eram de animais com os nomes de *Rei*, *Rainha*, *Príncipe*, *Princesa*, *Duque*, *Duquesa*, *Marquês*, *Marquesa*, *Conde*, *Condessa*, *Visconde* e *Viscondessa*. As últimas duas eram campas recentes e tinham a data daquele ano.

Enquanto Mike olhava para as datas, apercebeu-se de que todos aqueles cães haviam tido uma vida muito longa – com a excepção dos últimos dois. Não tinham mais de três anos quando morreram. Era possível que fosse o cinismo de Mike, com origem no que vira ao longo da sua vida, mas perguntou-se se os cães teriam sido assassinados. O facto de ter ficado sem os seus cães explicaria a razão por que Lang colocara armadilhas letais pela propriedade.

Mike ainda não tinha a certeza, mas achava que ali se desenrolava uma guerra, e era provável que os cães tivessem sido baixas desse confronto. Deduzia que alguém andaria a atacar o velhote e este tentara proteger-se. Mas ao mesmo tempo, como uma aranha e uma mosca, Lang tentara engodar o seu inimigo para que caísse numa armadilha. Quando alguém tentava chegar às plantas de marijuana, teria um pé quase decepado. Sempre que o inimigo entrasse furtivamente no antigo jardim, depararia com uma rede que o envolveria, imobilizando-o.

Como é evidente, a primeira coisa que Mike queria apurar era *quem* andava atrás do velho Brewster Lang. Mas se não conseguisse descobrir – e sentia-se seguro de que já sabia quem era –, então, iria investigar a causa daquela guerra.

SARA PERCORREU o longo caminho de acesso à Quinta Merlin, maravilhando-se ao ver tão poucas mudanças desde a primeira vez em que estivera ali, quando tinha apenas oito anos. Durante o jantar no dia anterior a essa visita, a mãe dissera à família, entusiasmadíssima, que Brewster Lang a tinha contactado para lhe dizer que queria vender alguns dos seus legumes à Produtos Orgânicos Armstrong. Era do conhecimento geral que ele cultivava os melhores produtos, os mais suculentos, de todo o município.

– E como te contactou ele? – perguntou-lhe o marido, o doutor Henry Shaw. – Por sinais de fumo? Ou serviu-se de duas latas e uma gaita?

Ele não tinha sido criado em Edilean e era frequente dar a entender à mulher o quanto pensava que a vila era atrasada.

Sara fora a única a rir-se da piada, mas era preciso ver que ela sempre fora a « menina do papá ». As duas irmãs mais velhas eram tão absolutamente convencionais quanto Sara era uma sonhadora.

– Telefone – respondeu Eleanor quando passou a salada de cenouras e passas a Taylor, que, com doze anos, era a mais velha das três filhas do casal. – Fiquei de ir à quinta amanhã para falar com ele, e, Sara, tu vais comigo.

Todos os que se encontravam sentados à mesa imobilizaram-se, olhando para Sara com expressões de surpresa. Enquanto as duas filhas mais velhas eram tão organizadas e determinadas como a mãe – mas sem os toques *hippie* –, Sara contentava-se com brincar com as suas numerosas bonecas, passando todo o seu tempo a costurar-lhes vestidos novos.

Sara parecia não saber se estava a ser castigada ou premiada.

– Eu?! – perguntou num murmúrio. Sara acompanhava o pai muitas vezes quando ele ia para o consultório. É claro que isso era sempre ao sábado, dias em que tratava mais de papelada do que consultava pacientes, mas ela gostava do velho hospital de Williamsburg, onde ele exercia medicina, sentia-se fascinada pelo seu consultório e, acima de tudo, adorava estar junto do pai. Mas, ao contrário das irmãs, nunca acompanhava a mãe quando esta ia trabalhar.

– Sim, tu – confirmou Ellie. – A Quinta Merlin é antiga e misteriosa. Exactamente o tipo de ambiente de que gostas. Vais ficar lá fora enquanto eu estiver a negociar os termos do acordo com Mister Lang, mas isso não deve levar mais de meia hora.

Mas veio a verificar-se que levou mais de quatro horas, e durante esse período, Sara, com o seu pequeno vestido cor-de-rosa – que a tia Lissie lhe oferecera – andou de um lado para o outro e apaixonou-se pela quinta. Travara amizade com os dois cães de Mister Lang, misturara-se com um bando de gansos que eram quase tão grandes como ela, e tratara de explorar todas as construções antigas da propriedade.

Quando a mãe se aprontava para se ir embora, pareceu a Sara que só tinha passado alguns minutos na quinta. O que não era o caso da mãe. Sara nunca a havia visto tão irritada.

Atrás dela vinha um homem baixo e corpulento, com as costas tão encurvadas, que lembrava a Sara a personagem de um livro de histórias: O Corcunda de Notre-Dame. Vinha atrás da mãe encolerizada de Sara, sorrindo, como se tivesse acabado de ganhar um prémio.

Porém, quando viu Sara junto do automóvel, deteve-se e olhou fixamente para a pequenita,

com o rosto redondo a espelhar uma expressão de ameaça.

– É a cara chapada dela – disse, num tom de voz profunda e entrecortada, que, da perspectiva de Sara, era engraçada. Se ele não estivesse a olhar para ela com uma cara tão carrancuda, ter-se-ia rido.

Ellie abriu a porta do carro e, devido ao estado de agitação em que se encontrava, deixou cair as chaves. Quando as apanhou, o sorriso já tinha desaparecido do semblante do velho, pelo que, quando Ellie se virou, viu-o apenas a olhar para a garota.

– Está a referir-se à minha tia Lissie. Sim, a Sara é muito parecida com ela e é como ela.

Abriu a porta de trás com brusquidão e esperou que Sara entrasse. Em seguida, sentou-se ao volante e ligou o motor.

No assento de trás, Sara olhava para Mr. Lang através da janela, sabendo que a mãe não via a maneira como ele a fitava furioso, e, sem dúvida alguma, não viu a maneira como ele lhe apontou o dedo. Quando a mãe já se afastava velozmente, o velho fez da mão uma pistola e imitou apertar o gatilho.

Sara, possuída de um enorme terror, baixou-se no assento, ouvindo a mãe a queixar-se durante todo o caminho até casa, dizendo que Brewster Lang era um «pirata».

– Se tivesse apontado uma arma à minha cabeça, o efeito teria sido o mesmo – disse a mãe, e aquelas palavras fizeram com que Sara se baixasse ainda mais no banco de trás.

Sara nunca disse a ninguém o que Mr. Lang fizera, apontando-lhe o dedo como se estivesse a disparar uma arma contra ela. Ao longo dos anos seguintes, conseguiu separar a bela quinta antiga, com as suas borboletas que esvoaçavam de um lado para o outro, do velho assustador, que parecia odiá-la só porque era parecida com a tia Lissie. Houve um dia em que fez perguntas à tia-avó a respeito do velhote, mas Lissie limitou-se a dizer que Sara devia manter-se afastada dele.

– Lembra-te, minha querida, que nunca debes acreditar em nada do que o Brewster disser.

Depois disso, Lissie recusou-se a pronunciar uma única palavra mais sobre Mr. Lang. A tia Lissie sempre acreditara tão convictamente no poder do pensamento positivo que se recusara, em absoluto, a permitir que palavras más saíssem da sua boca. Desde sempre que Sara tinha achado curioso que algumas pessoas de Edilean recordassem com muito carinho esta faceta, enquanto outros diziam que Lissie lhes dava cabo do juízo.

E agora, à tarde, Sara, uma vez mais, estava de visita à Quinta Merlin. Esta decisão foi tomada às catorze horas, quando ela estava a costurar no jardim, depois de ter visto Luke a caminhar pelo jardim de Edilean Manor acompanhado por um homem baixo. Só pensou nisso quando se sentiu percorrida por um arrepio. Estremeceu, passou as mãos pelos braços, que haviam ficado com pele de galinha, e olhou para cima. A apenas alguns metros, olhando-a com uma expressão feroz que ela só podia classificar de ódio, estava o papão de todos os seus pesadelos: Mr. Lang. Não o via de perto desde garota – certificara-se de que isso não aconteceria –, mas constatou que o homem não tinha mudado muito. Continuava feio, com uma cabeça tão larga e redonda como uma abóbora. Talvez estivesse um pouco mais baixo e o rosto tivesse mais algumas rugas, mas, praticamente, estava na mesma.

E uma vez mais, tal como antes, fez um gesto como se disparasse um tiro contra ela. Mas, desta feita, Sara já não era uma criança. Olhou-o com o sorriso mais doce que conseguiu esboçar, ao mesmo tempo que erguia o dedo indicador na direcção dele. Lang também lhe sorriu

de uma maneira que fez com que ela voltasse a sentir pele de galinha nos braços, após o que deu meia volta e começou a seguir Luke.

Depois disso, por muito que se esforçasse, Sara não conseguiu continuar a coser. Pegou na costura e voltou para dentro de casa, começando a trancar todas as janelas e portas. Quando acabou, lembrou-se de que Mike estava alojado ali, com ela, e não conseguiria entrar.

Ao pensar em Mike, tudo se ajustou no seu devido lugar. Na noite anterior, ao jantar, ele mostrara-se tão amável, ouvindo atentamente as razões que ela lhe dava para o acompanhar quando fosse à antiga quinta. Tinha ido para a cama confiante em que fora capaz de o persuadir. Desde a primeira vez que vira a Quinta Merlin, sonhara com voltar lá, mas somente se «ele» não se encontrasse presente. Quando lhe ocorreu ir com Mike, um detective que, provavelmente, andaria com uma arma, pareceu-lhe a oportunidade perfeita. Até pensara no que vestiria e na comida que levaria para um piquenique.

Mas, pelos vistos, Mike nunca tivera a mínima intenção de deixar que ela o acompanhasse.

– Depois de tudo o que fiz por ele! – exclamou entre dentes, irada. O facto de não lhe ocorrer nada que tivesse feito por ele não atenuou a muita irritação. Sabia que Mike combinara as coisas de maneira a que Luke mantivesse o velho Mr. Lang ocupado enquanto ele, Mike, ia à quinta. Sozinho.

– Dois podem brincar a este jogo – murmurou Sara, após o que telefonou para a gerente da loja da mãe, pedindo-lhe que preparasse um piquenique para duas pessoas.

Sara sabia que a notícia de que ela tinha encomendado uma cesta cheia de comida seria do conhecimento da vila dentro de apenas alguns minutos, mas era coisa que não lhe importava minimamente. Sentia-se farta de homens que a tratavam como se ela fosse demasiado delicada para ouvir as verdades. Greg recusara-se a dizer-lhe o que era tão urgente, que o levava a partir imediatamente. E, agora, Mike deixara bem claro que ela não estava emocionalmente capaz de visitar uma *quinta*! Com a ajuda dos familiares *dela*, ele ia lá um dia antes de ter dito que iria.

Vinte minutos mais tarde, Sara já tinha a cesta do piquenique no carro e encontrava-se a caminho da Quinta Merlin. Quando avistou o automóvel de Mike parcialmente oculto por um frondoso carvalho, ficou ainda mais certa de que procedera da maneira mais apropriada.

Quanto a si, recusava-se a agir como se entrasse furtivamente. Transpôs o portão e estacionou o carro de frente da casa da quinta, e saiu. Se encontrasse Mike, ótimo, se não, também não se importava.

Quando pegou na mala de mão, sentiu o telemóvel a vibrar. A mãe enviara-lhe uma mensagem por correio electrónico dizendo-lhe que já tinha a *molokhia* seca que Mike queria. Joce enviara-lhe uma mensagem de texto pedindo-lhe que fosse a sua casa para lhe dizer quem era o homenzinho horroroso que andava atrás de Luke pelo jardim. Tess deixara-lhe uma mensagem no correio de voz em que lhe perguntava como é que ela e Mike se estavam a dar. Também tinha quatro mensagens enviadas por correio electrónico de clientes que perguntavam quando estaria a sua roupa pronta. Sara voltou a pôr a mala no banco, pegou no telemóvel e enquanto caminhava começou a premir botões rapidamente para responder a todos.

MIKE ESTAVA NO SÓTÃO do antigo palheiro e com uma forquilha remexia o feno seco. Já tinha encontrado duas armadilhas no palheiro, uma artesanal e outra que, provavelmente, já seria velha no tempo da Guerra Civil. O dente da forquilha bateu em algo junto da portinhola no chão do sótão; baixou-se para ver o que seria. Viu um grande rasgão na bainha da perna das calças de ganga, onde fora apanhado por uma armadilha, da qual saíam dardos de aço. A única coisa que o alertara fora o som de projecteis letais disparados na sua direcção. Deixou-se cair e rebolou enquanto os dardos zumbiam por cima da sua cabeça, indo cravar-se no tronco de uma árvore próxima.

Mike praguejava enquanto retirava os dardos dos troncos, após o que voltou a pôr a armadilha em condições de funcionamento. Por muito que detestasse fazer aquilo, cingia-se à sua decisão de não deixar qualquer indício que levasse o velho Lang a concluir que alguém estivera na quinta durante a sua ausência.

A tarde já ia adiantada e Mike estava quase pronto para se ir embora. Encontrara armadilhas por tudo quanto era sítio. Não fora a nenhuma construção, jardim ou horta que não tivesse sido armadilhado para ferir, estropiar, ou até matar qualquer intruso.

Só lhe faltava acabar de inspeccionar o palheiro. Mike não tinha ilusões de que encontrara todas as engenhocas, mas sem dúvida que descobrira umas quantas. E durante as horas que passara a procurá-las tivera oportunidade de aprender muita coisa sobre como armadilhar uma engenhoca caseira destinada a matar. Chegou à conclusão de que Lang era um velho esperto – e forte – que não tinha um resquício de consciência. Possuído de uma obsessão cega de proteger o que considerava seu, era implacável – e sem qualquer preocupação pelas consequências dos seus actos. Se uma criança se tivesse esgueirado para o pomar sem que ninguém a visse... Mike nem sequer queria pensar no que teria podido acontecer.

Era por demais evidente que a única preocupação de Lang era manter fora da quinta quem nela quisesse entrar sem sua autorização.

Mike ouviu um barulho abaixo de si, no interior do palheiro, e, pelo canto do olho, deu por um movimento. De imediato, e sem fazer o mínimo ruído, deitou-se de barriga para baixo e olhou para o solo, mas não viu nada. Raios! Luke dissera-lhe que manteria Lang afastado até às quatro da tarde.

Mike deixou-se ficar completamente imóvel, a pensar numa maneira de sair dali sem que Lang o visse. Atrás de si, acima da janela aberta, havia uma viga enorme com uma corda suspensa. Não sabia grande coisa acerca de palheiros, mas calculou que estaria ali para içar fardos de feno até ao sótão. Virando apenas a cabeça, começou a examinar a corda e a viga. Pareciam sólidas, mas depois do que já vira naquele dia, não ficaria nada surpreendido se, caso se suspendesse da corda, esta se partisse.

Voltou a olhar para baixo, através das brechas entre as tábuas, e o que viu deixou-o chocado. Sara caminhava despreocupadamente em direcção ao palheiro com a cabeça baixa enquanto se concentrava nas teclas do seu *BlackBerry*.

O primeiro instinto de Mike foi gritar-lhe para que se detivesse onde estava, mas não sabia quem poderia ter vindo com ela e que o ouviria.

– Sara! – chamou, numa voz sibilada.

Ela continuou a premir os botões do telemóvel.

Não discernia como teria ela entrado no palheiro sem ter sido atingida. Logo defronte da entrada havia um fio de *nylon*, próprio para canas de pesca, quase invisível, e ao alto, por cima disso, preparada para cair, havia uma velha coleira de cavalo de tiro feita de madeira, couro e ferro. Mike não queria pensar no que uma coisa daquelas faria à bonita e pequena Sara Shaw caso caísse em cima dela.

– Sara! – voltou a chamar.

Ela hesitou, mas depois, para grande horror de Mike, começou a encaminhar-se para a saída do palheiro. Era possível que tivesse conseguido evitar a armadilha à entrada, mas de certeza absoluta que a accionaria quando saísse.

Mike não pensou no que fazia. Muitos anos de treino haviam feito com que reagisse sem pensar. Deu um pulo e saltou pela janela larga, agarrando-se à corda quando passou por ela. A corda, presa na viga de que estava suspensa, continuou a balouçar. Queimou-lhe as mãos, mas deslizou o suficiente por ela abaixo de modo a que quando Sara transpôs a ombreira da porta, com o seu pé prestes a pisar a linha de pesca, conseguiu agarrá-la com o braço direito, continuando a balouçar-se na corda.

Foram pousar na erva ao lado do palheiro precisamente no momento em que cerca de vinte e cinco quilos de arreios de cavalo caíam no exacto ponto onde Sara estivera.

Ficou caída em cima dele sem fôlego e com o rosto a escassos centímetros do dele.

– Não podemos continuar a encontrar-nos desta maneira.

Mike não achou graça, rebolando para sair de baixo dela a fim de poder pôr-se de pé, após o que se inclinou sobre ela.

– O que diabo está a fazer aqui?! Eu *disse-lhe* para se manter afastada. Eu disse-lhe...

– Na verdade, você não me disse nada e começo a pensar que tudo o que me contou é mentira! – ripostou Sara, olhando para ele de cima a baixo. – Você está num desalinho inacreditável. Acha que consegue dizer-me a *verdade* sobre o que passa?

Mike sentia-se dividido entre a vontade de a sacudir irritadamente – ou beijá-la, de alívio por ela não se ter magoado. Estava tão bonita com o seu vestidinho amarelo com flores cor-de-rosa na gola enorme, que se limitou a sentar-se ao lado dela em cima das ervas.

– Você podia ter morrido.

– Posso ver isso – retorquiu ela, olhando para o amontoado de couro e madeira. – Pergunto a mim mesma onde é que Mister Lang terá encontrado aquilo e a que século terá pertencido.

Os pensamentos de Mike trabalhavam à velocidade da luz enquanto tentava concluir até que ponto devia pô-la ao corrente do que se passava e o que teria de lhe ocultar.

– O que está a acontecer aqui? – insistiu Sara.

Estava tão calma que Mike sentiu que os últimos resquícios de cólera se desvaneciam.

– Tudo o que eu queria fazer era ver a propriedade que a minha irmã me ofereceu.

O olhar de Sara foi dele ao palheiro, voltando a concentrar-se nele.

– Você não quis que eu viesse consigo porque pensou que talvez houvesse alguma coisa deste género aqui, não foi?

Mike esboçou um pequeno sorriso. Não iria conseguir mentir de modo a sair-se airoso daquela situação.

- As mulheres inteligentes são um verdadeiro empecilho na minha profissão.
- Isso quer dizer que *está* aqui, em Edilean, por causa de um caso?
- Por acaso não trouxe comida, pois não? Estou a morrer de fome.
- Trouxe. Uma cesta cheia.

Mike pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão para a ajudar a levantar-se do chão, mas ela ignorou a mão. Sara continuava a olhar para o amontoado de arreios de cavalo.

– Não vou permitir que fique no meu apartamento nem mais um minuto se não me disser o que esteve hoje a fazer aqui.

– Não posso – retorquiu ele.

– Ótimo. A minha mãe tem um quarto a mais. Se pensa que eu sou bisbilhoteira, espere até passar um dia inteiro com ela. O meu pai diz que ela é capaz de extorquir segredos de um ananás.

Mike sentou-se outra vez. Talvez fosse preferível dizer-lhe, pelo menos, parte da verdade.

– Há uma criminosa a viver nesta vila ou nas proximidades.

– Quem?

– Se soubéssemos, já a teríamos prendido, mas nem sequer conhecemos o aspecto físico dela.

A única fotografia que temos de Mitzi Vandlo foi tirada em mil novecentos e setenta e três, quando ela tinha apenas dezasseis anos.

– Isso quer dizer que nesta altura terá cinquenta e três anos, certo?

– Certo – confirmou Mike, admirando os conhecimentos aritméticos de Sara.

– E tem a certeza de que ela se encontra aqui, em Edilean?

– É impossível uma pessoa enganar-se com relação ao nome desta vila.

– O que fez ela?

Mike detestava ter de dizer aquilo, mas, por outro lado, era preferível a ter de lhe contar, de chofre, a verdade sobre Stefan.

– Tudo o que você sugerir, ela já fez. Para começar, assassinou o marido. Não que ele não o merecesse, mas nem por isso deixa de ser ilegal.

– Ela veio a Edilean para *matar alguém*? – perguntou Sara, levando a mão à garganta.

– Com franqueza? Não sabemos o que a trouxe aqui e muito do que sabemos a respeito dela são informações que nos chegaram via segundas e terceiras pessoas. – Mike queria desanuviar o ambiente. – Correm rumores de que é tão feia que para ludibriar Marko Vandlo, de modo a que ele se casasse com ela, teve de usar um véu que lhe cobria a metade inferior do rosto. A história é ainda mais extraordinária quando se sabe que ela tinha dezasseis anos e ele, cinquenta e um.

Mas Sara não deixou que ele se desviasse do assunto principal.

– Se ela matou o marido idoso, por que razão não a prenderam?

– A família guarda um grande sigilo sobre tudo o que faz – replicou Mike, encolhendo os ombros. – Foi dito por um informador que a história era que ele caiu de umas escadas e morreu. No entanto, quando o corpo foi exumado, recentemente, apurou-se que tinha três depressões no crânio que se ajustavam com precisão a um taco de golfe – acrescentou Mike, baixando o timbre de voz. – Ela é perita em vigiar as pessoas, extorquindo-lhes as poupanças de toda uma vida; estamos absolutamente determinados a impedir que continue a fazê-lo.

– Se ela estivesse a fazer algo desse género em Edilean, todos teríamos conhecimento disso.

– O que a terá trazido a esta vila constitui um grande enigma para toda a gente. De uma

maneira geral, ela trabalha em cidades, e quanto maiores, melhor, por isso, o que existe em Edilean que Mitzi deseja? – Mike fez uma pequena pausa para dar a Sara a oportunidade de lhe responder, mas ela não disse nada. – Não ouviu dizer nada, pois não?

– Não, que me lembre, mas tenho andado tão ocupada com a nova loja e com o Greg, que talvez não me tenha apercebido de nada. Mas é possível que a minha mãe saiba...

– Não! Quanto menos pessoas tiverem conhecimento deste assunto, melhor.

– Compreendo – disse Sara, mas o seu olhar desviou-se do dele.

– E quanto às mulheres ricas que vão à sua loja? O que sabe da vida delas?

Sara fitou-o com uma expressão pensativa.

– Se estiver interessado nelas, então, saiba que sou o seu melhor contacto. Você *planeou* tudo isto, não é verdade? O Luke correu comigo, tirando-me do meu apartamento, para que você pudesse chegar pelo túnel a casa da sua irmã.

Antes que Mike tivesse tempo para pensar na resposta a dar àquilo, Sara pôs-se de pé e começou a caminhar num passo rápido em direcção ao seu carro.

– Sim, têm andado a mentir-lhe e serviram-se de si descaradamente. Mas você não sabe quantas vidas foram destruídas por esta mulher. Sabemos de raparigas novinhas que...

– O Greg! Foi *você* que arranjou maneira de o afastar de mim antes do casamento?

Não havia tempo para pensar na resposta a dar-lhe.

– Sim. – Quando Sara tentou afastar-se dele, Mike segurou-a. – E eles incendiaram o meu apartamento e todo o recheio a fim de me proporcionarem uma boa justificação para a minha presença aqui. Sara, lamento que tenha sido envolvida neste caso, mas tem acesso a lugares e a pessoas como mais ninguém em Edilean. Tanto quanto sabemos, a Mitzi até pode ser uma das suas clientes.

– Você obrigou o meu noivo a ir-se embora antes do casamento! – ripostou Sara. – Isso não é justo.

– Sei que não – reconheceu Mike, em voz baixa. – Mas o que a Mitzi faz às pessoas é muito mais injusto.

– O que é feito do Greg?

– Está em segurança.

– O que quer isso dizer? Que o puseram algures numa cadeia?

Mike sabia que naquele momento Greg continuava sob prisão, mas o seu advogado estava prestes a conseguir que ele saísse em liberdade. O que era lamentável, porque o seu companheiro de cela era um agente infiltrado. Mas Mike não podia dizer nada daquilo a Sara.

– Deram-me tão poucas informações acerca deste caso que continua a haver muita coisa que ignoro. O meu capitão falou-me deste assunto, e, em seguida, quando lhe disse que tinha de ir a casa para emalar as roupas de que precisaria, mostraram-me a fotografia num jornal do meu apartamento em chamas.

Quando viu uma expressão de simpatia nos olhos de Sara, Mike afrouxou a força com que a agarrava pelos ombros, mas não a soltou.

– Lamento tudo isto – disse ele de novo. – Houve um sujeito, que conheci há muito tempo durante o treino de formação, que se recordava de eu ter dito que a minha avó era de Edilean. Isso aconteceu quando eu era ainda demasiado novo para saber que não devia dizer muita coisa sobre a minha vida pessoal. Quando o nome da vila foi mencionado, ele recordou-se de que já o

tinha ouvido e de mim. Os agentes federais trataram de contactar o meu chefe, e aqui estou eu.

Sara franzia a testa, mas de uma maneira que fez com que Mike se tranquilizasse um pouco mais, tirando as mãos dos ombros dela.

– Parece que lhe sujei o vestido com sangue.

Sara olhou para as manchas e depois pegou-lhe nas mãos, virando as palmas para cima e vendo a pele rasgada.

– Fez isto na corda?

– Sim – confirmou ele, observando-a atentamente.

– Parece-me que foi a única ocasião em que desempenhei o papel da Jane do Tarzan.

Os olhos de Mike iluminaram-se.

– Ainda estamos a tempo de ir à horta para que uma rede caia em cima de si. Eu podia entalar um punhal entre os dentes e cortá-la para a soltar.

– Da rede ou do meu vestido? – perguntou Sara, com uma expressão muito séria.

– Do vestido. Deixaria a rede sem lhe tocar.

Mike olhou-a de uma maneira tão lasciva, tão maliciosa, que ela teve de se rir.

– Muito bem. Vamos fazer o seguinte. Voltamos para o meu carro e eu... não você... vou conduzir-nos ao seu. Em seguida, vamos a pé até ao ribeiro K... pode trazer a cesta do piquenique... e vamos comer e conversar. E irá explicar-me o que se está a passar.

– Tanto quanto lhe possa dizer.

Sara lançou-lhe um olhar furibundo.

– De acordo. Conto-lhe tudo. – Ambos começaram a caminhar. – Como sabe onde deixei o meu carro?

– Por favor... Deixou-o onde toda a gente estaciona quando tenta esconder-se neste caminho. Metade das raparigas de Edilean perderam a virgindade por baixo desse árvore.

– Você também?

– Quem disse que já a perdi? – retorquiu Sara, abrindo a porta do lado do condutor.

Rindo-se, Mike sentou-se no outro lado e fechou a porta.

– PORTANTO, ESTÁ A DIZER que sou dono *dessa árvore?* – perguntou Mike.

Estava estendido numa toalha de mesa aos quadrados vermelhos e brancos, a cesta da comida entre os dois, enquanto Sara se sentava no lado oposto. Ao fundo do declive pouco acentuado corria o pequeno e bonito ribeiro K.

– Cada milímetro dela.

– A Árvore das Virgens. Este pensamento vai manter-me acordado toda a noite.

– Também é dono de parte do ribeiro e de todas aquelas construções antigas. O que tenciona fazer com tudo isto?

– Mudar-me para a casa e deixar que o Lang passe a ser o meu mordomo. Servir-me-á tomate cortado às rodelas com molho de marijuana... tudo proveniente da horta da quinta. – Mike olhou-a de lado para ver se ela teria ficado chocada, mas além de um ligeiro pestanejar, Sara não mostrou qualquer reacção. « Esplêndido », pensou ele. « Calma quando surpreendida. »

– Se o Luke descobrir a existência de plantas proibidas, esfolará o velho em vida.

– Foi precisamente o que eu pensei, mas o que a sua mãe faria inspira-me mais receio do que o Luke.

– A mim também – retorquiu Sara, sorrindo-lhe.

Mike entrelaçou as mãos por baixo da cabeça e olhou para o firmamento.

– Nunca fui dono de nenhuma propriedade.

– Nem sequer de um condomínio fechado na praia em Fort Lauderdale?

– Especialmente de um condomínio.

– Então está pronto para me dizer o que se passa?

– Não podemos limitar-nos a desfrutar deste dia?

– Não – respondeu Sara, determinada. – Quero encontrar essa mulher para poder reaver o noivo indispensável no meu casamento. Como podemos encontrá-la?

– Através do ADN. – Mike deitou-se de lado e olhou para ela. – Precisamos de obter o ADN de todas as mulheres desta vila com cerca de cinquenta e três anos para o enviarmos para o laboratório. Não possuímos nada que tenha pertencido à Mitzi, mas estamos de posse do ADN do filho e de outros membros da família dela, o que nos permitirá estabelecer a correlação.

– E você tem a certeza absoluta de que ela está aqui?

– Não, mas no que diz respeito a esta mulher, até a mais pequena possibilidade vale a pena fazer o que quer que seja para a apanhar. – Mike pegou num cacho de uvas brancas muito pequenas e doces, deitou-se de costas e ergueu-as acima da cabeça, começando a comê-las.

– Você parece um discípulo de Baco. Não é realmente tão requintado como tem andado a fingir que é, pois não?

– Se com isso está a perguntar se cozinheiro jantares de quatro pratos todas as noites, a resposta é não. Tenho andado a tentar impressioná-la. Não acha?

Sara não fazia tenção de responder àquilo.

– E então, qual é o plano?

– Eu tinha um todo arquitectado, mas você hoje tratou de o alterar quando se recusou a deixar-se ficar em casa. Está-me a parecer que é a sua vez de pensar num plano de acção.

– De acordo – disse Sara. – Em primeiro lugar, temos de decidir o que você e eu somos um para o outro.

– Isso parece-me um bom começo. E então, o que somos?

– Amigos – apressou-se ela a responder. – Não podemos ser mais do que isso, uma vez que estou prestes a casar-me. Você *vai* pôr o meu noivo em liberdade para que nos possamos casar, não vai?

– A menos que a sua mãe descubra onde ele está e impeça que façamos isso – replicou Mike, fitando-a. – A sua mãe sempre detestou todos os seus namorados?

– Eu só tive um outro namorado, e não, ela não o detestava. Guardou toda a sua cólera para o Greg. Mas vamos voltar, por favor, ao assunto que importa?

– Com certeza. Vai desposar um homem que toda a vila odeia e viver aqui no meio dessa animosidade.

– Se quiser a minha ajuda, vai ter de ser simpático com relação ao Greg – ripostou Sara, fitando-o por entre as pálpebras semicerradas.

– Isso não deve ser muito difícil, uma vez que nem sequer o conheço. Pensa que eu simpatizaria com ele?

– Não faço a mínima ideia, dado que sei muito pouco sobre si que seja verdade. Penso que é possível que me tenha mentido em tudo o que me disse.

– Oss...

– Não volte a dizer isso! Ossos do ofício, ah! Importa-se de se cingir ao assunto em questão?

– Pensei que o Greg era o assunto. – Quando ela o olhou com uma expressão de fúria, Mike levantou a mão. – Está bem. Diremos às pessoas da vila que somos amigos. Isso fará com que se sinta à vontade na minha presença e pare de me tratar como se eu fosse seu inimigo?

– Talvez.

– Imagino que a noção de poder existir qualquer coisa entre nós está fora de questão – disse Mike, pousando o cacho de uvas.

– Absolutamente.

– Tem a certeza?

Sara recusou-se a olhar para ele.

– Se a sua ideia é tentar usar esse tom de voz comigo, terá de sair do meu apartamento. Não vou continuar consigo... tão-pouco ajudá-lo... caso tente... fazer-me a corte.

– De acordo – redarguiu Mike, deitando-se de costas. – Seremos grandes amigos. Compinchas. Colegas de casa.

– Como irmão e irmã. Como você e a Tess.

– Não. Não como eu e a Tess. Nós *somos* irmão e irmã.

– O que significa isso?

– Ela costuma andar pela casa de cuecas e sutiã. Pede-me que ajuste, percebe, as alças. Eu não podia fazer isso consigo porque você é a mulher mais bonita e desejável que conheci. Sara, tenho trabalhado como agente infiltrado quase desde que entrei para a Polícia, o que quer dizer que as mulheres com quem tenho convivido estão geralmente viciadas numa droga qualquer. A maior parte é casada e, no tocante ao vestuário, acham que menos é melhor. Excepto com relação a jóias e maquilhagem, em que mais é melhor. Mas você...

Mike virou-se para poder olhar para ela.

– A Sara não é como nenhuma mulher que eu conheci. Parece que acabou de sair de uma brisa primaveril. Acho que as roupas que a cobrem quase por completo são tão sensuais como quaisquer outras que já vi. A forma como se movimenta, como fala, tudo em si me agrada. Prometo fazer o meu melhor para manter as mãos afastadas do seu corpo, mas não vai ser fácil. Sobraram algumas dessas sandes pequenas?

Sara deixou-se ficar sentada a olhar para ele e a pestanejar.

– Bem, hum...

– Sandes?

– Na cesta – conseguiu ela murmurar por fim. – Não sabia que tinha esses sentimentos por mim.

– E como poderia não tê-los? – retorquiu ele, procurando as sandes dentro da cesta. – Não consigo encontrá-las.

– Eu tiro-as – disse ela, e quando afastou as mãos dele, os rostos dos dois quase se tocaram. Por uns momentos, Sara quase se inclinou para a frente, mas então afastou-se para trás. – Calculo que o seu trabalho seria mais fácil se dormíssemos juntos.

– Oh, muitíssimo mais fácil – concordou ele. – De facto, acredito que se tivéssemos uma relação estaríamos a ajudar a nossa pátria a alcançar maior grandeza.

– Isso não vai acontecer – retorquiu Sara, olhando para ele enquanto abanava a cabeça.

– Não se pode censurar um homem por tentar – disse Mike, soltando um prolongado suspiro. – Muito bem. E então, qual é o resto do seu plano?

– Fazer o que você disse e recolher o ADN das mulheres que forem à loja. Mas...

– Mas o quê?

– A Erica.

– E quem é ela? – perguntou Mike, com a boca cheia de sandes de salada de atum.

– A mulher que o Greg contratou como gerente da loja. Ela não permitirá que eu...

– Você não é a proprietária do estabelecimento?

– Sou uma sócia, mas apenas no papel. O Greg e a Erica é que tomam todas as decisões.

– Vou fazer um telefonema para que enviem alguém que lhe parta as pernas.

– E já agora, porque não os braços também? – sugeriu Sara, ansiosa.

– Afinal, você não é tão inocente como parece, pois não? – perguntou Mike, com um sorriso rasgado.

– Decida-se de uma vez por todas. Pareço uma virgem vestal, ou sou ardentemente sensual?

– As duas coisas. Sobrou alguma salada de repolho?

– Você come que se farta, não come?

– Passei o dia a rastejar pela quinta, e em várias ocasiões escapei à morte por muito pouco, mas agora estou sentado com uma mulher deslumbrante que diz que não lhe posso tocar. Sim, estou esfaimado.

– Se me contar tudo o que viu hoje, dir-lhe-ei tudo acerca dos meus dois maus encontros com Mister Lang.

A expressão de brincadeira desapareceu do rosto de Mike.

– Deve dizer-me tudo o que sabe.

– Não até que você me diga, pelo menos, metade do que sabe.

– A respeito de quê?

Sara atirou-lhe um pedaço de pão, e Mike apanhou-o com a mão esquerda.

– Sara, minha linda, sinceramente, não sei o que se passa. Sei apenas que uma das maiores criminosas na história norte-americana está, ou esteve, a viver nesta bonita vila. Talvez a Quinta Merlin não tenha nada que ver com ela, mas anda a passar-se alguma coisa por lá. – Mike não podia dizer-lhe que tinha a certeza de que o facto de Stefan querer a quinta estabelecia uma relação entre os Vandlo e Brewster Lang ou com a antiga plantação.

Quando Mike olhou para Sara, apercebeu-se de que ela aguardava numa expectativa silenciosa que ele se explicasse.

– Esta manhã, quando fui visitar a quinta, esperava encontrar tudo abandonado, tal como me disseram que estaria. Mas o que encontrei foi uma zona de guerra.

– O que quer dizer com isso?

Mike relatou-lhe pormenorizadamente aquilo com que se havia deparado. Fez uma descrição elaborada das armadilhas, dizendo que acreditava que as plantas de marijuana não passavam de um engodo. Quando chegou à parte das campas recentes dos cães, Sara franziu as sobrancelhas.

– E quanto aos gansos?

– Não vi nenhum.

– Mister Lang e o pai sempre tiveram gansos. São de uma raça rara chamada *Sebastopol*, com penas encardadas e o temperamento do mais doce do mundo. A minha mãe diz que esses gansos são o segredo dos magníficos legumes do senhor Lang.

Mike olhou para ela com uma expressão interrogadora.

– Os gansos comem tudo o que seja insecto rastejante e produzem estrume.

– Oh... Estou a ver que sabe muito de agricultura.

– Ossos do ofício por ser filha da minha mãe.

Mike riu-se.

– Mas o que lhe fez o Lang?

Sara descreveu-lhe a atitude de Brewster, que em duas ocasiões dera à mão o formato de uma arma apontada a ela – e Mike sorriu abertamente ao ver o gesto retaliatório dela no segundo encontro.

– E está convencida de que ele fez isso porque você é parecida com a sua tia-avó Lissie? – Mike não tencionava dizer-lhe que sabia muito sobre aquele ódio em particular.

– Calculo que sim. A menos que ele tenha aversão a crianças. Mas com ele, quem sabe? Uma coisa é certa: quando eu era criança, a quinta não tinha armadilhas nenhuma. No dia em que fui à quinta, entrei em todo o lado.

– Rodeada de gansos e cães – acrescentou Mike. – Devia parecer uma personagem saída de um livro de contos.

Sara olhou para ele, estendida em cima da toalha de mesa. A barba preta de Mike já havia começado a crescer. Reconhecia que ele tinha uns lábios bonitos. Quanto ao cabelo, curto de mais e testa alta, começava a acostumar-se.

Aquilo a que ainda não conseguira habituar-se era ao facto de a Quinta Merlin jamais vir a pertencer-lhe. Os seus filhos não iam crescer nessa propriedade.

Mike não olhou para ela, mas sentia os olhos dela presos em si.

– Mas diga-me, Sara, onde é que se vê dentro de cinco anos?

– Mãe de dois filhos – respondeu ela de imediato.

– Sem marido?

– Com certeza que com marido. Imaginei que viveria com o Greg e que ficaria em casa com as crianças, e...

– E o quê?

– Faria com que a Quinta Merlin voltasse a ser uma propriedade magnífica. – Sara não queria falar sobre como o seu sonho acabaria; assim, mudou de assunto. – Não consegui ver grande coisa antes de você cair em cima de mim suspenso de uma corda. – Ela olhou-o como se estivesse desconfiada de alguma coisa.

– Para que é esse olhar?

– Não são muitos os homens que conseguem agarrar-se a uma corda só com uma mão e erguer uma mulher adulta com a outra.

– Você não é o que eu classificaria de uma mulher totalmente adulta – retorquiu ele, com um encolher de ombros. – Quanto pesa? Uns quarenta e cinco quilos?

– Você é uma ternura. O Greg diz que preciso de perder uns cinco quilos.

« Para que o corpo dela possa caber mais facilmente no porta-bagagens do automóvel dele? », perguntou-se Mike.

– Se o Greg não tem força para lhe pegar, precisa de ir ao ginásio com mais frequência.

– E você, onde se vê dentro de cinco anos? – perguntou Sara.

– Ainda não pensei nisso. Deixo o meu futuro nas mãos da Tess.

– E ela quer que você se case, tenha filhos e viva na Quinta Merlin.

– Estou a roubar o seu futuro – disse Mike afectuosamente, e quando viu tristeza nos olhos dela, desejou poder retirar o que disse. – Quer saber um segredo?

– Com certeza – respondeu ela, contemplando o ribeiro com a expressão de quem se encontrava muito longe dali.

– É um segredo bom.

– Oh? – Sara parecia alheada.

– É do género que as mulheres adoram.

– O que sabe você acerca dos segredos das mulheres? – perguntou Sara, virando-se para ele.

– A Tess vai ter um bebé.

Os olhos de Sara abriram-se desmesuradamente, e Mike sentiu-se contente por ter pensado que aquilo a animaria. Mas então, no segundo seguinte, e para sua grande estupefacção, ela desatou a chorar.

Mike sentou-se e passou-lhe alguns guardanapos enquanto punha uma mão nas costas dela.

– Peço desculpa. Não era minha intenção entristecê-la. Por favor, não chore.

– São lágrimas de felicidade – disse Sara, limpando as faces com os guardanapos. – A sério. Sinto-me tão feliz por eles. Só que... Só que... – interrompeu-se e olhou para ele. – As minhas duas melhores amigas estão grávidas, e eu nem sequer estou casada!

Mike estava a aperceber-se de que Sara tinha um bom sentido de humor.

– Terei todo o prazer em ajudá-la a resolver uma dessas dificuldades. Pode ter a certeza de que tentaria tudo.

Por breves momentos, Sara não percebeu onde queria ele chegar.

– Você é horrível – disse ela, mas sorria.

– Nem por isso – retorquiu ele, com uma expressão de preocupação. – Falo muito a sério. É

um dos meus princípios. Tento sempre ajudar uma senhora que esteja numa situação de aflição.

– Obrigada – agradeceu Sara, fungando. – Fez com que eu me sentisse melhor. – Assoou-se e começou a arrumar os pratos. – Acho que devemos ir. Está a fazer-se tarde. Que coisas fabulosas tenciona cozinhar para o jantar?

– Esta noite, é a sua vez. Mas eu faço a salada.

– O que deve acompanhar muito bem a comida do McDonald's.

– Não está a falar a sério, pois não? Toda aquela gordura e...

– Você e a minha mãe! Pode ficar descansado; só estava a brincar. Vamos tomar de assalto a despensa da loja da minha mãe – disse Sara, inclinando-se para ele. – Quer saber um segredo meu?

– Sim – respondeu Mike, sustendo a respiração.

– Tenho a chave das traseiras da Produtos Orgânicos Armstrong – disse ela, erguendo o porta-chaves.

Inicialmente, Mike não compreendeu porque é que ela achava que aquilo era um segredo, mas então lembrou-se de que uma das histórias que lhe haviam contado a respeito de Stefan era a de ele ter exigido produtos de mercearia à mãe de Sara sem ter de os pagar. Se Mike a compreendia correctamente, ela estava a oferecer-lhe algo que negara ao homem com quem ia casar-se. Mas não queria que ela se apercesse do quanto aquilo o deixava satisfeito.

– Uma chave que nos dá acesso a todos esses produtos orgânicos? Esqueça o sexo, dê-me três pêssegos bem madurinhos.

Sara riu-se.

– E quando está a pensar dizer a Mister Lang que é proprietário da quinta que ele considera sua? A mãe deu-o à luz na sala da frente.

– Tem a certeza de que não foi no palheiro?

Antes que Sara pudesse responder-lhe, o telemóvel dela tocou e viu o número.

– Oh, não! Você fez-me esquecer que tinha prometido visitar a Joce esta tarde. Isto é horrível da minha parte. Pobre Joce, não pode sair da cama, a tentar impedir os bebés de quererem nascer prematuramente. O pai dela faleceu há alguns meses, o Luke trabalha o dia todo, e a Tess está fora; portanto, a Joce passa a maior parte do tempo sozinha.

– E você visita-a para lhe fazer companhia. Ei! Tenho uma ideia. E que tal se esta noite fizéssemos o jantar para eles? A Tess não me disse que o Luke instalou uma nova cozinha na casa principal?

– Sim e não. O Luke queria esventrar a cozinha antiga, mas o pai e a Joce impediram-no. Ele acabou por consertar os armários antigos e pintá-los, e a Joce concordou, finalmente, que ele instalasse... – Sara suspirou – bancadas de mármore branco.

– Estou enganado, ou você acabou de fazer um discurso de amor sobre uma *cozinha*? Entre a Árvore das Virgens e a maneira como disse «bancadas de mármore branco», decididamente, não vou conseguir dormir esta noite.

– Até parece que fala a sério! Mas, sim, a ideia de fazer o jantar para eles agrada-me. A pobre Joce está à mercê da capacidade de Luke em comprar comida já cozinhada e da amabilidade das pessoas da vila. – Pondo-se de pé, Sara baixou o olhar, para Mike. Um jantar de festa, pensou. Uma coisa tão vulgar, mas, simultaneamente, tão absolutamente divina. Greg tinha sempre defeitos a pôr a qualquer evento social em Edilean.

Ao pensar naquilo, Sara franziu as sobrancelhas. Era demasiado tarde para começar a fazer comparações entre o homem com quem ia casar-se e outra pessoa qualquer.

Quando Mike pegou na cesta do piquenique e lhe ofereceu o braço, Sara sorriu-lhe. Fora bastante agradável ter um homem suspenso de uma corda e a levantá-la do chão pela cintura, salvando-a.

- E ENTÃO, COMO é ele? – perguntou Jocelyn. – Isto é, para além de – ser lindo de morrer.
- Não penso nele nesses termos, pois estou apaixonada por outra pessoa.

Sara enunciou as suas palavras com toda a exactidão para se certificar de que Joce as ouvia bem. Algumas horas antes, ela e Mike tinham «assaltado» a enorme despensa da mãe na charcutaria dela e seguido directamente para casa. Entretanto, Sara já tinha telefonado a Joce, que lhe disse que Luke até era capaz de desatar a chorar ao pensar numa refeição caseira.

- Então pode juntar-se a mim – comentou Sara entre dentes, mas não explicou o que pretendia dizer. – Portanto, estás de acordo que o Mike e eu façamos o jantar desta noite na tua cozinha?

– Sara, se quiseres, até podes mudar-te para cá e preparar três refeições todos os dias.

– O cozinheiro é o Mike, não eu.

– Ele também sabe cozinhar?

Sara apercebia-se muito bem de que estava a ser empurrada para os braços de outro homem, mas tinha tomado a sua decisão com relação a Greg, e não se desviaria um milímetro que fosse.

Assim que entraram na casa principal, Luke levou Mike para o jardim, onde o lume já estava aceso para o churrasco. Tinham colocado uma cama para Joce no piso térreo, e era ali que ela passava o dia, deitada com a barriga enorme a empurrar a coberta leve. Sara encontrava-se à beira dela e olhou pela janela para os dois homens, que conversavam e riam.

– Parecem estar a dar-se às mil maravilhas – comentou Sara.

– O Mike conseguiu, finalmente, que o Luke concordasse em ir com ele ao ginásio amanhã, e fico muito satisfeita com isso. O Luke não me larga, como se eu fosse dar à luz a qualquer momento. Promete-me que estarás comigo na sala de parto. Tenho medo que o Luke desmaie.

– Prometo – disse Sara. – E espero que tu também estejas presente quando for a vez da Tess e a minha.

– Estás...?

– Não – apressou-se Sara. – A Tess está grávida, mas não sei ao certo se o Ramsey já sabe.

– Deduzo que tu e o Mike já chegaram à fase em que partilham segredos da irmã dele?

– Nós, não...

– É fácil viver com ele?

– Na verdade, eu não...

– Ele tem alguma namorada?

– Pára com isso! – ripostou Sara, mas acalmou-se de imediato. – Olha uma coisa; antes que toda esta situação fique fora de controlo, quero que saibas que o Mike se encontra aqui para investigar um caso. E que isto não saia desta sala.

Joce aquiesceu, com um pequeno acenar de cabeça.

– E que caso é esse?

– Relaciona-se com uma mulher qualquer, uma criminosa que está a viver em Edilean, e o Mike veio para cá com o objectivo de a apanhar.

– Como sabe ele que ela está na vila?

– Não sei – respondeu Sara, com um encolher de ombros. – Ele conta-me umas coisas aqui e ali, mas nunca consigo obter toda a história. Sabias que o teu marido correu comigo da minha

casa, de modo a que o Mike pudesse aparecer inesperadamente, vindo de um túnel secreto, no meu quarto... quero dizer, no quarto da Tess?

Joce arqueou as sobrancelhas.

– Eu sabia que se estava a passar qualquer coisa, porque ele não usou nenhum pesticida no teu apartamento. Mas é verdade que tirou a tua sanita e o lava-louças.

Sara lançou um olhar de fúria ao primo através da janela, que na altura bebia uma cerveja directamente da lata enquanto virava bifos na grelha, rindo-se de alguma coisa que Mike lhe dizia. Voltou a concentrar-se em Joce.

– Queres ajudar-me a descobrir o que se está a passar?

– Uma vez que o meu marido também me tem andado a ocultar coisas, adoraria ajudar-te.

As duas mulheres entreolharam-se com ar de conspiração.

Meia hora depois, a refeição estava pronta e os três sentavam-se na cama de Joce, todos com um tabuleiro cheio de bife, salada e legumes assados.

Mike e Luke dominavam a conversa, sem nunca se fartarem de falar sobre exercício físico.

– Eu já vi o que este tipo faz no ginásio e ele quer que *eu* vá com ele – disse Luke.

– Sei que ele é capaz de fazer de Tarzan – adiantou Sara, que trocou um sorriso cúmplice com Mike.

– O que significa isso? – perguntou Luke, olhando para os dois.

Antes que Mike tivesse oportunidade de responder, Joce falou.

– Diga-nos lá como descobriu que essa mulher de quem anda atrás está a viver em Edilean?

Luke não fazia a mínima ideia sobre o que a mulher estava a falar, mas viu que Mike parecia prestes a explodir.

– Mike – disse Joce –, não se preocupe com esse assunto. Ninguém contará o seu segredo. Queremos ajudá-lo.

Mike olhava para Sara com uma expressão de fúria, mas ela sorria-lhe.

– O que se passa? – perguntou Luke.

– O Mike está na vila para investigar um caso – explicou Joce. – Anda atrás de uma criminosa.

– Sim...? – retorquiu Luke, na expectativa.

– Acho que está na hora de nos irmos embora – disse Mike, olhando para Sara. Falara por entre dentes cerrados.

– Não – retorquiu Sara. – Não quero ficar sozinha consigo neste momento. – Não tinha o mínimo receio de Mike, mas não estava para ouvir o seu sermão... apesar de saber que o merecia. Por outro lado, ele não conhecia Joce e Luke tão bem como ela.

– O que quer que se esteja a passar, pode contar-nos – disse Luke. – Garanto-lhe que tudo o que nos disser será mantido na maior confidência.

– Não é isso que tenho visto nesta vila, onde os mexericos parecem ser um modo de vida – ripostou Mike, a olhar para Sara, que continuava a comer e não parecia minimamente perturbada por ser alvo do olhar de fúria dele.

– Mike – disse Joce –, sei o que está a sentir. Também sou uma recém-chegada, e ainda não estou habituada à vida aqui, mas sei que *conseguem* guardar segredos. Quando cheguei, toda a gente da vila conspirou de modo a impedir-me de saber algo acerca do homem por quem estava a apaixonar-me e...

– Estavas? – perguntou Luke. – Não sabia isso. Pensei que tu e o Ramsey...

– Você e o Ramsey namoravam? – perguntou Mike. – Mas a Tess desejou-o desde o primeiro momento em que o viu. Ela disse-me que...

– A Mitzi! – interrompeu Sara, em voz alta. – Lembram-se dela? Uma criminosa extraordinária?

Mike baixou o olhar, fixando-o no seu prato. Não estava habituado a partilhar a sua vida com ninguém, além de Tess, e até mesmo ela não sabia metade do que ele fazia.

– É esse o nome da mulher? – perguntou Joce.

Todos permaneceram em silêncio à espera que Mike falasse. Não lhes era difícil ver que ele se encontrava perante um dilema. Todavia, não havia maneira de poder obliterar o que já lhes havia sido revelado. Decidiu que levar os Vandlo perante a justiça era mais importante do que o seu desagrado em revelar algumas coisas de si próprio.

– Cartas de tarô – disse ele por fim.

– O que tem isso de especial? – questionou Sara.

– Perguntou-me como é que ela foi descoberta e a resposta é « cartas de tarô » – respondeu Mike, levando uma garfada à boca.

Todos fixaram o olhar nele, mas Mike não parecia inclinado a acrescentar mais nada.

– Estão a ver o que eu tenho de aturar? – disse Sara, agitando o garfo no ar. – Ele está sempre a fazer-me isto. Diz uma pequena frase que me deixa intrigada, e depois não acrescenta mais nada.

– Sei como te sentes – disse Joce. – Tu mencionaste um túnel, mas nunca ninguém me disse nada sobre um túnel por baixo da *minha* casa – acrescentou, fitando Luke com um olhar que lhe dava a saber que ele lhe devia explicações.

– Mike, quer dar-me uma ajuda a esclarecer esta situação, antes que eu seja recambiado para a casota do cão durante um ano? – pediu Luke.

Mike precisou de respirar fundo várias vezes antes de poder falar.

– Toda a gente tem um ponto fraco.

– Até você? – perguntou Sara, pestanejando inocentemente.

– O meu parece ser uma jovem bonita que costuma andar por aí rodeada por um bando de gansos sempre a grasnar.

Quando Sara concentrou o olhar na comida, o seu rosto adquiriu uma encantadora coloração rosada. Não viu a maneira como Joce e Luke se entreolhavam com esperança nos olhos.

Em traços largos, Mike narrou-lhes os acontecimentos que narrara a Sara, tendo o cuidado de ocultar que o noivo de Sara era filho de Mitzi.

– Portanto, voltamos à minha primeira pergunta – disse Joce. – O que o leva a pensar que ela se encontra na vila? Isto é, além de ela querer que lhe leiam a sina. E a propósito, não há ninguém em Edilean que saiba deitar cartas de tarô. Pelo menos, por dinheiro. Saberíamos se fosse esse o caso.

– Temos os nossos informadores, pessoas que tentam salvar a própria pele denunciando os amigos e familiares. Um deles disse-nos qual era o grande ponto fraco de Mitzi.

Os outros três inclinaram-na para a frente na expectativa.

– Ela colecciona cartas de tarô com motivos ciganos.

Um a um, todos se inclinaram para trás.

– Só isso? – perguntou Sara. – Tudo isto por causa de umas quantas cartas com imagens

ciganas?

– E é tudo sobre o assunto – respondeu Mike, num tom que não permitia mais perguntas. – Alguém quer mais chá? Ou uma cerveja?

– Eu gostaria de uma *margarita* com montes de sal – disse Joce, passando a mão pelo ventre.

– Brinques com ele a respeito de comida – advertiu Sara. – É mais fanático do que a minha mãe.

Joce e Luke olharam para Mike, atônitos.

Quando este se levantou para ir à cozinha, Joce disse:

– Se não nos puser a par do resto desta história, é possível que eu dê à luz aqui e agora e será *você* quem terá de ajudar ao parto. Sente-se! Fale!

Com um sorriso que mostrava uma covinha na face, Mike voltou a sentar-se e contou-lhes o que tinha lido nos dossiês que o capitão lhe entregara. Através de um informador, haviam sabido que Mitzi Vandlo possuía o que era, muito possivelmente, a melhor colecção – e talvez a única – de cartas de tarô de inspiração cigana em todo o mundo. Para tentarem armar-lhe uma cilada, os agentes federais conseguiram obter um baralho que em tempos estivera num museu.

– Tanto quanto se sabe, era o único baralho que existia em todo o mundo, e não me custa imaginar como é que eles se apoderaram dele. Puseram-no à venda no eBay.

– No eBay? – perguntou Sara.

– No velho e simples eBay? – secundou Joce.

– Sim. Os agentes federais entraram numa licitação renhida, mas quando o valor chegou aos setenta e cinco mil dólares, todos desistiram. Excepto uma pessoa. Continuou a licitar até um licitador incógnito arrematar as cartas por oitenta e dois mil e quinhentos dólares.

– E essa pessoa foi a Mitzi? – perguntou Sara.

– Eles acham que sim. Levaram seis semanas a descobrir o licitante. Eram empresas fictícias que controlavam outras empresas, até que chegaram a uma caixa postal em Richmond. Pertencia a uma mulher cujo endereço na carta de condução correspondia a uma morada em Edilean.

Mike mentia com relação à última parte, mas teve o cuidado de não o mostrar. Era verdade que a caixa postal fora alugada, mas por um homem titular de uma carta de condução emitida na Pensilvânia. Os agentes federais tinham mantido a caixa postal sob vigilância, mas nunca apareceu ninguém que a abrisse. Então um dia explodiu um carro no parque de estacionamento e a estação de correios foi evacuada. Quando toda a gente regressou, as cartas haviam desaparecido.

Tinham tomado conhecimento da existência de Edilean através de Stefan. Depois de vários anos de silêncio, durante os quais não souberam do paradeiro dele, Stefan reaparecera subitamente durante tempo suficiente para se divorciar da mulher com quem se casara havia quase vinte anos. Concluído o divórcio, voltou a sumir. Só foi visto mais uma vez por um agente de folga, em Richmond, e na altura estava noivo de Miss Sara Shaw e vivia em Edilean. Mas a estranha maneira de proceder de Stefan, com a entrega das cartas de tarô nas proximidades de Richmond, levou os agentes federais a pensar que talvez tivessem encontrado Mitzi. Quando lhes disseram que um detective que costumava trabalhar infiltrado tinha uma irmã que vivia em Edilean, foi como um sonho tornado realidade.

Mas Mike não podia dizer-lhes nada daquilo. Dentro de pouco tempo seria forçado a confessar

a verdade a Sara, mas ainda não.

– Talvez ela soubesse que estava a ser vigiada, por isso, é possível que nesta altura já tenha abandonado a vila – alvitrou Joce.

– Não somos dessa opinião. Pensamos que ela veio para Edilean para obter qualquer coisa, mas não fazemos a mais pequena ideia do que seja. Sabem de algum tesouro escondido por estas bandas?

Sara quebrou o silêncio.

– Diga-lhes o que viu na Quinta Merlin.

Mike teve de se esforçar para não franzir o sobrolho. Ia ter de falar com ela acerca de dar à língua, revelando coisas que ele lhe dizia em confidência. Por outro lado, talvez devesse ser ele a não falar de mais, dizendo-lhe menos.

– Muito bem, digo-lhes eu – ameaçou Sara, ao ver que Mike hesitava. Começou a fazer-lhes um relato pormenorizado de tudo o que Mike lhe contara sobre o seu dia passado na quinta. – Esqueci-me de alguma coisa?

– Não – respondeu Mike cautelosamente –, mas lembrar-se da localização das armadilhas não significa que possa voltar à quinta sozinha. Amanhã vou falar com o Lang para o informar de que passei a ser o proprietário e...

– O Mike só pode continuar a ser dono da quinta se viver lá com a Ariel e gerar um número infinito de crianças – adiantou Sara, com um suspiro de falsa comiseração.

Mike levantou a mão antes que alguém tivesse tempo de falar.

– Eu nem sequer conheço essa mulher. Mas é verdade que o meu cunhado estabeleceu uma série de restrições na escritura.

– Posso imaginar – disse Luke. – O meu primo já nasceu com o curso de Direito.

– É impiedoso – comentou Joce.

– Desmesuradamente impiedoso – secundou Sara.

– E então, como podemos ajudar? – perguntou Joce, mas olhava para o marido.

Mike viu que Luke parecia em transe. Tinha o olhar vidrado e olhava fixamente para a parede. Mike olhou para as duas mulheres com uma expressão interrogadora.

– É a cara dele de escritor – explicou Joce. – Quando tem uma ideia para um livro, não vale a pena falar com ele até voltar à Terra.

– Oh... Nunca tinha estado perto de um escritor – disse Mike.

– A Joce também é escritora – acrescentou Sara.

– Mas eu escrevo biografias. Faço trabalho de pesquisa sobre a vida de pessoas. Não é o mesmo que inventar um enredo. O Luke começa com uma folha de papel em branco e...

– A feira – disse Luke.

– O que tem a feira? – perguntou Mike. – A propósito, onde é que se realiza?

– No Campo Nate – replicaram Joce e Sara em uníssono.

– Quinta Merlin, ribeiro K, Campo Nate – disse Mike. – De onde é que vêm todos esses nomes?

– Não fazemos a mais pequena ideia – respondeu Joce, que continuava com os olhos presos em Luke.

– Como planeia fazer com que essa mulher se mostre? – perguntou Luke.

Mike não podia dizer-lhe que tencionava usar o noivo de Sara para que a mulher saísse do anonimato em que vivia.

– Tem alguma sugestão?

– A minha editora tem um departamento gráfico fantástico, com equipamento do melhor que existe no mercado.

– Magnífico – retorquiu Mike, sem ver qual a relação entre uma coisa e outra.

– E se criássemos um baralho de cartas de tarô com imagens da cultura cigana e a minha editora as imprimisse? Em seguida, podíamos arranjar alguém que saiba ler a sina com essas cartas, colocando-a na feira. Desta maneira, essa...

– Mitzi – adiantou Sara.

– Mitzi, se estiver na vila, acabará por ver essas cartas.

– E há-de cobiçá-las – acrescentou Joce.

Mike deixou-se ficar a olhar para eles enquanto pensava naquela ideia. Das duas uma: ou era brilhante ou poderia causar a morte de alguém.

– Não... não sei se resultaria. Onde vamos arranjar um artista gráfico em tão pouco tempo?

– O Shamus – disseram Luke, Jocelyn e Sara ao mesmo tempo.

– Não me parece que o conheça – retorquiu Mike, sorrindo ao ver a forte convicção que se espelhava no rosto dos três. – Quem é ele?

– É o mais novo dos Frazier – replicou Luke.

– O que nasceu quando ninguém esperava – acrescentou Sara. – A surpresa para os pais.

– Só tem quinze anos, mas é um Frazier – adiantou Joce.

– O que quer isso dizer? – perguntou Mike.

Os outros três olharam uns para os outros, mas não lhe responderam.

– E então, posso ser a pessoa que lê a sina? – perguntou Joce. – Posso manter-me deitada numa espreguiçadeira enquanto deito as cartas que o Shamus fizer.

– De maneira nenhuma! – O tom de voz de Luke era definitivo.

– Oh? – As sobrancelhas de Joce arquearam-se. – Deduzo que queiras que eu fique fechada nesta casa durante a feira. Deitada na cama a cuidar dos teus *bebês*, a olhar pela *tua* casa, a tratar da *tua* comida e...

– Era a nossa casa quando o túnel foi mencionado, mas agora é a *minha* casa? – Luke expressava-se com calma e num tom de firmeza.

– Acho que vamos andando – disse Mike, estendendo a mão para Sara, que se levantou da cama e pegou na mão dele.

Depois de se despedirem, saíram. Já no exterior, sentindo o ar do fim de tarde, olharam um para o outro e começaram a rir. Mike não soltou a mão de Sara.

– Quem pensa que sairá a ganhar?

– Aposto vinte dólares em como a Joce vai telefonar-me amanhã a pedir que lhe faça um vestido adequado a uma cartomante.

– Nunca aceito uma aposta que sei à partida que vou perder. A Tess não tem uns brincos que são umas argolas enormes?

– Sei quais são as argolas a que se refere. As crianças até podiam usá-las como balouço.

Sorrindo, Mike beijou-lhe as costas da mão.

– Ei! – exclamou Sara, tirando a mão da dele com brusquidão. – Mulher casada, lembra-se?

– Ainda falta muito para estar casada. – Fazia escuro, o ar era refrescante e o cantar dos grilos tinha um som agradável. – Quer dar um passeio?

Sara conhecia bem o jardim, pelo que ele a seguiu. Não havia luzes exteriores, mas o luar proporcionava alguma luminosidade.

– Está ansioso por ver este caso resolvido e voltar para casa, para a Florida?

– Acabei de chegar aqui. Já quer ver-se livre de mim?

– Não, mas quando o seu caso estiver resolvido, ficará livre para ir aonde quiser.

Mike deu graças por a escuridão ter ocultado o seu sorriso. Sara parecia convencida de que Mitzi Vandro se deixaria enganar pelo embuste das cartas falsas de tarô. Dar-se-ia o caso de Sara estar a imaginar a Polícia a entrar numa tenda e a algemar a mulher?

– Está a fazer troça de mim, não está? – perguntou Sara.

– Claro que não.

– Está, sim. Sinto que está.

– Intuição feminina?

– Se não parar de fazer pouco de mim, vou...

– Vai o quê? – perguntou ele em voz baixa.

Quando ela se virou para o olhar, o luar reflectido na face dela fez com que Mike sentisse uma vontade quase irresistível de a puxar para os seus braços. A maior parte das mulheres que conhecera haviam-lhe dado a entender que estavam receptivas às suas investidas amorosas, assim, por que motivo o olhava Sara como se ele fosse seu... seu *amigo*?

– Vou vingar-me, combinando um segundo encontro entre si e a Ariel.

– Você detesta-a mesmo, não é?

– Posso garantir-lhe que é recíproco – replicou Sara, recomeçando a andar. – Quer saber o que ela me fez quando andávamos na quarta classe?

Aquilo era a última coisa que Mike queria saber.

– Que cheiro é este?

– O mais certo é ser do perfume da minha mãe. Quando é o seu primeiro encontro com a Ariel?

– É no sábado. A sua mãe está aqui, escondida nos arbustos, e é por isso que sinto o cheiro do perfume dela?

– Sabe muito bem que não foi isso que eu quis dizer. Estou a usar o perfume dela.

Mike estendeu a mão e agarrou-a pelo braço, olhando para ela à luz prateada.

– Importa-se que eu o cheire mais de perto?

Sara levantou o queixo para lhe dar acesso ao seu pescoço, mas depois, abruptamente, endireitou a cabeça.

– Espere! Não é um vampiro, pois não?

– Mas o que se passa nessa sua cabeça?

– Tenho andado a ver filmes de adolescentes. Quem haveria de pensar que os adolescentes gostam de sexo?

– Todos os que trabalham com adolescentes grávidas – replicou Mike. – Mas... e quanto ao perfume?

– Com certeza. – Sara virou a cabeça e Mike inclinou-se para a frente, aproximando a face do pescoço dela. Quando os lábios dele lhe tocaram na pele, ela deu um salto, afastando-se com um olhar de censura.

– Não faça isso. Ao fim e ao cabo, eu sou humana.

Mike retrocedeu até ir contra uma árvore.

– Sara, você está a pôr-me louco.

– É lisonjeiro ouvir isso, mas não acredito em si.

Mike esforçava-se por dominar as suas emoções. Uma noite cálida, escuridão, e Sara lindíssima e desejável com um vestido branco que parecia feito de luar, ao que se associava uma fragrância erótica e convidativa que envolvia ambos.

– Onde arranjou a sua mãe esse perfume? – conseguiu ele perguntar, numa voz enrouquecida e baixa.

Ela fitava-o com uma expressão especulativa, e o que mais desejava fazer naquele momento era pôr as mãos no peito dele.

– Ela...

Sara teve de respirar fundo duas vezes para serenar. Greg, Greg, Greg, repetiu em silêncio, e tentou esquecer que havia vários meses que não faziam amor. E fora ainda há mais tempo que se tinham beijado, além de um beijo de fuga na face quando se despediram.

– Está a olhar para mim de uma maneira estranha – disse Mike, estendendo-lhe a mão.

– A minha mãe – disse Sara, recuando um passo.

– A sua mãe, o quê? – perguntou Mike, dando um passo em frente.

– Ela entretém-se a fazer produtos de beleza e champôs. Mas este é o único perfume que fez. Chama-se...

– O quê? – Mike deu outro passo em direcção a ela.

– *Noites Escaldantes*.

– Sara... – Mike estendeu as mãos para ela.

Ela começou a retroceder pelo caminho que conhecia tão bem, de frente para ele, enquanto falava apressadamente.

– As minhas irmãs e eu sempre nos sentimos embaraçadas com esse nome. Há cerca de oito meses, os meus pais fizeram um fim-de-semana comprido e foram para fora; quando regressaram... bem, digamos que se riam tolaemente. Dois dias depois, a minha mãe fez um perfume a que deu o nome de *Noites Escaldantes*.

– Gosto desse perfume – disse Mike, baixinho. – Gosto da fragrância e do nome.

– As minhas irmãs e eu dissemos-lhe que não podia dar esse nome ao perfume, mas ela limitou-se a rir e disse...

– Disse o quê?

– Que todas as gerações adoravam fazer sexo. Acho que devíamos ir para dentro. Está a ficar frio aqui fora.

Antes que ele pudesse replicar, Sara passou por ele a correr em direcção à casa.

Quanto a Mike, precisou de ficar fora de casa até estar em condições de ser visto em público. Sabia que tinha de se dominar – *todo* ele, mente e corpo.

De momento, a situação em que se encontrava deixava-o confuso. No passado, fizera amor com mulheres com o único objectivo de lhes extorquir informações. Mais tarde, algumas dessas mulheres haviam sido condenadas a penas de prisão. Mas, com a excepção de uma vez, Mike conseguira dissociar-se delas por saber antecipadamente que ficariam bem depois de as deixar. Todas tinham dinheiro, filhos e casas. Talvez dissessem que ele lhes destroçara o coração, mas ele sabia que acabariam por se recompor.

Mas Sara era um caso inteiramente diferente. O que lhe aconteceria depois de Mike partir? Especialmente, se se tornassem íntimos? Esperava que os dois Vandlo, mãe e filho, fossem apanhados, algemados e levados em carros-patrolha, mas e depois? Meter-se-ia Mike também no seu carro e deixaria a vila?

Visualizou a cena mentalmente. Acenaria num gesto de despedida às pessoas de Edilean? A Luke e Joce? Diria adeus a Tess e a Ramsey, o cunhado que nem sequer conhecia?

Caso regressasse passados tempos para visitar a irmã e a criança que entretanto nasceria, os habitantes da vila odiá-lo-iam por ter abandonado Sara?

E quanto à Quinta Merlin? Conseguiria Mike viver lá depois de se aposentar? Nessa altura, Sara já estaria casada? Com algum sujeito da vila que fumasse e que visse futebol na televisão durante todos os fins-de-semana? Um homem que fritasse perus pegando fogo à casa? Ou apaixonar-se-ia ela por outro homem de fora da vila que com a sua lábia a convencesse a...

Mike passou a mão pela face. Havia muito tempo que se obrigava a não se envolver emocionalmente com pessoas relacionadas com as investigações em que trabalhava infiltrado. Nem sempre fora bem-sucedido, mas quaisquer que fossem os seus sentimentos, concluída a missão, deixara essas pessoas para trás, passando ao trabalho seguinte. Ao pensar que acabaria por fazer isso a Sara, sentiu-se mal consigo próprio. Embora habitualmente lidasse com criminosos, Sara era uma pessoa inocente.

Talvez fosse aquela vila que o incomodava. Ou talvez o facto de dentro em pouco ter de lidar com a sua aposentação sem ter a mínima ideia sobre o que faria com o resto da sua vida. Lembrou-se do momento em que estivera naquele pomar antigo na Quinta Merlin, quando vislumbrou um futuro que não tinha nada que ver com alvejar pessoas, nem sequer com atraí-las. Talvez a irmã soubesse o que fazia quando ofereceu a Mike aquela quinta escalavrada.

Mike deu meia volta e olhou para a casa. Se apanhar os Vandlo não fosse tão importante, partiria sem mais demoras, antes que alguém – especialmente Sara – ficasse emocionalmente magoado.

Mas não podia fazer isso. Encaminhou-se para casa e sorriu quando lhe cheirou a pipocas. Lá dentro, Sara estava inclinada para o DVD.

– Quer ver um filme? – perguntou-lhe ela.

– Só se for uma comédia romântica. São os meus filmes preferidos.

– Isso é estranho. Eu diria que você é um admirador de Jason Statham. – Sara mostrou-lhe uma cópia de *Shank*. – Mas, se não gosta, também tenho uns dois filmes da Catherine Heigl algures.

– Se tiver de ser, sofrerei a ver outro filme de acção – disse Mike, dirigindo-se para o sofá, e viu uma taça enorme cheia de pipocas em cima da mesinha. – Como está o seu pescoço?

– Lavado, portanto, pode recolher as presas.

– As presas não são a parte de mim que precisa de ser recolhida – retorquiu ele, ao sentar-se num dos extremos do sofá, batendo ao de leve no lugar ao seu lado.

Sara pegou na taça de pipocas e colocou-a junto dele.

– Dê-me isso – pediu ele, com uma careta sorridente, estendendo a mão para o comando à distância.

Sara conteve o riso, acomodando-se tão longe de Mike quanto lhe era possível.

Na casa principal, na porta ao lado, Jocelyn enviava a Tess uma mensagem de texto:

« SABIAS QUE O TEU IRMÃO ESTÁ A APAIXONAR-SE PELA SARA? »

De imediato, Tess respondeu-lhe:

*

« AMANHÃ VOU PASSAR O DIA NUMA DAS CATEDRAIS A DAR GRAÇAS POR ISSO. E A SARA? ELA TRATA-O COMO SE FOSSE OUTRO PRIMO. FAZ COM QUE ELE SE DISPA. »

– Disseste que viste o Mike no ginásio – disse Joce, olhando para Luke. – Por acaso viste-o despido?

– Não me parece que seja uma coisa a que eu prestaria atenção, não achas?

– E então, qual é o aspecto dele nu?

– É gordo. Tem uma pança enorme. Umas pernas muito lingrinhas. Não tem um único músculo no corpo.

Joce enviou outra mensagem de texto a Tess:

« ASSIM FAREI. ÉS REALMENTE A MINHA MELHOR AMIGA. »

MIKE PROCURAVA Sara pelo que lhe haviam dito ser o Campo Nate, mas não a viu.

– Talvez eu deva procurar uma mulher tão furiosa que tem o cabelo em chamas – resmungou, ao recordar-se do que ela vira naquela manhã, ele sentado num canto da secretária de Erica a namoriscá-la descaradamente.

Avistou cerca de uma dúzia de homens, todos com cintos de couro para ferramentas, espalhados a erigirem os pavilhões para a feira a realizar-se dentro em breve. Se não tivesse decidido passar um segundo dia a inspeccionar a Quinta Merlin, oferecer-se-ia para os ajudar. Talvez pudesse fazer isso no dia seguinte, pensou. Jocelyn fizera alguns desenhos para o vestido da cartomante, tendo-os dado a Sara para que escolhesse um. Mike e Sara riram-se quando souberam que fora Joce a ganhar a discussão sobre a sua participação nas actividades da feira.

– Ela não vai correr perigo, pois não? – perguntara Sara. – Quer dizer... essa mulher, a Mitzi, não vai dar uma cacetada na cabeça da Joce para se apoderar das cartas?

– E arriscar-se a não conseguir aquilo que realmente pretende... o que quer que seja? – perguntou Mike. – Não, não me parece que ela faça isso.

Mike não o disse, mas não queria Sara em contacto directo com Mitzi. Todavia, tencionava obter tanto ADN quanto pudesse. O seu novo plano – o qual não partilhou com Sara – era conseguir a ajuda da famigerada Erica. Esta pediria ao maior número possível de mulheres, da idade adequada, que fossem à loja provar as suas roupas; finda a prova, oferecer-lhes-ia vinho de um copo de cartão. Escreveria no próprio copo o nome de cada mulher, após o que os guardaria num saco de plástico transparente. Não era muito, mas era um começo.

Mike fizera perguntas a respeito de Erica a algumas pessoas e se a mulher era tão sexualmente voraz como lhe haviam dito, sabia bem como lidar com ela. Já tinha persuadido muitas mulheres como ela a fazerem o que ele desejava.

Às primeiras horas daquela manhã, quando ia a caminho do ginásio, onde ficara de se encontrar com Luke, Mike parara a falar com a mãe de Sara, tendo-a convencido a manter Sara e Brewster Lang ocupados durante todo o dia, de modo a poder inspeccionar a quinta sem ser incomodado. Ellie disse-lhe que encarregaria Sara de fazer as grinaldas para a banca de Luke na feira, mas que Lang era tão difícil de apanhar como uma enguia besuntada com óleo. Mas prometeu que faria o seu melhor.

Depois de ter falado com ela, Mike dirigiu-se para a loja de que Sara e Stefan eram proprietários. Deixara o pitoresco centro da vila de Edilean, onde uma pessoa se sentia como se tivesse recuado no tempo, e entrara numa loja toda de vidro e cromados. Não se conteve e teve de olhar pelas janelas da fachada para se assegurar de que continuava em Edilean. O planeamento urbanístico da vila não permitia que o exterior dos prédios fosse alterado, mas o interior era do mais moderno possível. Havia espelhos por todo o lado, candeeiros dourados e cadeirões estofados a seda. Mike olhou para uma etiqueta com o preço: \$1,200 por uma simples blusa branca.

Não admirava que as pessoas de Edilean detestassem Vandlo. A clientela que aquele tipo de estabelecimento atraía não era composta por pessoas que pudessem contribuir para a prosperidade da vila. Não, limitar-se-iam a estacionar os seus automóveis de luxo, comprariam o

que pretendiam e partiriam.

Olhando à sua volta, Mike viu o que as pessoas da igualha dos Vandlo pensavam ser classe, mas ele não encontrava nada que tivesse a mão de Sara. Ainda não tivera oportunidade de ver o apartamento dela, mas duvidava muito que tivesse alguma semelhança com aquela loja em termos de decoração.

– Posso ajudá-lo? – perguntou uma jovem mulher.

Mike olhou-a de cima a baixo. O vestuário todo preto era mais apropriado em Nova Iorque do que em Edilean.

– Preciso de falar com a Erica – disse Mike.

Saiu da loja uma hora mais tarde. Tudo com Erica corraera de acordo com o que planeara, tendo conseguido convencê-la – quarentona e desesperada – a encarregar-se da recolha do ADN das mulheres. O problema surgiu quando Sara, trazendo uma braçada de roupas, chegou à loja antes de ele ter acabado a conversa com Erica.

Pelo canto do olho, viu Sara a sair e adivinhou pelo passo rápido que ela estava irritada. Quisera ir atrás dela, mas naquele momento não podia interromper o que estava a tratar com Erica. De facto, fora obrigado a despende mais tempo a, por assim dizer, passar-lhe a mão pelo pêlo depois do aparecimento inesperado de Sara. Tinha noção de que o que estava a fazer com Erica talvez não parecesse um assunto de trabalho aos olhos de Sara, mas era precisamente isso, e ele era forçado a prosseguir.

Portanto, já tinha tudo combinado com Erica. No final do dia, um agente da Polícia iria recolher os sacos que continham os copos, levando-os para o laboratório. A grande esperança era que um deles pertencesse a um membro da família de Stefan.

Com Lang ocupado no Mercado dos Agricultores, a única coisa que Mike tinha de fazer era acalmar Sara.

– O meu salário devia ser o dobro nesta missão – resmungou Mike enquanto atravessava o terreno onde a feira decorreria. Algumas pessoas acenaram-lhe quando o viram, mas Luke sabia de que andava ele à procura. Apontou para as árvores num extremo do campo. Mike viu os cabelos louros de Sara inclinados para o que lhe pareceram algumas toneladas de ervas.

Ela ergueu a cabeça, avistou Mike e começou a esboçar um sorriso, mas a seguir o seu semblante alterou-se e voltou a baixar o olhar.

À volta dele, alguns homens que ele não conhecia fitavam-no curiosos enquanto Luke lhe dava uma palmada no ombro num gesto de simpatia.

– Boa sorte – desejou-lhe, com o riso a transparecer na voz.

Mike encaminhou-se para onde Sara estava sentada, com o regaço cheio de fio de arame e flores púrpuras com caules compridos. Perguntou a si mesmo se ela falaria consigo.

– Não havia motivos para preocupação.

– Você é execrável – disse Sara, arreganhando o lábio superior. – Estava sentado num canto da mesa de Erica como se esta fosse uma secretária dos anos cinquenta. E inclinado para ela a falar-lhe naquela sua entoação... a namoriscar com ela.

– Sim. E depois? De que se queixa?

– Isso não é maneira de se comportar, mais nada. Sabe muito bem como as pessoas desta vila adoram mexericos. Ainda que lhe seja indiferente o que possam pensar de *si*, devia pensar na Tess. Ela vai continuar a viver aqui. Com os filhos.

– Então, como devia ter-me comportado?

– De uma maneira profissional – ripostou Sara, sem conseguir conter a cólera. – Sentado numa cadeira diante da secretária e falando com ela de um modo respeitoso.

– Você queria eu lhe pedisse *respeitosamente* que fizesse o seu trabalho? Que espiasse as suas próprias clientes? E que recolhesse informações para uma investigação federal, mas que se mantivesse calada?

– Você falou-lhe da Mitzi? – perguntou Sara, agastada.

– Claro que não. Disse-lhe que sou dos Serviços de Saúde e Doenças dos Estados Unidos... que não existe... e que ando a investigar um surto de doenças sexualmente transmissíveis. Parece que em Edilean toda a gente é promíscua.

– Você não disse isso!

– Disse, sim.

– Faz alguma ideia do que as pessoas vão dizer quando ouvirem uma mentira dessas?

– E quem vai acreditar no que uma pessoa de fora, como a Erica, diz? E já agora, tenho a certeza de que ela contará a toda a gente. Além disso, parece-me ser o tipo de pessoa que gostaria de saber que outras têm uma doença sexualmente transmissível. Quer apostar que ela irá ao médico esta mesma tarde?

– O que está em questão não é *aquilo* que lhe disse, mas *como* lhe disse. Não tem um pinga de brio?

– Tenho o suficiente para acreditar que a maior parte das mulheres... com a excepção da Sara... gosta de mim.

– Isso deve-se ao facto de eu pensar num nível mais elevado do que apenas o da atracção física. E, para sua informação, estar apaixonado envolve muito mais do que a actividade sexual.

– Você fala como uma mulher cujo poço secou.

– Isso é absurdo... e ordinário. – Desviando o olhar, Sara voltou a concentrar-se na tarefa das grinaldas. – Não que seja da sua conta, mas o Greg e eu temos uma relação muito gratificante sob todos os aspectos.

Quando Mike não disse nada, ela soergueu o olhar e viu que ele sorria como se não acreditasse no que ela dizia.

– Então há quanto tempo foi a última vez? – perguntou ele.

– Ele foi-se embora apenas há alguns dias.

Mike manteve o sorriso presumido.

– E quanto a *si*, quando foi a última vez em que esteve com alguém? – perguntou Sara, olhando para ele por entre as pálpebras semicerradas.

– Anos. Séculos. Já foi há tanto tempo que o despontar do dia corre perigo.

Sara tentou não rir, nem sequer sorrir, mas não conseguiu conter-se. Voltou a concentrar-se nas grinaldas.

– Está tudo esclarecido entre nós? – Quando ela não respondeu, Mike acrescentou suavemente: – Sara, eu faço o que tenho de fazer para tirar criminosos das nossas ruas. Em circunstâncias normais, não me atiraria a uma mulher assim que a conheci, mas precisava que fosse feita uma determinada coisa, e essa foi a maneira mais rápida de o conseguir.

– Está ciente, não está, de que agora a Erica espera que você vá para a cama com ela?

– Não me parece – respondeu Mike solenemente.

– Muito bem – continuou Sara, suspirando –, o que ficou a saber depois de ter falado com ela?
– Penso que ela tem um namorado.
– A Erica? Ela nunca deixa a vila.
– Portanto, só pode ser alguém de Edilean.
– Se fosse esse o caso, eu saberia. Toda a gente estaria a par disso, e não ouvi uma única palavra a esse respeito. A mulher é viciada no trabalho, além de que está com o Greg durante doze horas do dia.

Quando Mike soltou um pequeno som, como se exclamasse « ah, ah! », Sara lançou-lhe um olhar de fúria.

– Nem pense. Quaisquer que sejam as queixas que as pessoas têm contra o Greg, ninguém nega que é muito trabalhador. Isto é, com a exceção da Joce, mas ela...

– Ela o quê?

– Nada. O que vai fazer hoje? A minha mãe impingiu-me a tarefa de fazer grinaldas para a banca do Luke na feira.

– Precisa de ajuda?

– Com certeza. Se trabalharmos os dois, podemos acabar isto em metade do tempo.

– Sara, hum... o que eu queria dizer é que talvez haja alguém aqui que a possa ajudar. Não tem primas? – perguntou Mike, recuando um passo.

– De acordo, estou a perceber. Isto é uma tarefa para mulheres e você quer pôr-se a andar. Vai visitar a Erica?

Sara estava a brincar com Mike, mas quando olhou para ele viu-lhe um brilho baço nos olhos que começava a reconhecer.

– Estava a pensar em ir a Williamsburg, ao ginásio, para um pouco de cárdio e depois tenciono ir às compras – disse ele. – Ainda estou a precisar de mais roupa.

Havia qualquer coisa estranha na maneira como ele disse aquilo, o que a levou a concluir que não era verdade.

– Está a mentir – disse Sara calmamente. – Você vai para o inferno por mentir tão descaradamente.

– O que está a dizer é ridículo. Tenho de ir andando.

Sara olhou para a grinalda que tinha na mão por uns momentos e depois voltou a olhar para ele, sorrindo.

– Espero que tenha um dia agradável e aposto que vou conseguir fazer, pelo menos, cem coisas destas. Tenho a certeza de que se vão vender muito bem.

A mudança de humor dela, de cólera para uma aquiescência cheia de doçura, deixou-o intrigado.

– E que tal se fosse eu a fazer o jantar esta noite? – perguntou ela, continuando a sorrir.

– Atum no forno? – perguntou Mike, trocista.

– Atum surpresa.

– Parece ótimo – retorquiu Mike, embora estivesse de cenho franzido. – Tem a certeza de que está bem?

– Não podia estar melhor. Vá, vá à sua vida. Vá comprar as suas roupas novas. Pode mostrar-mas esta noite. Talvez até possa desfilar para eu ver como lhe ficam, e eu guardo a melhor grinalda para lhe mostrar.

– Parece-me uma ideia excelente – retrucou Mike, andando para trás. – Vemo-nos por volta das cinco da tarde?

– Perfeito.

Continuando a franzir a testa, Mike deu meia volta e encaminhou-se para o carro. Por que razão tinha ela cedido com tanta facilidade?, perguntou-se. Num dado segundo dizia que ele iria parar ao inferno por mentir e no seguinte desejava-lhe um dia agradável.

Atingiu-o de chofre. Ela sabia onde ele ia e porquê. Quando chegou ao descampado no Campo Nate, Mike reparou que o carro de Sara estava estacionado por baixo de uma árvore de grande porte. Levou cerca de dois minutos para chegar lá e não ficou surpreendido ao vê-la encostada à árvore, a correia da mala de mão ao ombro.

– Demorou bastante tempo a somar dois mais dois – disse ela. – Tem a *certeza* de que é polícia? No meu carro ou no seu?

– Sara...

– Sim?

Visões em que a amarrava e a punha no porta-bagagens, levando-a para um lugar seguro, passaram-lhe pela mente. Mas acontecia que ela se encontrava no centro de tudo, pelo que era necessário mantê-la por perto.

– No meu. Essa coisa que você conduz está a cair de podre.

– Mas que presunçoso. Nem todos podemos ter *V10* de cinco litros com quinhentos cavalos que vão dos zero aos cem em quatro ponto seis segundos.

Estupefacto, Mike olhava para ela.

– Fui ver à Internet.

– Você andou a bisbilhotar o meu quarto e pesquisou o meu carro? Que outras coisas dúbias tem andado a fazer?

– Não seria um grande segredo se eu lhe contasse, pois não? Alguma vez lhe passou pela cabeça que pouparia muito tempo se me dissesse a verdade acerca do que está a tentar descobrir?

– Se eu jurar pela vida da Tess que não sei, acredita em mim?

– Sim – respondeu Sara, circunspecta. – Mas eu sou a chave, não é verdade?

Quando chegaram ao carro, ele fitou-a com um olhar penetrante.

– Não precisa de me dizer – continuou Sara. – Não sou estúpida. Sei bem que sou uma das mulheres que você namoriska para que lhe dêem informações. É por eu ser proprietária de uma loja de vestuário e ter acesso a bastantes pessoas?

Ainda não tinha chegado a altura de lhe falar de Stefan.

– Sim – confirmou Mike. Abriu o carro, que estava trancado, e entraram ambos. – Sara, confesso que não posso pô-la ao corrente de tudo, mas tem de confiar em mim. A verdade é que você é o centro deste caso. É possível que esteja relacionado com a sua loja, mas não temos a certeza. Não posso dizer-lhe porquê ou como, em parte porque não sei, mas acreditamos que você possui ou sabe alguma coisa que a Mitzi pretende.

Mike podia ver que ela se esforçava por manter a calma e reagir como se não tivesse acabado de ser atingida por um raio.

– A minha tia Lissie deixou-me algumas jóias em testamento – disse Sara, por fim. – Talvez sejam valiosas.

Mike sentiu uma grande vontade de a abraçar, mas encontrava-se numa área demasiado pública. Em vez disso, obrigou-se a pensar na lista de jóias que Mitzi Vandlo acumulara ao longo dos anos. As clientes ofereciam-lhas como prova da sua gratidão pelo que acreditavam que ela fizera por elas.

– Talvez seja isso.

– Você é, francamente, o *pior* mentiroso em todo o universo. Este caso tem uma dimensão maior do que umas quantas peças de joalheria, não é verdade?

– A menos que ela lhe tenha deixado o diamante *Hope*, a resposta é « sim » .

Quando Mike ligou a ignição, Sara viu um músculo contrair-se no maxilar dele.

– Foi você que convenceu a minha mãe a dizer-me que tinha de fazer aquela montanha de grinaldas?

– Sim, fui.

– E calculo que também lhe tenha pedido que mantivesse Mister Lang afastado da Quinta Merlin por hoje.

– Até às dezasseis horas.

– Você e a minha mãe tornaram-se unha com carne, não é verdade?

– Basta segredar-lhe umas quantas palavras sobre enzimas e ela é minha. O que vai o Luke pensar quando souber que as suas grinaldas não estão feitas?

– Não tem importância. Tenho duas irmãs mais velhas que conseguem fazer tudo a que metem mãos. Adoram ser perfeitas.

– O que quer dizer com isso?

– Quando elas descobrirem que deixei todas aquelas grinaldas por fazer, pondo o pobre Luke em apuros, farão tudo e mais alguma coisa para que eu não fique malvista. Aprendi há muito tempo que se mostrar que sou uma coitadinha poupo-me a uma data de trabalho.

Mike abanou a cabeça, olhando para ela.

– Quem neste mundo, além de mim, sabe como você realmente é?

– O meu pai... e a Tess, um bocadinho.

– Mas não a sua mãe?

– Ela pensa que eu sou uma incapaz.

– E quanto ao seu namorado?

– Presumo que se esteja a referir ao Greg, o meu noivo. Não, ele pensa que sou uma doçura, calada e sempre de acordo com as suas ideias.

– Será uma mentira como essa uma boa base para um casamento?

– Talvez *você* possa ensinar-me uma coisa ou outra a respeito da importância da sinceridade numa relação.

Olharam um para o outro durante uns momentos e depois desataram a rir.

– ACHO QUE DEVIA ser mais cauteloso quando andar a bisbilhotar pela Quinta Merlin – disse Sara, sentada ao lado de Mike, que seguia pelo caminho sinuoso. – Sei que oculta as provas que indicam a sua presença na quinta, mas se Mister Lang descobrir... Bem, o homem é famoso pelas suas acções retaliatórias.

– Como, por exemplo?

Sara observava Mike enquanto ele conduzia. Nunca tirava os olhos do caminho, e a sua postura, com as duas mãos sempre no volante, indicava que estava preparado caso acontecesse alguma coisa de imprevisto.

– Ninguém tem provas de nada, mas toda a gente de Edilean sabe que se irritarmos Mister Lang seremos punidos. É uma coisa que nos dizem desde a infância e também me disseram que o pai era exactamente como ele.

Mike olhou de fugida através dos três espelhos.

– Está a contar que sejamos seguidos?

– Com relação a este caso, nunca sei o que vai acontecer a seguir.

– Calculo que isso inclui atirar-se a uma mulher tão esfamada por sexo como a Erica.

Mike olhou-a de relance pelo canto do olho.

– Muito bem. – Obviamente, Erica não era um assunto que ele tencionasse continuar a discutir.

– Vejamos. Por onde começo? Ouvi essas histórias toda a minha vida. Quando tinha mais ou menos doze anos, um homem que trabalhava em Williamsburg mudou-se para cá com a família; tinha muito orgulho no seu doce de ameixa. Recordo-me de a minha mãe lhe dizer que Mister Lang competiria com ele na feira local e que, geralmente, este ganhava.

– Lang tem de vencer ou então...

– Oh, não. Ele já perdeu, mas os seus produtos são de tanta qualidade que é muito raro não ganhar. Mas quando ele perdeu nessa ocasião, foi ter com a minha mãe, que fazia parte do júri, e disse-lhe que o homem fizera batota. Recordo-me de ela ficar muito irritada e de dizer a Mister Lang que ele tinha mau perder; infelizmente, ela não investigou o assunto.

– O que fez ele? – perguntou Mike.

– Tem de compreender que Mister Lang é um observador deveras arguto – acrescentou Sara, fazendo uma pausa. – A verdade é que ele costuma espreitar as pessoas. Ainda ninguém conseguiu provar isso, mas todos sabemos que é verdade. Se o irritarmos, ele informa-nos de segredos que temos e diz-nos o que andamos a fazer que não queremos que os outros saibam.

– E então, o que fez ele ao homem das ameixas?

– Eu não vi, mas disseram-me que na assembleia escolar seguinte, na Escola Secundária de Williamsburg, foi apresentada uma sucessão de diapositivos do homem a beijar a mulher do director. E ambos vestiam muito pouca roupa.

Mike não conseguiu conter o riso.

– Deixe-me adivinhar. A sua mãe investigou o caso da compota.

– Pode crer! Continha rum branco, o que era contra as regras. Mister Lang também disse que as ameixas tinham sido roubadas das suas árvores, mas que não podia provar isso.

– Seria interessante saber se Mister Lang se concentrava nas raparigas bonitas ou se espiava

em geral – disse Mike, pensando que, se o homem andava a bisbilhotar, era possível que tivesse visto alguma coisa que lhe pudesse ser útil.

– Nunca ouvi dizer que ele espreitasse as raparigas quando se vestiam. Acho que escuta tanto quanto espreita. A minha mãe diz que ele não tem vida pessoal, por isso, entretém-se a observar a vida dos outros.

– E ninguém nesta vila tomou uma atitude com relação a ele?

– Os Lang fazem parte da localidade e nós sabemos como manter os cortinados fechados.

– As portas ficam só no trinco, mas os cortinados fecham-se nas janelas – comentou Mike, abanando a cabeça. – Que mais fez ele?

– Numa ocasião, um homem estava determinado a conseguir que os McDowell lhe arrendassem a Quinta Merlin. O pai do Ramsey disse que concordava caso ele conseguisse pôr Mister Lang fora da quinta. O pobre do homem não sabia que o tio Benjamin estava a brincar. A minha mãe recusou-se a contar-me os pormenores do que Mister Lang revelou a respeito desse homem, mas o certo é que ele se demitiu do emprego na William and Mary, mudando-se para o Maine. – Sara fez uma pausa. – Mas, para ser justa, tenho de dizer que Mister Lang também tem feito algum bem. Quando eu era adolescente, uma menina fugiu de casa, mas ele não só sabia onde ela estava, como também por que motivo tinha fugido. Depois de a terem encontrado e de ela estar em condições de falar, um dos vizinhos foi posto na cadeia.

– Interessante – disse Mike. – Ainda ninguém se lembrou de o espiar?

– Claro que sim. O Luke e o Ramsey dedicaram grande parte da sua infância a tentar descobrir o que Mister Lang andava a tramar. Costumavam esconder-se nos arbustos à volta da Quinta Merlin, procurando observá-lo, mas com a exceção de uma vez, ele acabava sempre por os descobrir.

– O Lang não aleijou ninguém, pois não? – perguntou Mike, ao pensar nas armadilhas.

– Ele sabia que se o fizesse ficaria em grandes apuros. Gritava com toda a gente que se aproximasse da quinta... e os animais dele eram excelentes cães de guarda. Todos os miúdos diziam que Mister Lang tinha uma parte de morcego, que conseguia ouvir e ver na escuridão.

– É possível que os seus sentidos sejam mais apurados do que a média, já que passa tanto tempo sozinho.

– Tudo o que sabe a respeito dele foi-lhe transmitido pela sua avó? – Quando Mike acenou que sim, ela acrescentou: – Levando em consideração que ela adorava a quinta e o Brewster Lang vivia lá, talvez mantivessem uma relação romântica.

Mike soltou uma risada desdenhosa.

– A minha avó costumava dizer que se ria da maneira como ele a olhava quando pensava que ela não estava a ver. Mas ela disse à Tess e a mim que, se fosse dona da quinta, ele passaria a ser o seu criadinho.

– Criadinho? Tem a certeza de que ela se referiu a ele usando esse termo? Eles não eram mais ou menos da mesma idade?

Mike já estava junto do que começara a chamar de Árvore das Virgens, com a diferença de que, desta feita, se certificou de que o carro não seria visto da estrada.

– A minha avó passava a vida a contar-me as mesmas histórias, pelo que sei que determinadas coisas são verdade. A Tess e eu crescemos a ouvi-la queixar-se da ingratidão e matreirice de toda a gente desta vila. Lang tinha apenas quinze anos quando a minha avó deixou Edilean; ela

tinha vinte e dois. A minha avó gostava de dizer à Tess e a mim que um dia regressaria à Quinta Merlin e que o Lang a serviria, que ele seria o seu mordomo. Ela sempre pensou nele como um criadinho que não pertencia à sua classe social. Na sua mente, ele nunca deixou de ter quinze anos. Acha que consegue andar pelos campos com essa vestimenta? – Mike referia-se ao vestido de algodão de Sara, de um amarelo-claro, e às sandálias italianas de tiras.

– Você ficaria decepcionado se eu tivesse vestido um par de calças de ganga e uma *T-shirt*.

– Teria sido uma indumentária mais adequada para andar numa quinta tão escalavrada.

Sara ficou a olhar para ele.

– De acordo – disse ele, por fim. – Teria ficado a chorar de desolação. – Mike não sorriu, mas a covinha na face apareceu. – Siga-me e faça tudo o que eu lhe disser.

– É o que faço sempre – murmurou ela, rindo-se ao ouvir o gemido de Mike.

Ele seguiu pelo mesmo caminho que percorrera da primeira vez que fora à quinta, e foi duplamente cuidadoso, para não deixar qualquer indício da presença de ambos. A dada altura, pegou em Sara para a passar por cima de uma poça de lama. Mas quando a pousou em terra seca, manteve o braço à volta dela.

– Posso caminhar durante o resto do caminho – disse Sara.

– Tem a certeza?

– Claro que sim. Posso... – Apercebeu-se de que ele estava na brincadeira. – Diga-me uma coisa: estou posicionada antes ou depois da Erica na sua lista de mulheres a namoriscar para obter informações?

– Vou ter de pensar acerca disso – respondeu Mike, recomeçando a caminhar. – Mas aposto que a Erica sabe alguns truques que você desconhece.

– Tenho a certeza de que sim – retorquiu Sara, seguindo atrás dele. – Mas, por outro lado, eu sou tão permeável ao ensino....

– Não comece nada que não tencione acabar – disse-lhe ele, por cima do ombro.

Sara não foi capaz de reprimir o sorriso. Por vezes, Mike fazia com que se sentisse a mulher mais desejável em todo o planeta. Era evidente que ela sabia que o comportamento dele era parte do seu trabalho, não obstante, fazia-a sentir-se bem consigo própria. Há muito que Greg e ela haviam deixado para trás a fase em que ele lhe dizia que era maravilhosa e sensual. De facto, durante os últimos meses, parecia que não tinham nada a dizer um ao outro que não se relacionasse com a loja.

Olhou para as costas de Mike, que abria caminho por entre as ervas altas. Com grande agilidade, saltava de um ponto plano para o seguinte, e quando se detinha virava-se e estendia-lhe a mão, apoiando-a enquanto ela dava um pequeno salto. Sara apercebeu-se de que começara a depender dele sempre que precisava de ajuda.

– Para que é esse olhar? – perguntou Mike.

– Nada. Só estava a pensar.

– Sobre o que você tem e que a Mitzi quer?

– Oh, certo. Isso mesmo. Sim, era exactamente nisso que eu estava a pensar.

– E quem está a mentir agora?

– Aprendi consigo.

Rindo-se, Mike entrou na clareira e parou enquanto olhava em redor.

– Se a minha mãe disse que hoje ia manter Mister Lang ocupado, é isso que ela fará – adiantou

Sara, colocando-se ao lado dele. – Quando assinou a escritura, deram-lhe a chave da casa?

– Deram, mas não tenciono usá-la.

– Então como...

– Vou adorar empurrá-la através de uma janela – respondeu Mike, olhando-a de alto a baixo.

– E eu vou gostar...

Sara impediu-se de dizer que adoraria ser empurrada, lembrando a si própria que estava noiva e prestes a casar-se. Passara no dia anterior três horas com a coordenadora da cerimónia... e alterara várias coisas. Os cravos haviam sido eliminados, substituídos por rosas. Sabia que Greg ficaria irritado, mas naquele momento era coisa que não a preocupava.

– Vamos entrar por uma janela porque é muito possível que o Lang tenha instalado armadilhas nas portas. E depois não podemos tocar em nada; está a perceber? Quem sabe se ele não terá armadilhado uma caixa bonita com uma garra de urso...

– Duvido de que... – Ao ver a expressão de Mike, Sara não concluiu o que ia dizer. – Prometo que não tocarei em nada.

– Excepto em mim – acrescentou Mike, sem qualquer vestígio de sorriso.

– Certo. Percebo. Mãos, só no Mike. – Sara não sorria. – Algumas áreas em especial que eu deva tocar?

– Os joelhos seriam uma opção agradável. Comece por aí e vá subindo. Muito devagar.

– Continue – disse Sara, rindo-se. – Indique o caminho, que eu vou atrás de si.

– Sempre quis ouvir uma mulher dizer isso.

Mike deu meia volta e atravessou o descampado com tanta celeridade que Sara mal conseguia acompanhá-lo. Quando chegaram à casa, ele subiu o vidro de uma janela de guilhotina com a maior facilidade, firmou-se no peitoril e entrou.

«O homem é um ginasta», pensou Sara. Um Tarzan e um ginasta.

Quando Mike se inclinou para fora da janela e estendeu as mãos para agarrar nas dela, Sara não hesitou, e, uma vez mais, ocorreu-lhe que acabara por confiar nele não obstante conhecerem-se havia tão pouco tempo.

Enquanto a içava, através da janela, Mike tocou em sítios desnecessários no seu corpo. Quando a mão dele lhe deslizou pela perna, Sara quis reagir com fúria, chamar-lhe a atenção para o facto de estar noiva e prestes a casar-se. Mas não conseguiu. Gostou da sensação e, muito em especial, gostou de ser acariciada por um homem cujos olhos espelhavam desejo.

O amor e o casamento não significam apenas uma vida sexual fantástica, recordou Sara a si própria quando Mike a largou e começou a inspeccionar a casa da quinta. Existiam outras coisas no casamento que eram igualmente importantes, como a amizade e... Não quis pensar naquilo, porque ela e Greg não eram o que ela classificaria de amigos, não como ela e Mike. Greg e ela eram... Mike olhava-a com fixidez, à espera que os pensamentos dela retornassem à tarefa que tinham em mãos.

Sara nunca tinha estado no interior da casa, todavia, sabia tanto sobre a propriedade quanto era possível saber.

– Quer que eu lhe faça uma visita guiada?

Sara estava a precisar da distração das palavras para se impedir de pensar em Mike. Parecia que, ultimamente, não se cansava de fazer comparações entre ele e Greg. Todos os que conheciam Mike gostavam dele. Ela não o via fazer qualquer esforço nesse sentido, limitando-se

a ser ele próprio. Por outro lado, Greg tinha de se esforçar muito para conseguir a simpatia das pessoas a quem vendia a sua mercadoria, mas com respeito à família e amigos dela, ele não ocultava a antipatia que lhe inspiravam. «Saloiros idiotas» era como ele qualificava as pessoas de Edilean. Greg ridicularizava especialmente Luke. «O homem deve ganhar uma fortuna com esses livros que escreve. Portanto, porque não contrata alguém que lhe corte a relva?» Sara tentara explicar-lhe que o facto de ele ter sucesso como escritor não era razão para se transformar num Rei Midas. Só porque Sara mencionou um nome que Greg nunca tinha ouvido ficou furioso.

– Sara? – Mike fitava-a com uma expressão de curiosidade.

– Oh, desculpe. Os meus pensamentos estavam longe daqui. O que estava a dizer?

– Perguntei-lhe quando esteve aqui, não me tendo dito nada sobre isso.

– Eu *não* lhe oculte informação nenhuma! – ripostou ela, desabrida, mas apressou-se a pedir-lhe desculpa. A sua irritação devia-se àquilo em que estivera a pensar acerca de Greg. – Conheço o interior da casa através da HABS.

– E que tal se me pusesse a par do que sabe enquanto damos uma vista de olhos pela casa? – perguntou Mike, gentilmente, como se soubesse que alguma coisa a perturbara.

Sara virou-lhe as costas para que ele não visse mais do que ela queria. Porque seria que Mike, que conhecera apenas há escassos dias, era mais fácil de perceber do que Greg, que conhecia havia mais de um ano? Greg era um homem com quem ela passara por muita coisa. Tinham aberto a loja juntos. Isto é, talvez Greg tivesse tomado todas as decisões, enquanto Sara fora incumbida de todo o trabalho, mas fora um esforço *conjunto*. Não fora?

– Tenciono explicar-me essa coisa da «*haves*» – perguntou Mike.

– HABS, com maiúsculas. Historic American Buildings Survey [1].

Ele olhava-a com uma expressão intensa, como se tentasse adivinhar-lhe os pensamentos. Uma vez mais, Sara comparou-o com Greg. Greg *nunca* lhe pediria que lhe dissesse o que sabia a respeito fosse do que fosse. Por vezes, até parecia que ele acreditava que Sara só devia pensar e fazer o que ele lhe dizia. Ou, pior ainda, Greg começara a dizer-lhe ultimamente, o que coincidira mais ou menos com a altura em que haviam deixado de ter relações sexuais, que, se ela o amava verdadeiramente, *saberia* o que ele queria. Fosse-se lá saber como, ela teria obrigação de intuir todas as suas necessidades. Uma noite dissera-lhe que, se o amasse tanto quanto devia, ela teria sabido que ele não queria galinha para o jantar por ter sido o que comera ao almoço. Ela observara: «Se me tivesses telefonado para me dizeres isso, eu podia ter...» Greg interrompera-a. «Fazes alguma ideia do quanto ando atarefado durante todo o dia? Estás à espera que eu te diga o que comi ao *almoço*? A seguir vais dizer-me que tenho de te dizer com *quem* almocei. É isso que estamos a discutir aqui? Ciúmes?»

Havia ocasiões em que discutir com Greg fazia com que ela ficasse com a cabeça a andar à roda de tal maneira que acabava por se esquecer do motivo que dera origem à conversa.

– Sente-se bem? – perguntou Mike.

– Sim, não se preocupe.

– Talvez fosse melhor esperar no carro.

– E perder a oportunidade de ver a casa dos meus sonhos? – retorquiu Sara, após o que começou a falar acerca da casa.

Mike não sabia o que acontecera a Sara assim que entraram na velha casa, mas havia algo na

maneira dela que lhe agradava.

Ele ouvia apenas metade do que ela lhe contava, a história de como a HABS tinha sido criada, com o presidente Franklin Roosevelt a fundar esse organismo do Estado para gerar empregos durante a Grande Depressão. O que ele ouviu deu-lhe a saber que existiam fotografias antigas e até mesmo plantas da casa na Internet – e tencionava pesquisá-las o mais depressa possível. Mas, para já, só queria ver a casa de que a sua avó – e Sara – tanto havia falado. E queria tentar encontrar uma razão por que os Vandlo talvez estivessem interessados na propriedade.

Enquanto Mike inspecionava tudo, passando as mãos pelas paredes e olhando para dentro de tudo, Sara continuava a falar sem interrupção. «Molduras do tecto» e «original» pareciam ser mencionadas palavra sim, palavra não. Falou de portas com almofadas e disse qualquer coisa sobre haver uma cruz nelas.

– Para afastar os espíritos maus – explicou ela.

Percorreram as quatro salas enormes e o amplo corredor no piso térreo. A casa não era grandiosa nem majestosa como Edilean Manor, mas Mike via que com algumas reparações e pintura poderia ser totalmente habitável. Imaginou a criança de Tess a andar de triciclo pela enorme sala de jantar. No entanto, era muito provável que Sara não autorizasse isso, com receio de que os painéis de madeira antigos pudessem ficar danificados.

Rapidamente, ele olhou para ela, pensando que Sara talvez lhe tivesse lido os pensamentos, como às vezes parecia que acontecia. Mas ela continuava a dissertar sobre proporções e o pé-direito das divisões. Mike nunca pensara em si próprio como o tipo de homem casado e com filhos, mas quando se imaginava a viver naquela casa antiga, Sara aparecia em cada imagem que visualizava.

Observou-a enquanto ela fazia gestos indicando o tecto e continuava a falar; sentia-se perplexo ao constatar que ela tinha passado imenso tempo a pesquisar aquela casa.

Retomou a sua procura. Não era possível que Vandlo quisesse a casa porque Sara a queria, pois não? Não existiria qualquer outra razão que não fosse agradar-lhe – um incentivo para a persuadir a casar-se com ele? Mas Mike não conseguia acreditar naquela possibilidade por mais voltas que lhe desse.

Dado que Mike estava mais interessado no presente, reparou no que Lang fizera à casa. Estava limpa e arrumada – com muito pouco mobiliário. Na espaçosa sala de estar, o sofá tinha um cepo de madeira a suportar uma das extremidades e estava coberto por um tecido de lona com muito uso. As cadeiras eram baratas e o estofa fora remendado várias vezes.

Havia muito poucos bens pessoais em todas as divisões. Nada de fotografias nem livros, apenas uma pilha de catálogos muito folheados de empresas que comercializavam sementes e plantas, os quais se encontravam em cima da mesinha do café.

Enquanto Mike seguia Sara de divisão em divisão, viu que, se Brewster estivesse a viver na casa actualmente, nem sempre fora esse o caso. Encontravam-se no que, possivelmente, em tempos teria sido a biblioteca, constatando que as prateleiras encastradas costumavam ter livros. Viu contornos mais claros nas paredes onde os quadros tinham estado pendurados. Virou-se para Sara.

– Sei que o Lang e a família eram os caseiros desta casa em quarenta e um e que agora ele vive aqui, mas quem viveu cá entre então e ele?

– Você é muito observador, não é? – perguntou Sara, mostrando-se surpreendida. – Um

historiador de Williamsburg e a família viveram aqui durante dez ou doze anos.

– A que se deve o facto de nenhum dos McDowell morar aqui?

– Eles não gostam da quinta – respondeu Sara, com um encolher de ombros. – O Ramsey detesta-a, tal como a irmã.

– Sendo assim, porque não a vendem?

– Até há pouco tempo, não podiam porque estava vinculada a um morgadio até ao século vinte e um. Um dos McDowell, há uns duzentos anos, estipulou em testamento que a quinta não podia ser vendida até...

– Ao ano dois mil – concluiu Mike por ela. – E então, onde entra o historiador em tudo isso?

– Não sei a história toda, mas estou em crer que a mãe de Mister Lang fugiu com alguém quando ele ainda era miúdo – replicou Sara, encolhendo os ombros. – Depois de ela se ter ido embora, o pai dele deixou de cuidar da manutenção dos edifícios, e o tio Alex mudou os dois homens... acho que nessa altura Mister Lang teria uns dezassete ou dezoito anos... para outra casa, e foi então que arrendou a quinta ao historiador. O homem tinha acabado de se casar e criaram a família aqui. Mas tudo isso aconteceu há muito tempo. Quando eu nasci, o pai de Mister Lang já tinha falecido e ele, o filho, vivia sozinho nesta casa.

– Está a dizer que o Lang tem outra casa algures? Um lugar para onde pode ir?

– Você *está* a pensar em mudar-se para aqui, não está?

– Talvez. Bem, com a Tess e a criança que ela vai ter...

– Não se esqueça do Ramsey.

– Certo. Ele.

– Quer a sua irmã só para si?

– Penso – disse Mike suavemente – que gostaria de ter *alguém* só para mim.

Por breves momentos, os dois trocaram um olhar demorado. Sara foi a primeira a desviar os olhos.

– Está pronto para ir ao andar de cima?

– Segui-la-ei até onde for – respondeu Mike.

– Sendo assim, vou voltar ao palheiro.

– Só por cima... – Mike fez uma careta risonha. – De acordo, caí que nem um patinho. Indique o caminho.

Percorreram os quatro quartos no primeiro andar e uma casa de banho enorme. Os azulejos coadunavam-se na perfeição ao que estava na moda em 1930, todos pretos e brancos.

– Eu deixaria esta casa de banho tal como está – disse Sara.

– Sei que sim, por ser « original ».

– Quando emprego esse termo com relação à casa – retorquiu Sara, muito formal –, refiro-me ao original, quando foi construída, em mil seiscentos e setenta e quatro. Para sua informação, a casa de banho é bastante moderna.

Mike olhou para o lavatório de coluna e para a sanita invulgarmente alta.

– Esta casa de banho é recente?

– Sim, é.

Sara continuou a falar de molduras do tecto e de almofadas, mas quando voltou a usar a palavra « original », ele riu-se dela.

– Você *não* aprecia a importância desta casa! – disse ela, exasperada, embora sorrisse.

– Desde que eu possa contar consigo para cuidar dela, no que me diz respeito, está tudo bem. Pode fazer tudo o que... – Quando Mike teve percepção do que estava a dizer, interrompeu-se. – Esta casa tem alguma cozinha?

Sara correu praticamente pelas escadas abaixo, enquanto Mike levava o seu tempo. Continuava a sentir-se perplexo quando pensava na casa como sendo sua. Deteve-se no cimo das escadas e olhou para baixo, pensando em portas de rede a bater e em crianças a correr dentro e fora – e Sara a chamá-las.

– Vamos lá, molengão – disse ela, olhando para o cimo das escadas. – A cozinha é horrível. Espere até ver o chão.

Mike desceu e depois saiu para o anexo que ela disse ter sido acrescentado à casa por volta de 1930.

– Provavelmente, quando instalaram a casa de banho – explicou Sara.

Em contraste com o encanto da casa de banho, a cozinha não era nada bonita. O chão de linóleo era tão velho que se via o contorno das tábuas por baixo. Os electrodomésticos eram da cor do abacate, muito na moda em 1970, e as portas dos armários mal se seguravam nas dobradiças.

– A cozinha podia ser remodelada – disse Sara.

– Já sei, com bancadas de mármore branco. Por favor, deixe-me ouvi-la dizer essas palavras outra vez.

– Peça à Ariel, no sábado. É ela que há-de viver aqui consigo. A menos que a Erica lhe deite a mão primeiro.

Talvez tivesse sido a menção da realidade ou, quem sabe, o barulho de um esquilo na chaminé, mas, fosse o que fosse, trouxe-os de volta ao presente. Durante um minuto, ficaram a olhar um para o outro. Foi Mike quem quebrou o silêncio.

– A antiga casa de Verão ainda está de pé? Não a vi no dia em que andei a furtar-me às armas do Lang.

– Tem conhecimento da casa de Verão? – perguntou Sara, com uma expressão radiante. – Recordo-me de a ter visto quando era criança. É verdadeiramente encantadora; as paredes são feitas de treliças.

– A minha avó costumava dizer-nos que ia lá quando esta vila começou a ser de mais para ela.

– Eu diria que isso é uma pena.

– Se eu a conhecia, diria que qualquer que tenha sido o caos em que ela se encontrava, foi por sua própria culpa. Acha que é capaz de voltar a encontrar a casa?

Sara tirou uma folha de papel, que parecia um mapa, da algibeira.

– Outra vantagem dos vestidos é podermos ter algibeiras. O que não é o caso das calças de ganga.

– As calças de ganga têm montes de algibeiras.

– E estão cheias de partes do corpo das mulheres a que querem dar realce.

– Isso é maravilhosamente verdade – retorquiu Mike, rindo-se. – E então, onde fica essa casa de Verão? – perguntou, estendendo a mão para lhe tirar o mapa, mas ela desviou-se.

– Não, nem pensar. Gosto de o ver a seguir-me.

– Pode ter a certeza de que gosto da vista.

Chegaram à antiga casa de Verão dez minutos depois, e era mais bonita do que Sara se

recordava. Mike não a tinha visto aquando da sua primeira ida à quinta porque se encontrava por detrás de arbustos que haviam crescido até à altura de quase cinco metros sem que ninguém os podasse. Vista da berma do caminho, a área parecia impenetrável, mas Sara sabia onde encontrar uma abertura oculta.

Já lá dentro, não precisaram de se preocupar com calcar as ervas porque Mister Lang tinha aparado toda a vegetação em redor da casa de Verão, e esta parecia fazer parte de jardins visitados pelo público. Acima dela erguia-se uma belíssima faia em tons de cobre com ramagens que pendiam para o solo coberto de musgo.

A casa de Verão era um octógono, apenas com espaço suficiente para duas pessoas, e as treliças que formavam as paredes tinham sido pintadas recentemente de um azul-esverdeado. A construção era tão isolada e sentia-se uma atmosfera tão romântica como a avó de Mike havia descrito.

Enquanto Mike inspeccionava aquele pequeno lugar, Sara sentou-se por baixo da sombra da frondosa árvore de grande porte. Ele subiu até ao telhado em forma de sino e, quando deu essa inspecção por concluída, verificou cada centímetro da base de cimento. Sara calculou que o interesse de Mike pela pequena e encantadora construção era algo mais para além do caso, mas também sabia que ele não admitiria nada directamente. Teria de o adular de modo a que lhe dissesse o que queria saber ou de fazer qualquer coisa pouco ortodoxa para descobrir por si. Era como um desporto que começava a agradar-lhe.

Quando Mike acabou a inspecção, ela sabia que ele não tardaria a dizer-lhe que tinham de se ir embora – sem dúvida por causa da «segurança» dela –, mas ele surpreendeu-a ao estender-se ao seu lado em cima da vegetação rasteira, macia e fragrante, que crescia abaixo da árvore, colocando as mãos atrás da cabeça. O cotovelo dele estava a escassos centímetros da anca dela, quase a tocar-lhe.

Sara inclinou-se para trás encostando-se ao tronco da árvore. Não queria deixar aquele lugar. Nunca.

– A casa está a precisar de ser restaurada – disse Mike, quebrando o silêncio.

– É verdade.

– Até parece que isso lhe causa satisfação.

– Ajudei o Luke a remodelar Edilean Manor, e deu-me imenso prazer.

– E você gostaria de virar esta casa do avesso. Eis o que vamos fazer: você desenha e eu serro as tábuas.

Sara queria rir, mas não conseguia. Ainda não aceitara inteiramente o facto de a Quinta Merlin jamais vir a pertencer-lhe.

– A sua mulher é quem vai querer tratar disso.

– Ainda falta muito tempo para eu me casar. Devido à natureza da minha profissão, é muito possível que não sobreviva até amanhã.

– Com base no que lhe tenho ouvido dizer, talvez eu lhe faça companhia – retorquiu Sara, animadamente.

– Não enquanto me restar um sopro de vida – retorquiu Mike, suavemente.

Entre os dois fez-se um silêncio constrangido, o que levou Sara a retomar o assunto da casa.

– Pelo menos, a maior parte dos painéis instalados pelo primeiro Merlin continua lá.

– E quem foi esse?

– Eu diria que foi o Alexander McDowell – replicou Sara, sorrindo. – Desculpe, trata-se de uma piada entre nós. Todos os primogênitos da família McDowell são batizados com o nome de Alexander. A genealogia da família leva-nos até à Escócia e a Angus McTern Harcourt. Ele foi o homem que fundou a nossa vila, dando-lhe o nome da mulher.

– Mais outro nome que ouvi mencionado com frequência.

Sara fitou-o com uma expressão interrogadora.

– A minha avó dizia que em Edilean os descendentes de Angus Harcourt eram os únicos que tinham oportunidade de singrar realmente.

– Provavelmente, isso é verdade – concordou Sara –, por outro lado, não se esqueça de que estamos a falar da *nossa* vila.

– Como se tivesse saído da boca de uma verdadeira aristocrata – retorquiu Mike, com um suspiro.

– Não me parece que o facto de descender de um escocês que, possivelmente, terá sido um ladrão e um sequestrador possa classificar-me de aristocrata.

A Ariel diz que o homem embarcou clandestinamente num navio... e não foi no *Mayflower*.

Mike virou-se de lado e ficou a olhar para ela.

– No que me diz respeito, você parece uma senhora da nobreza. – Ele achava-a linda sentada no chão por baixo daquela árvore antiga e enorme. Não era difícil imaginá-la com um chapéu de abas largas com a sua costura no regaço. – Este lugar coaduna-se consigo. – Virou-se, deitando-se de costas.

Mike tinha de parar de olhar para ela, caso contrário, não resistiria a estender a mão para a acariciar. Obrigou-se a pensar no caso de Stefan Vandlo. Esse *jamais* queria viver numa casa velha, muito em especial numa tão pequena como aquela, pensava. A julgar pela decoração da loja, o homem era mais o género de torneiras douradas na casa de banho das visitas.

Ambos se mantiveram em silêncio durante algum tempo, até que Sara não foi capaz de se conter, perguntando:

– Alguma vez esteve apaixonado?

– Não – respondeu Mike, fazendo uma pausa. – Mas houve uma vez em que foi por pouco.

– O que sucedeu?

– Quando ela descobriu que eu não era o que lhe tinha dito e o marido fora posto na prisão por minha causa, o amor que me dedicava acabou. Imediatamente.

– Imagine-se uma coisa dessas.

– Mais tarde, ouvi dizer que ela pagou a caução da amante dele e que foram viver todos juntos. Mas ela nunca *me* perdoou.

– Mas que vida tão estranha você tem levado – disse Sara, sem conseguir conter o riso.

– Calculo que tudo depende da maneira como se vê as coisas. Mas vamos lá a saber: o que faria com esta casa se fosse sua?

– Em primeiro lugar, replantaria o pomar – respondeu ela sem hesitar.

– A casa não seria a primeira coisa? Nada de mármore branco na cozinha?

– As árvores precisam de tempo para crescerem. Quanto ao mármore, está à minha espera numa pedreira qualquer.

– E acha que o Anders concordaria com isso?

– Anders?! O que aconteceu, para o tratar por Greg?

– Sara – retorquiu Mike, vagarosamente –, nunca tive oportunidade de conhecer esse homem de quem está noiva, mas, com base em tudo o que ouvi dizer, acho que ele não a merece. Tem a *certeza* de que quer casar-se com ele? Não preferiria...

– Não se atreva a dizer isso. – Sara não queria que as palavras dele reforçassem as dúvidas que começavam a assolar-lhe o pensamento. – Todos os preparativos para o casamento estão concluídos. Tenho andado a ter reuniões com a coordenadora da cerimônia.

– E como vai conseguir a Quinta Merlin, tendo em vista que o proprietário sou *eu*?

– Não sei. – Sara apercebia-se da frustração que transparecia na sua voz. – Desde que o conheci, parece que tudo na minha vida mudou. Antes de você ter aparecido, eu sabia exactamente o rumo que a minha vida levaria, mas agora, eu... eu não sei. Parece que não sou capaz de pensar com clareza.

– Isso é a melhor coisa que ouvi em vários meses, talvez mesmo em vários anos.

– Talvez para si, mas não para mim – murmurou Sara.

Mike pôs-se de pé e estendeu as mãos para a ajudar a levantar-se. Quando ela ficou diante dele, continuou com as mãos de Sara nas suas.

– Sara... – disse, num tom meigo –, por vezes, tenho a sensação de a conhecer desde sempre. – Inclinou-se para a frente com o intuito de a beijar e ao ver que ela não se mexia sentiu-se encorajado.

Quando já estava a uns meros dois centímetros da boca dela, Sara disse:

– Também disse isso à mulher cujo marido prendeu?

– O quê?! – exclamou Mike, surpreendido e retrocedendo.

– As suas mulheres, aquelas que namorou e que depois traiçooou. Disse-lhes as mesmas coisas que me diz a mim? Sabe ao que me refiro, como sou lindíssima, a mais...

Mike deixou cair as mãos. Sim, ele *dissera-lhes* muitas das mesmas coisas que tinha dito a Sara, mas... Afastou-se dela. A diferença era que desta vez falava com toda a sinceridade – e essa revelação deixou-o chocado.

– Está pronta para irmos?

– É isso, agora está zangado comigo?

Mike virou-se para ela.

– Fiz o que tinha de fazer, tudo o que foi necessário para que fosse feita justiça. E, para sua informação, nunca pus ninguém na prisão que não merecesse estar encarcerado. Mais ainda, deixei fugir muitas das mulheres que deviam ter sido indiciadas.

Sara manteve-se imperturbável perante a ira de Mike. Quando Greg se irritava com ela, ficava com uma sensação de pânico – e, muitas vezes, de desnorteio. Era raro ser capaz de discernir com exactidão o que fizera para o encolerizar. Só sabia que *tinha* de o acalmar, fazer com que ele lhe perdoasse e com que as coisas entre os dois voltassem a ser como durante os primeiros meses da relação.

Porém, a verdade é que não sentia essa confusão com Mike. A irritação dele tinha sempre uma razão, algo de concreto que a motivava. Era a fúria irracional de Greg, cuja causa ela desconhecia, que a deixava completamente desnorteada.

Recordou a si própria que, por muito que viesse a gostar de Mike, a presença dele era temporária. Encontrava-se na vila para levar a cabo uma investigação e, quando estivesse resolvida, partiria, e ela nunca mais voltaria a vê-lo – excepto, talvez, na qualidade de irmão de

Tess. Mas até disso duvidava. Tess já vivia em Edilean havia vários anos, e Mike nunca a tinha visitado.

Quanto à Quinta Merlin, Mike deixara bem claro que havia sido ideia de Tess, e não sua. Depois de se aposentar, o mais provável era querer continuar na soalheira Florida, e a quinta voltaria a ser propriedade dos McDowell.

– Porque está a olhar para mim com essa cara? – perguntou-lhe Mike.

– Estava só a pensar em como você e eu somos diferentes. Eu quero permanência, alguém com quem partilhar a minha vida. Quero ter filhos e árvores de fruta. Mas você quer... – Sara interrompeu-se. – O que *quer* você? Será que sabe?

Nunca nenhuma mulher lhe fizera aquelas perguntas, e ele não sabia como responder-lhes. Toda a sua vida fora passada a afastar-se de qualquer coisa e a não prosseguir com um fim em vista. Mas Sara não era como as outras mulheres, e fazia com que ele se interrogasse.

– É agora que vai dizer-me que sou diferente de todas as outras mulheres que namorou no cumprimento do dever?

Ela tinha razão no que dizia respeito àquilo, e Mike não conseguiu impedir-se de rir.

– Estava a pensar nisso – admitiu ele, olhando para o firmamento. – Parece-me que vai chover. Acho melhor irmos andando.

Sara começou a caminhar em direcção ao carro, mas Mike agarrou-a pelo braço, puxando-a para si. Por um momento, Sara pensou que ele ia beijá-la. Ao invés disso, Mike levou um dedo aos lábios. Sara pôs-se à escuta, mas não ouviu nada.

Com a mão dela na sua, ele olhou em redor. Só havia dois caminhos para saírem dali. Um era atravessando as ervas altas nas traseiras da casa de Verão, mas isso deixaria rasto. O outro era através de um descampado, tentando chegar ao palheiro –, mas quem quer que estivesse a aproximar-se vê-los-ia.

Mike olhou para a vetusta árvore, e depois para Sara, com uma expressão interrogadora. Ela acenou-lhe que sim.

Atrás deles, ouviram o ligeiro som de saibro miúdo a ser pisado e a voz inconfundível de Mr. Lang a resmungar. Quando era criança, a irmã troçava dela porque quando Mr. Lang passava por elas, no Mercado dos Agricultores, Sara apressava-se a esconder-se debaixo da bancada. Ainda agora, o barulho dele a aproximar-se deixava-a atemorizada.

Mike apontou para os pés dela e depois bateu nos seus próprios ombros. Só precisou de uns momentos para compreender o que ele queria dizer, concordando, com um acenar de cabeça.

Ele aproximou-se do tronco da árvore, agachou-se e olhou para Sara por cima do ombro. Se o silêncio e a celeridade não fossem tão importantes, ela teria argumentado que ele não conseguiria elevá-la, agachado como estava. Mas não havia tempo para discutir o assunto. Rapidamente, Sara descalçou as sandálias, pôs as tiras por cima do pulso e subiu para os ombros de Mike. De imediato, ele pôs-se de pé e ela quase ficou sem fôlego perante a rapidez com que ele se levantou do chão. Agarrou-se à árvore para se equilibrar e viu que conseguia chegar facilmente a uma das ramadas. Mas era mais difícil içar-se, e, naquela ocasião, desejou ter vestido calças de ganga. No entanto, não tinha tempo para pensar em decoro ou na possibilidade de rasgar o vestido. Passou uma perna por cima da ramada e sentou-se na bifurcação do tronco sólido.

Mais abaixo, Mike olhava para ela com uma pergunta muda no rosto. Sara acenou que sim, e

segundos depois, Mike deu um salto, agarrou-se à ramagem e içou-se.

Sara conseguia ouvir Mr. Lang com mais nitidez e via movimentos entre os arbustos. Ele aproximava-se cada vez mais.

Mike tocou-lhe no braço e quando ela olhou para ele, com um gesto da cabeça, apontou-lhe para cima. Queria que ambos subissem mais. Com um gesto, indicou-lhe que se deixasse ficar sentada enquanto ele se punha de pé em cima do tronco. Quando Mike se inclinou para a frente, com as mãos estendidas para outra ramada, Sara arquejou de medo num tom bastante audível.

Mike virou-se para trás, franzindo o sobrolho, num gesto de reprovação, mas quando viu que ela receava por ele, olhou-a com um pequeno sorriso petulante. No instante seguinte, agarrou-se a um ramo mais alto, içando-se para o tronco. Debruçou-se para baixo e estendeu os braços para Sara.

Ela não hesitou. Estendeu-lhe os braços tal como fizera quando entraram pela janela, com a diferença de que, desta vez, se caísse, ficaria ferida com gravidade.

Agarrando-a pelos pulsos, Mike puxou-a para cima. Era um movimento nada fácil, e, apesar de ele lhe ter dito que era muito leve, Sara via que ele fazia um esforço tremendo.

A segunda pernada da árvore era mais pequena do que a primeira e tinha muito pouco espaço para ambos. Mike encostou-se ao tronco central, mantendo as pernas suspensas enquanto puxava Sara para os seus braços, as costas dela encostadas ao seu peito.

Ela sabia que ele adoptara aquela posição propositadamente, e se as circunstâncias tivessem sido diferentes, ter-se-ia furtado aos braços dele. Talvez, pensou. Talvez se tivesse afastado, mas era forçada a admitir que o seu corpo se ajustava bem ao dele. O queixo de Mike estava apoiado no cimo da cabeça de Sara. Perfeito.

Sara estava tão concentrada nos seus pensamentos que se esqueceu da razão por que ela e Mike se encontravam empoeirados numa árvore, pelo que, quando ouviu Mr. Lang na clareira abaixo deles, foi por um triz que não começou a falar. Mas os braços de Mike apertaram-se em volta do torso, e ela encostou-se a ele. Quando sentiu a barba da bochecha encostada ao seu pescoço, fechou os olhos. A respiração dele era suave e ela cheirava a sua doçura. Ele emoldurou-lhe a cabeça com as mãos e ela sentiu os dedos fortes a fazerem pressão no couro cabeludo. Deixou que a cabeça descaísse para trás e fechou os olhos, inclinando a cabeça para o lado, para que ele pudesse chegar-lhe ao pescoço.

Mas o beijo que antecipava não se materializou. Em vez disso, sentiu que o corpo de Mike se contraía e que as mãos se imobilizavam onde estavam.

Com relutância, Sara abriu os olhos. A face de Mike estava encostada à sua e ele olhava para baixo, para Mr. Lang. Sara mudou ligeiramente de posição, para poder ver o homem com mais clareza. Ele trouxera dois baldes de plástico enormes, e ambos estavam cheios, mas Sara não conseguia ver o que continham. O homem resmungava, na sua voz gutural. Não conseguiu destrinçar o que ele dizia, mas parecia furioso.

Ela sentia-se muito mais interessada no facto de estar encostada ao peito de Mike do que na coisa odiosa que Mr. Lang andaria a fazer. Provavelmente, a montar outra armadilha, pensou.

Quando Sara moveu a bochecha contra a de Mike, ele afastou-se, e ela reprimiu um suspiro. Claro que não era verdade, mas o seu primeiro pensamento foi que outro homem perdera o interesse nela. Ao longo da sua vida, vários homens haviam-se mostrado interessados nela, mas apenas dois – e Mike – haviam despertado o seu. No entanto, a verdade é que não podia contar

Mike como um dos homens na sua vida, pois não?

Foi enquanto meditava sobre isso que ouviu Mr. Lang dizer a palavra *Anders*. Ouviu-o com tanta clareza que, antes de se dar conta do que fazia, soltou um grito abafado.

Acto contínuo, a mão de Mike tapou-lhe a boca. Abaixo deles, Mr. Lang interrompeu o que estava a fazer e olhou à sua volta.

Mike afastou a mão da boca de Sara, que susteve a respiração. Se Mr. Lang os visse escondidos na árvore acima de si, nunca viriam a saber a razão por que resmungava ele o nome de Greg.

Mike apontou para a ramada mais abaixo e ela percebeu que ele queria descer até lá para poder ouvir melhor. Rapidamente, e com uma grande agilidade, Mike afastou-se de Sara, agarrou-se a um ramo e suspendeu-se, pousando na ramagem inferior. Estirou-se ao comprido de barriga para baixo, e pôs-se à escuta.

Sara não sabia bem se queria inteirar-se do que o velho dizia. Não seria preferível não saber que o homem com quem ia casar-se estava envolvido, de uma maneira qualquer, no que Mike classificara de uma guerra? Com certeza Greg não podia – não teria – ter feito alguma coisa que levasse Mr. Lang a instalar armadilhas por toda a propriedade.

Foi quando ouviu a palavra *cães* que Sara se sentou mais a direito. Abaixo dela, à sua direita, Mike levantara a cabeça e olhava para ela. Ele também tinha ouvido a mesma palavra.

O instinto de Sara levou-a a querer tapar os ouvidos. Se Greg andasse a fazer alguma coisa que não devia, ela não queria tomar conhecimento disso.

Por outro lado, se se recusasse a ouvir, sabia que só estaria a adiar o inevitável.

Com um gesto de desafio, Sara prendeu as sandálias num braço e estendeu-se ao longo do tronco da ramagem na mesma posição em que Mike se encontrava, concentrando toda a sua atenção no idoso abaixo de si. Era fácil ver que ele instalava outra armadilha. Lang estendia fio de pesca quase invisível a toda a largura da soleira da entrada da casa de Verão, tendo prendido qualquer coisa no interior, mas ela não conseguiu ver o que era.

Alguns minutos depois, ouviu-o a rir-se – um pequeno som muito desagradável –, enquanto retrocedia alguns passos para admirar o seu trabalho. Apanhou uma pequena pedra do chão e arremessou-a, acertando no fio.

Para horror de Sara, quatro setas enormes com pontas de aço saíram disparadas, indo acertar no cepo no lado oposto.

Sara teve de levar a mão à boca para se impedir de gritar em protesto. Olhou para Mike, que lhe perguntou: « Está bem? » Isto sem emitir qualquer som. Ela acenou-lhe que sim, mas não era fácil manter-se calma. Se ela e Mike tivessem chegado mais tarde, ou ido à quinta no dia seguinte, haveria fortes possibilidades de as setas com ponta de metal o atingirem, já que era sempre ele quem seguia à frente.

Quando Mike lhe sorriu, a calma que aparentava restaurou-lhe o equilíbrio emocional. Ele voltou a concentrar-se em Lang, que recomeçara a resmungar, desta feita num tom mais alto.

– Isto vai ensinar-te, Greg Anders – disse Brewster Lang enquanto retirava as setas do cepo e voltava a reajustar a armadilha. – Não podes assassinar os meus cães impunemente. Espero que estas setas te *matem*!

Furiado, juntou as ferramentas, que guardou nos baldes, após o que voltou ao caminho que dava acesso à casa.

Mike olhou para Sara através do espaço entre as ramagens da árvore, esperando, pelo menos,

dez minutos antes de se pôr de pé no tronco sólido da ramada.

– Consegue descer até mim? – perguntou-lhe.

– Sim – respondeu Sara, ainda abalada pelo que ouvira.

Mike agarrou-a pela mão e ela deu um salto alongado, mas não estava concentrada no que fazia e escorregou.

Porém, Mike conseguiu apanhá-la a tempo. Segurava-se à ramagem acima da sua cabeça com uma mão e agarrava Sara com a outra. Tão depressa como pôde, ela içou-se e encostou-se a ele. Ambos estavam de pé em cima do tronco da ramada; Mike tinha as costas encostadas ao tronco principal da árvore, de grande porte, mantendo os dois braços em torno de Sara.

Ela deixou-se ficar, os braços cruzados e encostados ao peito dele, grata pela segurança que ele lhe inspirava. Quando é que Greg fizera aquilo?, perguntou-se. Ele estava sempre na loja; por isso, quando teria tido tempo para ir à Quinta Merlin?

E *porquê?* Só porque queria ser dono da quinta? Pensaria Greg que Mr. Lang era o motivo por que Rams não lha vendia? Ou seria a razão por que Sara, a mulher que ele amava, queria aquela propriedade?

Mike pôs a mão por baixo do queixo dela, erguendo-lhe o rosto de modo a poder olhá-la.

– Tem a certeza de que está bem?

– Tenho – respondeu Sara. – Chocada, mas bem. E quanto a si?

– Não fiquei chocado – apressou-se ele a replicar enquanto olhava em redor. – Apesar de me apetecer muito continuar assim o dia todo, exactamente como estamos, acho que devíamos descer e sair daqui.

Sara também não queria ir-se embora. Além do mais, sabia que, quando chegassem ao solo, teria de enfrentar a realidade a respeito do homem com quem ia casar-se.

– Sara?

– Eu sei – retorquiu ela, estendendo as mãos para se agarrar a uma ramada.

Mike começou a afastar-se dela, mas então voltou atrás, beijando-a na face com muita doçura.

– Tudo acabará por se resolver. Prometo.

– Sim, certamente – disse ela, esforçando-se por sorrir, mas sem o conseguir totalmente.

Mike saltou da ramagem mais baixa para o solo e apanhou Sara nos braços. Tentou dizer uma piada por ela não o ter derrubado por muito pouco, mas quando viu a expressão no seu semblante mudou de ideias.

Apressou-se a levá-la, contornando a sebe e passando pelas traseiras da casa de Verão em direcção ao seu carro. Abriu a viatura e manteve a porta aberta para ela entrar. Quando viu que as mãos dela tremiam, apertou-lhe o cinto de segurança, e só depois é que se sentou ao volante.

Só quando já estavam a meio caminho de casa é que quebraram o silêncio. Mike queria dar a Sara todo o tempo de que ela precisasse para interiorizar o que tinha ouvido. Quanto a si, desejava poder telefonar a Lang para lhe agradecer. Dali em diante, Mike daria início ao processo que terminaria com ele a contar a verdade a Sara, dizendo-lhe que o homem com quem tencionava casar-se só a queria porque... Ainda não havia conseguido descobrir o motivo.

Olhou de relance para ela, continuava em silêncio, sentada ao seu lado. O vestido bonito estava coberto de folhas e galhos e tinha um rasgão num ombro.

– Lamento o que aconteceu ao seu vestido – disse ele.

– Acha que o Greg estava a tentar obter a Quinta Merlin para mim?
– Você pode responder melhor a isso do que eu.
– É possível que o Greg tenha feito tudo ao seu alcance para conseguir que Mister Lang deixasse a quinta, mas jamais teria matado os cães. Acredito que isso tenha sido uma coincidência e Mister Lang somou dois mais dois sem quaisquer provas.

Ainda era prematuro para que Mike a pusesse ao corrente do que sabia. Quando era novo, aprendera à sua custa a não falar cedo de mais. No primeiro caso em que trabalhara infiltrado, candidamente, e sem medir as palavras, dissera a uma mulher que o marido era um traficante de armas e que tivera duas amantes. Na sua ingenuidade, acreditara que a mulher lhe ficaria agradecida pela informação. Mas ela tivera a reacção oposta. Chamara Mike de mentiroso e havia tomado o partido do marido até ao fim. Quando estava a ser levada para a prisão, cuspiu em Mike. Sim, aquilo ensinara-o a ser cauteloso.

– Tem a certeza de que o conhece suficientemente bem para poder afirmar isso?
– O Greg pode não ser a pessoa de carácter mais irrepreensível à face da Terra, mas é um homem bom – replicou Sara, mantendo-se em silêncio por breves momentos. – Estou ciente de que o Greg faz certas coisas que não me agradam, mas...

– O quê, por exemplo?

Contou a Mike como Greg trocava os tamanhos dos vestidos.

– Mas ele faz isso apenas para que as mulheres se sintam bem consigo próprias. É um procedimento que não tem absolutamente nada que ver com envenenar cães.

– Eu não disse que os animais tinham sido envenenados, e não sei se foram. O que a levou a dizer isso?

Sara hesitou durante um longo minuto.

– O dono da Edilean Drugs pediu-me que recomendasse ao Greg que tivesse cuidado com o veneno para ratos que lhe comprou.

Mike rilhou os dentes por ainda não ter ouvido aquilo.

– Presumo que não tenha um problema com ratos?

– Quando o questionei, ele disse-me que havia um ninho na parede das traseiras da loja. Por isso, fazia sentido que ele tivesse comprado o veneno – replicou Sara, respirando fundo. – Muito embora eu não acredite que o Greg tenha sido capaz de fazer uma coisa dessas, quem me dera poder substituir os cães de Mister Lang.

– Ora bem, é nisso que você está cheia de sorte – retorquiu Mike, com um esgar sorridente.

– Porquê?

– Na investigação deste caso, trabalho sob a chefia do Governo Federal, e quer saber porque aturamos as suas manias de grandeza?

– Não.

– Dinheiro. Eles têm montanhas de notas verdinhas. Diga-me de que raça eram os cães de Mister Lang e não teremos qualquer dificuldade em substituí-los.

– Eu ainda era criança quando os vi, e por isso não sei de que raça eram. Mas pensei que eram maravilhosos. Houve uma ocasião em que a minha mãe disse que eram de uma raça irlandesa.

– Seria capaz de os reconhecer se eu lhe mostrasse uma fotografia de animais dessa raça?

– Talvez – respondeu Sara.

– Mande uma mensagem de texto à Tess para que ela lhe envie fotografias de cães irlandeses

- pediu Mike, passando-lhe o seu telemóvel.
- Melhor ainda – concordou Mike, sorrindo-lhe.
- Porque está a olhar para mim dessa maneira?
- Estava a pensar em como você é parecida com todas as outras mulheres com quem trabalhei.

O sarcasmo dele fê-la sentir-se bem.

- Elas não se escondiam consigo em cima de árvores?
- Não, e não sabiam o que estavam a perder. Gosto de a agarrar. – Ao ver que Sara continuava a olhar em frente, Mike acrescentou: – E também não queriam substituir os cães de um velho rezingão de quem não gostavam.

Mike teve de desviar o olhar para ocultar o prazer que sentia pela maneira como o dia havia decorrido... e pela maneira como Sara, sentada ao seu lado, franzia a testa. Aquela era a primeira moça a sério que o mito de Greg Anders sofria.

- E que tal se esta noite tirássemos folga do caso?
 - Para vermos mais filmes juntos? – perguntou Sara, com uma expressão radiante.
 - Estava a pensar que talvez pudéssemos ir ao seu apartamento e preparar o jantar lá. Ainda não me mostrou a sua casa.
 - Deduzo que se tenha esquecido de que a minha cozinha não tem lava-louças – redarguiu Sara, fitando-o por entre os olhos semicerrados. – Você quer revistar tudo o que eu possuo, não é verdade?
 - Sim – admitiu Mike, mas com uma expressão tão lasciva que ela foi forçada a rir-se.
 - Por mim, tudo bem. Não só pode ver as jóias que a tia Lissie me deixou, como também experimentá-las.
 - Preferia que você desfilasse com elas, para eu poder admirá-las.
 - Depois de tudo o que ouvi hoje acerca do meu noivo, é muito possível que faça isso mesmo.
- O sorriso de orelha a orelha de Mike quase lhe fendeu a fisionomia.

TUDO NA CASA de Sara respirava « família ». Enquanto a de Tess era como a de Mike, com mobiliário proveniente de lojas – de preferência, de divisões totalmente mobiladas que estivessem em exposição –, ele não achava que Sara possuísse um único prato que não lhe tivesse chegado através de amigos e familiares. E o que havia comprado fora cuidadosamente escolhido, o que ele deduzia por parecer antigo e usado daquela maneira romântica que era tanto do agrado das mulheres em geral.

Assim que ela abriu a porta – claro que não estava fechada à chave – correu para o quarto, enquanto Mike se mantinha na soleira a examinar o interior da casa.

Embora a sala de estar de Sara tivesse a mesma configuração da de Tess, não podiam ser mais diferentes. A de Sara parecia tirada de um programa do Canal História com o título de *O Mobiliário ao Longo dos Tempos*.

Tinha um amplo sofá cor de pêssego com braços arredondados enormes. Mike não era grande historiador, mas não lhe era difícil imaginar damas de vestidos compridos a tomar chá sentadas naquele sofá. A poltrona junto do sofá era quase tão requintada e estava estofada com um tecido de padrão floral. No outro lado havia um espaçoso cadeirão antigo estofado a couro castanho-escuro. Mike tinha a certeza de ter visto um igual num filme sobre a Segunda Guerra Mundial.

Espalhadas por toda a sala, viam-se mesinhas de apoio e bugigangas que se podiam datar desde os tempos de Thomas Jefferson até à década de 1980. Nada do que viu era novo.

Também viu retratos emoldurados por todo o lado. Alguns eram tão antigos que pareciam tirados por Matthew Brady [2], bem como uma fotografia de Tess no dia do seu casamento. Mike sorriu ao ver que a irmã vestia um fato azul-escuro que, muito possivelmente, tempos depois usaria para ir trabalhar. Ele e Tess tinham sido criados frugalmente, tendo aprendido a reciclar muito antes de o conceito estar na moda. Recordou-se do quanto se esforçara para poder estar presente nesse dia, mas encontrava-se atado de pés e mãos – literalmente.

– Quem é que lhe ofereceu isto tudo? – perguntou a Sara, em voz alta.

– Toda a gente – respondeu ela. – As pessoas da vila dizem que quando não se quer qualquer coisa oferece-se à pobre Sara.

Mike soltou uma gargalhada ao ouvir aquilo. Nada podia estar mais longe da verdade, porque tudo o que ela tinha em casa fora seleccionado criteriosamente. Passou a mão por uma pequena mesa com extensões nos lados. Não sabia grande coisa sobre antiguidades, mas havia passado muito tempo em casa de gente rica, pelo que de certeza que a mesinha de Sara valia bom dinheiro. Se estivesse a lidar com um criminoso diferente, diria que, qualquer que fosse o tesouro que era procurado, encontrar-se-ia algures naquela sala. Mas Stefan vivia ali com Sara; portanto, já teria visto tudo aquilo – sabendo que existiria algo de mais valioso algures.

Entretanto, Sara chegou à sala. Tinha tomado duche e mudado de roupa, optando por um vestido de algodão azul-claro, e ele pensou que estava mais bonita do que nunca. Sara aproximou-se e pôs-se de costas para ele.

– Importa-se de me abotoar os botões?

Havia mais ou menos trinta botões brancos pequeníssimos nas costas do vestido, e ele começou de baixo para cima. Por baixo do vestido, Sara usava uma combinação de um modelo antigo, e

perguntou-se se ela também teria herdado as roupas.

– É impossível despir este vestido com rapidez – comentou ele, na brincadeira, continuando a abotoá-lo com todo o vagar.

– Mas, por outro lado, o objectivo é esse, não acha?

– Calculo que seja – retorquiu Mike, rindo-se. – Pronto. Já está. Agora fale-me da sua casa. Em toda a sua vida, alguma vez comprou uma peça de mobiliário?

– Não. Apenas umas quantas bugigangas. De facto, o meu pai paga a renda de um armazém enorme em Williamsburg que está cheio de mobílias antigas e fotografias que me foram oferecidas por alguns dos meus parentes. Eles gostam do Ikea; eu gosto do período eduardiano.

– Parece um enxoval gigantesco.

– Em tempos, foi o que pensei que era.

– E mostrou ao Anders as coisas que tem guardadas nesse armazém?

– Não quero saber como adivinhou isso, mas sim, mostrei; o Greg e eu passámos três dias a inspecionar tudo. Eu queria ver o que podíamos utilizar quando tivéssemos a nossa própria casa. Estava a planear levar tudo comigo e com o Brian, mas...

– E quem é esse? – perguntou Mike. Estava a ver uma fotografia de duas bonitas jovens com os filhos igualmente bonitos. Calculou que seriam as irmãs mais velhas de Sara.

– Foi o meu primeiro namorado a sério. – Mas não lhe disse que tivera tanta certeza de que se casariam que seis meses depois de se terem conhecido recusara um emprego excelente como conservadora de um museu em Boston. A sua vida com Brian tê-la-ia levado numa direcção diferente, o que ela tanto desejara.

Mike olhava para Sara à espera que ela lhe respondesse.

– Deixou-me – disse ela, encolhendo os ombros. – Ai, ai, coitada da pobre Sara.

Ele sabia que ela queria parecer que estava a brincar, mas apercebeu-se da dor na sua voz.

– O homem mais estúpido de que alguma vez ouvi falar – disse Mike, satisfeito, ao ver que ela sorria. – Então, o que pensa o noivo de tudo isto? – perguntou, abrangendo o recheio da sala com um gesto largo.

– Que faria uma boa fogueira – respondeu Sara, rindo-se. – Ele só gosta de cromados e vidro.

Mike virou-se, para ela não poder ver o cenho carregado. Se Vandlo tinha sido tão franco acerca do que lhe agradava e desagradava, e os gostos de Sara eram tão diferentes, por que diabo ia ela casar-se com ele? Sentou-se no amplo cadeirão de couro.

– Gosto do que tem aqui. Nada de cromados e detesto mesas com tampo de vidro. Partem-se durante rixas e podem cortar um homem. Vi uma vez uma artéria seccionada que... – Calou-se, com um encolher de ombros.

Sara continuava de pé a olhar atentamente para ele.

– Por acaso nasceram-me cornos? – perguntou Mike.

– Sentado nesse cadeirão até parece que está em casa. Parece um piloto da Primeira Guerra Mundial. Quase consigo vê-lo com um blusão de cabedal de bombardeiros.

– Está a referir-se a um desses tipos que morreram antes de completarem vinte e três anos? Aqueles que combateram o Barão Vermelho e que se despenharam em aviões em chamas?

– Sim, era a isso que me estava a referir – replicou Sara, sentando-se na extremidade do sofá e continuando a olhar para ele.

– O Greg...

– O Greg, o quê? – perguntou Mike, esforçando-se por não parecer demasiado interessado.
– Nada. Você fica bem nesta sala. A maior parte dos homens não se sente à vontade aqui, mas você dá a impressão de gostar de ler, de ter ido a vários lugares exóticos e de ter feito várias coisas na vida.

– Sara – disse Mike suavemente, mas ela pôs-se de pé antes que ele pudesse acrescentar mais alguma coisa.

– Vou buscar as jóias. – Num passo apressado, percorreu o pequeno corredor até ao seu quarto.

Mike foi inspeccionar o resto da casa. A cozinha precisava de ser remodelada e havia um buraco enorme onde o lava-louças tinha estado. Não conseguiu conter um sorriso ao ver como Luke tornara aquela casa inabitável.

– Havia *alguma coisa* de que o Anders gostasse? – perguntou a Sara, da sala. – Uma cadeira ou até mesmo uma fotografia? – Baixou o tom de voz quando ela voltou à sala de estar.

– Nem por isso – respondeu, entregando a Mike uma pequena caixa de madeira.

Mike abriu-a e viu seis peças de joalharia. Eram antigas, e ele não duvidava de que as pedras fossem preciosas, mas, ainda que o fossem, nenhuma era suficientemente grande para poder valer muito. Decerto que não o suficiente para tentar um Vandlo. Fechou o guarda-jóias.

– Não me parece que...

– Eu sei. As coisas boas foram deixadas às noras. A mãe do Rams tem uns cachuchos enormes que nunca usa. Eu fiquei com as jóias mais bonitas.

– Sara, você podia usar jóias feitas de ferro que faria com que parecessem bonitas.

– Eu... – começou ela a dizer, e Mike viu que enrubescia. Mas, então, os olhos dela fixaram-se na parede atrás dele. – A pintura CAY.

– O quê?

Sara contornou-o e aproximou-se da parede mais ao fundo.

– Houve uma ocasião em que o Greg me disse que a única das minhas coisas de que gostava era deste quadro. Queria que eu lho oferecesse. – Tirou da parede uma moldura com 25,40 x 30,48 centímetros que lhe entregou.

Por uns momentos, Mike sentiu a pulsação cardíaca a acelerar, mas quando viu a imagem ficou desiludido. Parecia o desenho de um pequeno lago com patos feito por uma criança – não fosse o céu ser verde, o lago cor-de-rosa e os pobres dos patinhos serem de um vermelho-púrpura.

Era uma aguarela que parecia antiga, mas Mike não via nada que fizesse com que fosse valiosa. Talvez Vandlo quisesse aquele quadro para os futuros netos. De acordo com a tradição da sua família, a filha adolescente não tardaria a casar-se com um velho qualquer.

Mike olhou para o canto do quadro onde estavam as três maiúsculas: CAY.

– Um dos seus antepassados?

– Não sei. A tia Lissie não sabia quem ele era. Disse que o quadro estava na posse da família McDowell desde sempre, mas ela e eu éramos as únicas que gostávamos dele. Presumimos que seria vitoriano.

– Não há hipótese de ser um Beatrix Potter, pois não?

– Quem me dera. Não, é algo que foi rejeitado como tudo o que se encontra aqui. Até eu – acrescentou Sara, virando costas e afastando-se.

Mike franziu as sobrancelhas, voltando a pendurar o quadro na parede, e quando olhou para Sara viu que ela tinha os ombros curvados, o que não lhe agradou. Parecia que fora rejeitada pelo seu primeiro namorado, e ele sabia que se viria a saber que o segundo só a queria pelo que conseguisse obter através dela.

Mike não pensou no que fazia, limitou-se a estender a mão, a agarrá-la pelo braço e a puxá-la para junto de si. Encostou os lábios aos dela e beijou-a com todo o desejo que sentia desde o primeiro momento em que a vira.

Até certo ponto, esperava que Sara o repelisse, mas, em vez disso, os braços dela enlaçaram-no pelo pescoço, inclinando a cabeça. Os lábios dela eram doces, e o corpo colado ao seu ajustava-se na perfeição, melhor do que o de qualquer outra mulher que alguma vez tivera nos braços.

Mike sentia grande dificuldade em impedir-se de a beijar com mais ardor, sem querer pressioná-la a fazer o que ele desejava. Foi ele quem interrompeu o beijo, mas manteve-a nos braços enquanto lhe beijava o pescoço.

– Sara – murmurou. – Eu quero...

– Eu sei – atalhou ela, afastando-o. – Faça parte do teu trabalho. E queres... – Sara calou-se e encaminhou-se apressadamente para a porta. – Vai ter comigo a casa da Joce dentro de uma hora. Preciso de tempo para reflectir sobre tudo o que se está a passar.

No segundo seguinte, Sara saiu do apartamento e Mike deixou-se cair pesadamente no cadeirão de couro. A sua missão era fazer tudo o que fosse necessário para afastar Sara de Vandro.

– Raios partam! – resmungou. – Sou atraído a esta vila com o engodo de uma quinta antiga, mobiliário confortável e a sedutora mais bonita e mais doce à face da Terra. – Passou a mão pela face. – Se há alguém que está a ser seduzido, sou *eu*.

JOCE ESTAVA NA cama rodeada de árvores genealógicas; tinha uma impressora em cima da mesa-de-cabeceira.

– Queres saber quem era o teu terceiro primo em sexto grau?

– Não particularmente – respondeu Sara. – Tenho primos que me cheguem aqui e agora.

Joce olhou para a amiga – e prima em sétimo grau, tinha acabado de descobrir isso – e perguntou:

– O que se passa?

– O Mike beijou-me.

– Oh... Ora bem. Sei que isso é terrível, uma vez que estás noiva de outro homem, mas antes do começo das lamentações, o que achaste do beijo?

– Fantástico. Mas há que levar em consideração que ele tem muita experiência.

Joce não fez comentários.

– E então, como o avalias quando o comparas com o Greg?

Sara sentou-se pesadamente numa cadeira à beira da cama.

– Alguma vez tiveste a certeza *absoluta* de que o que fazias estava certo e depois aconteceu alguma coisa que te levou a duvidares de tudo?

– Se estás a referir-te aos homens, sim. Quando andava na faculdade, tinha um namorado que adorava. Tinha a certeza de que ele era O Tal. Mas depois fui para casa... ou seja, para Miss Edi... e passei uma semana com ela. Uma manhã, estávamos sentadas a tomar o pequeno-almoço e comecei a imaginar como seria se ele estivesse lá. Imediatamente, soube que passaria todos os momentos da minha existência a lidar com os ciúmes dele. Se me tivesses perguntado no dia anterior se ele era um homem ciumento, eu ter-te-ia respondido que não. Mas era. Tinha ciúmes do meu emprego, das minhas amigas, e até mesmo das filhas da minha madrastra, que eram horríveis. É a isso que estás a referir-te?

– Sim, em grande medida, é isso. Começo a ver e a lembrar-me de coisas de que há uma semana nem sequer tinha percepção – respondeu Sara, suspirando. – Quando o Greg e eu começámos a namorar, tudo era maravilhoso; eu teria atravessado o fogo por ele.

– E a julgar pelo que a Tess e eu ouvimos através das paredes, foi o que fizeste em algumas ocasiões.

Sara concordou com um acenar de cabeça.

– Tudo era maravilhoso. Não tinha passado muito tempo desde que o Brian me deixara e...

Joce nunca conhecera o outro namorado de Sara, mas ouvira falar dele. Era um jovem arqueólogo de Inglaterra; ele e Sara haviam sido inseparáveis durante mais de quatro anos. Toda a gente, incluindo Sara, acreditava que iriam casar-se. Quando ele lhe disse que ia casar-se com a namorada da sua juventude, Sara tinha ficado destroçada.

– O pior – dissera Tess a Joce – foi o facto de todas as pessoas da vila terem passado a tratar a Sara como se ela estivesse à beira da insanidade mental.

– E estava? – perguntou Joce, que sabia uma coisa ou outra acerca do que era estar à beira da ruptura.

– Sim – confirmou Tess. – De facto, era esse o caso.

Com esse episódio em mente, Joce pegou na mão de Sara.

– O Greg fez com que te sentisses desejável, que alguém te *desejava*.

– Sim e também me apercebi de que toda a gente da vila o detestava, o que me fez sentir que estava a lutar contra... Não sei dizer o quê. Talvez me tenha sentido como a Julieta do Shakespeare e tivesse de fazer um esforço tremendo para reter o Verdadeiro Amor. Mas agora penso que talvez quisesse apenas mostrar às pessoas... Não sei o quê.

– Sei umas quantas coisas sobre rebelião – disse Joce, muito séria. – Causei muita exasperação à família por me ter recusado terminantemente a fazer uma tatuagem.

– Nem sequer uma? – perguntou Sara, rindo-se.

– Nem mesmo uma borboleta no tornozelo esquerdo.

– És uma rebelde.

– E quanto ao casamento? – perguntou Joce passados uns momentos.

Sara cobriu a cara com as mãos.

– Não sei. Não sei mesmo! – Olhou para Joce. – Apenas alguns dias depois de ter conhecido o Greg, já éramos sócios num negócio e andávamos a viajar e...

– A trabalhar.

– Sim, isso mesmo – retorquiu Sara. – Montes de trabalho. Montanhas e montanhas de coisas que eu tinha de fazer e que me mantinham ocupada durante os sete dias da semana.

– E sexo.

– Inicialmente, sim. Eu queria tanto provar que era, no mínimo, tão desejável como... como a mulher com quem o Brian queria casar-se, que era insaciável.

– E agora?

– Agora estou a recordar-me de Greg como homem. Não é fácil viver com ele, e é virtualmente impossível agradar-lhe. Mas a verdade é que não tive tempo para pensar em nada desde que o conheci. Fomos de um encontro em que não nos conhecíamos a fazer planos para o casamento no que me parece terem sido escassos minutos.

– E onde é que o Mike se encaixa em tudo isto?

– Em lugar nenhum. O Mike não tem nada que ver com o que quer que seja.

– Oh! – exclamou Joce.

– O que queres dizer com essa reacção?

– Nada. Pensei apenas que tu e ele eram...

– Amigos. É apenas isso que somos um para o outro. – Ao ver que Joce não dizia nada, Sara cedeu. – De acordo, talvez o Mike tenha feito com que eu me lembrasse do que é desfrutar da companhia de um homem. Ele e eu fazemos coisas juntos.

– Como o quê?

– Baluçarmo-nos em árvores – replicou Sara, erguendo a mão. – Mas isso não interessa.

– Tens a certeza? O facto de eu gostar de fazer coisas com o Luke fez com que eu o escolhesse em vez do Ramsey.

– Joce, não brinques comigo. Ficaste perdida de amores pelo Luke desde o dia em que ele deixou cair mostarda pelo teu peito abaixo. O Ramsey nunca teve a mínima possibilidade. Além disso, ele estava apaixonado pela Tess, mas era burro de mais para se aperceber disso.

– Tens razão – reconheceu Joce. – Sei que é um lugar-comum, mas acho que devias seguir os ditames do teu coração.

– Se eu seguisse o teu conselho, casar-me-ia com a Quinta Merlin. É o que eu amo *realmente*.
Joce riu-se tanto que os bebés começaram a espernear.

MIKE ESTAVA VESTIDO para ir ao ginásio, ainda fazia escuro lá fora, e não viu luz nenhuma através da fresta inferior da porta do quarto de Sara. Na noite anterior, assim que chegara, Luke saíra de casa para poder falar com ele em particular.

Em voz baixa, Luke perguntou-lhe como é que o caso estava a correr e se precisava de ajuda.

O sentido de prudência habitual de Mike entrou em acção, mas à passagem de cada dia essa faceta ia-se atenuando.

– Não sou capaz de descobrir o que a Sara tem que a família Vandlo cobiça.

Luke mostrou-se chocado ao ouvir a palavra « família » .

– Isso quer dizer que temos mais pessoas na vila além da Mitzi? – Quando Mike se limitou a olhar para ele, Luke susteve a respiração. – É o Greg, não é? Em que medida é que ele está envolvido?

– Ele é filho da Mitzi.

– E a Sara sabe? – perguntou Luke, soltando um assobio abafado.

– Não. Quero que ela confie em mim antes de lhe dizer.

– Com base no que tenho visto, é impossível ela confiar mais em si do que já confia.

– Ah, sim? – Mike não conseguiu conter o sorriso rasgado.

– Espero que saiba que se magoar a Sara não hesitaremos em assassiná-lo – retorquiu Luke, fitando-o e arqueando uma sobrancelha.

– E o que acontece se ela destruir o *meu* coração? – perguntou Mike.

– Tenho um agraphador eléctrico na carrinha.

– Ao menos diga-me que é um agraphador *grande*.

– É muito pequeno, tamanho de algibeira.

Riam-se ambos quando chegaram à porta, na altura em que um adolescente estava a sair. Era tão alto como Luke, mas pesaria mais uns cinquenta quilos – e todo esse corpanzil parecia ser massa muscular.

O rapaz não disse nada, mas quando avistou Mike, deteve-se e olhou-o com fixidez. Pegou-lhe no queixo, virou-lhe o rosto de modo a ficar de perfil e passou um dedo pela cana do nariz de Mike. Ele tinha-o fracturado várias vezes, mas só muito raramente é que fora corrigido cirurgicamente. Como resultado, tinha um ligeiro arco na parte superior do nariz; já lhe haviam dito que parecia uma lâmina de machadinha.

O jovem não articulou palavra, limitando-se a afastar a mão, e continuar a andar. Estacionado junto dos enormes pilares de Edilean Manor via-se um *Mercedes* descapotável de linhas aerodinâmicas. Sentada ao volante estava uma jovem esbelta e extraordinariamente bonita com uma farta cabeleira escura. Acenou a Luke, fitou Mike e aguardou enquanto o rapaz se sentava no lugar do passageiro da frente, após o que arrancou, projectando a gravilha no ar.

– Mas quem diabo é...? – começou Mike a perguntar.

– São da família Frazier – adiantou Luke, entrando em casa.

– O miúdo alto...?

– É o Shamus. É ele que está a desenhar as cartas giganas.

– E porque olhou ele para *mim* tão atentamente?

- Ele gosta de rostos, mas vá-se lá saber o que vai na cabeça de um Frazier.
- A rapariga é deslumbrante.
- É a Ariel e é um autêntico terror. Tem o temperamento dos Frazier.
- Calculo que seja melhor ficar-me pela Sara – disse Mike.
- Sem dúvida.

- Toda a gente nesta vila se dedica a arranjar casamentos?
- Com a excepção de Mister Lang – disse Luke de imediato.

Ainda se riam quando começaram a ouvir as vozes femininas e ambos se encaminharam para a sala de estar, onde se encontravam Joce e Sara.

Como antes, o serão foi muito agradável. Mike quase conseguia esquecer-se do caso enquanto falavam de comida e da ida de Luke ao ginásio naquela manhã.

– Quarenta e seis minutos de inferno – disse este. – Quem poderia imaginar que era possível causar tantos danos num espaço de tempo tão curto? – Levou a mão ao ombro. – Amanhã vou sentir os deltóides todos doridos.

– Você tem uns músculos dorsais fortes. Vou ter de me exercitar muito para conseguir acompanhá-lo.

– Isso mesmo – retorquiu Luke, sarcástico. – Isto da boca de um homem que faz exercícios de alongamento num trampolim. – Olhou para as duas mulheres. – Vocês deviam ver o que este tipo faz no ginásio. Juro que metade das pessoas que estavam lá interrompeu os exercícios para poder vê-lo.

Em seguida, começaram a falar da Quinta Merlin. Quando Sara descreveu o interior da casa, Mike ficou assombrado perante o enlevo que transparecia da voz dela. Nunca lhe passara pela cabeça que se pudesse amar um objecto inanimado como ela parecia adorar aquela quinta escalavrada. Por outro lado, acreditava que Sara, provavelmente, diria que ele adorava o seu automóvel com a mesma intensidade. Ela já tinha troçado dele por o manter sempre tão limpo; contudo, ele não via nada de mais em lavar e aspirar a viatura todos os dias, e achava que as pessoas não deviam comer nos carros. E o que poderia haver de errado em manter os pneus oleados?

– Mas, então, Mister Lang voltou e estragou tudo – concluiu Sara, com um olhar de relance a Mike.

Tinha deixado de fora a parte em que ela e Mike haviam estado escondidos na árvore, encostados um ao outro como passarinhos num ninho.

Depois de terem acabado de comer, Sara e Luke foram para a cozinha, enquanto Mike ficava sentado numa cadeira ao lado de Joce, que lhe explicava as suas árvores genealógicas. Eram mapas incrivelmente pormenorizados que o levaram a elogiá-la pelo excelente trabalho que estava a fazer.

– A Sara gosta de si – disse Joce em voz baixa. – E você está a conseguir afastá-la daquele Greg horrroso.

– A Joce é uma das pessoas que não gostam dele?

– O homem faz tudo para que todos se sintam mal. A menos que se tenha dinheiro. Ele bajula as mulheres que vão à loja – disse Joce, aproximando-se mais de Mike e baixando o tom de voz. – Se você pudesse impedir o casamento...

Mike pegou-lhe na mão, depositando um beijo nas costas.

- É para isso que estou aqui.
- A sério?! – Os olhos de Joce arredondaram-se. – Pensei que o seu único interesse era apanhar malfeteiros.
- Tudo faz parte disso. Não diga nada à Sara sobre esta conversa.
- Joce fitou-o com uma expressão de gratidão nos olhos.
- Você está a atirar-se à minha mulher? – perguntou Luke, da ombreira da porta da sala.
- Ele não conseguiu controlar a luxúria – disse Joce, pousando as mãos no ventre rotundo.
- Eu compreendo e perdoo – acrescentou Luke. – Quem quer uma fatia de bolo?
- Quantos quilos posso comer? – perguntou Joce, e todos se riram.

*

E agora era a manhã seguinte, cedo, e Mike preparava-se para sair para o ginásio, mas a voz de Sara deteve-o. Foi ao quarto dela e abriu a porta. Estava sentada na cama; vestia uma camisa de dormir branca que parecia tirada de um documentário da BBC.

- Vais ao ginásio? – perguntou Sara.
- Queres vir comigo?
- Sara fez uma careta.
- O que vamos fazer hoje?
- Mike entrou no quarto.
- Estava a pensar em ajudar a montar a feira.
- E sabes fazer isso?
- Aprendi umas coisas sobre construção civil durante um dos meus primeiros casos. – Ela olhava para ele de olhos arregalados, como se as suas histórias fossem verdadeiramente empolgantes; era um olhar irresistível. – Trabalhei infiltrado para expor um empreiteiro que recebia subornos de construtores civis. Os edifícios que ele construía tendiam a desmoronar-se em cima dos residentes.
- E tiveste um caso com a mulher dele?
- Não – respondeu ele solenemente. – *Não* tive. – Os olhos dele começaram a cintilar. – Foi com a filha que tinha vinte e dois anos. Ela ensinou-me umas coisas. Espera! Esse foi o caso em que espanquei meia dúzia de homens ao mesmo tempo e salvei a rapariga. Acho que ela tinha doze anos. Ou terá sido naquela vez em que...?

- É melhor ires andando – disse Sara, rindo-se. – Duvido que possam abrir o ginásio sem estares presente.
- Não-de arranjar maneira. O que estás a planear fazer hoje?
- Oh, isto e aquilo, nada de especial.
- Não vais colar-te a uma máquina de costura, pois não? Eu disse à Erica que arranjasse alguém para fazer esse trabalho, também lhe disse que tu és a patroa, e não uma assalariada.
- Obrigada – agradeceu Sara.
- Calculo que só nos veremos ao fim do dia.

Quando Sara sorriu sem lhe responder, Mike deixou o quarto.

Assim que Sara ouviu o barulho do motor do carro dele, enviou uma mensagem de texto a Joce.

IMPORTAS-TE QUE USE A TUA COZINHA HOJE?
SÓ SE EU PUDER AJUDAR.
PODES FICAR SENTADA A DESCASCAR A FRUTA. O SHAMUS ESTÁ AÍ?
ESTÁ. CONSEGUI QUE ELE NÃO FOSSE À ESCOLA. O MIÚDO ADORA-ME.

Dez minutos depois, Sara já estava vestida e a caminho da charcutaria da mãe.

*

Assim que Mike saiu do ginásio, verificou o telemóvel. Tess ligara-lhe; telefonou à irmã.

Como de costume, ela não esteve com preâmbulos.

– Se fizeres com que a Sara se apaixone por ti e depois a deixares por uma das tuas desmioladas, juro-te que nunca mais volto a falar contigo. Renegar-te-ei completa e totalmente.

– Não existe esse perigo – redarguiu Mike. – A Sara não quer nada comigo, excepto como... – ele quase se engasgou – amigo. Partilhamos tigelas de pipocas e vemos filmes juntos. Estou farto de me atirar a ela, mas ela não me parece minimamente interessada.

Tess ficou em silêncio por uns momentos; quando recomeçou a falar, a sua voz mal se ouvia acima de um murmúrio.

– As mulheres gostam de ti desde que chegaste à puberdade, mas estás a dizer-me que a Sara não está interessada em ti?

– Estás a gozar comigo?

– Estou a tentar não o fazer, mas não é fácil. Mas como vais impedir que ela se case com esse mentecapto?

– Amarrá-la, imagino.

– Para depois lhe fazeres coisas deliciosas?

– O que aconteceu a esse apoio de que as mulheres tanto falam? Estás a agir como se *quisesses* que eu algemasse a tua amiga.

– Sabes muito bem que eu quero que cases com a Sara e que vivam felizes para sempre na Quinta Merlin. Com quem é que a minha criança vai brincar se não começares a tratar do assunto com ela?

– Eu não me comprometi com relação a *casamento* nenhum. Penso que...

– Tenho de desligar. O Rams chegou.

*

Vinte minutos mais tarde, Mike encontrava-se no Campo Nate. Queria ajudar a montar a feira, mas também inteirar-se de mais mexericos. Apesar de Sara lhe ter dito que o pusera ao corrente de tudo o que sabia, ele continuava a descobrir novas informações.

Havia bancadas permanentes no amplo descampado, e várias árvores, mas mais nada. Quando Mike chegou, todos os presentes se calaram, e ele soube o que se estava a passar. Eram homens e aguardavam para ver se ele sabia qual a extremidade do martelo que teria de usar. Sem dúvida que já tinham ouvido a mãe de Sara dizer que Mike percebia de produtos orgânicos e como cozinhá-los – conhecimentos que ele adquirira em investigações como agente infiltrado. Em duas ocasiões, fora forçado a períodos de treino intenso de vários meses antes de começar a

investigar um determinado caso. Ao longo dos anos, Mike trabalhara com muita frequência na construção civil; por isso, sentia-se muito à vontade com um cinto de ferramentas.

Ao cabo de duas horas a observarem Mike, os outros homens descontraíram-se e começaram a incluí-lo nas conversas. Mas ele e Luke trabalhavam melhor de parceria. Com Luke numa das extremidades e Mike na outra, ambos içaram barrotes nos devidos lugares, fixando-os no solo.

– Já usou alguma destas coisas? – perguntou-lhe Luke, mostrando-lhe uma pistola de pregar pneumática.

– Numa pessoa ou numa tábua? – perguntou Mike, num tom de voz que só seria ouvido por Luke.

– Quando o caso que investiga estiver resolvido, quero que me ajude a resolver os crimes nos meus livros de mistério.

– A propósito, o meu capitão quer um exemplar autografado do seu último livro.

– Com todo o prazer – retorquiu Luke, pegando numa serra manual. – Sabe usar uma coisa destas?

– Quer ouvir a história daquela vez em que fui obrigado a fazer o meu próprio caixão com ferramentas manuais e sem electricidade?

– De todo o coração – replicou Luke, com sinceridade.

– Eles estavam aborrecidos, por isso, enquanto esperavam, congeminaram um plano em que eu tinha de...

– Quem são eles?

– Não posso revelar isso, mas eram maus.

Com um acenar de cabeça, Luke ouvia-o atentamente enquanto guardava o martelo no cinto das ferramentas.

Mais ou menos às dez horas, apareceram três rapazes; eram tão corpulentos como praticantes profissionais de luta livre.

– Quem são os matulões? – perguntou Mike a Luke.

– São os irmãos Frazier. Os que vão competir connosco nos jogos da feira.

Mike observava os três perguntando-se se, caso houvesse uma luta, chegaria para eles. Lembrou a si próprio que isso jamais aconteceria, mas era a força do hábito em acção. Não obstante a elevada estatura e massa muscular dos três Frazier, não se movimentavam com agilidade – mas também não precisavam de o fazer.

– Amanhã vou ter um encontro com a irmã deles. É melhor portar-me bem com ela.

– A Ariel sabe tomar conta de si própria. – Ao ver que Mike ficava a olhar para ele com uma expressão intrigada, Luke sorriu. – Não se preocupe. Já teve oportunidade de ver que ela não é tão grande como os quatro irmãos.

– Certo, mas não me posso esquecer do jovem Shamus. Como é que ele tem passado?

– Ficou em casa com a minha mulher, a trabalhar no estirador a fazer desenhos de ciganos. Não os mostra a ninguém; por isso, a Joce está a planear uma grande exibição.

– Óptimo – disse Mike, sorrindo.

Fizeram um intervalo às dez e meia, que Luke aproveitou para apresentar Mike à sua prima Kimberly Aldredge, uma das mulheres em funções na mesa das bebidas. Tinha mais ou menos a idade de Sara e era bastante bonita, tendo sido sugerida repetidamente a Mike como uma boa escolha para namorar.

– A Kim desenha peças de joalheria que vende na loja da Sara, entre outros estabelecimentos. Foi ela que fez o anel de noivado da Tess. – Adivinhava-se no tom de voz de Luke que tinha orgulho na prima. Momentos depois, pediu licença para ir falar com um homem sobre umas plantas que queria.

– Na vila, só se fala de si – disse Kim, dando a Mike um copo de cartão cheio de limonada.

– Isso é mau. – Esvaziou o copo, estendendo-o para que ela voltasse a enchê-lo.

Kim inclinou-se para ele e baixou a voz.

– Posso falar-lhe com franqueza?

– Por favor.

– Todos adoramos a Sara, mas ela tem andado a afastar-se dos amigos e da família. Ela e o Greg têm tempo para as clientes, mas não para nós. Quando fazemos piqueniques, festas de anos, qualquer que seja o motivo para nos reunirmos, ela está sempre muito ocupada ou tem de ir a qualquer lado com o Greg. Não me parece que a Sara tenha alguma noção do que o Greg lhe está a fazer. Os rumores que correm pela vila dizem-nos que vai restituir-nos a nossa Sara.

– Não se pode dizer que eu esteja a fazer grandes progressos nesse sentido – retorquiu Mike, modestamente. – Ela acredita em ser fiel.

Kim perscrutou-o por uns momentos.

– Eu diria que está caído por ela.

– Não, eu... – Mike não sabia o que dizer.

– Não se preocupe – atalhou ela, sorrindo. – Eu não digo nada. A Sara merece que lhe aconteçam coisas boas. Os últimos anos têm sido bastante difíceis para ela.

Ao meio-dia e meia, Sara apareceu com a mãe e uma carrinha cheia de sanduíches e saladas. Também traziam tartes caseiras. Os homens começaram a dar palmadas nas costas de Mike, dizendo-lhe: « Obrigado, pá » e « Fico a dever-lhe um favor. »

– Mas o que se passa? – perguntou a Luke.

– Há muito tempo que a Sara não cozinha nada. Na sua juventude, não havia festa nenhuma em que ela não participasse, e as coisas que ela preparava com frutas... O que ela consegue fazer com uma peça de fruta é lendário. Mas não tem feito nada desde...

– Deixe-me adivinhar. Desde que o Anders chegou à vila.

– Na verdade, aconteceu antes disso. Calculo que já tenha ouvido falar do primeiro namorado dela. A vida de Sara começou a dar para o torto quando ele a deixou de uma maneira que continua a enfurecer-me. A minha vontade foi ir a Inglaterra, para lhe enfiar uns quantos dentes pela garganta abaixo, mas o Rams dissuadiu-me. – A cabeça de Luke apareceu e gritou à prima: – Ken, se comeres essa tarte de pêsego inteira, eu mostro-te para que serve realmente uma pistola de pregar. Desculpe, mas tenho de ir – disse a Mike, e foi-se embora.

Mike viu Sara junto da carrinha com um saco de papel e um prato com uma tarte vermelha nas mãos. Não conseguiu reprimir um sorriso ao ver que parecia que ela tinha guardado um almoço só para ele.

Nessa noite, voltaram a jantar com Luke e Joce, conversando acerca da feira. Quando regressaram ao apartamento dela, Sara já bocejava.

– Desculpa – disse ela –, estive de pé durante todo dia e estou estafada.

– Não fazia ideia de que fosses uma pasteleira tão boa. O que tinha a tarte de damasco?

– Usei *Moscato d'Asti* no *zabaglione* – respondeu ela, por cima do ombro, quando já se dirigia

para o quarto. – Vemo-nos de manhã.

Mike ficou a pestanejar de admiração. Ela usara um vinho italiano próprio para sobremesas para fazer um molho cremoso. Desde que a conhecia que ficara com a impressão de que Sara sabia muito pouco de culinária. Era verdade que Tess lhe enviara frequentemente o pão de maçã que ela tinha feito, mas talvez os seus dotes de cozinheira se cingissem a isso. Mas pelo que tinha visto e saboreado, Sara podia muito bem pedir meças ao pasteleiro do hotel de cinco estrelas onde ele trabalhara infiltrado.

Quanto mais ficava a saber a respeito de Sara Shaw, mais gostava dela.

MIKE PASSOU O SÁBADO num campo de golfe em Williamsburg com o pai de Sara, um médico aposentado que era tão calmo quanto a mulher era hiperactiva. Falava de Sara com ternura, e Mike apercebeu-se de que ele o observava com frequência.

Ia contra a sua natureza perder uma partida deliberadamente, qualquer que fosse a actividade desportiva, mas não queria que o pai de Sara ficasse malvisto. Logo no primeiro *tee*, Mike não se esforçou ao máximo e a bola foi cair longe do buraco.

O Dr. Henry Shaw olhou para Mike com uma expressão de dúvida.

– Quanto mais baixa for a sua pontuação, melhor falarei de si à minha filha mais nova.

Mike olhou para o homem por uns momentos e resmungou « outro casamenteiro », e depois fez um buraco numa tacada.

Quando chegaram à sede do clube, depararam com meia dúzia de homens que queriam disputar partidas com ele.

– O que eles precisam é de lições – disse o Dr. Shaw entre dentes, dando uma palmada no ombro de Mike.

– E então, com respeito à nossa combinação? – perguntou Mike.

– Em qualquer dos casos, eu teria feito isso. O Luke disse-me que você é um atleta nato, e eu só queria ver se isso era verdade.

– Agora já estou a ver de quem é que a Sara herdou a paixão por conluíus.

O Dr. Shaw riu-se com gosto.

– Não diga isso à mãe dela. A Ellie pensa que a Sara é a mais « fraca ».

Os dois homens almoçaram juntos, e Mike foi apresentado a toda a gente como um « amigo da Sara ». Ninguém mencionou que a data do casamento de Sara – com outro homem – se aproximava a passos largos.

Mike tinha ficado de sair com Ariel nessa noite.

– Posso cancelar se quiseres – disse a Sara quando chegou a casa.

– E porque haveria eu de querer uma coisa dessas? A Ariel é inteligente, muito viajada, e é lindíssima. Tenho a certeza de que vais passar uma noite muito agradável.

A situação era, evidentemente, absurda, mas Mike sentiu-se decepcionado quando Sara pareceu não se importar que ele tivesse um encontro com outra mulher. Durante os últimos dias, haviam chegado ao ponto de... bem, de quase viverem juntos. Partilhavam a maior parte das refeições, iam a quase a todo o lado juntos, e as pessoas de Edilean pareciam considerá-los um casal.

– Tens a certeza? – perguntou Mike.

– Vai, vai. Diverte-te. Vou ver o que está a Joce a fazer. O Luke disse que ia estar ocupado a escrever, o que quer dizer que a Joce deve estar sozinha.

– Se tens a certeza de que não te importas...

– Vai! Diverte-te, homem!

Assim que Mike saiu porta fora, Sara enviou uma mensagem de texto a Joce.

ALGUMA VEZ DISSE QUE ODEIO A ARIEL FRAZIER?

Jocelyn replicou, dizendo:

O MIKE NÃO VAI GOSTAR DELA. VEM ATÉ CÁ, PARA CONVERSARMOS SOBRE ISSO.

Quando Sara desligou o telemóvel, tentou visualizar o rosto de Greg. O que conseguiu, mas não com clareza. E não possuía nenhuma fotografia dele que lhe reavivasse a memória. Uma das antigas namoradas de Greg era uma fotógrafa profissional, tendo ele dito que ela fora tão horrível para ele, que conseguira pô-lo contra deixar que voltassem a tirar-lhe fotografias. Ao pensar naquilo, Sara perguntou-se se esse episódio seria verdadeiro.

Ao longo dos últimos dias, não só os traços fisionómicos de Greg se haviam esbatido da sua memória, como também a... bem, a essência dele. Tudo o que parecia conseguir recordar era a quantidade desmesurada de trabalho com que ele a sobrecarregara, e a forma como ele a fazia sentir-se confusa e desajeitada.

Onde estaria ele?, perguntou-se. E o que estaria a fazer? Sara continuava a enviar-lhe mensagens de vez em quando, mas haviam deixado de ter a premência de antes.

Sabia que era tudo por culpa de Mike. Era um homem de trato fácil, uma boa companhia – e quando não estavam juntos, como naquela noite, ela sentia a falta dele.

Não queria pensar naquilo, mas *não* tinha saudades de Greg.

*

Sara saiu do apartamento e foi para casa de Joce falar sobre o homem que se apoderara da sua vida.

Desde o primeiro momento em que Mike viu Ariel Frazier ao volante do seu automóvel, em Edilean Manor, soube que não estava interessado nela. Os brincos de diamantes e as três pulseiras de ouro fizeram com que se lembrasse demasiado das mulheres do seu passado. Além disso, aquando desse primeiro olhar, reconheceu o espírito agressivo e o excesso de autoconfiança de Ariel.

Ariel estava sentada ao balcão do que passava por ser um *country club*, em Edilean. Vestia calças pretas e um *top* verde, calçava uns sapatos de salto alto que, muito provavelmente, teriam custado tanto quanto o salário de Mike do mês anterior. Havia, pelo menos, quatro homens a fazer-se a ela, tentando decidir quando passariam ao ataque.

Noutras circunstâncias, ou seja, antes de conhecer Sara, Mike sentir-se-ia extremamente satisfeito consigo próprio por ter uma mulher como ela à sua espera. Mas agora pensava que era espampanante e que abusara da maquilhagem.

Quando olhou para os olhos dela, viu a expressão de quem estava a divertir-se e compreendeu que ela adivinhava o que ele pensava. Ficou de pé ao lado dela ao balcão e lançou um olhar a dois dos homens que a fitavam que lhes dizia que desaparecessem. Só então é que se concentrou em Ariel. Não havia como negar que era lindíssima. Não havia necessidade de se apresentarem.

Quando o chefe de sala lhes disse que a mesa estava pronta, Mike retrocedeu para permitir que Ariel seguisse à sua frente. Já estavam sentados, mas ela não abriu a ementa.

– Vou comer o *ceviche* e depois a truta – disse ao empregado de mesa.

– O mesmo para mim – secundou Mike, e o empregado levou as ementas.

Assim que ficaram sozinhos, Ariel disse:

– Você sucumbiu aos encantos da Sara, não é verdade?

– Não sei muito bem o que quer dizer com isso, mas sim, é verdade que gosto dela.

Entretanto, o empregado serviu um pouco de vinho branco no copo de Mike. Depois de o ter provado, com um gesto, indicou-lhe que servisse, e o homem encheu o copo de Ariel.

Quando voltaram a ficar a sós, Mike disse:

– Portanto, está prestes a formar-se em Medicina.

– Ora bem, porque será que eu penso que não tem qualquer interesse no que *eu* faço? Diria que concordou com este encontro para poder ficar a saber mais coisas a respeito da Sara. Acertei?

Acertara; Mike queria inteirar-se do que ela sabia, mas não disse nada. A sua experiência dizia-lhe que, de uma maneira geral, as pessoas preenchiam os silêncios.

– Toda a gente da vila sabe o que está a fazer – continuou Ariel, fazendo uma pausa para beber um pouco de vinho. – Anda a tentar com que a Sara se sinta atraída por si, afastando-a do noivo.

Mike ocultou um suspiro de alívio. Durante alguns momentos, tinha pensado que ela – e talvez mesmo toda a gente da vila – estivesse a par da sua investigação.

– A Sara disse-lhe que quando andávamos na escola éramos rivais? – Ariel não esperou pela resposta. – Ela estava sempre cercada de rapazes que a convidavam para sair, que queriam estudar com ela, o que quer que fosse, mas não permitia que se aproximassem de mais. O que enlouquecia os rapazes. Quanto a mim, sempre foi: «Olá, Ariel, queres jogar basebol?» ou «Ariel pega no outro extremo da mesa do piquenique e ajuda-me a levá-la». Eu mal podia esperar para sair desta vila, para longe do meu pai e irmãos superprotectors. Queria ir para um lugar qualquer onde os homens me olhassem como uma mulher e não como uma dos Frazier.

Mike teve uma sensação de *déjà-vu*, como se investigasse um dos seus casos. Ariel Frazier tinha tudo a seu favor, mas continuava a lamuriar-se pelo que lhe havia acontecido no liceu.

– Não está a resultar, pois não?

– A que se refere? – perguntou Mike, num tom frio.

– A cena da «coitadinha de mim».

– Nem por sombras.

– Muito bem – retorquiu ela, estendendo a mão para a cestinha do pão. – Uma vez que não sou capaz de o impressionar, isso quer dizer que teremos de ser amigos. O que significa que não preciso de fazer o papel da senhora muito delicada. E que tal se me passasse a manteiga?

– Boa ideia – replicou Mike, com um sorriso genuíno.

– E então, o que quer saber a respeito da nossa pequena Sara?

Mike lançou-lhe um olhar de «pare com isso», e Ariel riu-se.

– Diga-me o que se passou com o primeiro namorado dela – pediu Mike enquanto lhes serviam a comida. – O Brian qualquer coisa.

– Não cheguei a conhecê-lo. – Ariel deu uma dentada num pedaço de pão cheio de manteiga.

– Presumo que se recorda de todas as palavras que ouviu a respeito de Sara, certo?

– Apanhou-me; não há como negar – retorquiu Ariel, com um sorriso. – O nome dele é Brian Tolworthy e é arqueólogo. Tal e qual como num conto de fadas, a Sara foi a Williamsburg e voltou para casa com um inglês lindo de morrer. E, é claro, ele seria, obrigatoriamente, o

herdeiro da Casa Grande e da fortuna que a acompanhava. Sara teria sido Lady Tolworthy. Recordo-me do nome porque quando vim a casa, para passar o Natal, a minha mãe não falava noutra coisa. Eu ia entrar para Medicina, mas ela só desejava que eu me casasse e tivesse muitos filhos, como a pequena Sara, o paradigma da perfeição, se preparava para fazer. Desculpe, mas a Sara Shaw, para mim, é uma pedra no sapato.

– E por que razão ela não se casou com ele?

– A gente da vila diz que a Tess e o Luke conspiraram para que você e a Sara juntassem os trapinhos. Isso é verdade?

– A gente desta vila fala de mais. Mas porque foi que a Sara não se casou com o inglês?

O rosto de Ariel adquiriu uma expressão mais circunspecta.

– Eu não estava cá nessa altura, mas a minha mãe escreveu-me uns dois meses mais tarde a dizer que ele recebeu um telefonema a meio da noite. Alguém disse que os pais dele haviam morrido num acidente de viação. A Sara levou-o ao aeroporto e... – Ariel encolheu os ombros. – Ouvi dizer que ela nunca mais lhe pôs a vista em cima. Dois meses depois, a minha mãe escreveu-me a dizer que Sara recebera uma carta a informá-la de que ele ia casar-se com a namorada da adolescência em Inglaterra. – Ariel fez uma pausa, olhando para ele. – Se está a viver com a Sara, porque não lhe pergunta tudo a ela?

Mike tinha muita experiência em ignorar as perguntas a que não queria responder.

– E então, o que aconteceu?

– O que acontece a todas as «princesas Sara» deste mundo? Logo a seguir, apareceu outro homem.

– O Anders.

– Sim. O Greg Anders – confirmou Ariel, com um pequeno sorriso. – Conhece-o?

– Nunca o vi, mas já ouvi falar muito nele.

– Ele gosta de arranjar problemas. – O sorriso dela alargou-se e soltou uma pequena gargalhada.

– Até parece que *você* o conhece.

– Todas as mulheres minimamente bem-parecidas desta vila... é muito pouco plausível que digam a Sara... tiveram um encontro com ele. O meu irmão Colin disse-me que a Sara não podia estar a ter grande coisa na cama durante os últimos meses, e isso porque ele tem andado muito ocupado a saltar para cima da Erica na loja... e também de duas das suas clientes. Ao que parece, ele gosta de mulheres mais velhas.

Mike ficou a pensar no que tinha lido nos dossiês relativos ao caso. O casamento de Stefan fora um daqueles casamentos de conveniência, tão do agrado da família dele. Aos dezasseis anos, casaram-no com uma viúva de trinta e quatro. Nesta altura, o filho de Stefan tinha dezoito anos e a filha, dezassete – e também tinha um enteado que nascera no mesmo ano que ele. Mas a despeito da discrepância de idades, o casamento resultara. Todos sabiam que Stefan amava a mulher genuinamente, a qual era um ano mais velha do que a própria mãe, mas nem sequer esse amor conseguira que ele lhe fosse fiel. E sim, a investigação policial mostrava que ele também preferia mulheres mais velhas para os seus muitos casos extraconjugais.

Ariel ficou a olhar para o seu prato durante uns momentos.

– Nem sequer consigo imaginar a opinião que formará de mim depois do que lhe disse, mas a verdade é que essas velhas rivalidades dos tempos da escola não são fáceis de esquecer. Quando

andávamos no liceu, tive de me esforçar ao máximo para integrar o grupo. Fazia parte da claqué de apoio da equipa de futebol e organizei o anuário de fim de curso. Fazia tudo e mais alguma coisa para agradar. Mas sabe quem foi eleita como a Mais Querida? A Sara. Não creio que ela tivesse uma única actividade extracurricular. – Ariel manteve-se calada por uns instantes. – Bom, tenciono afastá-la do Anders para depois voltar a... Onde vive?

– No Sul da Florida.

– Portanto, vocês dois vão viver num andar virado para a praia e enfrentarão furacões todos os anos?

– As únicas pessoas que se preocupam com os furacões são as que não vivem lá.

– Essa foi uma maneira ótima de se furtar à resposta.

– E é a melhor que tenho. Está pronta para irmos andando?

– Está com pressa de voltar para junto da Sara?

Mike pensou em dar-lhe uma resposta evasiva, mas, em vez disso, a verdade saiu-lhe da boca.

– Sim.

– Invejo-a.

Mike pagou a conta, e deixaram o restaurante. Mike certificou-se de que ela entrava no seu automóvel em segurança, após o que ligou a Tess para lhe pedir que descobrisse tudo o que pudesse sobre Brian Tolworthy, que vivia em Inglaterra.

– Posso enviar-lhe mensagens malévolas?

– Conhece-lo?

– Claro que conheço. Todos acreditámos que ele se casaria com a Sara, mas acabou por a deixar de uma maneira execrável. Eu quis ir a Inglaterra para lhe dar uma sova ou, melhor ainda, mandar-te a ti no meu lugar. Escrevi-te a contar-te tudo isto.

– Escreveste? Desculpa, mas não consigo lembrar-me de todas as raparigas que foram deixadas pelos namorados e sobre as quais me escreveste. Mas achas que consegues descobrir tudo a respeito dele actualmente? Pede ao capitão que me envie as informações que conseguir e que ligue à Polícia em Inglaterra. Que lhes diga que enviem alguém para falar com o Tolworthy... e que levem um gravador. Quero ouvir a versão do sacana sobre o que fez à Sara.

Tess ficou em silêncio por um momento.

– Tu pensas que o Greg teve alguma coisa que ver com isso, não é? Detecto isso na tua voz. Achas que ele talvez tenha ameaçado o Brian, forçando-o a partir? Sei que o Greg apareceu na vila não muito depois de o Brian voltar para Inglaterra; todos estamos convencidos de que a Sara se agarrou ao Greg por ter sido deixada. Ela parecia querer provar-nos, assim como a ela própria, que conseguia arranjar um homem e mantê-lo.

– E não te passou pela cabeça contares-me tudo isso?

– Mas eu *disse-te!* – gritou Tess. – Conte-te tudo, tintim por tintim!

– É provável que tenhas contado – retorquiu Mike, calmamente –, mas esqueci-me. Descobre tudo o que possas, de acordo?

– E quanto às cartas do tarô, como está isso a correr? – perguntou Tess, recuperando a calma.

– Ainda não as vi. És capaz de espalhar pela vila que a Joce vai ler a sina com um baralho de cartas ciganas muito invulgar?

– Claro. Facilmente. Telefone a uma pessoa, e três horas depois toda a vila estará a par do assunto. Mike, a Joce não vai correr nenhum perigo, pois não?

– Não, mas tenho esperança em que um ou dois baralhos de cartas desapareçam. Estamos a fazer uma cortina que pode ser corrida de modo a que a Joce consiga olhar para o lado quando aparecerem clientes da idade apropriada. Se a Mitzi estiver na vila, esperamos que ela meta ao bolso um baralho por abrir. E um dos primos do Luke vai instalar uma câmara de vídeo para registarmos tudo o que se passar na tenda.

– Qual? – perguntou Tess.

– As câmaras são fabricadas por...

– Não, grande idiota! Qual é o primo que vai instalar o sistema de vídeo?

– Mas como diabo queres que eu saiba? Toda a gente que me é apresentada é primo, tia, ou qualquer outro grau de parentesco, da Sara.

– E então, o que achaste da Ariel? Um excesso de uma coisa boa, certo?

Mas a irmã não o enganava; Mike sabia exactamente o que ela queria saber.

– É uma bruxa velha quando comparada contigo.

– Ah, sim?

– Boa noite, maninha.

– Bom dia, mano velho.

Quando Mike voltou para casa, ficou satisfeito ao constatar que Sara já estava na cama. Uma vez mais, trouxera os dossiês para os reler, tentando encontrar alguma coisa que lhe tivesse passado despercebida.

Horas mais tarde, Mike fechou as pastas e guardou-as debaixo do colchão. Por muitas vezes que lesse o que haviam coligido sobre as actividades criminosas de Mitzi, as acções dela continuavam a chocá-lo. O facto de tais crimes terem sido cometidos sem que ninguém desse por isso, consequentemente, sem serem punidos, ao longo de tanto tempo – gerações – era uma coisa que o revoltava.

Eram seis da manhã quando apagou a luz e não obstante tudo o que descobrira até ao momento, continuava sem fazer ideia da razão por que os Vandlo andavam atrás de Sara.

NO DOMINGO DE MANHÃ, Sara disse a Mike, através da porta fechada do quarto, que ele *tinha* de se levantar da cama e vestir-se para ir à igreja.

– Vai-te embora – pediu-lhe ele, e pelo timbre de voz dir-se-ia que tinha tapado a cabeça com uma almofada.

– Não me vou embora sem ti. Levantas-te todas as manhãs antes do nascer do dia para poderes ir ao ginásio. Já passa das nove; portanto, vamos a sair da cama para irmos à igreja.

Ela ficou à espera, mas não ouviu nada. Sem fazer barulho, girou a maçaneta da porta e entrou no quarto. Estava tão escuro que calculou que Tess mandara pôr um forro opaco nos cortinados. A contar com a visita do irmão?, perguntava-se Sara.

Em bicos de pés, dirigiu-se para a janela e abriu os cortinados, deixando que a luz do Sol inundasse o quarto. Virou-se quando ouviu o resmungar de Mike. Tudo o que via dele era um braço nu que mantinha a almofada em cima da cabeça.

– Levanta-te, dorminhoco. Está na hora de irmos.

– Edilean...

Sara não compreendeu o que ele dizia; assim, ergueu um canto da almofada, mas Mike voltou a puxá-la para baixo.

– Por acaso disseste uma palavra feia no Dia do Senhor?

Mike virou a cabeça sem largar a almofada.

– Michael Newland! – disse Sara, com as mãos na cintura. – *Tens* de sair da cama. Não estou disposta a ir à igreja sozinha. Todos vão dar comigo em doida a fazerem-me perguntas sobre ti. Pode... Oh! – gritou quando a mão de Mike se ergueu repentinamente, puxando-a e fazendo-a perder o equilíbrio. Tombou para a frente, com as mãos diante do corpo. Quando pousaram na cama, Mike puxou-lhe os pulsos com uma mão e ela aterrou na cama de cara para baixo, com os pés apoiados no soalho.

– Ótimo. Silêncio – disse ele, numa voz mais à Tarzan do que nunca.

– A força bruta não te levará a lado nenhum – ripostou Sara, endireitando-se. – Já te disse para te levatares e estou a falar a sério!

Agarrou no edredão e puxou-o todo para os pés. Mike não se mexeu, nem um único músculo – o que era invulgar, dado que parecia dormir todo nu.

Durante um longo momento, Sara ficou imóvel a olhar para ele, de olhos arregalados. *Então presumo que esteja vestido*, dissera Tess naquela primeira noite, e agora sabia o que a irmã dele queria dizer.

O corpo de Mike era magnífico. Ele poderia ter posado para a estátua de um atleta grego. Os ombros largos afunilavam-se até uma cintura estreita, e mesmo deitado, completamente imóvel, ela conseguia ver os músculos densos das costas. Via montes e vales que queria muito tocar.

Abaixo da cintura, as nádegas, firmes e arredondadas, tinham um contorno perfeito acima das pernas, com uma linha curvilínea até à região posterior dos joelhos.

– Frio – murmurou ele.

– O... o quê? – perguntou Sara, mas a voz era de cana rachada. – O quê?

– Tenho frio. Se já acabaste de me examinar, doutora, volta a tapar-me.

Sara engoliu em seco e respirou fundo. Que Deus lhe perdoasse, mas desejava não ter de ir à igreja, esquecer a sua promessa de casamento e meter-se na cama com aquele Adónis.

Mas, em vez disso, dominou-se.

– Examinar-te, ah! Já vi os rapazes dos Frazier todos nus, e deixa-me dizer-te que nem sequer lhes chegas aos calcanhares. – Quando foi ao guarda-fatos para tirar o único fato que ele tinha, não disse que os rapazes na altura andavam na pré-primária e que ela própria ainda era quase um bebé. – Quando parares de te exhibir, tens trinta minutos para te barbear e vestir.

Quando ouviu movimentos atrás de si, não olhou porque sabia que Mike se havia virado na cama. Tinha-lhe resistido uma vez naquela manhã, mas não lhe parecia que o conseguisse fazer uma segunda vez. Além disso, não sabia se ele teria puxado o edredão para cobrir a parte inferior da frente do seu corpo.

– Trinta minutos – repetiu, e saiu do quarto, fechando a porta.

Um minuto depois, corria pela porta das traseiras para a sua casa. Estava vestida para ir à igreja, mas começou a despir-se, deixando a roupa cair no chão. Ficou satisfeita ao ver que Luke já instalara a nova sanita, mas esse não era o seu objectivo. Rapidamente, entrou no chuveiro e abriu a torneira da água fria no máximo. Se tivesse tempo, encheria a banheira com gelo e saltaria lá para dentro.

Deixou a água correr durante tanto tempo quanto a sua consciência ecológica lhe permitia, após o que fechou a torneira. Tinha pele de galinha por todo o corpo, mas nem assim conseguiu afastar as imagens da sua mente. Mike todo nu, deitado de barriga para baixo. Os braços musculados, as pernas... o seu *traseiro*! Os vales formados pelos músculos nas costas dele tinham profundidade suficiente para espalhar sementes.

Sara deixou-se ficar, com a água do duche a pingar, levando as mãos ao rosto. *Não* queria ser uma das mulheres que Mike levava para a cama com o objectivo de deslindar os seus casos. Não queria...

– Uma ova é que não quero! – murmurou, envolvendo o corpo nu numa toalha.

Olhou-se ao espelho e viu as faces vermelhas, embora tivesse os lábios quase azuis devido ao duche gelado. Em toda a sua vida, só fora para a cama com dois homens. Durante os seus tempos de escola, guardara-se para o amor, e dez minutos depois de ter conhecido Brian já sabia que acabariam por se casar. Na altura, Sara não fazia a mais pequena ideia das suas origens aristocráticas e tão-pouco tinha conhecimento do dinheiro e propriedades que ele herdaria, sabia apenas que ele era perfeito para si.

Mas ele deixara-a, e Greg ocupara o seu lugar. Greg era totalmente diferente de Brian. Este era gentil e meigo, adorando ocupar um lugar secundário para deixar que Sara tomasse as decisões na vida de ambos. O seu interesse residia na arqueologia, e Sara facilitava-lhe as coisas de modo a que ele pudesse estudar e escrever. Era ela quem se ocupava da comida, da roupa e da vida em sociedade de ambos. Quando foi apresentada aos pais dele, constatou que a relação entre ambos era exactamente como a que existia entre ela e Brian. A mãe era quem tomava todas as decisões do casal, enquanto o pai de Brian fingia que escrevia um livro que começara havia vinte e três anos.

Na perspectiva de Sara, ela e Brian tinham sido feitos um para o outro, mas quando recebera a carta em que ele lhe pedia desculpa por ir casar-se com outra pessoa, ela sentiu-se como se o mundo tivesse desabado sobre si. Com uma carta escrita à máquina, o futuro de que ela estivera

tão segura desapareceu de um momento para o outro. Durante várias semanas, não conseguiu raciocinar com clareza. Se não fosse a mãe, que a obrigava a trabalhar na charcutaria, Sara teria ficado na cama a chorar.

Entretanto, conseguira recompor-se e fingia nunca ter estado apaixonada e não ter ficado com o coração destruído. Foi nesta altura que Joce chegou à vila. Pouco tempo depois, Sara foi apresentada a Greg. O facto de ele ser inteiramente diferente de Brian foi um aspecto que lhe agradou sobremaneira. Se seguisse um homem, em vez de ser ela a mandar, talvez a sua vida começasse a correr melhor. Às vezes, ficava satisfeita por as pessoas de Edilean não gostarem de Greg. Talvez isso a compensasse, de certo modo, de todos os olhares de compaixão de que havia sido alvo depois de Brian a ter deixado com tanta falta de sensibilidade. « Ela abdicou de tudo », ouvira a duas mulheres na farmácia. « Ela até abdicou da carreira por esse rapaz, que a deixou sem cerimónias. »

Sara tirou algumas peças de roupa do seu roupeiro e apercebeu-se do quanto era bom estar na sua própria casa. Optou por um vestido de musselina pontilhado em relevo recentemente engomado – a mãe costumava dizer-lhe: « Sara, és a única mulher em todo o mundo que continua a usar esse tecido. » Depois de respirar fundo duas vezes, para ganhar coragem, saiu de casa. Mike, de fato e gravata – e, maravilha das maravilhas, impecavelmente barbeado –, estava sentado à mesa de ferro forjado a ler o jornal de domingo e a beber café.

– Onde tem estado? – perguntou-lhe ele, sem olhar para cima. – O mais certo é o serviço religioso já ter acabado.

– Eles não começam até eu chegar. Está nos estatutos.

Rindo-se, Mike dobrou o jornal, pousou-o na mesa, e olhou para Sara.

– Mas porque mudou de roupa?

– Você tinha a cabeça tapada com a almofada. Como viu o que eu tinha vestido?

– Vi tudo. – A covinha na bochecha mostrou-se.

Sara recusava-se a permitir que ele soubesse o quanto a afectara tê-lo visto todo nu; olhou-o fixamente.

– No meu carro ou no seu?

Mike soltou um som de « mas que pergunta tão desnecessária », e ambos se encaminharam para o seu automóvel; abriu a porta para ela entrar.

– Gosto dessa coisa que tem vestida.

– Também gosto da sua roupa – retorquiu ela, sentando-se no assento de couro bege.

– Desde que eu tenha vestida alguma coisa, certo?

– De qualquer maneira, para mim não faz a mínima diferença. –

Sara olhou pelo vidro da janela para que ele não visse que tinha corado. As mentiras ditas ao domingo seriam mais graves do que as outras?

Quando chegaram à Igreja Baptista de Edilean, viram-se cercados de pessoas. Os poucos residentes da vila que ainda não conheciam Mike clamavam que queriam falar com ele. Quando Sara foi quase puxada do lado dele, Mike estendeu o braço para lhe dar a mão, e Sara ouviu umas cinco mulheres a sustar a respiração. Dentro de muito pouco tempo, Sara casar-se-ia naquela mesma igreja, mas não com o homem cujos dedos estavam entrelaçados nos seus.

Sara sabia que devia largar a mão dele, mas não o fez. A pele de Mike era cálida, dando-lhe uma sensação de segurança. E, além disso, a mão dele fazia parte daquele *corpo*. Uma vez mais,

as imagens dele nu na cama, a luz do Sol reflectida na pele dele, preenchiam-lhe os pensamentos.

Como se conseguisse ler os pensamentos dela, Mike desviou o olhar que concentrara em James, o tio de Sara, e, por uns momentos, ficaram a olhar um para o outro. Sara sentiu-se percorrida por um tal fluxo de lascívia que orou em silêncio, pedindo perdão. Não devia ter pensamentos daquela natureza enquanto estivesse na igreja.

Sara e Mike sentaram-se lado a lado, e foi com agrado que ela viu que ele sabia a letra de todos os cânticos religiosos. Quando o sermão teve início, olhou para ele com um olhar de interrogação.

– Nunca faltei à missa quando era miúdo – segredou-lhe ele. – O meu avô certificou-se disso. Sorrindo, Sara concentrou toda a sua atenção no reverendo.

DEPOIS DE UMA TARDE a preguiçar na companhia de Sara, pareceu

-lhe um final de dia perfeito quando o seu telemóvel começou a tocar, às quatro horas, vendo que era Tess. Mike saiu para o jardim e dirigiu-se para a árvore frondosa a fim de atender o telefonema, na esperança de ela ter conseguido descobrir alguma coisa relativa a Brian Tolworthy.

– Olá, maninha – saudou Mike. – Já informaste o velhote sobre o bebé?

– Não, não informou. – Era Ramsey, e, pela sua entoação de voz, Mike pensou que devia ter acontecido alguma coisa horrível.

De imediato, Mike ficou tão receoso que se foi abaixo dos joelhos, caindo desamparado na pequena cadeira de ferro forjado.

– Qual é a gravidade? Ela continua viva?

– A Tess está bem. Encontra-se sob o efeito de tranquilizantes, mas está bem.

– E o bebé?

– Também não corre perigo. Ela ainda não me disse que está grávida, mas passei tempo de sobra junto da minha muito grávida irmã para saber por que motivo a Tess se tem sentido tão cansada. O problema não é esse. É a Sara.

– Mas ela está aqui comigo. E como é que tu saberias se...

– Não saberia – disse Rams, interrompendo-o. – A Tess lembrou-se de que tinha o número do Brian no telemóvel e decidiu ligar-lhe para casa, em Inglaterra.

– Ah, sim? E como é que o sacana tem passado?

– Ele morreu... mas os pais estão vivos e de boa saúde.

O receio pela segurança das duas mulheres mais importantes da sua vida desvaneceu-se, permitindo-lhe retomar uma atitude profissional.

– Conta-me o que se passou.

– Ao que tudo indica, o telefonema que o Brian recebeu informando-o da morte dos pais era uma notícia falsa. Quando regressou a Inglaterra, o carro de aluguer em que saiu do aeroporto foi abalroado por um comboio. O motor foi-se a baixo e ele ficou parado nos carris, sem luzes. O Tolworthy teve morte instantânea. Os pais dizem que tentaram ligar à Sara várias vezes para lhe darem conta do sucedido, mas ela nunca atendeu. Presumiram que Brian decidira regressar a casa inesperadamente por a relação entre ele e Sara ter acabado, pelo que ela não queria saber de nada que lhe dissesse respeito. Sempre a culpavam pelo estado de agitação dele, que, provavelmente, teria sido a causa do acidente ferroviário.

Quando Ramsey fez uma pausa, Mike não disse absolutamente nada.

– Continuas aí?

– Sim. Como reagiu a Tess à notícia?

– Ficou muito abalada. Receia por ti e pela Sara. Quem quer que seja responsável por isto, não anda a brincar em serviço e, obviamente, trata-se de algo que levou muito tempo a planear.

– Eu trato desse assunto.

– Podes afastar a Sara dessa situação?

– Não – respondeu Mike. – Para onde quer que eu a levasse, eles segui-la-iam.

– E não podias escondê-la?
– Durante o resto da vida? – ripostou Mike, irritadamente. – Se quiseres ajudar, vê se descobres o que possui ela de tão valioso, que há pessoas que não hesitam em matar para o obter.
– O Greg...
– Se ele se casar com a Sara e ela morrer, ele herdará seja o que for. A Sara está a vir para aqui, tenho de desligar. Envia ao Luke por fax tudo o que tiveres, e pensa a sério. E cuida da Tess.
– Está descansado. Ela... – Rams não disse mais nada porque Mike já tinha desligado.

*

– Caramba! – exclamou Sara quando viu Mike sentado na cadeira de ferro forjado. – Não pareces nada bem. Passa-se alguma coisa com a Tess? É o bebé...? – interrompeu-se ao ver o olhar de Mike e sentou-se à sua frente.

– O que aconteceu?

– Nada – conseguiu Mike dizer, perscrutando o rosto dela.

Não lhe restava a mínima dúvida de que os Vandlo tinham assassinado o homem com quem Sara devia ter-se casado. Feito isso, Stefan aparecera na vila e, tal como o capitão Erickson dissera, usara o seu encanto de homem da grande cidade para cortejar uma rapariga que acabara de sofrer um desgosto de amor. Não teria sido muito difícil, deduziu Mike. Sara continuava sem fazer ideia da razão por que o homem que amara a tinha deixado, e Mike já tivera oportunidade de ver o suficiente de Edilean para saber que a paixão manifestada por toda a gente bastaria para que ela enlouquecesse. Os Vandlo especializavam-se em pessoas, muito em especial mulheres, que sofriam emocionalmente.

– Mike – chamou Sara, suavemente –, estás a começar a assustar-me.

Os pensamentos dele corriam à desfilada. Só havia uma maneira de proteger Sara, e isso era desviar a atenção que estava concentrada nela para si próprio.

– Edilean tem algum presidente de câmara?

– Tem, mas o que tem isso a...?

– Quem é ele?

– Na verdade, é a minha mãe. Ela...

– Sara, eu... – Mike pôs-se de pé sem saber, momentaneamente, o que acrescentar. – Tens de confiar em mim. Estás a compreender?

– Com certeza. És irmão da Tess e...

– Não! Confiar em *mim*! Tens de acreditar que a defesa dos teus interesses é da maior importância para mim.

– Agora é que estou mesmo assustada. Por favor, diz-me o que te preocupa tanto.

– Agora não tenho tempo para isso, mas prometo contar-te tudo assim que for possível.

Quando já se dirigia, num passo apressado, para o automóvel, Mike deteve-se e olhou para trás. Sara mantinha-se junto da mesinha a olhar para ele com uma expressão intrigada... e com medo reflectido nos seus olhos.

Mike deu meia volta e aproximou-se dela, abraçou-a e beijou-a. Foi um beijo intenso, embora rápido, e, por alguns momentos, apertou-a com tanta força que a deixou sem fôlego. Envolveu-lhe a cabeça com as mãos e encostou o nariz ao dela.

– Confia em mim – murmurou. – Tens de me confiar a tua vida. – Afastou-se dela e sorriu-lhe. – Veste qualquer coisa bonita – acrescentou, e depois correu para o carro, arrancou e acelerou.

Sara não ficou surpreendida quando o telemóvel começou a tocar menos de um minuto depois. Era Joce.

– Mas que diabo foi *isso*? Estive a ver-vos pela janela. Pensava que vocês dois não eram... sabes o que quero dizer.

– E não somos e não fomos – retorquiu Sara. – E não faço a mínima ideia do que se está a passar.

– Queres vir até cá, para falarmos sobre o assunto?

– Sim, com certeza, mas... não – respondeu Sara. – Acho que vou tomar um prolongado banho de imersão e usar aquele champô e amaciador escandalosamente caro que me ofereceste no meu aniversário.

– Agora é que estou intrigada. O que te disse o Mike para causar essa reacção?

– Não foi o que ele disse, mas sim como o disse. Mas agora tenho de ir.

– Mantém-me informada – pediu Joce antes de desligar.

Quatro horas mais tarde, quando Mike regressou, Sara tinha acabado de tomar banho e estava fresca; usava um vestido com um bordado branco e folheava nervosamente uma revista que já tinha lido.

– Sara? – chamou Mike, e ela sentiu que o seu coração dava um pequeno pulo de satisfação. Quando é que aquilo teria começado a acontecer?, perguntou a si mesma.

– Estou aqui – respondeu.

Mike entrou na sala e deixou-se cair na poltrona defronte do sofá em que Sara estava sentada. Ela achou que ele parecia ter envelhecido dez anos. Quando ela fez menção de se levantar, ele disse:

– Preciso de te dizer umas coisas.

– Sei que sim. Mas primeiro deixa-me arranjar-te qualquer coisa para beber.

Sara já sabia que o intenso exercício físico de Mike fazia com que ele bebesse o dobro dos líquidos que a maior parte das pessoas ingeria. « Para substituir a transpiração », dissera ele uma vez.

Mike olhou para Sara com uma expressão de gratidão. Minutos depois, ela voltou para a sala, trazendo um tabuleiro que preparara previamente para ele. Trazia um copo alto de chá gelado de groselha e uma grande fatia de uma tarte de framboesa que fizera no dia anterior. Mike esvaziou o copo de uma só vez, mas pôs a tarte de parte.

– Até que ponto é mau? – perguntou Sara, sentando-se no sofá em frente dele.

– Calculo que tudo dependa da maneira como se analisa o assunto. Tenho algumas... algumas coisas verdadeiramente horríveis para te dizer.

– Há alguém gravemente ferido – disse Sara, levando a mão à garganta.

– Não – negou Mike. – Pelo menos não recentemente.

Com um suspiro de alívio, Sara encostou-se para trás no sofá.

– O que tens a dizer-me está relacionado com o Greg, não é?

– Sim.

– Não faz mal. Eu já tinha decidido cancelar o casamento.

– E quando tomaste essa decisão?

Sara queria dizer « neste preciso minuto », mas não o fez. Em vez disso, encolheu os ombros.

– Quando me apercebi de que tinha esperança em que ele não voltasse, compreendi que não podia levar a relação para a frente. A minha vida é muito mais agradável quando ele não está presente. – Sara tinha esperado que Mike ficasse satisfeito ao saber aquilo, mas o seu semblante continuou a reflectir preocupação. – Podes dizer-me – encorajou ela. – Sou capaz de aceitar seja o que for.

Mike desejou dispor de tempo para lhe contar tudo com vagar, mas a situação passara a ser premente. Respirou fundo.

– O Brian Tolworthy não se casou com outra pessoa. Ele faleceu assim que chegou a Inglaterra.

Ao longo das horas em que estivera à espera que Mike voltasse, Sara tinha imaginado uma data de coisas, mas aquilo não era uma delas.

– O Brian está morto? – perguntou, num murmúrio. – Mas os pais dele...

– Estão vivos e de boa saúde. E não compreendem por que razão nunca respondeste às tentativas que fizeram para te contactar. – Aquela era a maneira mais simpática que ele tinha de pôr o assunto.

– Mas eu não recebi nada, nem sequer um telefonema, absolutamente nada! E liguei para o número do Brian umas cem vezes, mas ele nunca atendeu. – Ao ver que Mike se mantinha em silêncio, Sara respirou fundo. – Mas há mais, não é verdade?

– Não acreditamos que a morte dele se deva a um acidente.

– Não foi um acidente? Não foi suicídio, pois não? – A expressão na cara de Mike respondeu à sua pergunta. – Estás a falar de *assassinio*?

– Estou – confirmou Mike, em voz baixa, olhando-a com fixidez.

Por uns momentos, Sara ficou sem acção, limitando-se a olhar para ele, e quando compreendeu o que Mike estava a tentar dizer-lhe, quase ficou sem respiração.

– Pensas que ele foi assassinado por causa de mim, é isso? – perguntou, num sussurro.

Mike não lhe deu resposta, continuando a olhar para ela, mas os olhos dele confirmaram o que ela havia dito.

– Não compreendo – disse Sara, e as lágrimas começaram a cair-lhe pelas faces. Não chorava convulsivamente, não tinha o rosto contraído, mas as lágrimas continuavam a correr-lhe pela cara. – Coitados dos pais do Brian. Amavam tanto o filho, e ele devia herdar e...

Mike levantou-se da poltrona para se sentar no sofá, tomando-a nos braços. Como acontecera antes, as lágrimas molharam-lhe a frente da camisa. Ele passou-lhe uns quantos lenços de papel. Decorrido algum tempo, Sara afastou-se dele e assoou-se.

– Passo a vida a chorar nos teus braços. Como descobriste o que aconteceu ao Brian?

– Pedi à Tess que tentasse averiguar o que se tinha passado com ele, e ela ligou para Inglaterra. Foi a mãe do Brian quem atendeu o telefone.

– Oh, Brian – disse Sara. – Era um homem tão doce e meigo. Eu pensava que...

– Que vocês dois iam casar-se e viver em Inglaterra.

– Sim, pensava – confirmou Sara, limpando os olhos.

– Sara, tenho mais para te dizer.

Ela viu no semblante dele que o assunto era grave.

– Essa é a parte a respeito do Greg?

– Sim, é. Ele é filho da Mitzi Vandro.

Durante uns instantes, Sara ficou com a sensação de ter a cabeça a andar à roda.

– É filho de uma criminosa? Aquela de quem tanta gente anda à procura? – perguntou Sara, num tom de voz mais elevado. – Foi ele... Achas que o Greg... que o Greg assassinou o Brian para conseguir chegar a *mim*?

Mike pegou-lhe na mão, mantendo-a firmemente presa na sua.

– Sara, tens de te manter calma. Não podes entrar em pânico.

– O meu segundo namorado provavelmente matou o meu primeiro namorado, e queres que eu me *acalme*?

– Sim – respondeu Mike, com firmeza.

Com um gesto brusco, Sara tirou a mão da dele e pôs-se de pé.

– Esse grande canalha! Fazes ideia daquilo que lhe aturei? Ele atirava-se a todas as mulheres que tivessem um dólar na carteira. Os cartões de crédito platina da American Express quase lhe provocavam um orgasmo.

Mike foi forçado a morder os lábios para reprimir um sorriso, mas a covinha na face tinha mais de dois centímetros de profundidade.

– Numa ocasião, uma mulher tinha um desses cartões pretos da American Express, e até pensei que precisava de chamar uma ambulância. – Fitou Mike com uma expressão de fúria. – E queres saber *por que razão* aguentei todas essas trapas?

– Não faço a mínima ideia.

– Isso é porque nunca *foste* atirado para o lixo por ninguém.

– Bem, para dizer a verdade...

– As mulheres que vão parar à prisão não contam. Mas *eu* fui largada por um homem que amava verdadeiramente. Guardei-me durante todos os anos em que andei no liceu. Os rapazes apalpavam-me com as mãos suadas, mas eu guardei-me para o « amor verdadeiro ».

Mike observava-a enquanto ela andava de um lado para o outro na sala, sem se deter, a cólera a fazer com que o rosto lhe brilhasse – e ficou satisfeito ao ver aquela reacção. Era mais fácil lidar com a cólera do que com o desgosto.

Subitamente, a ira de Sara abandonou-a e ela sentou-se na poltrona de Tess.

– Brian, Brian, Brian – murmurou. – Porque não acreditei mais em ti?

Durante um momento, cobriu a cara com as mãos; embora Mike visse que os ombros dela estremeciam por estar a chorar, não se abeirou dela. Tinha mais a dizer-lhe, e temia fazê-lo.

Sara olhou para ele.

– Foi como naquele filme com a Meg Ryan em que ela fazia figura de parva.

Mike olhou para ela sem perceber onde queria chegar.

– Quando o noivo da Meg Ryan a largou, ela foi a correr atrás dele para França, onde foi objecto de ridículo. Depois de ter recebido aquela carta hedionda do Brian, em que me dizia que ia casar-se com outra pessoa, decidi que tinha orgulho e que não faria figuras dessas. Não iria atrás dele. Também não permitiria que ele e a família vissem o quanto tinha ficado magoada. Já era suficientemente mau ser a falhada patética aqui, em Edilean, mas ir a outro país...

Sara voltou a olhar para Mike.

– Se ao menos eu tivesse ido. Se eu...

– Não podes estar com essas coisas – disse-lhe ele, com firmeza. – Que nem sequer te passe pela cabeça culpares-te pelo sucedido. Estás inocente em todo este assunto.

Sara recostou-se na poltrona, com as mãos a agarrarem os braços.

– Mas tens mais para me dizer, não é verdade?

– Sim, mas...

– Não pode ser pior do que o que já me disseste.

– Depende do modo como encarares o assunto.

Sara aguardou, mas ele não disse mais nada.

– Mike?

– Sim, de acordo, estou a pensar no assunto. Dá-me mais um minuto. – Respirou fundo. – Ouve uma coisa, Sara; o que eu gostaria era de te levar para um esconderijo, mas não posso fazer isso. Estás no centro do que os Vandlo pretendem. Acreditamos que o Stefan...

– Esse é o Greg?

– Sim, é. Achamos que se divorciou da mulher para que o casamento contigo fosse legal.

– Mulher?! – exclamou Sara. – E também tem filhos? – Ergueu as mãos antes que Mike lhe pudesse responder. – Não, não me digas. Não quero saber qual a dimensão da minha estupidez cega.

– Tu não és estúpida. Há séculos que os Vandlo andam a vigarizar pessoas.

– Magnífico! Sou uma idiota histórica.

Os olhos de Mike espelharam o quanto estava divertido.

– Presumo que depois do casamento arranjariam maneira de se livrarem de mim.

– É o que supomos – confirmou Mike. Era tarde de mais para dourar a pílula. – E o Stefan herdaria o que tens e cuja existência só ele tem conhecimento. Nós desconhecemos o que possa ser.

– Foi por essa razão que ele fez tudo para que as pessoas de Edilean o detestassem – deduziu Sara, e a sua fisionomia iluminou-se. – Ele planeava usar essa aversão como desculpa para me levar daqui para fora, de maneira a poder... de maneira a poder assassinar-me.

– Sim – retorquiu Mike, em voz baixa –, acreditamos que era precisamente isso que ele tentava fazer.

Sara ficou em silêncio por breves momentos, levando a mão à garganta.

– Mas porque queria ele a Quinta Merlin?

– Boa pergunta – replicou Mike. – Mas é possível que fosse uma coisa tão simples como ter ficado irritado com o Lang por um motivo qualquer e querer vingar-se.

– Foi o Greg que matou os cães, não foi?

– Provavelmente. Mas há mais, Sara. Passei as últimas horas a fazer uma data de planos. Falei com o meu capitão e também combinei algumas coisas com os teus pais.

– Com os meus pais?! – Uma vez mais, ela acenou com a mão. – Não me deixes interromper-te. Diz-me qual é o teu plano.

– Preciso de fazer tudo o que for necessário para que o Vandlo desvie a sua atenção de ti e se concentre em mim.

– O que queres dizer com isso? Vais entrar a disparar?

– Essa seria a minha primeira opção – respondeu ele, olhando-a atentamente. – Mas eles têm parentes; portanto, se eu os alvejar, surgirão mais Vandlo que virão atrás de ti no lugar deles.

Sara... – acrescentou, falando lentamente, mas calou-se.

– Estás a assustar-me outra vez. Que coisa horrível é que queres que eu faça?

– Que te cases comigo – respondeu ele, sem estar com meias-palavras.

– O quê?!

– Se te casares comigo, então, os Vandlo terão de *me* matar antes de conseguirem chegar a ti.

– Oh – disse Sara. – Oh.

Mike sentiu o seu ego a esvaziar-se parcialmente como um balão; de que estava à espera? Que ela corresse para ele e dissesse que *queria* casar-se com ele? Readquiriu o domínio sobre si próprio.

– Quero que te cases comigo em segredo. Agora. Esta noite. Amanhã de manhã, tenho de voltar para Fort Lauderdale, e até o Vandlo regressar não quero que ninguém daqui saiba que estamos casados. Quando voltar à feira, tenciono dizer a toda a gente que já não és livre de te casares com outra pessoa.

Quando ela não disse nada, limitando-se a ficar sentada a olhá-lo com fixidez, Mike prosseguiu.

– Sara, não te preocupes. Não és obrigada a continuar casada comigo, e, entretanto, podemos continuar a viver juntos, embora separados, como temos vindo a fazer. Podes determinar a maneira como viveremos, mas quero que a união seja legal entre nós. Se o Vandlo conseguir aquilo que possuis, primeiro terá de se haver comigo.

– Eu... – Sara não sabia o que dizer.

– Vai correr tudo bem, prometo. Quanto à cerimónia em si, está tudo combinado com os teus pais.

– Com os meus pais? Acho que já tenho idade suficiente para...

– Não foi isso que eu quis dizer. A tua mãe é a presidente da câmara, e há pessoas na vila que lhe devem favores. Ela falou com elas esta noite e arranjou uma licença para que nos possamos casar num domingo à noite. Estás pronta?

Sara não foi capaz de pensar em nada para dizer. Havia tanta coisa na sua mente. Brian, o meigo e querido Brian, assassinado por causa *dela*. E Greg – a verdade é que não se sentia surpreendida por lhe terem dito que ele era um criminoso. Ao longo dos meses desde que se conheciam, ela fingira não ver muitas coisas que ele fizera pela calada.

Em silêncio, seguiu Mike até ao automóvel. A noite acabara de cair num domingo normal, e Sara não era capaz de acreditar que ia a caminho do seu casamento.

Quando Mike se sentou ao seu lado, olhou para ele. Só o conhecia há oito dias, mas não era essa a sensação que tinha. Pensou na ocasião em que se haviam escondido em cima da árvore, de ter feito bolos para ele, de o ter observado a caminhar no telhado de um pavilhão. Tinha andado por cima de vigas como se fosse um artista de circo e o coração de Sara batera mais acelerado, receando por ele. Também pensou no encontro dele com Ariel. Quando a encontrou na igreja, só lhe apeteceu escarrar para o cabelo ruivo tão luzidio, tal como fizera quando eram miúdas.

Mike surgiu do caminho de acesso à casa.

– Sara, peço desculpa por isto. Sei que querias que o teu casamento fosse celebrado diante de toda a gente da vila e...

– Não, não queria. Isso foi ideia do Greg. Queria que fosse em Edilean Manor, com a presença do Luke e do Rams, da Joce e da Tess. E dos meus pais. Nem sequer queria que as minhas irmãs

fossem ao casamento. Era o Greg quem desejava um grande casamento e insistiu em que *todas* as clientes da loja fossem convidadas.

– E uma delas devia ser a sua mãe – adiantou Mike.

– Calculo que sim.

Mike tirou o telemóvel da algibeira, entregando-o a Sara.

– Telefona ao Luke, acorda-os, e diz-lhes que vamos casar-nos na velha casa deles.

Sara não foi capaz de reprimir a pequena onda de alegria que a percorreu.

– A sério?

– Não posso dar-te tudo o que desejas – replicou ele, sorrindo-lhe –, e que mereces, mas posso proporcionar-te o casamento que gostarias de ter. Menos o noivo adequado, como é evidente.

Sara não deu resposta ao último comentário. Havia muitas outras coisas na sua mente.

– Contaste à Tess?

– Conteí.

Mike não queria sobrecarregar Sara com mais do que já lhe dissera naquela noite, mas a verdade é que passara vinte minutos a acalmar Tess. A irmã estivera à beira do histerismo, com medo de que tanto Mike como Sara fossem assassinados.

– O que disse Tess?

– Que, se estivesse aqui, faria com que o Rams redigisse um contrato estipulando que se tu e eu nos divorciássemos a Quinta Merlin ficaria para ti.

Sara conseguiu esboçar um sorriso. Recordou-se de como Tess a havia protegido da ganância de Greg. Como sentia a falta da amiga! Mas tinha tanto em que pensar que pouco mais conseguia sentir. Ainda mais horrível do que fora inteirar-se da verdade sobre o que acontecera a Brian, e sobre o homem com quem quase se casara, fora saber quão perto estivera de vir a ser assassinada. E agora, finalmente, estava prestes a casar-se, não por amor, mas sim para salvar a própria vida. O pedido de casamento de Mike subentendia que haveria secretismo e uma existência separada, sem qualquer alusão a que permanecessem casados. Nunca tinha imaginado ouvir palavras tão frias.

Quando chegaram a casa dos pais, viram que o Dr. Shaw estava no jardim à espera deles. Passou o braço por cima dos ombros da filha e levou-a para dentro de casa.

Mike deixou-se ficar lá fora, envolto na escuridão.

– Muito bem, Newland – disse o médico em voz alta. – Endireite as costas e seja forte. Está prestes a *casar-se*.

Mike esperou sentir um estremecimento, mas tal não aconteceu. A verdade é que queria resolver aquilo antes que Sara recuperasse o juízo e lhe dissesse que se pusesse a andar.

QUANDO ENTRARAM em casa, o estado de espírito calmo de Sara começou a abandoná-la. Sabia que se sentiria infelicíssima. Acabara de tomar conhecimento da morte de Brian e que Greg queria assassiná-la. Para complicar ainda mais a situação, ia casar-se com um homem que conhecera havia escassos dias e que o matrimónio, muito plausivelmente, acabaria em divórcio.

Tudo resumido e concluído, sabia que devia sentir tristeza, mas não era esse o caso. Ao invés, olhou para Mike e sentiu uma calidez a percorrer-lhe o corpo todo. Aquilo não fazia sentido nenhum, mas tinha a sensação de que o que estava a fazer era *certo*.

– Onde está a mãe? – perguntou Sara ao pai.

– Já foi para Edilean Manor. Depois de o Mike ter telefonado, ela entrou em acção... e sabes bem o que isso significa.

– Ordens – retorquiu Sara.

– Exactamente. Disse que devias vestir o vestido da Lissie aqui e depois devo levar-te de carro até casa do Luke.

Quando Sara e o pai se viraram para olhar para Mike, ele não sabia o que ambos queriam.

– Oh... certo. Vou ter com vocês lá. Sara...

Ela não suportaria ouvir outro pedido de desculpa.

– Vai! Veste o fato e vai ter comigo à casa. E lembra-te de...

– O quê?

– Se mudares de ideias, vou ser obrigada a casar-me com o Greg.

– Sim. Certo. Muito bem – retorquiu Mike, sorrindo-lhe. Não parecia capaz de completar uma frase. Dirigiu-se para o automóvel, e minutos depois já se encontrava à porta de Edilean Manor. A casa estava cheia de luzes e ouvia vozes que vinham do interior.

Luke abriu a porta da frente com uma taça de champanhe na mão.

– Tenho uma casa cheia de mulheres empolgadas. Isto é, na verdade são apenas duas mulheres, mas fazem barulho que chegue para parecer que estamos em Nova Iorque na véspera do Ano Novo.

– Luke! – chamou a mãe de Sara. – Precisamos de ti aqui.

– Sugiro que vá a casa da Tess mudar de roupa. Vou chamá-lo quando estiver na hora. Importa-se que eu seja o seu padrinho? – Quando Mike acenou que sim, Luke acrescentou: – Se você entrar, elas vão pô-lo a trabalhar.

– A fazer o quê? – perguntou, mas Luke já tinha fechado a porta.

Mike foi para o apartamento da irmã, tomou duche, fez a barba e vestiu-se.

Tinha duas alianças novas de platina na algibeira que a mãe de Sara lhe dera quando fora falar com ela e com o marido. Esperara que eles protestassem quando se inteirassem do seu plano tão chocante, mas não o fizeram. Mike disse-lhes que Greg era um criminoso e que pretendia algo que pertencia à Sara, algo que só poderia vir a conseguir depois de se casar com ela. Para surpresa de Mike, nenhum dos dois pusera em questão o que lhes havia dito. Ellie perguntara-lhe: «O que podemos fazer para ajudar?» Quando lhes disse que *ele próprio* queria casar-se com Sara nessa noite, mal tinha acabado de falar e já Ellie entrara em acção. Quanto ao Dr. Shaw, por uma fracção de segundos, viu as lágrimas a assomarem-lhe aos olhos, mas, então, levantou-

se de um salto e apressou-se a ir ajudar a mulher a tratar dos preparativos.

– Da Kimberly? – perguntara Mike quando ela lhe entregou as alianças que Kim fizera. – Não fez perguntas?

– Você enquadra-se em Edilean muito bem – replicou Ellie, sorrindo e saindo da sala.

– Agora é que arranjou das boas, meu rapaz – disse o Dr. Shaw. – Assim que o aceitam, nunca mais o deixam sair da vila.

– Eu ouvi isso! – gritou Ellie, do vestíbulo.

Agora, em casa de Tess, ao vestir-se para o seu casamento, surpreendentemente, Mike sentia-se bem. Enquanto esperava que Luke o fosse buscar, telefonou outra vez a Tess. O efeito dos tranquilizantes ainda não tinha desaparecido, e combinados com as hormonas da gravidez e de ter acabado de dizer a Rams que estava grávida, ela limitou-se praticamente a chorar.

– Quem me dera poder estar aí – dizia, repetidamente. – Queria estar presente no teu casamento. E a Sara...

Rams pegou no telemóvel e pediu a Mike que deixasse Tess ouvir a cerimónia.

– Claro que sim – retorquiu Mike, erguendo o olhar e deparando com Luke na ombreira da porta. Estava na hora. Seguiu Luke até à parte principal da mansão antiga.

Mike ficou chocado ao ver a enorme quantidade de flores que emolduravam a entrada da casa.

– São para um casamento que se realizará amanhã – explicou Luke, ao lado dele. – Achámos que ninguém iria saber se as flores estivessem aqui durante algumas horas.

Encontravam-se diante da ampla lareira da sala de estar, que fora transformada num altar, com uma arcada de rosas e fetos entrelaçados. Ramos enormes de rosas brancas, com fitas azuis suspensas das flores, formavam uma espécie de caminho através da sala.

– Nervoso? – perguntou Luke.

– Senti-me mais calmo numa ocasião em que tive de enfrentar dois homens com espingardas automáticas – replicou Mike, confirmando com um acenar de cabeça.

– Temos de conversar realmente acerca da sua vida. Como é que se saiu dessa situação?

– Com facas. Eu trago sempre...

Parou de falar quando a música começou a ouvir-se através de uma aparelhagem; Luke apressou-se a atravessar a sala. Momentos depois, reapareceu com a sua muito grávida mulher sentada numa cadeira de rodas.

Só estavam três casais presentes, apenas seis pessoas, mas a música e as flores, a par da casa, que era maravilhosa, criavam o ambiente de uma cerimónia a sério.

Quando a marcha nupcial começou a tocar e Sara apareceu à entrada da sala de estar pelo braço do pai, Mike teve a certeza de que nunca vira uma mulher tão bonita em toda a sua vida. O vestido dela era de cetim com renda sobreposta, muito à moda antiga, e assentava-lhe na perfeição, caindo-lhe suavemente pelas ancas até aos pés. Na cabeça tinha um véu tradicional, que lhe cobria o rosto, e Mike sentiu-se extremamente satisfeito por saber que a dado momento o levantaria. Toda aquela ambiência quase fazia com que o casamento parecesse genuíno.

Quando ela chegou ao pequeno altar improvisado, o Dr. Shaw deu a mão de Sara a Mike, que a apertou. Por baixo do véu, ele conseguia ver o sorriso dela.

Ao lado dos dois, Luke ligou o número de Tess e Rams, para que eles pudessem ouvir tudo o que se estava a passar através do telemóvel.

Mike e Sara viraram-se para a mãe dela, que usava um vestido branco até aos pés e tinha uma Bíblia nas mãos. Quando ela disse a Mike que havia sido ordenada, pelo que podia celebrar cerimónias matrimoniais, ele não se sentiu surpreendido. Viu que Ellie tinha os olhos avermelhados e o nariz inchado por ter estado a chorar.

– Meus queridos – começou ela, interrompendo-se para se assoar. – Estamos reunidos aqui neste dia... – Calou-se outra vez porque as lágrimas lhe corriam pelas faces.

– Paizinho! – disse Sara, numa voz sibilada, dirigindo-se ao pai, que se encontrava atrás de Joce, sentada na cadeira de rodas.

Rindo-se, o Dr. Shaw aproximou-se da mulher para a ajudar a conduzir a cerimónia.

Quando Mike enfiou a aliança no dedo anelar de Sara, esta olhou para ele com uma expressão de surpresa, e quando ele lhe passou para a mão uma aliança para si próprio, viu um sorriso de gratidão no rosto dela.

Levando em consideração a vida dele até então, Mike tinha pensado que hesitaria na altura em que faria os seus votos nupciais a Sara. Mas não foi o caso. Respondeu às perguntas e fez os seus votos sem um segundo de vacilação.

Sara disse tudo com tamanha felicidade na sua voz que ele quase acreditou no que ela estava a dizer.

– E agora, declaro-vos... – começou Ellie, mas desfez-se em lágrimas e ficou incapaz de prosseguir.

– Francamente, mãe! – exclamou Sara, exasperada.

O Dr. Shaw declarou-os marido e mulher, e Ellie acenou num gesto de aquiescência.

– E agora podes beijar a noiva, meu filho – disse a Mike.

Sorrindo, Mike levantou o véu da cara de Sara e olhou para o rosto belíssimo. Ternamente, abraçou-a e beijou-a – e os flashes dispararam.

Rindo e pestanejando, os dois separaram-se e sorriram para as quatro máquinas fotográficas que os focavam.

– O bolo – disse o Dr. Shaw. – Exijo bolo e champanhe.

Na casa de jantar havia mais flores e no centro via-se um bolo de casamento com três camadas e cobertura branca, ornamentado com cerca de cem rosas em diversas tonalidades de cor-de-rosa. Era uma criação extraordinária.

– Um brinde ao casamento dos Whitley/Cooper, num gesto de gratidão pelas flores e pelo bolo que nos ofereceram – disse o Dr. Shaw, erguendo o seu copo. Baixou a voz. – E que o Senhor esteja connosco amanhã quando disserem à noiva que o seu bolo foi comido durante a noite.

Luke foi o primeiro a rir-se, e os outros juntaram-se-lhe – mas todos sabiam que Ellie passaria o resto da noite a fazer outro bolo igual. Jamais deixaria uma noiva cujo bolo tivesse sido incumbida de fazer sem o seu bolo de casamento.

Insistiram para que Mike e Sara dessem bolo à boca um do outro enquanto tiravam fotografias.

Trinta minutos mais tarde, Luke disse a Mike que Joce estava exausta.

– Além disso, se a nossa intenção é manter este casamento em segredo, temos de tirar tudo isto daqui antes do amanhecer.

– Sim, com certeza – retorquiu Mike, olhando para Sara. Estava a dançar com o pai, com a cabeça encostada ao ombro dele, e não queria interrompê-los.

Mas minutos depois a música parou e Sara olhou para Mike. Ele fez-lhe um acenar de cabeça.

Estava na hora de partirem.

Quando Mike e Sara já estavam na soleira da porta, Ellie recomeçou a chorar enquanto beijava a filha e lhe metia algo na mão.

– Ela pensava que eu nunca seria capaz de caçar um homem – disse Sara entre dentes a Mike quando já se despediam de todos com beijos, mas Mike sabia que as lágrimas de Ellie eram de alívio por Sara não se casar com Greg. Desde sempre pressentira que havia mais alguma coisa de errado no homem para além do seu mau feito.

Quando já estavam fora de casa, desfrutaram do ar fresco da noite agradável. Mike ficou satisfeito por os outros terem ficado dentro de casa, deixando-os sozinhos. Começou a encaminhar-se para o apartamento de Tess, mas Sara dirigiu-se para o seu e ele seguiu-a.

– O que te deu a tua mãe?

Sara ergueu um frasquinho à luz do luar.

– Perfume *Noites Escaldantes*. Eu disse-lhe que gostavas do cheiro.

– Um desperdício em nós – disse Mike, abrindo a porta do apartamento dela.

– O que queres dizer com isso? – perguntou ela, seguindo à frente, enquanto Mike fechava a porta.

– Nada – respondeu ele, bocejando. – Tenho de sair o mais cedo possível logo de manhã. – Olhou para o relógio de pulso e depois sorriu a Sara. – Foi um dia muito comprido. – Inclinou-se para a beijar na face e virou-se em direcção ao quarto de hóspedes.

– Não tenho direito à noite de núpcias? – perguntou Sara, atrás dele, falando-lhe para as costas.

Mike parou no corredor, mas não se virou.

– O que há em mim que não agrada aos homens?

– Os homens gostam demasiado de ti – respondeu Mike, virando-se, para poder olhar para ela.

Sara atirou as mãos ao ar num gesto de frustração e foi para a cozinha.

– Sabes há quanto tempo eu conhecia o Brian quando ele fez amor comigo pela primeira vez? Seis meses. Namorámos durante quatro anos sem interrupções sem que ele me pedisse em casamento. E depois apareceu o Greg, que só falava de casamento e no fabuloso futuro que teríamos juntos. Hoje fiquei a saber que ele andava a maquinar a minha morte.

«E agora estou *casada* com um homem lindo de morrer que, ao que tudo indica, já foi para a cama com metade do universo feminino, mas que se recusa a tocar-me. – Olhou para Mike com uma expressão de fúria. – Onde é que param os verdadeiros *homens*? – Irritada, virou-se para ir para o seu quarto.

Mike agarrou-a por um braço antes de ela poder dar um passo e, durante uns momentos, os olhos dela prenderam-se nos dele.

Com brusquidão, Sara tentou afastar-se, mas ele não a largou, puxando-o para junto de si, num movimento sacudido que quase a deixou com falta de ar.

Não era a primeira vez que Mike a beijava, mas tinham sido sempre beijos inócuos, castos e puros. Mas não agora. A boca dele abriu-se sobre a sua e a sua língua atacou a dela com uma intensidade que quase fez Sara desfalecer. A mente dela estava cheia da imagem do corpo dele, que ela desejava tocar, percorrer com os lábios.

Mike parecia pensar a mesma coisa quando levou a mão ao ombro do vestido de noiva dela.

– Se o rasgares, nunca te perdorei – murmurou ela, com os lábios na bochecha dele.

– Só andaste com miúdos – disse Mike, e dois minutos depois o vestido de Sara caiu-lhe aos pés.

Ela não conseguia imaginar como é que ele, tão rápida e habilmente, tinha conseguido desabotoar os botões forrados de cetim nas costas do vestido.

Quando Mike a viu sem o vestido, susteve a respiração. A roupa interior de Sara tinha ficado a cargo de Joce, que optara por um corpete de seda e renda de um rosa pálido e um cinto de ligas de elástico cor-de-rosa que lhe chegava a meio das coxas. Os saltos dos sapatos tinham, pelo menos, mais de doze centímetros.

– Sara – murmurou Mike, e, pela primeira vez, ela viu a fisionomia dele sem a expressão de quem se mantinha sempre na defensiva. O rosto dele reflectia um desejo tão intenso que Sara sentiu o corpo a enfraquecer.

No segundo seguinte, Mike passou o braço por cima da pequena mesa da cozinha e tudo o que nela se encontrava voou pelos ares. Ergueu Sara, deitando-a em cima da mesa, as pernas compridas e esbeltas, ainda com as meias de vidro, suspensas enquanto Mike arrancava as suas próprias roupas do corpo. Quando a pele dele ficou exposta, Sara ficou de olhos arregalados. Já o tinha visto nu, mas só de costas, e agora constatava que a parte da frente era ainda melhor. Tinha uns peitorais fortes, acima de um estômago que parecia um mapa com relevo.

Sara estendeu a mão, pousando-a na pele cálida e sentindo os contornos duros como pedras enquanto ele despiu as calças e as cuecas dela.

Momentos depois, ela constatou que o peito dele não era a única região do seu corpo que era «dura como uma pedra». Mike penetrou-a com o desejo sexual que reprimira desde que a tinha conhecido. E Sara agarrou-se a ele, a boca na dele, procurando, explorando. As mãos percorriam o corpo dele, apalpando todos os incríveis músculos. Raramente vira corpos como o de Mike e, sem dúvida, nunca tocara em nenhum.

A voz baixa dele enrouqueceu quando lhe disse o quanto gostava de a sentir, o quanto a desejara desde que a vira pela primeira vez. A voz e os lábios dele excitavam-na – e ele não parava de a penetrar, com investidas profundas e suaves que aumentaram gradualmente de intensidade e de ritmo.

Os braços de Sara firmaram-se à parede, as mãos transformadas em garras enquanto Mike se movimentava cada vez mais depressa.

– Tudo bem, querida? – perguntou ele, com os lábios junto da orelha dela.

A única reacção de Sara foi gemer.

Quando Mike passou as mãos por baixo das nádegas dela, elevando-as de modo a poder penetrá-la mais fundo, Sara teria gritado se ele não lhe tivesse tapado a boca com a sua.

Quando ela atingiu o clímax, foi como lava a projectar-se em erupção do seu âmago, inundando-lhe as veias. Todo o corpo dela estremeceu, e Mike manteve-a chegada a si, enlaçada nos seus braços, enquanto ele próprio também estremeceu.

Quanto a Sara, não lhe parecia que tivesse podido caminhar, ainda que a sua vida dependesse disso; portanto, Mike fê-la deslizar pela mesa, mantendo os dois unidos nas partes mais vitais, ela com as pernas a envolver-lhe os quadris. Ela agarrava-se a ele, a pele suada de ambos colada. Mike levou Sara para o quarto, pousando-a na cama. Quando ele lhe virou as costas, Sara soergueu-se sobre os cotovelos.

– Não te vais embora, pois não?

– Estava a pensar em preparar-te um banho de espuma – respondeu ele, virando-se e sorrindo-lhe –, com uma boa dose de *Noites Escaldantes*. Estás de acordo?

– Oh, sim – replicou Sara.

Estendeu-se ao comprido na cama e ficou a ouvir a água a correr enquanto pensava... Sentou-se a direito. Aquela era a sua noite de núpcias, e a última coisa que queria fazer era *pensar*.

Foi para a casa de banho e deparou com Mike nu junto da banheira. Tinha um corpo tão belo que ela se deixou ficar a olhar. Vagarosamente, os seus olhos foram dos dedos dos pés ao estômago, e daí até ao pescoço e lábios. E quando acabou de o admirar, viu a prova irrefutável de que ele estava pronto para ela outra vez.

– Qual é a tua aparência debaixo de toda essa roupa? – perguntou ele, num tom que mais parecia um rosnar.

– O melhor que alguma vez viste – respondeu Sara, com um sorriso.

– Ai sim? Então vamos lá ver isso.

Quando ela chegou junto dele, Mike sentou-se na borda da banheira e, vagarosa e habilmente, começou a despi-la. Desapertou o cinto de ligas e com beijos começou a enrolar-lhe as meias de vidro. Quando chegou ao pé, ergueu-o e apoiou-o em cima da sua coxa, começando a massajá-lo. A mão dele foi pela perna dela acima, e depois de algumas carícias no centro, a mão de Mike deslocou-se para a outra perna, tirando-lhe essa meia.

Sara começou a virar-se para que ele pudesse chegar aos colchetes do corpete, mas Mike puxou-a para o colo e penetrou-a. Sara queria movimentar as ancas, mas ele mantinha-a imobilizada enquanto as mãos lhe contornavam o tronco até às costas e, no espaço de escassos segundos, o corpete caiu no chão.

Mike beijou-a, continuando a impedir que ela movimentasse as ancas enquanto as suas mãos acariciavam os lados dos seios, com os polegares a deslocarem-se de fora para dentro, a fagando-lhe os mamilos.

Quando a soltou, Sara já gemia. Pôs um pé na banheira dentro da água morna, apoiando o outro no chão. Uma vez mais, as mãos fortes de Mike fecharam-se nas nádegas dela, ajudando-a a fazer os movimentos.

Quando ela estava prestes a atingir o clímax, ele puxou-a para cima, sem nunca perder o contacto corporal, e deitou-a em cima do tapete, no chão da casa de banho.

Começou a penetrá-la com força e rapidez, ainda mais profundamente. Desta feita, ela sentiu que o clímax dele foi tão intenso quanto o seu.

Minutos depois, já estavam juntos dentro da banheira. Mike apoiara-se a uma das extremidades, com Sara encostada ao seu peito. Ela olhava repetidamente para a aliança, olhando também para o que conseguia ver de Mike. Duas semanas antes, tudo o que sabia era que ele era o «misterioso irmão» de Tess. Vira-o pela primeira vez quando ele surgira através do soalho do seu quarto, assustando-a.

E agora estava casada com esse homem. Não existira qualquer menção de amor entre os dois, e se não fosse ela ter tomado a iniciativa, Sara nem sequer teria tido uma noite de núpcias.

Mas o que agora queria era uma lua-de-mel.

– Estás ansioso por voltar a casa por uma semana?

Mike ensaboava os braços de Sara. Já tinha deitado perfume no cabelo acabado de lavar e a fragrância era intoxicante.

– Não – respondeu, com uma expressão absorta.

– Mas com certeza que queres ver os teus amigos.

– Suponho que sim. Os meus compinchas do ginásio e os colegas da Polícia.
– E quanto às pessoas fora da tua actividade profissional? Apenas amigos?
– A minha vida não é como a tua – respondeu Mike, com uma risada um tanto forçada. – Trabalho como agente infiltrado em investigações que podem prolongar-se por anos. Já trabalhei duas vezes em Los Angeles e outra no Iowa e...
– Iowa?! – exclamou Sara, virando-se para ele. – Com certeza que ninguém comete crimes no Iowa.

Mike riu-se da piada.

– O mal encontra-se em toda a parte, até mesmo na pequena e pacata Edilean.
Sara descontraiu-se e voltou a encostar-se a ele.
– Nada de amigos, nem lugar onde viver. Não parece um verdadeiro lar.
– Compenso isso com invernos de vinte e sete graus e palmeiras a balouçar ao vento – redarguiu Mike, beijando-lhe o lóbulo da orelha.
– E clubes com cubanas deslumbrantes?
– Nunca reparei nelas – retorquiu ele, dando-lhe um beijo no pescoço.
– Mike, estava a pensar. Talvez...
– Não.
– Não o quê?
– Não, não podes ir comigo para Fort Lauderdale.
– Eu não te perguntei se podia, mas agora que falaste no assunto...
– Tenho de trabalhar. Às sete já estarei no escritório e só saio às dez da noite. Não tens noção da dimensão deste caso. Os agentes federais estão...
– Já lhes disseste que arranjassem os cães para Mister Lang?
– Já. Talvez os traga comigo quando voltar. São *airedales*.
– Isso quer dizer que encontraram um criador?
– Estamos a falar da Florida; claro que encontrámos um criador.
– Já te tinha dito que nunca estive na Florida? A Joce cresceu em Boca Raton e contou-me maravilhas sobre a cidade.

– Não, não podes ir – repetiu Mike. – Quando eu regressar, tenho de me certificar de que toda a gente desta vila fica a saber que somos casados. O Luke disse-me que se realizariam jogos durante a feira, e preciso de os ganhar. Isso atrairá a atenção de todos. E depois...

– Ah! – Sara não estava nada satisfeita por ser deixada para trás. – São os Frazier que ganham sempre esses jogos. Temos o arremesso do cabo, em que se tem de atirar um poste de telefone. Já vi o irmão mais velho da Ariel, o Colin, a levantar a dianteira de uma carrinha de caixa aberta.

– Ah, sim? E então, onde é que ele faz exercício físico?

– Não sei. Os ginásios nunca foram coisa que despertasse o meu interesse.

Mike levantou o braço dela, que era esguio e sem qualquer massa muscular discernível.

– Estou a ver isso.

– Estás a querer dizer que eu...

Mike beijou-a sem lhe responder e com a mão num seio.

Sara voltou a encostar-se a ele.

– Há competições de agilidade e destreza? – perguntou ele.

– Como saltar à corda? – perguntou Sara, trocista.

– Sou capaz de fazer isso – replicou Mike.

– Aí também não terás hipótese nenhuma. A Anna Aldredge, a irmã mais nova da Kim, ganha a qualquer um. Ela é a terceira nos campeonatos nacionais.

– E precisa de um parceiro?

– Ela tem doze anos e é uma fedelha birrenta.

– Gosto de mulheres birrentas.

– Preciso de tempo para te falar de todos os eventos; portanto, talvez fosse melhor...

– Não – atalhou Mike de novo.

– E se o Greg aparecer por cá enquanto estiveres fora?

– Não pode porque está atrás das grades, e o companheiro de cela é um agente do FBI. O Vandro só será posto em liberdade no próximo fim-de-semana e temos a certeza de que se apressará a vir para Edilean... direitinho a ti. Quando ele chegar cá, já todos saberão quem eu sou, graças aos jogos. Acho que devíamos esperar até o Vandro chegar para anunciarmos o casamento. Como te sentes quanto aos beijos em público?

– Beijar quem?

– Quem queres beijar? – perguntou Mike, com a cara aninhada no pescoço de Sara, que se virou para trás, pondo os braços à volta do pescoço dele.

– Mike, somos casados, mas mal nos conhecemos. Gostava de ver onde tens passado a maior parte da tua vida e de conhecer os teus amigos.

– E ir ao ginásio comigo?

Sara beijava-lhe as pálpebras, os seios a roçarem ao de leve pelo peito dele.

– O Luke disse que fazes agachamentos com tantos pesos que a barra fica dobrada. É verdade?

– Calculo que sim. Nunca pensei nisso. Posso começar a iniciar-te com apenas uns dois pesos e...

Sara não queria discutir o assunto, mas *não* tencionava levantar pesos nenhuns. Por baixo da água, estendeu a mão até às virilhas dele.

– Lembras-te de eu te ter dito que aprendia depressa?

Mike não sorriu, mas a covinha apareceu-lhe na face.

– Eu também estou disposto a aprender o que tiveres para ensinar.

Sara beijava-o enquanto a sua mão acariciava a parte inferior do corpo dele.

– Farei o meu melhor.

Ela ouviu a água começar a escoar-se da banheira. Com o pé, Mike abriu a válvula.

– Estou pronto.

– Estou a ver que sim.

Mike pôs um braço à volta da cintura dela e quando se levantou ergueu-a ao mesmo tempo.

– Não vais ganhar a competição de arremesso do cabo – disse ela, mas Mike limitou-se a grunhir quando saiu da banheira. Levou-a, os dois a pingar água do banho, para o quarto.

– Sou o teu aluno – disse Mike, e Sara sorriu.

Uma hora mais tarde, Sara tinha sido aluna de Mike. Quando estavam prestes a adormecer nos braços um do outro, Mike disse-lhe em voz baixa:

– Sara, só agora me lembrei de que não usei preservativo. Foi tudo tão inesperado que me esqueci. Peço desculpa.

Ela aninhou-se mais junto dele.

– Não faz mal. Eu também me esqueci, além disso, não é a altura mais propícia do mês.
Ambos mentiam.

QUANDO SARA ACORDOU no dia seguinte eram quase onze horas e Mike já havia saído. Calculava que ele teria esperado que ela adormecesse antes de sair. O que significava que estava a conduzir sem ter dormido.

– E eu deixei-o ir – disse Sara em voz alta.

O seu primeiro dia de casada e já tinha falhado como mulher. Se acontecesse alguma coisa a Mike durante a viagem, se adormecesse ao volante, a culpa seria sua.

– Eu devia tê-lo deixado dormir ontem à noite. Era o que ele queria fazer. O que *precisava* de fazer.

Entrelaçou as mãos debaixo da cabeça e ficou a olhar para o tecto enquanto pensava na sua noite de núpcias. Não estava preparada para fazer essa revelação a Mike, mas ele era de longe o melhor homem na cama com quem se deitara. Não que tivesse uma experiência por aí além – ela e Brian tinham comprado um livro sobre a matéria para aprenderem mais –, mas Greg era um homem experiente. Porém, agora Sara constatava que, apesar de toda a sua actividade sexual com Greg – Stefan –, faltava o carinho, a meiguice e estarem juntos na banheira, nos braços um do outro enquanto conversavam.

Com o olhar, Sara percorreu o quarto. Como sempre, Mike não deixara roupas espalhadas, pelo que não havia qualquer indício da sua presença. Se ela não tivesse a aliança de casamento no dedo, pensaria que tudo não havia passado de um sonho.

Mas quando começou a recordar a razão por detrás do casamento, a inquietação instalou-se. O querido e adorável Brian, o ser humano menos agressivo do mundo, fora assassinado devido a algo relacionado com Sara.

– O que quer o Greg? – perguntou-se, quase a gritar, quando se levantou da cama e começou a vestir-se. – O que quer o Stefan Vandlo de mim? – Tinha a certeza de que se soubesse, e se Greg entrasse porta adentro naquele preciso momento, seria com toda a satisfação que lho *daria* de livre vontade.

Mas e depois? Aceitaria Greg o que Sara lhe desse, deixando a vila com a sua mãe assassina? E, a verificar-se isso, voltaria Mike para Fort Lauderdale, retomando o seu trabalho? Iria ela receber os papéis do divórcio algumas semanas depois? Talvez, quando ele se aposentasse, decidisse regressar a Edilean por causa da irmã e da quinta de que agora era proprietário. Mas não voltaria para junto de Sara.

Lembrou a si mesma que quando Mike lhe disse que tinha de se casar com ele estava implícito que se separariam depois do caso resolvido.

– Casada e divorciada – murmurou, e as lágrimas marejaram-lhe os olhos.

O telemóvel em cima da mesa-de-cabeceira começou a zumbir. Era uma mensagem de texto de Joce.

NÃO VAIS ACREDITAR NO QUE O SHAMUS DESENHOU NAS CARTAS. O LUKE FEZ PANQUECAS. QUERES VIR ATÉ CÁ?

Sara vestiu um dos seus vestidos mais velhos – não valia a pena estar a incomodar-se com a sua aparência, uma vez que Mike não estava presente –, calçou umas chinelas de dedo e foi para

a casa ao lado.

– Pareces feliz e infeliz – disse Joce. – Como é isso possível?

– Facilmente. Casas-te num dia, sorris. Abandonada no dia seguinte, fazes uma carranca. E então, onde estão essas cartas?

– Acho que precisas de te sentar – disse Joce, hesitante.

– O que fez o Shamus desta vez? – No ano anterior, ele tinha visto uma rapariga a chorar no liceu e quando lhe perguntou o que se passava, ela disse-lhe que havia um professor que exigia beijos a troco de boas notas. Nessa mesma noite, Shamus e os irmãos arrombaram o liceu e Shamus pintou um retrato do professor com a altura de mais de três metros e meio – nu – a correr atrás de umas raparigas assustadas. Aquilo provocou um grande escarcéu, mas o professor acabou por ser despedido, e os Frazier fizeram uma doação de seis dígitos para os cofres da escola. Em seguida, Shamus pintou um mural respeitável numa parede do ginásio. Desde então era o herói de todas as raparigas que andavam no liceu.

Sara sentou-se aos pés da cama e Joce passou-lhe um baralho de cartas de tarô. O verso era lindíssimo, com uma das plantas trepadeiras de Luke num fundo bege.

Sara virou-as e arquejou ao ver a primeira carta. Era do Rei Cigano, e nele estava retratado o pai de Shamus. A mãe era a Rainha.

Sara olhou para Joce.

– Continua – disse esta. – Vê o resto das cartas.

Sara abriu-as em leque e constatou que todas as pessoas de Edilean cujas famílias haviam vivido na vila há várias gerações, mais alguns dos recém-chegados, figuravam nas cartas. Quando chegou aos Amantes, viu-se a si própria e a Mike.

E tudo o que se tivesse ouvido sobre ciganos também figurava nas cartas. Shamus recorrera a fotografias que Joce tirara da Internet para vestir toda a gente com trajes ciganos. Havia caravanas de tejadilhos arredondados, mulheres voluptuosas com brincos feitos de moedas de ouro e homens com cachimbos de barro junto de cavalos maravilhosos.

O Enforcado era Greg, suspenso de cabeça para baixo, só com uma argola de ouro pendente da orelha.

– Isto é... – Sara olhou para Joce. – Não sei se isto é bom ou mau. O Mike ou vai adorar estas cartas ou vai atirá-las para o lume.

– Guardei estas para o fim – acrescentou Joce, entregando-lhe um maço de catorze cartas.

Nas Cartas de Moedas, Shamus desenhara os rostos de mulheres – todas de meia-idade – que eram clientes da loja. Dado que ele passava muitas tardes sentado no largo principal da vila a desenhar, tivera oportunidade de ver todas essas mulheres. Em cada carta havia uma roda com raios que se projectavam para fora em direcção ao rosto de uma mulher, o número dependia da carta. O Nove de Moedas tinha a imagem de nove mulheres.

O centro de cada roda tinha a cara de Greg – Shamus distorcera-o em cada uma, pelo que ele mostrava expressões de ganância, de cólera e de ameaça. O leque de imagens compreendia as emoções do mal.

– Até parece que o Shamus nos ouviu falar – disse Sara.

– Achas?

– Isto não é nada bom – continuou Sara, com um abanar de cabeça. A sua mãe figurava na Carta do Julgamento, enquanto o pai era o Eremita. – Quem é esta mulher na Carta do Diabo?

– A mãe do Luke disse que era a avó do Mike.
– Sabes qual é o grande mistério relativo a esta mulher? – perguntou Sara, desviando o olhar das cartas.

– Não me venhas com isso. Tentei tudo e mais alguma coisa para descobrir essa história, mas ninguém me diz nada. Não posso acabar o meu livro sobre Miss Edi até saber o que sucedeu, mas não sou capaz de obter a informação. Talvez o Mike pudesse...

– Estás a referir-te ao Mike que passou a noite a fazer amor comigo, de uma maneira fabulosa... a meu pedido... e que se pôs a andar esta manhã? *Sou* uma noiva e peras!

Joce manteve-se em silêncio enquanto juntava as cartas.

– Acho que o Mike *precisa* verdadeiramente de ver estas cartas – disse, fitando Sara, com um olhar intenso.

– Podíamos digitalizá-las e enviar a Mike o baralho completo por correio electrónico.

– Isso não é o mesmo que tê-las nas mãos, pois não? E quem vai identificar cada pessoa? – perguntou Joce.

Sara estava intrigada.

– Podíamos escrever alguns apontamentos nas costas de todas as cartas.

– Não achas que seria preferível o Mike *vê-las* pessoalmente? – perguntou Joce, num tom de voz mais alto.

Finalmente, Sara compreendeu. Pôs-se de pé, continuando a olhar para Joce.

– Já viste as cartas? – perguntou Luke, que entretanto chegara à sala, mas quando viu a expressão das duas mulheres, acrescentou: – O que se passa?

Joce e Sara continuavam a olhar fixamente uma para a outra. Joce foi a primeira a falar.

– As chaves do meu carro estão na mesa junto da porta da frente. É mais veloz e seguro do que o teu. Quando chegares à Noventa e Cinco, segue em direcção ao sul. Eu depois envio-te uma mensagem de texto com o resto das indicações. Durante a viagem, vais ter de pernoitar num motel. Não tentes fazer como o Mike, fazendo a viagem numa só estrada.

Com um acenar de cabeça, Sara correu para a porta. Tinha de fazer a mala.

– Sara! – chamou Luke. – O Mike pediu-me que ficasse de olho em ti. Não podes...

Sara virou-se para ele, e tudo aquilo por que passara nos últimos tempos – Brian, Greg e agora Mike – estava reflectido no seu olhar.

– Tem cuidado – disse Luke, que gostava demasiado dela para lhe dizer não, e Sara transpôs a porta a correr.

O CAPITÃO ERICKSON OLHOU para Mike e lamentou ter-lhe pedido que investigasse o caso dos Vandlo. Ao longo dos onze anos em que tinham trabalhado juntos, Mike sempre mantivera a distância entre si e as vítimas. Conquanto fosse negável que, por vezes, se envolvia mais do que devia, e que, em algumas ocasiões, mulheres que deviam ter sido indiciadas não o foram, Mike sempre conseguira dissociar-se dessas situações.

Todavia, aquele caso parecia estar a exigir uma parte dele. O facto de se ter *casado* com a vítima, algo de que não havia memória, encontrava-se, inquestionavelmente, fora dos requisitos para o cumprimento da investigação.

No domingo à noite, quando Mike ligou a pôr o capitão ao corrente do seu plano, ele tentara dissuadi-lo.

– Bem sei que te disse que fizesses o necessário para a proteger, mas devias ter encontrado outra maneira de resolver o assunto.

– Não estou a ver nenhuma outra maneira – dissera Mike, após o que informou o capitão do que havia acontecido a Brian Tolworthy. – E logo depois o Stefan Vandlo apareceu na vila e atirou-se à Sara como se a sua vida dependesse disso.

– Mas agora estás a planear casar-te com essa rapariga só para a manteres em segurança?

– Sim – confirmou Mike.

– E mais tarde, o que tencionas fazer? Quando o caso estiver resolvido?

O capitão queria perguntar-lhe se aquele casamento tinha sido ideia dele ou da rapariga, mas não o fez.

Em vez disso, optou por insistir com Mike para que regressasse a Fort Lauderdale o mais depressa possível, de modo a poderem estabelecer planos com relação à feira. Iam destacar um grande número de homens e mulheres armados para o recinto, todos disfarçados, como se fossem residentes. Stefan seria posto em liberdade, e quando voltasse para Edilean, todos os seus movimentos seriam vigiados.

Na perspectiva do capitão, essas medidas seriam suficientes. Mike fizera um bom trabalho na obtenção de informações e a definir um dia e um local onde poderiam ter os Vandlo juntos. A rapariga, Sara Shaw, seria protegida. E melhor ainda, com base no que Mike dissera, ela não iria a correr para os braços de Vandlo, imbuída de um despropositado sentido de lealdade.

A ideia de usarem as cartas de tarô como engodo era excelente, e o capitão disse-o.

– Podes agradecer isso ao teu escritor preferido – dissera Mike. – A ideia foi dele.

– Precisamos que venhas para cá imediatamente a fim de fazeres o ponto da situação e desenhares alguns mapas – retorquiu o capitão.

Porém, aquilo em que estava a pensar realmente é que era domingo à noite, pelo que seria impossível Mike casar-se com aquela jovem do campo antes de partir para Fort Lauderdale. Talvez uma semana ausente de Edilean o levasse a concluir que o caso podia ser resolvido sem a medida drástica de se casar com a vítima.

Mas Mike apresentara-se ao serviço naquela manhã com uma aliança de casamento no dedo.

– Portanto, levaste a tua avante – concluiu o capitão.

– Não vi outra solução. Se o Vandlo pretende o que julga que a Sara tem, não conseguirá obtê-

lo casando-se com ela.

– A menos que ele te mate – retorquiu o capitão.

– A ideia é essa – disse Mike, esboçando um pequeno sorriso –, e tenciono tornar-me muito visível durante a feira. Acho que vou participar numa competição de salto à corda com uma campeã nacional de doze anos.

As aptidões físicas de Mike eram bem conhecidas – e eram reconhecidas com admiração.

– Tenho a certeza de que vais ganhar.

– Talvez. Ao que sei, a miúda é realmente boa.

O capitão sorriu, mas o sorriso não se estendeu aos seus olhos. Percebia que Mike estava a querer fugir ao assunto.

– Quero que me fales dessa rapariga com quem te casaste. Como é ela?

– Ela... – Mike hesitou. Não estava disposto a colocar-se numa situação embaraçosa, confessando o quanto gostava de estar com Sara, como ela o fazia rir, o quanto já sentia saudades dela. Encolheu os ombros. – Costuma ir à igreja aos domingos, é uma excelente pasteleira e costura as próprias roupas. Esse tipo de coisas. – No pensamento, tinha a imagem de Sara a trepar pela árvore até à ramada acima dele. Recordou-se das lágrimas e dos sorrisos dela. E depois da noite de núpcias. Não, ia guardar os seus pensamentos para si próprio. – A rapariga típica de uma vila.

O capitão não era como Mike; o que lhe ia por dentro reflectia-se no seu semblante.

– Quando o caso estiver resolvido, podemos ajudar-te a sair dessa embrulhada. Certificar-nos-emos de que a tua reforma não corra risco nenhum. Podes...

– É tudo? – cortou Mike, levantando-se. – Preciso de falar com uma data de gente e de fazer umas coisas.

– Sim, claro – retorquiu o capitão. – Há uma reunião geral às duas horas. Voltamos a ver-nos lá.

Mike saiu do gabinete e voltou para a secretária.

O capitão deixou a porta aberta, e durante todo o dia ouviu homens e mulheres passarem por ali para cumprimentarem Mike. Ele era bastante popular, e como era raro verem-no, toda a gente queria saudá-lo quando ele se encontrava presente. Os treinos físicos de Mike eram lendários, pelo que os que haviam ido a um ginásio nos últimos seis meses queriam mostrar-lhe os seus bíceps. Ao longo do dia, só se falou de quadríceps, deltóides, glúteos e tríceps. Mas depois do preâmbulo, o que queriam saber realmente era se o rumor de que Mike se tinha casado com uma vítima era verdade.

O capitão ouviu as mesmas perguntas um sem-número de vezes.

– Drogas? – perguntavam-lhe, querendo saber se a sua muito recente mulher era toxicod dependente. – Alguma condenação?

Cortesmente, Mike respondia às perguntas dos colegas, mas sem dar quaisquer respostas concretas. Como de costume, guardava os seus pensamentos para si próprio.

As mulheres fartaram-se de brincar com ele. Uma disse que teria pagado a um vigarista para a enganar, se isso significasse que Mike a salvaria casando-se com ela.

– Socorro! Socorro! – gritou uma novata muito bonita, levando a mão à testa, num gesto de aflição. – Salva-me com uma aliança de casamento.

Mike suportou tudo com bonomia, mas, com o decorrer do dia, o capitão apercebeu-se de que

o seu sorriso era menos frequente. Contudo, não acreditava que fossem as brincadeiras que estavam a afectar o seu ânimo. Havia outra coisa qualquer a incomodá-lo, mas não conseguia descobrir o que podia ser. Calculava que Mike começava a aperceber-se de que cometera um erro crasso.

As acções de Mike tinham sido muito nobres, mas a realidade é que em breve ele enfrentaria um divórcio. Se a rapariga quisesse dificultar-lhe a vida, dizendo que Mike a tinha enganado levando-a a casar-se com ele, correria sérios riscos de vir a perder muito em termos financeiros.

A reunião marcada para as catorze horas decorreria na sala grande. Assim que todos se sentaram, um agente dos Serviços Secretos tomou a palavra, começando a delinear o plano para se infiltrarem na Feira de Edilean.

Mike estava recostado na sua cadeira, entretido a girar a aliança no dedo. A cada volta do anel, a expressão do capitão ficava mais carrancuda. Talvez fosse melhor Mike não voltar para a Virgínia, pensava. Já bastava que se tivesse casado com a rapariga. Mas Mike tinha razão quando dizia que, como ela estava casada com outra pessoa, Vandlo não podia chegar-lhe. Agora só precisavam de destacar alguém que se mantivesse junto dela, e quando Stefan Vandlo tentasse alguma coisa, entrariam em acção. Desta maneira, a vida de Mike não correria perigo.

Quando o agente dos Serviços Secretos fez uma pergunta, o capitão estava tão distraído que teve de pedir ao homem que a repetisse. Era evidente que nenhum dos presentes, com a excepção do capitão, se sentia preocupado com a segurança de Mike.

Entretanto, a porta abriu-se e a secretária do capitão entrou, entregando-lhe uma mensagem. O que se passava agora?, pensou enquanto desdobrava o papel.

« A mulher de Mike Newland está lá em baixo e diz que trouxe as cartas de tarô. »

O capitão Erickson teve de ler a mensagem duas vezes antes de acreditar no que estava a ler. O seu primeiro impulso foi sair para ver a rapariga com os seus próprios olhos. Talvez a levasse para uma sala desocupada, para falar com ela sobre o que Mike tinha feito por ela, « para lá » do que seria sua obrigação.

Mas enquanto o capitão continuava sentado a pensar no que devia fazer, tinha a noção de que o que mais queria era tentar adivinhar o que Mike sentia por aquela rapariga. Durante o dia, ele mostrara-se melancólico e mal-humorado. Seria por perceber que se colocara numa situação impossível?

O capitão virou-se para a sua secretária, que aguardava com a habitual paciência.

– Vá buscá-la e traga-a para aqui – instruiu-a em voz baixa.

– Para aqui? Para esta sala?

– Sim – replicou o capitão. – Para aqui.

Mudou de lugar, sentando-se no outro lado da mesa, defronte de Mike, de modo a poder ver através das portas de vidro. A secretária levou algum tempo a descer as escadas e a trazer a rapariga através do dédalo de portas e extensos corredores das instalações do Departamento da Polícia de Fort Lauderdale.

Quando o capitão viu Miss Sara Shaw pela primeira vez a dirigir-se a eles, sentou-se mais direito. Tinha visto uma fotografia dela, mas era ainda mais bonita, com o cabelo louro pelos ombros muito bem penteado. Numa região em que as mulheres andavam sempre vestidas com

tops e calças de ganga com bainhas desfiadas, o recatado vestido amarelo de Miss Shaw era como um remontar ao passado.

Assim que o detective sentado ao lado do capitão a viu, também deixou de prestar atenção à conversa, olhando-a fixamente. Deu uma cotovelada ao colega ao seu lado, e não tardou que todos olhassem para Sara, que se encaminhava na direcção deles.

Quando ela chegou à porta, a única pessoa que não tinha os olhos presos nela era Mike. Dava a impressão de estar num mundo muito seu, enquanto continuava a rodar a aliança, com o olhar perdido no vazio.

O secretário da reunião abriu a porta para Sara entrar.

– Posso ajudá-la? – perguntou, com um sorriso rasgado.

Mas Sara só tinha olhos para Mike. Deu os poucos passos que a separavam da cadeira dele, após o que se deteve a observá-lo.

Só algum tempo depois é que Mike se apercebeu do silêncio que se instalara na sala. Quando ergueu o olhar, deparou com Sara diante de si.

– O Shamus e o Luke terminaram as cartas e trouxe-tas para as veres – disse Sara, estendendo-lhe o baralho de cartas de tarô.

Mike não teve qualquer reacção para além de olhar para ela.

– Acho que devíamos... – começou o capitão a dizer. Interrompeu-se quando Mike se levantou abruptamente, abraçou Sara e fê-la rodopiar. As cartas voaram pela sala.

– Estás aqui! – disse Mike, continuando a abraçar a mulher. Nunca ninguém o vira tão feliz – Estás aqui realmente!

Quando começou a beijá-la, Sara apoiou a mão no peito dele, afastando-o de si.

– Talvez fosse melhor apresentares-me – disse ela, com uma expressão radiante.

Os homens que não trabalhavam directamente com Mike baixaram-se para apanhar as cartas, mas os homens e as mulheres com quem ele trabalhava habitualmente puseram-se atrás dele, ansiosos por serem apresentados à sua mulher.

– Sim, claro – retorquiu Mike, pousando-a no chão, mas sem lhe largar a mão.

– Apresento-vos Sara Sh... – Olhou para ela – Newland. Sara Newland, a minha mulher.

Os colegas de trabalho permaneceram imóveis a fitá-los em silêncio. Estavam em choque, pensou Sara, percebendo que tinha de quebrar o gelo.

– Reparem que as palavras «minha mulher» quase o sufocaram – disse Sara. – Vai ser preciso algum tempo para ele interiorizar o conceito de que deixou de ser um homem livre.

Todos se riram, incluindo o capitão. Mas mais importante do que os risos foi o facto de ele ter compreendido que a melancolia de Mike naquele dia se deveria às saudades que tivera daquela bonita jovem. Talvez a razão principal que levava Mike a casar-se tivesse sido protegê-la, mas havia mais do que isso.

– Por falar em maridos – disse Mike –, eu disse-te que não podias vir a Fort Lauderdale.

Sara olhou para o capitão.

– Ele acha que posso sentir-me muito só nesta cidade grande e má, enquanto ele está a trabalhar. Há alguma possibilidade de ele ter uns dias de folga, digamos três, para uma lua-de-mel?

– Sara, esta não é a melhor altura... – começou Mike a protestar.

– Acho que isso se pode arranjar – disse o capitão. – Oh, sim, Mike, esqueci-me de te dizer. –

Atirou-lhe um porta-chaves com duas chaves. – Fiz algum escarcéu por causa do incêndio no teu apartamento e consegui que te arranjassem um novo. E agora tenho um agente do FBI que quer dar-me cabo do canastro porque esse apartamento devia ser para *ele*. – O capitão olhou para Sara. – Depois diga-me se gostou da casa ou não.

– E quanto às cartas? – perguntou o agente dos Serviços Secretos levantando-as.

– Amanhã, o Mike diz-nos tudo a esse respeito. Podem ir. Mike, mostra-lhe um pouco da nossa maravilhosa cidade – acrescentou o capitão.

– Tenho uma amiga que cresceu em Boca Raton e ela deu-me uma lista de locais a visitar – adiantou Sara, sorrindo-lhe. – O Parque Mizner, Town Center e um lugar que se chama Las Olas?

Quando Mike gemeu, os outros riram-se.

– O que é que eu disse? – perguntou Sara, com uma falsa inocência.

Mike manteve um braço à volta dela enquanto a conduzia pelo corredor até ao seu departamento.

– Tu e a Joce são umas grandes pândegas. O Parque Mizner!

Nos lugares que ela tinha mencionado situavam-se as lojas mais caras, mas ele sorria quando se deteve junto da sua secretária, muito bem organizada e arrumada, sem um único objecto de natureza pessoal.

– Estás armado – comentou ela.

– O que acontece habitualmente.

– Nem penses em andar armado em casa.

Sara olhou à sua volta, mas além deles não se via mais ninguém naquela sala, apenas muitas secretárias e prateleiras cheias de livros. Agora que se encontrava ali, sentia-se nervosa sem saber como reagiria ele. Inicialmente, parecera satisfeito por a ver, mas isso podia ter sido fingido.

– Não te acagaces agora – disse ele. – Sê corajosa e aceita as consequências das tuas acções.

– O que quer *isso* dizer?

– Tiveste saudades de mim, não tiveste? – perguntou Mike, dando-lhe um beijo na face.

– De maneira nenhuma. Só achei que precisavas de ver as cartas imediatamente, por isso, eu...

– Mike calou-a com um beijo na boca. – Talvez tenha sentido a tua falta, mas só um bocadinho.

– Como vieste para cá? Essa coisa que guias não aguentaria a viagem.

– Vim no *Mini Cooper* da Joce.

– Portanto, ela conspirou contigo para me desobedeceres?

– Absolutamente. Queres escrever-lhe uma nota de agradecimento?

– Respondo a essa pergunta depois desta noite. – Mike beijou-a outra vez, mas, desta feita, o beijo foi mais ardente.

– Ei, Newland! – chamou um homem, da ombreira da porta. – Faz isso lá fora.

– Estás é com ciúmes, Ferguson – replicou Mike.

Fechou a secretária à chave, rodeou a cintura de Sara com um braço firme e conduziu-a para o corredor.

– E então, onde fica o teu novo apartamento? – perguntou Sara.

– Não faço a mais pequena ideia – respondeu Mike, dando-lhe as chaves.

– Fica em Ala Street – disse ela, olhando para a etiqueta no porta-chaves.

– Nunca ouvi falar nessa rua – retorquiu Mike quando já desciam pelas escadas. – O mais

certo é terem-me posto num pardieiro num beco. Tens a certeza de que leste bem?

– Ala Street, número quatrocentos e dezasseis. Tudo maiúsculas – replicou Sara, devolvendo-lhe as chaves.

Mike riu-se quando olhou para o porta-chaves.

– A letra do meio é um número e não uma letra. O apartamento fica em A1A.

– E onde fica isso?

– À beira do oceano, querida. Praias particulares. Vamos até lá, para ver o apartamento?

– Adorava!

Sara seguiu atrás de Mike no automóvel de Joce, através da baixa de Fort Lauderdale, em direcção a uma rua de nome Sunrise. Passaram por lojas e restaurantes com um aspecto fabuloso e, por fim, chegaram a uma colina que ela se apercebeu ser, de facto, uma ponte que de vez em quando se abria para dar passagem a navios de grande tonelagem. Provavelmente, aquilo não teria nada de especial para os residentes, mas era fascinante para Sara. No outro lado da ponte, mesmo à sua frente, podia ver o oceano. Quando chegaram à beira-mar, Mike virou à esquerda, e ela seguiu-o por uma rua estreita. O oceano ficava à direita, onde se situavam grandes residências por detrás de muros altos e árvores de grande porte. Do cimo desses muros pendiam cascatas de flores de cores vivas. No lado oposto da rua havia motéis de aspecto vulgar e prédios de apartamentos; Sara presumiu que Mike se dirigiria para um desses edifícios.

Mas não foi isso que aconteceu. Apenas alguns quarteirões mais abaixo, entrou num caminho particular e mais à frente havia um portão alto ladeado por muros. Carregou num botão no intercomunicador e o portão abriu-se; Sara seguiu-o até ao interior da propriedade e estacionou ao lado do carro dele. Viu outros dois automóveis à sua esquerda.

– Caramba! – exclamou Sara, olhando à sua volta. A casa era grande e tinha dois pisos – parecia algo do Velho Mundo, ao estilo de Hollywood.

– É uma reprodução Mizner[3] – disse Mike

, como se isso explicasse tudo, tomando à dianteira em direcção à porta da frente.

O piso do alpendre, largo e comprido, era de tijoleira.

– Conhecias esta casa?

– Bastante bem – respondeu Mike, abrindo com a chave uma das enormes portas duplas da frente. – Pertencia a um criminoso que aplicava avultados montantes de dinheiro, proveniente de actividades criminosas, em negócios legítimos. Foi condenado a uma pena de vinte anos a perpétua, mas, dado que o homem já tinha oitenta e um, não me parece que consiga cumprir a pena.

Mike abriu a porta e Sara deparou com um vestibulo espectacular. Havia um sobrescrito com o nome dele numa pequena mesa junto da entrada e, enquanto ele lia o conteúdo, Sara inspeccionou a casa.

Ao fundo, à esquerda, havia uma sala enorme e uma cozinha, assim como uma sala de estar com algumas peças de mobiliário estofado com um tecido branco. Diante de si, viu umas portas duplas de vidro a toda a largura da parede que davam acesso a um jardim que parecia o paraíso. Sara abriu a porta e saiu. À sua esquerda, quase escondida por detrás de árvores e arbustos que só vira até então como plantas de interior, havia uma piscina e uma área para churrascos. Em frente, viu uma abertura com alguns degraus que presumiu iriam dar a uma área particular de praia.

Mike também saiu para o jardim, colocando-se ao lado dela, mas não lhe tocou.

– O que dizia a carta? – perguntou ela.

– Continha apenas algumas explicações relativas à casa. O primeiro andar foi dividido em dois apartamentos. No que está virado a norte vive um agente da patrulha motorizada e a mulher grávida. No virado a sul vive um dos mais bem-sucedidos falsários de sempre. Está em liberdade condicional, mas nós mantemo-lo debaixo de olho. Já viste o resto do interior?

Sara acompanhou-o quando ele voltou para dentro de casa. Depois da cozinha, cujas bancadas eram de granito, havia dois quartos com casa de banho, e um deles era bastante espaçoso.

– Este costumava ser o escritório de Benny, o tipo que branqueava dinheiro – explicou Mike

– E sabes isso porque...?

– Porque fui eu quem acabou com as vigarices dele. Para um tipo de idade, devo dizer que ofereceu muita resistência.

Sara encaminhou-se para a cama. Tinha colchão, mas nada de lençóis nem fronhas. Passou a mão pela enorme cabeceira de mogno; estava de costas para Mike e perguntava-se se voltaria a ver aquela casa após aquela viagem. Tanto quanto sabia, depois do caso resolvido, Mike despedir-se-ia dela com um beijo na face. Duas semanas mais tarde, receberia os papéis do divórcio.

Virou-se para ele com a firme intenção de lhe perguntar qual seria o futuro deles juntos, mas quando viu os olhos de Mike, todos esses pensamentos abandonaram a sua mente.

Deu um passo para ele, e no segundo seguinte Mike deu um salto, agarrou-a pela cintura e caíram juntos na cama. Rindo-se, Sara nem sequer teve tempo para recuperar o fôlego antes de ele começar a beijá-la. Acercou-se mais. Só estavam separados há um dia e meio, mas sentira muito a falta dele.

Quando a saía de Sara subiu e sentiu a mão de Mike na coxa nua, a paixão ficou ao rubro. Segundos depois, as roupas dos dois já estavam amontoadas no chão e as mãos dela firmavam-se na cabeceira da cama. Mike penetrava-a tão fundo e com tanto frenesi quanto ela própria sentia.

Atingiram simultaneamente o clímax e, como antes, ele cobriu-lhe a boca com a sua para a impedir de gritar.

Quando os estremecimentos dos dois se atenuaram, ele puxou-a para baixo deitando-a ao seu lado na cama, a cabeça dela encostada ao seu peito nu.

Sara deixou-se ficar aninhada nele, as mãos a afagarem o magnífico torso, os dedos a percorrerem os contornos dos músculos. Ele pegou-lhe na mão e beijou-lhe as pontas dos dedos.

– Portanto, era um agente do FBI que devia ter ficado com este apartamento, certo? – perguntou Sara.

– Sim – confirmou Mike, sorrindo.

– Isso significa que a renda não é muito cara?

– Esta casa foi confiscada e agora é propriedade do Governo dos Estados Unidos, e eu estou incumbido do papel de carcereiro do velho Henry, o falsário. Como tenho de me certificar de que ele não falsifica mais notas de cem dólares, a renda é mínima. Além disso, à laia de desculpa por terem incendiado tudo o que me pertencia, deram-me um cheque de quinze mil dólares. Queres ajudar-me a comprar algumas coisas essenciais?

– Esplêndido! – exclamou Sara. – Lençóis, fronhas, comida. A cozinha tem alguma coisa?

– Tenho de ir ver – respondeu Mike, levantando-se e indo à cozinha.

Sara teve o prazer inexprimível que era observá-lo a andar pelo quarto nu, e quando ele voltou,

a visão da parte da frente do corpo fez com que deslizesse para baixo, na cama.

– Todos os armários e gavetas da cozinha estão vazios – informou Mike quando foi para a casa de banho. – E se não parares de olhar para mim dessa maneira, as lojas já estarão fechadas quando sairmos daqui.

– A sério? – retorquiu ela.

Mike espreitou da porta da casa de banho.

– O último a chegar ao chuveiro tem de fazer o jantar.

Sara saiu disparada da cama, passando por baixo do braço dele para poder ser a primeira a entrar no chuveiro.

– Fizeste batota – disse ele, entrando depois dela e fechando a porta de vidro.

– É a influência desta casa. Devem ter ficado alguns resquícios maléficos a pairar.

Mike abriu a torneira, envolvendo-a nos braços enquanto esperavam que a água aquecesse.

– Não me parece – retrucou ele. – Penso que o sangue que derramei aqui tratou desse assunto.

– Quando ela o olhou, com uma expressão interrogadora, Mike apontou para uma cicatriz no ombro. – Fui alvejado nesse caso.

– Pobrezinho – disse Sara, beijando a cicatriz. – Tenho muita pena de ti.

Mike puxou-a para baixo da água quente.

– Na verdade, o ferimento foi este – disse ele, tocando num ponto mais abaixo no flanco, e Sara baixou-se para o beijar aí.

– Acho que... – começou ele a dizer.

– Deixa-me adivinhar. Foste ferido ainda mais abaixo – disse Sara, pondo-se de joelhos.

– Sofreste algum ferimento aqui? – perguntou.

Mas Mike não disse nada.

Só saíram de casa quase uma hora depois. Foram direitos a uma Best Buy no automóvel de Mike.

– Pensei que apenas querias comprar coisas essenciais.

– A música é necessária à vida – replicou ele, com uma expressão tão séria que Sara teve de se rir.

Compraram o que Mike disse serem as coisas mais importantes que uma casa necessitava. Sara manteve-se como mera espectadora enquanto ele escolhia os componentes de uma aparelhagem, mas o televisor de ecrã plano foi escolhido pelos dois e era exageradamente grande.

Enquanto Mike pagava o que compraram, Sara queria perguntar-lhe se iria ver televisão e ouvir música com ele, mas não o fez.

Na secção dos CD separaram-se. Ela gostava do que considerava música «moderna», mas aquilo que Mike chamava de «lixo sem interesse». Optou por Andrea Bocelli. Para espanto de Sara, ele era um apaixonado por ópera. Mas quando as mãos dos dois se tocaram ao estenderem-nas para um CD de Eric Clapton, ambos desataram a rir.

– Clássico – disse ele, e ela concordou.

Para chegarem à loja seguinte, Mike percorreu umas duas vias rápidas, saindo no que chamou de «a portagem», e acabaram num fabuloso centro comercial com uma gigantesca Barnes & Noble. Qual pedaço de ferro atraído por um íman, Sara encaminhou-se para lá, mas Mike agarrou-a pelo braço. Em vez de irem a essa loja, ele levou-a para uma Sur la Table.

Sara já tinha visto catálogos, mas nunca uma dessas lojas. Por uns momentos, limitou-se a olhar embasbacada para as prateleiras cheias de maravilhosos trens de cozinha. Mike levantou-lhe as mãos, pôs nelas um cesto de compras e disse-lhe:

– Pensa em fazer tartes. – Quando despertou do transe, ele conduziu-a até ao fundo da loja, onde ela encheu o cesto por três vezes. Uma prestável funcionária levou todos os artigos para o balcão.

Puseram tudo no porta-bagagens do automóvel de Mike e foram jantar a um restaurante chamado Brio.

– Continuas a dever-me uma refeição cozinhada em casa – disse Sara – porque eu fui a primeira a entrar no chuveiro.

– Por um duche como esse, devo-te mil refeições. Toma, prova isto – disse ele, estendendo-lhe uma garfada de perca-do-mar marinada em sumo de limão.

Depois do jantar, foram a uma Bed Bath & Beyond.

– Nada de flores nem de cor-de-rosa – estipulou Mike assim que transpuseram a porta.

– E nada de padrões escoceses. Nem carros de corrida, nem homens a dar pontapés uns aos outros.

– De acordo – aquiesceu Mike, e deram início às compras.

Decidiram-se por um conjunto de lençóis branco-pérola e divertiram-se quando deitaram a cabeça nas almofadas, experimentando-as. Mas assim que começaram a beijar-se, foi por um triz que não caíram no chão. Se não tivesse sido um menino curioso a espreitá-los de um canto, é possível que não ficassem por aí.

Rindo-se, levaram os dois enormes carrinhos das compras para uma das caixas. Tiveram de pôr as compras no banco de trás porque o porta-bagagens já estava cheio.

– Não há espaço para levar compras do supermercado – disse Sara. – E não temos nada para o pequeno-almoço.

– Não faz mal. Nunca como antes do exercício físico.

– Se me disseres aonde devo ir, posso ir às compras enquanto estiveres no ginásio, e assim já podemos tomar o pequeno-almoço quando voltares.

Mike olhou-a com uma expressão que ela não foi capaz de descortinar, dizendo-lhe que iriam ao supermercado juntos.

Sara virou a cabeça ocultando um sorriso. Parecia que ele gostava de ir às compras com ela.

Quando regressaram ao apartamento, levaram as compras para dentro. Mike instalou a aparelhagem – o televisor seria entregue posteriormente – enquanto Sara punha a roupa de cama na máquina de lavar. Tiraram a louça e o trem de cozinha das caixas, arrumando tudo nos armários ao som da música de Eric Clapton. Dançando em volta um do outro, foi com agrado que Sara viu como ele dançava bem.

– Também aprendeste a dançar quando trabalhavas infiltrado? – perguntou a Mike.

Ele enlaçou-a numa posição de valsa clássica e começou a conduzi-la pela cozinha em movimentos elegantes.

– Aprendi com a mulher de um grande traficante de estupefacientes. Deu-me aulas. – Enquanto a fazia rodopiar numa acentuada inclinação, acrescentou: – Ajudei-a a praticar. – Endireitou Sara e começou a dançar um tango ao som de « Cocaine ». – Consegui convencê-la a testemunhar contra o marido.

– E tudo isso só porque a ajudaste a dançar?

Mike deu meia volta com ela e ficaram virados para o outro extremo da cozinha.

– E porque a deixei ver, acidentalmente, o marido na cama com as duas amas dos filhos.

Sara riu-se e ele ergueu-lhe o braço fazendo-a girar sobre si mesma. Quando a canção acabou, Mike desligou a aparelhagem.

– Preciso de me levantar cedo. E que tal se fôssemos para a cama? – O olhar dele fez com que ela sentisse os joelhos a fraquejarem.

– Hum, lençóis – conseguiu ela dizer. – No secador.

Se houvesse uma modalidade olímpica de velocidade a fazer uma cama, eles teriam sido os vencedores. Estenderam o resguardo do colchão e depois o lençol de baixo. Mike não gostou da maneira como Sara entalou o canto do lençol de cima, apressando-se a entalá-lo ele próprio.

– Outra coisa que aprendeste enquanto trabalhavas infiltrado? – perguntou Sara.

– Não, com uma enfermeira muito gira.

Ela arremessou-lhe uma almofada. Mike esquivou-se, agarrando-a no ar, e imobilizou Sara em cima da cama. Quando começou a beijá-la no pescoço, ela disse:

– Acho que é uma pena manchar os nossos lençóis novinhos em folha.

Mike pegou nela ao colo e deitou-a no chão, em cima da carpete amarela e azul.

– Por acaso sei – disse ele numa voz profunda – que esta carpete custou oitenta mil dólares.

– A sério?

– O importador deste tipo de carpetes queria um favor – replicou Mike, continuando a beijá-la.

– E isto foi a prenda que ofereceu ao tipo que branqueava dinheiro.

– De vinte anos a pena perpétua? – Sara inclinou a cabeça para trás de maneira a que ele pudesse chegar a toda a superfície do seu pescoço.

– Não, apenas perpétua.

Sara afastou-se um pouco para poder olhar para Mike e quando ele encolheu os ombros, soube que o homem estava morto. Não iria perguntar-lhe quem o matara, receando que Mike dissesse que tinha sido ele.

– É uma carpete muito bonita.

– Sim, é bastante agradável à vista – concordou ele quando já se posicionava em cima dela. – E, oh, tão útil.

Depois, deitados lado a lado, Mike começou a rir.

– De que te estás a rir? – perguntou Sara, vestindo a camisa de dormir.

– Estava só a recordar-me de que disse ao capitão que não sabia como agradar a uma «rapariga de bem». Não fazia a mínima ideia de que vocês desejam todas a mesma coisa.

– E eu disse à minha mãe que eras maricas.

Sorrindo, adormeceram nos braços um do outro.

Na manhã seguinte, Sara dormia profundamente quando Mike atirou a coberta para os pés da cama. Ela nem se mexeu.

– Tens de acordar – disse ele.

Ela ouviu-o vagamente, mas continuou sem se mexer.

– Sara, minha querida, vais ao ginásio comigo.

Ela enfiou a cabeça por baixo das quatro almofadas que tinham comprado.

– Toca a levantar!

Sara não se mexeu.

Mike pôs as mãos na cintura dela e tirou-a da cama. Quando viu que ela não fazia qualquer esforço para despertar, colocou-a por cima do braço, como se fosse uma toalha molhada, e levou-a para a casa de banho, sentando-a na beira da banheira. Estendeu-lhe um saco de plástico com compras.

– Isto é para ti. Veste-te. Tens dez minutos.

– Mas eu não quero...

Mike saiu da casa de banho.

– Detesto exercício físico – resmungou Sara, pegando no saco. Estava cheio de roupas de ginástica, incluindo de ténis, tudo do seu tamanho.

Sara fez uma careta. Ao que tudo indicava, enquanto desfrutavam do tempo passado juntos, Mike, cheio de manha, sorradeira e arditosamente, planeara a maneira de a obrigar a acompanhá-lo ao ginásio.

Quando ela saiu da casa de banho, tinha o cabelo apanhado e vestia umas horrorosas *leggings* pretas e um *top* por cima de um sutiã próprio para desporto que era um horror.

Quando Mike pestanejou umas duas vezes, apreciando as curvas dela, Sara teve a certeza de que o apanhara.

– Estás a dizer-me que tenho de ir a um ginásio por não gostares das minhas formas?

– Hoje estás fantástica, mas daqui a quatro anos terás trinta, e as coisas começarão a descair. Pensa nisto como uma medida preventiva. – Deu-lhe uma garrafa cheia de água e passou um braço por cima dos ombros dela. – Olha uma coisa, se detestares, amanhã podes ficar em casa até te tornares em papa. Mas hoje vais ao ginásio comigo. E quem sabe? Talvez gostes.

Sara fez menção de lhe dar réplica, mas ele abriu a porta da frente e ela viu que lá fora ainda estava escuro. Virou-se em direcção ao quarto, mas ele apanhou-a. A rir-se, levou-a para o carro. Mas Sara *não* se ria.

– E então, quando compraste isto tudo?

– Ontem, enquanto estavas com água na boca a olhar para aquelas formas de bolos muito caras, telefonei a uma das minhas amigas. Ela foi comprar essa roupa e deixou tudo no lado de fora da porta da frente. Ela vai ter connosco ao ginásio.

– Ela? Vais apresentar a tua *mulher* a uma das tuas antigas amantes?

– Podes tentar começar todas as disputas que quiseres, mas nem assim te vais livrar de ir ao ginásio. Ela é instrutora de ioga.

– Ioga?! E o que te terá levado a pensar que eu queria fazer isso?

– Por mero acaso, sei que consegues elevar os joelhos até às orelhas e levantar os tornozelos até aos meus ouvidos ao mesmo tempo... e isso quando ambos estamos de pé. Não sei porquê, mas pensei que a prática de ioga e tu parecem feitos um para o outro.

Sara foi forçada a olhar pelo vidro da janela para esconder um sorriso.

– Assim está melhor – disse ele. – Ela chama-se Megan e, para que saibas, nunca fui para a cama com ela.

– Eu preferia ir para cama com ela do que fazer exercício físico com ela – resmungou Sara, carrancuda.

– Ah, sim? – exclamou Mike, com o sobrolho arqueado.

– Não te enchas de esperança.

Mike riu-se e minutos depois entraram num espaçoso parque de estacionamento cheio de viaturas.

– Mas que diabo é que vem ao ginásio às primeiras horas da manhã?

– Nós – replicou Mike, e Sara gemeu.

Já no interior, enquanto seguia atrás dele, constatou que Mike conhecia quase toda a gente. Os homens – cujos braços tinham o diâmetro de pneus de camiões – apertavam-lhe a mão, inclinando-se para ele no que, presumiu ela, seria uma saudação masculina no Sul da Florida. As mulheres – cujos traseiros eram suficientemente rijos para repelirem chumbo grosso – beijavam-no na cara, chegando-se demasiado, mas mesmo demasiado, perto dele.

Mike apresentou-a a todos os homens como sua mulher, mas, na opinião de Sara, reagiu com excessiva lentidão no tocante às mulheres, assim, decidiu ser ela própria a apresentar-se.

Quando uma mulher jovem e bonita, Megan, entrou na sala, Sara sentiu relutância em deixá-lo sozinho. Mas Mike disse-lhe que acompanhasse a instrutora de ioga. Ambas foram para um amplo recinto cujo piso era de madeira.

– Vamos lá ver o que consegue você fazer – disse Megan.

Uma hora mais tarde, Sara foi libertada e encontrou-se com Mike, que acabara de tomar duche e vestira roupa lavada, junto da porta.

– E então? – perguntou ele a Megan.

– Foi exactamente como tu dissesse.

– Fico-te muito agradecido – disse Mike, beijando-a na face. Abriu a porta para Sara e ambos saíram; o dia mal tinha começado a despontar.

– O que foi aquilo? – perguntou Sara quando entraram no automóvel.

– Foi o relatório da Megan e ela concordou com a minha avaliação a respeito da tua forma física. Para todos os efeitos, quase não tens músculos, mas és extraordinariamente flexível. Ela acredita que se te empenhares a fundo, dentro de um ou dois anos, estarás suficientemente em forma para vires a ser uma verdadeira praticante de ioga. Isto vindo da Megan é um grande elogio.

– Ah, sim? – perguntou Sara, agradada. Não que ela tencionasse levar aquilo a cabo, mas era agradável de ouvir.

– Mas precisas de ter alguma massa muscular. E eu vou tratar disso.

– Isso quer dizer que posso ficar por cima mais vezes? É bom para as pernas.

– Não comeces a tentar-me. Tenho de ir trabalhar.

– E o que vou eu fazer todo o dia?

– Podes... – Mike calou-se porque o seu telemóvel começou a tocar. Viu quem era antes de atender. – Estarei aí dentro de... Oh, de acordo. Não faço ideia nenhuma. – Olhou para Sara. – Sabes escrever à máquina?

– Sei.

Mike ouviu o que lhe diziam do outro lado da linha e depois virou-se para Sara.

– Sabes estenografia?

– O Luke ditou-me o primeiro livro que escreveu.

Mike pareceu impressionado.

– É ela que escreve os livros do Luke Adams por ele – acrescentou Mike, continuando a falar ao telefone.

– Não faço tal... – começou Sara a dizer, mas apercebeu-se de que ele estava na brincadeira. Mike acrescentou mais algumas palavras e depois desligou.

– Era o capitão. Ele disse-me que eu tinha de escrever tudo o que fiz e tudo aquilo que soube em Edilean; e como sou o pior dactilógrafo do mundo, ele sugeriu que eu te ditasse. E qual é o grande mistério com relação às cartas de tarô?

Sara queria pular de felicidade por ela e Mike terem oportunidade de passar o dia juntos. Se o seu corpo não tivesse acabado de ser contorcido em várias posições antinaturais, talvez pulasse. Já haviam chegado a casa e Sara esperou até saírem do carro para lhe responder.

– O Shamus desenhou retratos das pessoas de Edilean.

– Ele fez o quê?

– Pintou imagens de toda a gente nas cartas.

– Calculo que, quando dizes toda a gente, te estás a referir aos membros das famílias fundadoras, e não aos recém-chegados como eu.

– Não me venhas com snobismos. O teu retrato e o de Tess também figuram no baralho, e o Shamus ainda incluiu um grande número de clientes da loja de vestuário.

– Estás a dizer que o retrato da Mitzi Vandro pode fazer parte dessas cartas? – perguntou Mike, de olhos arregalados.

– Eu ainda não tinha pensado nisso, mas é muito possível que sim. Tenho outro baralho na minha mala de viagem. Podes examinar as cartas enquanto eu tomo duche... isto é, a menos que queiras fazer-me companhia – disse ela, pestanejando num gesto coquete.

– Quero ver as cartas imediatamente. Devias ter-me dito o que constava delas ontem à noite.

Sara soltou um suspiro melodramático.

– E arruinar a minha lua-de-mel de doze horas? Como pude ser tão egoísta?

Mike não sorriu, mas a covinha apareceu-lhe na bochecha.

– Toma duche e depois vamos comprar *bagels*.

– Com ou sem sementes de linhaça?

– Vai! – ordenou Mike.

Sara ainda estava no chuveiro quando ele se aproximou com as cartas.

– Vais ter de me dizer quem é a maior parte destas pessoas.

Ergueu uma carta, mas ela não conseguia ver através do vidro embaciado. Ele abeirou-se mais do chuveiro enquanto ela se aproximava da porta de vidro.

– Esse é Mister Frazier, o pai do Shamus – respondeu ela. – Mistress Frazier – acrescentou ao ver a carta seguinte.

– E sei que estes três bois são o Shamus e os outros irmãos da Ariel.

– A tua amada Ariel. Achas que ela vai gostar deste apartamento? – perguntou Sara, com os olhos fechados, enquanto lavava o cabelo. Quando deu meia volta, deparou com Mike todo nu e no chuveiro com ela.

– Precisas de ajuda? – perguntou ele, metendo a mão pelo cabelo cheio de champô para lhe massajar o couro cabeludo.

– Sempre – replicou Sara.

ENQUANTO COMIAM *bagels* e bebiam sumo de laranja, Mike pôs-se a pensar se seria prudente permitir que Sara soubesse tudo o que descobrira em Edilean. Para começar, todas as colheitas de ADN haviam resultado negativas, pelo que não se encontravam mais perto de identificar Mitzi do que quando a investigação se iniciara. Receava que, se Sara tivesse conhecimento daquilo, ficasse amedrontada.

– Porque estás tão calado? – perguntou ela.

– Sou uma pessoa muito calada.

– A menos que estejas a forçar-me a fazer qualquer coisa contra a minha vontade, tens muito a dizer.

– Gostaste de ir ao ginásio e não te saíste nada mal no ioga – retorquiu Mike.

– Isso não é verdade! Todas aquelas mulheres estavam a babar-se por ti. Onde é que está o divertimento nisso?

– Eu vi-te com a Megan e percebi que estavas a gostar, e conseguiste colocar-te em todas as posições na perfeição.

– Ainda não respondeste à minha pergunta sobre o que te preocupa – insistiu Sara, olhando-o por cima do copo de sumo. – Estou a começar a aprender que, quando não queres responder a alguma coisa, comesas a divagar.

– Divago, é isso? Talvez possas explicar-me o significado dessa palavra. Não tive uma educação universitária, ao contrário de ti e da Tess, por isso, perdoa-me se tenho alguma dificuldade em manter-me ao mesmo nível de vocês duas.

– Os estudos universitários não alteram a inteligência de uma pessoa. – Sara fitou-o por entre pálpebras semicerradas. – Estás a pensar muito numa coisa e eu quero saber do que se trata.

– Acabaram-se as divagações? – perguntou ele, demonstrando que conhecia o significado do termo.

– Sim!

– Descobri algumas coisas em Edilean que não acho que devas saber – disse Mike, pousando o seu pãozinho.

– E por que razão é que não devia saber? Porque esse conhecimento me porá em perigo ou porque os meus sentimentos ficarão magoados?

– Sentimentos – respondeu ele.

– Eu aguento.

– Tens a certeza?

– Ainda não descobriste que sou uma pessoa de carácter forte?

Mike levou a mão à sua região lombar.

– Esta manhã, no duche, pensei que me ias partir.

Sara não sorriu.

– Quero que finjas que sou uma das tuas colegas e que me digas o que descobriste. Tenciono dactilografar o que me disseres e prometo não ter palpações.

– Nem sequer devido aos beijos na nuca?

– Isso é uma coisa inteiramente diferente. Achas que és capaz de me tratar como se eu fosse

como qualquer outra pessoa que conheces?

– Não – apressou-se ele a responder.

– Ótimo – ripostou Sara, com a mesma rapidez.

Quando passaram por uma loja de artigos de escritório para comprarem uma impressora, Mike perguntou-lhe por que motivo deixara de passar a papel os livros de Luke.

– Por causa da minha mãe. Eu tinha apenas quinze anos quando ele escreveu o primeiro romance, e passei todo o Verão com um computador no colo. Quando acabou o manuscrito, o Luke já tinha meia dúzia de ideias para outros livros. E eu ia ajudá-lo, mas a minha mãe deu-lhe uma cópia do *Mavis Beacon...* o processador de texto... e ordenou-lhe que deixasse a sua filha ter uma vida.

– Achas que um dia serás como a tua mãe?

– Rezo todas as noites para que isso não aconteça.

De volta ao apartamento, Sara ligou o portátil de Mike. Depois de ele lhe dizer que parasse de tentar entrar nos seus ficheiros particulares, começou a ditar-lhe.

Descreveu o contacto estabelecido com a « vítima », passando a viver na mesma casa que ela. Mike olhou de relance para Sara, para ver como reagia ela àquela admissão, mas ela afivelara uma expressão estoica. Concentrava-se em registar tudo o que ele dizia.

Só quando chegou à parte referente à Quinta Merlin é que ela o interrompeu.

– Acho que devias mencionar o apego que a tua avó tinha à quinta.

– Mas isso não tem nada que ver com o caso. Mas como eu ia dizendo...

– Penso que existe uma ligação. A tua avó queria essa propriedade, tal como o Greg... Stefan.

– A minha avó saiu de Edilean em mil novecentos e quarenta e um. O que se está a passar agora não tem qualquer relação com essa data.

– Estou certa de que saberás melhor do que eu – retorquiu Sara, com uma entoação que lhe dizia que ele estava enganado. Voltou a levar as mãos ao teclado do computador.

Mike virou a cabeça. Verdade fosse dita, concordava com ela. Embora não conseguisse ver como é que as duas situações estavam relacionadas, tencionava aprofundar o assunto. Mas, para já, não queria preocupar Sara por causa disso. Prosseguiu com a sua narrativa, e ela não voltou a interrompê-lo até ele chegar à conversa que tivera com Ariel.

– A Ariel *sabia* que o Greg andava a fornicar com outras mulheres e não me disse nada?

– Pensei que tencionavas dissociar-te deste assunto.

– Não estou fula com o Greg. Ele é a serpente que não muda de carácter, por muito simpática que uma pessoa seja com ele, mas a Ariel... O que diabo acha ela que lhe fiz para me deixar casar com um homem que ela sabia que era tão mau?

– Se ela te tivesse contado o que sabia a respeito dele, acreditarias?

– Nem numa única palavra.

Mike ficou a olhar para ela, perplexo.

– Talvez ela soubesse isso, pelo que não te disse nada. Ter-lhe-ias dito alguma coisa se soubesses que ela ia casar-se com um mulherengo?

– Sem dúvida! – retorquiu Sara, com um sorriso escarninho. – Correria tão depressa que os meus pés nem sequer tocariam no chão.

Mike abanou a cabeça.

– E o Colin – continuou ela. – Não posso acreditar que *ele* não me contou o que se passava com

o Greg. O Colin e eu sempre fomos amigos! Quando voltarmos para Edilean, vou ter uma conversa com os Frazier.

– E isso deve assustá-los muito – retrucou Mike, com cara-de-pau. – Estás pronta para acabarmos? Quanto mais depressa enviarmos isto, mais depressa ficaremos livres. Queres voltar para Edilean e dizer que nem sequer viste o oceano?

Sara tornou a pousar as mãos no teclado.

– Comanda as operações, ó destemido chefe, e diz-me quem mais me atraíçoo.

Sorrindo, Mike continuou. Descreveu o que tinha apurado, mas também delineou em traços largos o plano para a semana seguinte. Pela primeira vez, Sara tomou conhecimento do que a Polícia e os agentes federais esperavam que acontecesse.

Quando concluíram o relatório, ao meio-dia, Mike começou a desenhar um mapa do terreno onde a feira se realizaria, mas Sara assumiu o comando.

– As tendas, bancas e os divertimentos, assim como o campo onde os jogos se realizarão ficam nos mesmos locais todos os anos; por isso, sei onde tudo se situará.

– Excepto a tenda da cartomante Joce.

– O Luke vai instalá-la ao lado da banca onde venderá as suas plantas, isto é, ao lado da minha banca de beijos.

– Da tua quê?! – perguntou Mike, atónito.

– Só queria saber se estavas a prestar-me atenção – replicou ela, com um sorriso presumido.

Às treze horas, tanto os mapas como os relatórios estavam concluídos. Imprimiram tudo na nova impressora – que Sara instalara enquanto Mike recebia o televisor – e meteram num sobrescrito grande.

Mike virou-se para poder olhar para Sara. No segundo seguinte, ambos estavam despidos e faziam amor no amplo sofá branco.

Mais tarde, Sara disse enquanto estava nos braços dele:

– É estranho, mas às vezes nem sequer penso em sexo e depois olho para ti e não sou capaz de pensar em mais nada.

– A minha princesa virgem – disse ele, beijando-a na testa. – Queres ir nadar?

– Adorava. Trouxe um biquíni azul.

– Aposto que o Henry, o falsário, vai gostar de ver! Até é possível que venhas a figurar numa nota de mil dólares.

– Quando me apresentas aos vizinhos?

Mike já se encaminhava para a casa de banho e não olhou para ela.

– Temos de partir amanhã à tarde.

– O que não é resposta à minha pergunta – ripostou Sara, entre dentes, apanhando a sua roupa do chão. Mike não lhe dera o mínimo indicio de que ela voltaria a Fort Lauderdale futuramente, de que alguma vez tornaria a ver aquele apartamento maravilhoso.

– Tomar duche sozinho é um desperdício de água – disse Mike espreitando pela porta.

– Sou muito ecológica – retorquiu Sara, correndo para a casa de banho.

*

– Foi um dia maravilhoso – disse Sara, aninhando-se junto de Mike, na cama. Eram quase dez

da noite e precisavam de se levantar cedo, mas ela não tinha sono nenhum.

– Sim, foi um dia magnífico – concordou Mike.

Sara via que ele estava de bom humor.

– Gostei muito da minha lua-de-mel.

– Eu também. Não tenho a certeza, mas acho que o capitão me obrigou a regressar para impedir que eu me casasse contigo.

– Isso é bom – disse Sara, virando-se para poder vê-lo. – Ele estava a tentar proteger-te, mas quando viu que eu não era a... hum, vítima habitual, deixou-nos passar algum tempo a sós. É um bom homem.

– Tu fazes com que o melhor nas pessoas venha à superfície.

– Que palavras tão bonitas!

Deixaram-se ficar em silêncio enquanto Mike passava os dedos lentamente pelas costas dela. Sara respirou fundo para se encher de coragem. O que queria perguntar-lhe podia ofendê-lo.

– Como eram os teus pais?

– Afectuosos, generosos e divertidos – respondeu ele sem hesitar.

Sara aninhou-se mais junto dele, apoiando a cabeça no ombro.

– Lembras-te deles?

– Muito bem. A Tess, não; por isso, sempre que estamos juntos, eu conto-lhe episódios que se passaram com eles.

– Gostaria de ouvir tudo o que quiseses dizer-me a respeito deles.

– A minha mãe era muito bonita – disse Mike, momentos depois.

– Como a Tess.

– Sim, embora fosse de uma beleza diferente. A Tess é morena como o nosso pai, enquanto a minha mãe era loura e tinha uns olhos azuis muito escuros. Como tu – continuou Mike, depositando-lhe um beijo no cocuruto.

– Que género de coisas é que ela gostava de fazer?

– A minha mãe costumava dizer que era a mulher menos moderna do mundo por não ter quaisquer ambições. Fez dois anos de faculdade e depois conheceu o meu pai e... – Mike concluiu com um encolher de ombros.

– E depois o casamento e os filhos. Não me parece que tenha sido uma má opção.

– Vocês teriam gostado uma da outra. São muito parecidas. Ela costumava mandar-nos para a escola pão com caras sorridentes. Quando eu chegava a casa, ela tinha sempre qualquer coisa caseira preparada para eu comer.

– O que fazia o teu pai?

– Passava quarenta horas por semana a gerir uma grande tipografia, mas na sua vida pessoal só existiam duas coisas importantes: a família e a actividade desportiva.

– Deves ter adorado isso – comentou Sara.

– E de que maneira. A primeira recordação que guardo é de estar sentado numa cadeirinha na parte de trás da bicicleta do meu pai enquanto subíamos uma montanha.

– Isso parece perigoso. Tu não... – Sara calou-se. – A tua mãe gostava de desportos?

– Detestava – replicou Mike, rindo-se. – Ela só queria ficar em casa a ver filmes antigos na televisão.

– Oh, sim! Sem dúvida teríamos sido boas amigas. Quem me dera tê-la conhecido.

Ao ver que Mike se mantinha em silêncio, Sara soube que ele estava a pensar no que tinha acontecido posteriormente, os pais a morrer ainda tão novos, e ele e Tess a ficarem à guarda da avó, sempre mal-humorada.

– Há uma coisa que nunca consegui compreender – continuou ele em voz baixa, deixando de acariciar as costas de Sara. – A minha mãe adorava a sua mãe e, praticamente, a minha avó venerava-a. A avó era tão boa para ela. Falavam pelo telefone quase todos os dias.

– Como é que ela te tratava e à Tess enquanto os vossos pais eram vivos?

– Para a minha avó não existia ninguém além da minha mãe. A minha avó não prestava a mínima atenção à Tess nem a mim e tão-pouco ao marido. Todo o seu amor se concentrava na filha.

– O acidente...

– Quase a levou à loucura – adiantou Mike. – Nesse dia horrível em que tudo mudou, a minha mãe tinha pedido à minha avó que tomasse conta de nós, uma coisa que só muito raramente ela fazia, enquanto ela e o meu pai iam fazer compras de Natal para nós.

– Oh, meu Deus! – exclamou Sara.

– Sim, exactamente. As ruas estavam cobertas de gelo e o carro deles derrapou, foi parar a um talude e embateu num muro de cimento. Tiveram morte instantânea. A minha avó quase enlouqueceu e culpou-me e à Tess pelo acidente. Disse que, se não tivéssemos nascido, a filha continuaria viva.

Enquanto lhe revelava isto – e Sara tinha a certeza de que ele nunca contara aquilo a ninguém –, Mike não parava de esfregar a garganta. Suavemente, ela afastou-lhe a mão e beijou-lhe o pescoço.

– Diz-me o que aconteceu.

Mike respirou fundo.

– Umás duas semanas depois do funeral, pedi três dólares à minha avó para comprar material escolar. Na altura, ela varria o chão da cozinha. Não disse nada, mas jamais me esquecerei da expressão de ódio com que me olhou. Baixou o olhar para a vassoura e no segundo seguinte bateu-me com o cabo à largura da garganta.

Sara susteve a respiração, horrorizada, ao pensar que alguém pudesse fazer uma coisa daquelas a uma criança, mas não fez qualquer comentário, deixando que ele continuasse a falar.

Mike disse-lhe que, quando a avó lhe bateu na garganta, o avó estava fora, pelo que não o levaram ao médico. Quando o avó regressou, uma semana depois, as cordas vocais de Mike estavam irreversivelmente danificadas. Ele nunca recuperara completamente.

Depois desse episódio, Pru começou a descarregar toda a sua cólera e hostilidade no neto. Mike não tardou a perceber que devia certificar-se de que ela continuava a agir dessa maneira. Sempre que ela olhava para Tess, na altura com apenas cinco anos, como se estivesse a preparar-se para descarregar a ira na neta, Mike desviava-lhe a atenção de modo a que se concentrasse apenas nele.

Na escola, Mike causava problemas constantemente. O orientador desportivo tentou interessá-lo em vários desportos, mas Mike tinha um temperamento demasiado colérico para poder integrar uma equipa. Em vez disso, andava sempre metido em rixas e a fazer todos seus inimigos.

Quando, finalmente, concluiu a escola secundária, foi para a Costa Leste, acabando num ginásio de boxe, onde conheceu Frank Thiessen, que tinha vinte e três e andava a pensar em

candidatar-se à Polícia. Treinaram-se juntos e estabeleceram uma relação de amizade tão forte que Frank até esperou que Mike fizesse dezanove anos para poderem candidatar-se juntos. Já na Polícia, formavam uma boa parceria, ambos atléticos e ambos vindo de infâncias complicadas, mas, finalmente, tinham encontrado um modo de canalizarem a cólera. Quando estavam de folga, treinavam-se e participavam em combates, que ganhavam quase sempre.

Ao terem de trabalhar infiltrados, foram forçados a separar-se, e Frank mudara-se para a Califórnia.

– Gostaria de o conhecer – disse Sara, esforçando-se para não mostrar o quanto se sentia horrorizada com o que ele acabara de contar. Sentiu-se envergonhada por se ter queixado da sua família.

– Ei! – interpelou Mike. – Aceito tudo menos piedade.

– Ainda bem. Porque é coisa que não terás de mim. Além do mais, sempre pudeste contar com a Tess, que te adora. Por que razão nunca foste visitá-la a Edilean?

– Bem, isto está a tornar-se um interrogatório. E descobri que só existe uma maneira de pôr cobro a isso. – Rolou sobre si mesmo e começou a beijá-la no pescoço.

Sara não sabia ao certo o que acontecera, mas tinha a sensação de que haviam dado um grande passo em frente. Pensou que devia sentir-se deprimida com o que ele lhe contara, mas, ao invés, sentia-se quase bem por ele ter confiado nela. Não admirava que Tess fosse tão reservada em relação à sua vida.

– Vais continuar a pensar, ou tencionas ajudar-me com isto?

Sara não se riu.

– Mike... lamento muito tudo aquilo por que passaste.

– Obrigado – retorquiu ele, em voz baixa, e ela apercebeu-se de que ele falava com sinceridade.

Não fizeram amor. Em vez disso, Mike puxou-a para si, envolvendo-a num abraço cerrado – ela nunca tinha sentido tanta intimidade com ele como naquele momento.

– É melhor dormirmos – sugeriu ele. – Amanhã de manhã temos de ir ao ginásio.

Sara tentou gemer, mas não conseguiu. A verdade era que ele tinha razão e ela gostara do exercício físico. Agradara-lhe, muito em especial, ter estado num lugar onde Mike era tão conhecido. Em Edilean, ela própria conhecia toda a gente, mas ali era o marido que conhecia as pessoas. Sorrindo à palavra *marido*, Sara entregou-se ao sono.

Na manhã seguinte, Mike teve de acordar Sara, mas não foi obrigado a dizer-lhe que se vestisse.

– Queres tentar arranjar alguns músculos hoje?

– Para poder ter braços como os teus?

– Não me parece que tenhas de te preocupar com isso – replicou ele, flectindo um biceps.

– És tão vaidoso!

– Tenho de ter vaidade em alguma coisa. Com esta cara, sem cabelo e com esta voz, tenho de tirar partido do resto do meu corpo.

Sara não se riu ao ouvir o que, estava certa, ele dissera na brincadeira.

– Acho que tens um rosto lindo.

– Não foi isso que disseste na primeira vez em que me viste, mas... obrigado. Estás pronta?

– A Megan está à nossa espera?

– Não. Hoje és toda minha! – Quando ele a olhou com uma expressão lasciva e Sara soltou um gritinho de medo fingido, Mike fez uma careta. – Se não nos formos já embora, vais arrastar-me para aquela cama e eu já estou esgotado por causa do que me tens feito durante estes dois últimos dias.

– Pobre de ti! – disse Sara, correndo para a porta. – E que tal se fosse eu a guiar?

– Achas que cabem duas pessoas nesse carrinho de brincar que trouxeste?

– Não, estava a referir-me a guiar o *teu* carro.

– Mas que grande sentido de humor que tu tens – retorquiu Mike, abrindo a porta do lado do passageiro da frente para ela entrar.

Discutiram durante todo o caminho até ao ginásio, mas Sara não o demoveu nem um milímetro; Mike recusava-se a deixar que ela conduzisse o seu automóvel.

Chegados ao ginásio, ele passou trinta minutos com ela, mostrando-lhe a maneira correcta de fazer uns quantos levantamentos de peso rudimentares. Ela achou aquilo uma seca, mas adorou as mãos dele nos seus cotovelos e ombros.

Depois dessa sessão, ela foi nadar, e quando apoiou os braços na beira da piscina, a espernear indolentemente, ficou a observá-lo a cumprir um programa intenso de quarenta e seis minutos. Ele era como um lençol de suor que fazia brilhar os músculos salientes. Quando ele ficou despachado, ela estava capaz de lhe arrancar a roupa ali mesmo, no chão do ginásio.

Mike olhou para ela sem fazer qualquer comentário, mas já no carro perguntou:

– Achas que consegues esperar até chegarmos a casa?

– E tu, consegues?

De imediato, ele manobrou o carro, entrando no parque de estacionamento de uma loja ainda fechada, abriu a porta e saiu da viatura.

– Mas que diabo...?

Sara viu-o abrir a porta de trás. Sentou-se no banco traseiro e começou a desabotoar a camisa. Sara saltou para trás por entre os bancos da frente, os braços a enlaçarem-lhe o pescoço e a boca na dele. Deu graças por os vidros das janelas serem tão escuros que ninguém conseguia ver o que se passava no interior do automóvel. Mike não chegou a acabar de despir a camisa.

Passaram a manhã a passear de automóvel por Fort Lauderdale, com Mike a mostrar-lhe os locais de maior interesse turístico, especialmente os magníficos iates e canais que davam à cidade o nome de «Veneza da América». Sara mal prestava atenção ao que ele dizia, a pensar que naquela tarde encetariam a viagem de regresso a Edilean – o que ela receava. Ela seguiria no carro de Joce e Mike no seu, pelo que nem sequer estariam juntos.

Pior ainda, quando chegassem à vila, todo o horror teria início. Greg seria libertado de onde quer que o mantinham detido e, finalmente, descobriria que a noiva tinha desposado o irmão de Tess. Sara adoraria poder dizer-lhe que sabia tudo acerca da mãe dele, da sua mulher e de que ele a queria, a Sara, porque... Ainda ninguém tinha conseguido descobrir por que motivo.

Mas haviam-na informado de que não podia dizer-lhe nada sobre o assunto até encontrarem a mãe dele. Tinham esperança de que Greg ficasse tão furioso por ela se ter casado que começasse a cometer erros. Uma vez que a mãe dele era o cérebro da família, todos esperavam que a raiva de Stefan/Greg contra Sara o fizesse ir falar com Mitzi – altura em que o seguiriam.

Tudo isto era a razão por que Mike queria competir nos jogos, atraindo as atenções sobre si.

– Queres transformar-te num alvo, não queres? – retorquiu Sara quando ele a pôs a par do

plano de acção. – *Vais pôr-te no caminho do que o Greg pretende.*

– És tu ou eu, minha querida, e parece-me que estou mais habituado a ser um alvo a abater do que tu.

Sara não fez comentários por já ter visto as cicatrizes no corpo dele. Também vira um número suficiente de filmes e programas de televisão para ser capaz de reconhecer ferimentos de balas.

À medida que o último dia ia passando, mais enervada ela se sentia. Estava preocupada com Mike. Como seu marido, era como se ele tivesse pintado um alvo na testa.

– Esqueci-me de te dizer que um dos nossos agentes vai levar o *Mini* da Joce de volta a Edilean – disse Mike.

– Isso quer dizer que vamos fazer a viagem juntos?

– Claro que sim. Porquê, pensaste que terias de fazer a viagem de regresso sozinha?

– Não – replicou ela. – Pensei que ia ter oportunidade de conduzir o teu carro topo de gama, enquanto tu seguirias no porta-bagagens.

– Não seria a primeira vez. Acho que devíamos partir por volta da uma da tarde. Assim, chegaremos mais ou menos à meia-noite. Ainda podemos dormir algumas horas e estaremos prontos para a feira amanhã.

– A feira só abre ao meio-dia.

– Não estás a ficar com medo, pois não? – ripostou Mike, sorrindo-lhe.

Quando Sara olhou para ele, os seus olhos reflectiam medo.

– Mike, isto é muito sério. Se estiveres exposto durante os jogos, é possível que alguém se esconda algures e dispare contra ti.

– Ossos do... – O olhar dela cortou-lhe a palavra. Sentou-se no sofá ao lado de Sara e puxou-a para os seus braços. – Já estive em situações semelhantes uma centena de vezes e ainda não saí a perder.

– É só preciso uma vez, e acho que chegou a altura de parares! – retorquiu ela, com toda a veemência. – Tens trinta e seis anos e estás prestes a aposentar-te, passaste a ser dono de uma propriedade e penso que não devias continuar a arriscar a tua vida todos os dias.

– Satisfazer os desejos da minha mulher será provavelmente a causa da minha morte.

Sara lançou-lhe um olhar furibundo.

– Muito bem – disse ele. – Prometo-te que assim que este caso estiver resolvido, vou pensar em passar a trabalhar a uma secretária. Isso faz-te sentir melhor?

– Quero que te mantenhas afastado da feira. Tens de ficar fechado numa sala com três guardas armados que sejam tão grandes que façam com que os Frazier pareçam pequenos. Devias...

– O que achas de darmos um passeio pela praia? – perguntou-lhe Mike, beijando-a. – Talvez vejamos algumas tartarugas-gigantes a porem ovos.

Quando ela se limitou a olhar para ele, Mike beijou-a outra vez.

– Tenciono ter o maior cuidado possível. Prometo. Vamos. Precisamos de sair. Queres que te leve ao colo até à praia?

– Não, não quero...

Quando Mike lhe pegou e a colocou por cima do ombro, ela não pôde impedir-se de rir, e, por uns momentos, esqueceu-se dos seus temores.

À uma e meia já estavam no automóvel de Mike, seguindo em direcção a norte pela I-95 a

uma velocidade que excedia o limite que a lei impunha.

– Tencionas manter-te amuada durante toda a viagem? – perguntou Mike.

– Não estou amuada, estou preocupada.

– Essa é a minha função. Tu és a vítima, ou já te esqueceste disso? Vocês metem-se inocentemente em sarilhos e nós temos de vos salvar.

– Isto é, se ainda estiveres vivo.

– Até pareces a Tess a falar.

– Uma mulher inteligente!

– E que tal uma musiquinha? – perguntou Mike. – Achas que ficavas mais animada?

– É para pensar na música que tocarão durante o teu funeral?

Mike estendeu a mão e apertou a dela.

– Precisas de te distrair. Conta-me o que fizeste na escola secundária. Tinhas boas notas? O que estudaste na faculdade?

– Tenho a certeza de que sabes quais foram os cursos que tirei e as notas que tive. Porque não me dizes o que levou a tua avó a deixar Edilean e por que razão ela odiava tanto os McDowell? – perguntou Sara, na brincadeira, sem que lhe passasse sequer pela cabeça que ele lhe diria. Isso constituía o Grande Segredo entre os velhotes de Edilean.

– Ela dizia que foi violada pelo Alexander McDowell.

Sara olhou para ele com uma expressão de perplexidade.

– O marido da tia Lissie? Violação?

– Era o que a minha avó nos contava. E sim, referia-se a esse Alexander McDowell.

– Ele não foi acusado judicialmente, senão eu teria ouvido. Por outro lado, tenho de dizer que os velhotes adoram guardar segredos.

– Velhotes? – perguntou Mike. – A julgar pela maneira como falas de aposentação e de mim, até penso que sou um deles.

– Durante as quatro vezes que fizemos amor esta manhã, pensei: o Mike está mesmo a ficar velho.

– Ah, sim? – retorquiu ele, com uma careta risonha.

– Ouvi muitas queixas sobre a casmurrice do tio Alex, mas nunca ouvi nada relacionado com violência contra mulheres.

– Não acho que isso tenha acontecido. Depois de a Tess se ter mudado para Edilean e de ter travado amizade com algumas pessoas da vila, começou a fazer perguntas.

Sara ficou à espera de mais, mas Mike remeteu-se ao silêncio. Não era fácil saber que durante todo aquele tempo Tess estivera ao corrente da história.

– Conta-me tudo desde o princípio – pediu Sara.

– A minha avó disse-nos – começou Mike, depois de uns momentos de hesitação – que numa tarde, em mil novecentos e quarenta e um, ela seguia de bicicleta pelo antigo caminho junto da Quinta Merlin. Alguém atirou uma coisa qualquer para as rodas, e ela caiu, batendo com a cabeça numa pedra e perdendo os sentidos. Quando recuperou a consciência, o Alex McDowell estava a violá-la. Voltou a perder a consciência e quando recuperou os sentidos dirigiu-se para a quinta, e o Brewster Lang telefonou para a Polícia.

– E ela identificou o tio Alex como sendo o violador?

– Sim, mas a Edi Harcourt jurou a pés juntos que o Alex esteve em sua casa nesse dia, pelo

que o caso foi arquivado.

– Para a tua avó, isso deve ter sido difícil de aceitar. Ter sofrido um crime de estupro e ver que nada era feito deve ter sido horrível. Achas que Miss Edi mentiu?

– Provavelmente, mas há que levar em linha de conta que a minha avó nunca primou pela sinceridade.

– Estás a dizer que ela não foi atacada?

– Não sei. Mas penso que ela não se importaria que o Alex McDowell fosse culpado desse crime.

– Ela gostava dele?

– Quando eu e a Tess éramos miúdos, dizia-nos que o Alex a adorava, que lhe enviava flores e lhe escrevia poemas. Portanto, faz sentido que, quando ela o rejeitou, ele tenha ficado furioso ao ponto de a ter violado. Mas quando a Tess passou a viver em Edilean, disseram-lhe que as coisas se passaram de maneira inversa. A avó é que perseguia o Alex. Onde quer que o pobre homem fosse, ela estava presente. Costumava dizer às pessoas que se ia encontrar com ele, quando, na verdade, ele tentava fugir dela. Ela também nos disse que, embora nessa altura ele ainda fosse pobre, percebeu que ele tinha potencial.

– Ela tinha razão; o tio Alex ganhou milhões de dólares – corroborou Sara. – Isso quer dizer que quando ela teve... teve relações sexuais nessa noite, *desejou* que tivesse sido com o Alex?

– É o que a Tess e eu pensamos que aconteceu. Mas seja qual for a verdade, todos os anos éramos sujeitos a um período de luto mórbido que se centrava no dia catorze de Novembro.

– No dia catorze de Novembro? – perguntou Sara, surpreendida.

– Essa data diz-te alguma coisa?

– Deus me valha. Esqueci-me de te dizer uma coisa.

– Sara, se o Vandlo...

– Não, não tem nada que ver com ele. Existe... existe alguma possibilidade de o homem que a violou ter usado um *kilt*?

Mike virou a cabeça tão abruptamente que o carro guinou.

– Sim! Foi por isso que ela conseguiu identificá-lo. Ela disse que só os McDowell é que usavam esse padrão axadrezado em tons de azul e cinzento, mas como é que *tu* sabes isso?

– O Brewster Lang também usava esses *kilts*.

– O quê?

– Foi ele que esteve com a tua avó.

– Conta-me tudo o que sabes – pediu Mike. Um dos músculos no seu maxilar contraía-se continuamente.

– Não te *atrevas* a irritar-te comigo! Se me tivesses contado isso tudo há uma semana, eu poderia ter-te dito o que sabia sobre Mister Lang.

– Sara... – disse Mike num tom de advertência.

– Quando o Luke e o Ramsey eram adolescentes, entraram uma noite sorrateiramente na Quinta Merlin. Disseram que fizeram isso por terem visto uma fogueira, mas eu sei que era normal eles irem até lá às escondidas.

– E o que viram eles? – perguntou Mike.

– Mister Lang vestia um *kilt* velho e uma camisa branca enorme e estava a dançar com os cães à roda de uma fogueira gigantesca. O Luke e o Rams disseram que toda aquela cena lhes

pareceu primitiva e selvagem. Isso aconteceu no dia catorze de Novembro.

– Tens a certeza?

– Tenho. É o dia dos anos do meu pai.

– E o Lang não os viu?

– Não, mas no dia seguinte deve ter visto as ervas pisadas, porque a partir dessa altura começou a perseguir implacavelmente quem entrasse na propriedade sem sua autorização.

– Pode ter sido apenas uma coincidência – sugeriu Mike. – Isso aconteceu muito tempo depois de mil novecentos e quarenta e um e...

– Ele faz a mesma coisa todos os anos e sempre no mesmo dia.

Mike olhou-a de relance.

– No ano seguinte, no dia de aniversário do meu pai, o Luke e o Rams voltaram à quinta e viram a luz da fogueira. Tentaram aproximar-se, mas os cães estavam de guarda a essa área. Mike – continuou Sara, em voz baixa –, não achas que Mister Lang esteja a celebrar o dia em que violou uma mulher, pois não? Ele não pode ser tão... tão execrável.

– Queres saber a verdade? Não sei se foi violada. Os factos que ela nos contava alteravam-se constantemente, e o pormenor de o Lang usar saias escocesas com o padrão dos McDowell faz com que duvide ainda mais do que ela dizia. Além disso, ele vivia nas proximidades e a minha avó dizia sempre que era seu amigo. Talvez...

– O quê?

– Pergunto a mim mesmo se ela e o Lang terão tido relações sexuais nessa noite e se ela usou essa oportunidade para culpar o teu tio Alex.

– Uau! Não foi politicamente muito correcto da parte dela, pois não? – Sara ficou em silêncio por uns momentos. – E agora, Mister Lang celebra essa noite todos os anos.

– As pessoas têm diversos comportamentos estranhos na privacidade das suas casas – disse Mike, com um encolher de ombros. – Mas ainda que as coisas tenham acontecido da maneira como a minha avó as descreveu, duvido de que o Lang veja aquilo como violação. Não te esqueças de que a minha avó se encontrava apenas semiconsciente e o *kilt* fez com que pensasse que fosse o homem que acreditava amar. Tenho sérias dúvidas de que tivesse oposto muita resistência.

– Se ela se mostrou receptiva, é possível que Mister Lang não se tenha apercebido de que ela pensava que se tratava de outro homem.

Durante algum tempo, Mike ficou em silêncio, a pensar em todo o ódio e cólera que haviam transparecido da sua avó – sentimentos dirigidos às pessoas que nada tinham feito para os suscitar.

– Sabes o que a minha avó tentou que a Polícia fizesse? Obrigar o Alex McDowell a casar-se com ela. Até contou ao reverendo e aos membros da igreja o sucedido, numa tentativa de os convencer a forçar o casamento.

– Pobre tio Alex. Não admira que ele fosse um homem com um feitio tão irascível. Ninguém conseguia compreender como é que a doce tia Lissie decidiu casar-se com ele.

– Mas Miss Edi sabia – retorquiu Mike. – Era por isso que a minha avó a detestava tanto. A família da Lissie preparava-se para a casar com um jovem aspirante a político, mas Miss Edi entrou em acção e arranjou maneira de os jovens apaixonados fugirem.

– Não sou capaz de imaginar alguém menos adequado para campanhas eleitorais do que a

minha tia Lissie.

– Tu és como ela – disse Mike. – Detestarias ter de lidar com estranhos.

– Não é verdade. Eu *gosto* de conhecer pessoas. Eu... – Sara viu o olhar de Mike. – De acordo, gosto mais da família. Portanto, Miss Edi salvou o Alex de ir para a cadeia e deu-lhe a lindíssima Lissie para esposa? Imagino que tenha sido por isso que ele sentia tanta gratidão por Miss Edi depois de ela se ter aposentado.

– Calculo que sim. A Tess levou vários anos a esquadriñar tudo e mais alguma coisa para conseguir as informações que pretendia. Mas com base no que ouvi, o Alex e a Lissie estavam bem um para o outro. O Alex era um homem pobre de boas famílias, enquanto a família da Lissie eram novos-ricos e tinham raízes rurais.

– Isso explica muita coisa – redarguiu Sara. – Sempre que me interroguei a respeito deles, porque a tia Lissie tinha umas maneiras irrepreensíveis, enquanto o tio Alex arrotava à mesa.

– O direito dos reis – disse Mike.

Sara ficou a pensar em tudo o que ele lhe dissera.

– A tua avó estava cheia de ódio por acreditar que tinha sido violada pelo tio Alex, que não foi punido de maneira nenhuma.

– A minha avó odiava as pessoas de Edilean por não a terem ajudado na sua tentativa de o obrigar a casar-se com ela.

– Achas que as pessoas sabiam que Miss Edi mentiu quando proporcionou um álibi ao Alex? – perguntou Sara.

– Tu cresceste na vila, o que te parece?

– Elas sabiam – replicou Sara. – Mas também devem ter sabido que o Alex seria incapaz de atacar uma mulher. Além disso, Miss Edi certamente acreditava nele.

Sara sentia-se assombrada perante os muitos segredos que os residentes de Edilean haviam guardado ao longo de tantos anos.

– Sim, acreditava – concordou Mike. – Mas a fuga que ela lhes propiciou encolerizou muita gente. A família de Lissie deserdou-a, mas foi ela quem se ficou a rir deles. Depois de o Alex ter enriquecido, foi ele quem sustentou os pais da Lissie quando já eram idosos. – Mike olhou para Sara. – E até hoje ninguém sabia quem violou a minha avó. – Deu uma palmadinha no ombro de Sara. – Bom trabalho de detective.

– Sou tão boa nisto que penso que devias deixar que fosse *eu* a lidar com o Greg enquanto tu vais passar a próxima semana numa cabana nas montanhas do Montana.

Mike riu-se.

– Sabes, não sabes, que tudo isto, por muito interessante que seja, não tem nada que ver com o caso Vandlo?

– Pergunto-me se essa terá sido a única relação sexual que Mister Lang teve em toda a sua vida. Nunca ouvi sequer um rumor de que ele tenha tido alguma namorada. – Fitou Mike com um olhar penetrante. – Se eles não usaram nenhum contraceptivo... – Os olhos de Sara arregalaram-se. – Mister Lang é o teu avô?

– Não! A minha mãe nasceu cinco anos depois dessa noite. – Mike abanou a cabeça. – A minha avó costumava dizer-nos que foi a cambalear até à quinta depois de ter sido violada. O Lang telefonou para a Polícia, fez-lhe um chá e serviu-lhe uns biscoitos.

Sara olhou para a estrada que se estendia diante deles pensando no que Mike lhe tinha dito.

Quando chegasse a Edilean, teria de contar tudo a Joce, para que esta pudesse incluir esses factos na biografia da avó, Edilean Harcourt, ou seja, Miss Edi.

– Fome? – perguntou-lhe Mike. – Acho que devíamos parar para comer qualquer coisa, e depois temos de falar acerca da *tua* vida.

Sara soltou um gemido.

– Foi por isso que quiseste que eu fizesse a viagem contigo, não é verdade?

– Sara, não imaginas o quanto me estás a magoar – disse ele, com tanto sentimento que, por breves instantes, ela acreditou nele. Deu-lhe um soco no ombro.

– Ai! Esta manhã pus músculo a mais em ti.

– Tu é que devias contar-me mais acerca da *tua* vida.

– Ninguém anda a tentar casar-se comigo para obter algo que eu possuo e não sei.

– Isso é tão arrevesado que quase faz sentido – retorquiu Sara, sorrindo.

– Portanto, começa a falar.

– Primeiro, comida.

– Que género e onde queres que seja servida? – perguntou Mike, com a expressão de lascívia de um velho, fazendo-a rir.

Mais tarde, pouco depois das sete, enquanto Mike conduzia, Sara enviou uma mensagem de texto a Joce para lhe dizer que chegariam tarde. Não queria que o barulho os perturbasse, apanhando-os de surpresa.

Joce respondeu-lhe com uma mensagem que Sara teve de ler duas vezes para a compreender. Olhou para Mike com uns olhos muito abertos.

– O que se passa?

– Não me disseste que a tua avó tinha uma irmã mais nova.

– É a primeira vez que ouço falar nisso.

– Ela nunca mencionou esse assunto? – perguntou Sara.

– Nunca ninguém me disse nada acerca de uma... o que é que ela me seria? Tia-avó? Ou avó-tia?

Sara ligou a Joce para lhe fazer algumas perguntas.

– A Joce diz que com respeito a tias e a tios é sempre tia-avó ou tia-bisavó, tio-avô ou tio-bisavô. – Enquanto continuava a ouvir o que Joce lhe dizia, Sara olhava para Mike, ao mesmo tempo e abanava a cabeça. Depois de ter desligado, acrescentou: – Não vais acreditar nisto. A Joce descobriu que depois de a tua avó ter deixado Edilean, a irmã mais nova, que continuou a viver na vila, casou-se.

– Tenho medo de perguntar com quem é que ela se casou. Não somos primos em primeiro grau, pois não?

– Nãoooo... – replicou Sara, mantendo-o suspenso das suas palavras. – Ela casou-se... prepara-te... com um Frazier.

– Queres dizer que esses gigantes são meus parentes?

– Primos em segundo grau.

– Agora *estou* ligado a Edilean por laços de parentesco – disse Mike, num gemido.

– Agora és um dos nossos – adiantou Sara, num tom de voz cheio de animação. – A tua tia-avó teve um menino que veio a ser o pai da Ariel. Logo depois de ela ter dado à luz, fugiu para Los Angeles, para tentar ser uma estrela de cinema. O marido divorciou-se e voltou a casar-se seis

meses depois. A segunda mulher é a que os Frazier consideram sua avó.

– E o que aconteceu à minha tia-avó?

– A Joce diz que ela morreu em Los Angeles, mas não sabe exactamente onde nem quando.

Mike sentia alguma dificuldade em assimilar aquela informação, mas tinha noção de que estava a ser observado por Sara. Pensava que, possivelmente, Tess teria conhecimento daquilo, mas que optara por não lhe dizer nada. Sem dúvida, pensaria que a hipótese de ter parentes em Edilean afastaria Mike da vila para sempre.

– Calculo que isso signifique que a Ariel e eu não podemos casar-nos.

– Acontece que tu já és casado. – Da voz de Sara não transparecia o mínimo humor.

– É isso mesmo – anuiu Mike, sorrindo. – Tens a certeza de que tu e eu não temos nenhum laço de parentesco? Talvez primos em sétimo grau?

– A Joce diz que não. O Luke e eu somos parentes muito afastados dos Frazier, através da linha masculina. Quanto a ti, o grau de parentesco é pelo lado feminino.

– Ah, sim, as mulheres. O que me lembra algo. Tira o meu casaco do banco de trás e procura dentro da algibeira.

Sara estendeu a mão para trás e pegou no casaco dele, apalpando o interior. Quando encontrou um pequeno volume quadrangular, deteve-se. Todas as mulheres sabiam o que aquilo era. Lentamente, tirou o pequeno embrulho, voltou a pôr o casaco no banco e depois deixou-se ficar com a caixinha na mão. Não abriu o pequeno estojo de veludo azul.

– Não queres ver o que tem dentro?

Sara abanou a cabeça. Um anel de noivado quase fazia com que o casamento deles parecesse genuíno. Mas sabia que era tudo a fingir. O casamento dela e de Mike fora uma artimanha para a salvar, e nunca tinham falado sobre o futuro. Assim que os Vandlo fossem apanhados – ou mesmo que conseguissem fugir à captura –, Mike voltaria para Fort Lauderdale e para o seu bonito apartamento. Dentro de alguns anos, quando se aposentasse, talvez regressasse a Edilean, mas, por agora...

– Ei! – disse Mike, afectuosamente. – Estás bem? Pensei que um anel te faria feliz. Um diamante fará com que o Vandlo acredite que nos casámos realmente.

– Sim, com certeza – retrucou Sara, com uma expressão de alheamento. – Isso faz sentido.

– Importas-te de me dizer o que se passa?

– Nada. É tudo muito lógico.

Sara abriu a caixinha e ficou boquiaberta. Não era apenas um anel de uma qualquer joalharia. Era uma das criações de Kim, um anel sem igual, único em todo o mundo.

– Não gostas?

– É... Quando...?

– No domingo, quando estive em casa dos teus pais a planear o casamento. Informei-me junto da tua mãe sobre a Kim e as jóias que ela cria. Já tinha ouvido a Kim dizer algumas coisas simpáticas a teu respeito, o que me levou a pensar que vocês duas eram amigas.

– E somos – confirmou Sara em voz baixa, erguendo o anel contra a luminosidade do dia, agora menos intensa. Mike acendeu a luz do interior da viatura. O anel era requintado, com um enorme diamante branco no centro e ladeado por dois diamantes mais pequenos em forma de péra. O engaste, muito original, fazia com que as pedras mais pequenas girassem à volta da maior.

– A tua mãe mostrou-me o *site* da Kim na Internet e escolhi este, mas tinha de ser da tua medida. Chegou ao escritório esta manhã. Se não gostares, posso devolvê-lo.

– Não! – disse Sara quase a gritar. – Quero dizer... sim, gosto muito dele, mesmo muito. As criações da Kim são maravilhosas, lindíssimas. São jóias... – Mantinha o anel firmemente fechado na mão.

Sara começou a enfiá-lo no dedo, mas parou e entregou-o a Mike.

Sorrindo e a manobrar o volante apenas com uma mão, ele enfiou o anel no dedo de Sara.

Quando viu que ela não tirava os olhos do anel, sentiu-se satisfeito. Voltou a concentrar-se na estrada à sua frente.

– Achas que devia mudar o meu apelido para Frazier?

– Acho que não podes continuar a ser um snobe em relação a Edilean. A Ariel diz que os Frazier são descendentes da realeza inglesa.

– Sabes uma coisa? Sempre pensei que talvez pertencesse a uma família nobre. – Quando ela não fez qualquer comentário, Mike olhou para ela. Continuava a olhar fixamente para o anel. – Parece-te que a partir de agora devias fazer-me vénias?

– Não, mas estava a pensar em beijar algumas das partes do teu corpo real.

– Gosto da maneira como a tua mente funciona – retorquiu Mike, sorrindo-lhe.

– NÃO QUERO IR – disse Mike, que parecia uma criança amuada. – Pegas nos cães e vais entregar-lhos. Encontro-me contigo mais tarde no Campo Nate. A propósito, a Joce conseguiu descobrir porque é que tem esse nome? Vocês têm alguns antepassados de nome Nathaniel?

Sara tinha as mãos nas ancas, numa atitude de desafio. Na noite anterior tinham chegado a Edilean horas mais tarde do que Mike previra porque ela não o deixara fazer a viagem à velocidade que ele queria. Sem combinarem, foram para o apartamento de Sara, e não para o de Tess. Mas quando Mike tentou abrir a porta, não conseguiu.

– Mas que diabo trancou esta porta? – resmungou ele.

Sara mostrou-lhe como puxar a porta, dando-lhe um jeito para cima para que abrisse.

– Precisa de ser aplainada – disse ele, levando a bagagem dos dois para dentro.

Ambos se sentiam tão exaustos que se despiram e caíram na cama. Acordaram às cinco horas e deram consigo nus; segundos depois já estavam a fazer amor.

Mike saiu de casa às seis horas para ir ao ginásio, mas deixou que Sara continuasse a dormir. Quando voltou, às oito, Sara já tinha feito panquecas e salada de frutas. Fora acordada pelo barulho de cães a ladrar; olhou pela janela e viu um par de cachorrinhos muito engraçados atados a uma árvore. Sabia que eram os cães que iam oferecer a Mr. Lang.

Ainda tentou voltar a adormecer, mas o facto de saber que teria de falar com Mr. Lang – cara a cara, sem poder esconder-se – quase a punha doente.

A única maneira de conseguir ultrapassar esse receio era lembrando-se de que Mike estaria junto de si. Mike não tinha medo de nada. Era um homem que enfrentava uma saraivada de balas sem receio e estaria ao seu lado para a proteger.

Mas à menção de ter de ir à Quinta Merlin para dar os cães a Mr. Lang, Mike recusou-se terminantemente.

– Mas o que queres dizer com isso? – perguntou-lhe Sara.

– Não posso ir. Estou muito ocupado. Tenho de tratar de assuntos relacionados com o caso. Não vejo por que não possas ir sozinha.

– Sim, tens assuntos a tratar relacionados com o caso. Tens de *me* proteger. Ou já te esqueceste? Há alguns dias, a minha segurança era tão importante que fizeste o supremo sacrifício de te casares comigo.

– Ora, até que não tem sido assim tão mau – disse Mike, olhando-a, enquanto movia as sobrancelhas para cima e para baixo.

– Assim tão mau? – repetiu ela, em voz baixa. – Tenho feito tudo e mais alguma coisa para te satisfazer desde que disse « aceito ». Como pensas que a tua roupa suja é lavada? Quem limpa a lâmina dessa máquina que usas para manter o cabelo curto? Quem é que arruma a tua roupa?

– Talvez devesses contratar...

– Vais comigo – disse ela. – *Eu* é que tenho medo desse velho odioso e, alegadamente, *tu* tens obrigação de *me* proteger.

Mike mantinha-se de cabeça baixa a olhar para as panquecas.

– Sim, proteger-te de balas, mas não de...

Sara sentou-se diante dele.

– O que se passa que eu não sei? Não tiveste medo de Mister Lang nas outras ocasiões em que falámos em ir ter com ele.

– Humm, hã, humm avô – disse Mike.

Ela fitou-o por uns momentos, após o que pegou no *BlackBerry*.

– Vou telefonar à Tess para lhe perguntar.

Mike soergueu o olhar e soltou um prolongado suspiro.

– A Tess não há-de saber nada porque isto é por tua culpa.

– O que é por minha culpa? – perguntou Sara, parando de ligar o número.

– Eu não te disse que a minha avó se correspondia com o Lang. Não com muita frequência, mas uma ou duas vezes por ano regularmente.

– E então?

– Ela adorava que a comiserassem, assim, disse-lhe que tinha tido uma criança fruto da violação.

– Mas ela não teve bebé nenhum, pois não?

– Não. Mas agora que sei que ela tinha uma irmã mais nova de que nunca falou, talvez tenha tido. Vou encarregar alguém de averiguar esse assunto. – Mike pegou no telefone, mas ao ver o olhar de Sara, pousou-o de imediato e ficou a olhar para ela.

Ela não fazia a mais pequena ideia quanto ao que ele lhe estaria a querer dizer, mas, decorridos alguns momentos, começou a compreender. Aquilo era outra pequena informação de que Mike não lhe dera conhecimento.

– Se Mister Lang teve uma relação sexual com a tua avó, então, pensará que *tu* és neto dele.

Mike voltou a concentrar-se nas suas panquecas.

– Isso é bastante engraçado, não achas? – comentou ela.

– Talvez seja para ti, mas não para mim.

– Quem diria – retorquiu Sara, mal conseguindo reprimir o riso. – Quando chegaste a esta vila, a única pessoa da tua família era a tua irmã, mas agora olha para ti. És dono de uma propriedade, tens mulher e primos. Então porque não acrescentar um avô?

– Não percebo onde é que está a graça em tudo isto.

No fim, Sara ganhou. Mike sugeriu que fosse Luke a entregar os cães, no entanto, Sara chamou a atenção para o facto de serem necessários os conhecimentos e experiência profissional de Mike para fazer as perguntas apropriadas a Mr. Lang.

– Perguntas acerca de quê? – questionou ele numa voz que mais parecia um rosnar.

– Acerca da razão por que Mister Lang tem vivido num perpétuo estado de guerra – disse Sara.

– Ou já te esqueceste disso?

– Não me esqueci de nada, a despeito da minha idade avançada, que não te cansas de me lembrar.

– Muito bem, vou sozinha – disse Sara, ignorando o comentário dele.

Mike olhou para ela com o assomo de um sorriso.

– Mas já experimentei a casota desmontável, e ela não cabe no meu carro nem no da Joce, portanto, vou ter de usar o teu. Tenciono levá-lo com a porta do porta-bagagens levantada. Não há problema, pois não? – perguntou Sara, olhando para ele e pestanejando inocentemente.

– O jipe do Luke – sugeriu Mike entre dentes.

– Está na oficina.

– Ainda me lembro de quando costumava controlar tudo – disse Mike, pegando nas chaves do automóvel.

Quando chegaram à Quinta Merlin e viram a camioneta a cair de podre de Mr. Lang, Sara encheu-se de coragem. Quando Mike desligou a ignição, sentiu-se tentada a dizer que não conseguia levar aquilo por diante – mas ele não lhe deu oportunidade para tal.

– Espero por ti aqui – disse Mike.

– Não, nem pensar.

No banco de trás, os cães começaram a ganir, mas Mike virou-se e lançou-lhes um olhar que os fez sentar.

Ouviram o bater de uma porta e Mr. Lang apareceu com uma espingarda de caça nas mãos, mas quando viu o automóvel de Mike, baixou a arma. A cara redonda contorceu-se numa expressão que podia ser interpretada como um sorriso.

– Tencionas tratá-lo por avô? – perguntou Sara.

– Espera pela próxima vez que te apanhar no ginásio – retorquiu Mike, saindo do carro.

– És o neto da Prudie – disse Mr. Lang, numa voz áspera.

– Sim, sou – murmurou Mike, abrindo a porta do banco de trás da viatura. Com cuidado, tirou a enorme casota dos cães; não queria estragar o couro do banco.

Entretanto, Sara contornara o automóvel para se colocar ao lado dele, mas a cara envelhecida de Mr. Lang quando viu os cães quase fez com que ela lhe perdoasse tudo. Tentou esquecer-se do medo que sentira quando era criança – também queria esquecer-se das retaliações de que as pessoas que o encolerizavam eram alvo.

Mike abriu a casota, prendeu as trelas e libertou os cães. Eram novos, cheios de energia e só queriam correr.

– Estes são o *Barão* e a *Baronesa* – disse Mike –, e não são irmãos, pelo que os filhos serão animais saudáveis. Estão vacinados e têm *microchips* no pescoço que atestam que lhe pertencem.

Mr. Lang baixou-se, esforçando os joelhos envelhecidos e pondo os braços à volta dos dois cães.

– Obrigado – agradeceu.

Sara olhava-o com uma expressão de simpatia no rosto. Todas as pessoas da vila faziam tudo e mais alguma coisa para se manterem afastadas do velho de carácter vingativo; Sara nunca se detivera a pensar na solidão em que ele devia viver.

– O que aconteceu aos seus outros cães? – perguntou ela, impulsivamente.

Assim que disse aquilo, esperava que Mike lhe lançasse um olhar com que lhe diria que estivesse calada, mas ele nem sequer se virou para ela. Continuava a pegar nas trelas dos cães e concentrava toda a sua atenção em Brewster Lang.

Mr. Lang ergueu a cabeça e olhou para Sara; a felicidade que se espelhara no seu rosto foi substituída por uma expressão escarninha.

Mike interpôs-se entre ela e o idoso.

– Ela é minha mulher e o senhor vai tratá-la com respeito. O nome dela é Mistress Newland – disse Mike, num tom de voz baixa.

– Esposa? Casaste com uma...

– Sei o que fez, portanto, pode deixar-se de fingir ódio pelo McDowell.

Sara espreitou pelo flanco de Mike para ver a cara de Mr. Lang. Nela via-se confusão, choque

e temor para, por fim, mostrar deleite.

– Sabes? – perguntou ele tão baixo que mal o ouviram. – Sabes que a tua avó e eu éramos... estávamos apaixonados? E que tu és...?

Ao que tudo indicava, Mike tinha razão e Mr. Lang recordava o que acontecera nessa noite como uma história de amor.

– Existem coisas que não devem ser ditas em voz alta – atalhou Mike, interrompendo-o. – Sou polícia e estaria obrigado, por dever profissional, a participar o que ouço.

Sara sabia que o período de prescrição pelo crime de violação era de cerca de sete anos, mas, pela expressão de medo que se reflectiu no rosto de Mr. Lang, deduziu que ele não tinha conhecimento desse pormenor. Agora que pensava naquilo, lembrou-se de que não vira nenhum televisor na casa e duvidava muito que ele tivesse Internet. Ao que tudo indicava, o homem não devia manter muito contacto com o mundo exterior.

Mr. Lang pôs-se de pé e acenou com a cabeça. Os cães encontravam-se aos seus pés e parecia que já sabiam quem era o dono.

– Tenho algumas perguntas a fazer-lhe – disse Mike, passando-lhe as trelas e pegando na espingarda de caça caída no piso de gravilha.

Mr. Lang pegou nas trelas dos dois cães, enrolou-as nas mãos e encaminhou-se para a casa da quinta. Como chefe, era ele que seguia à frente, e não os cães.

Quando chegaram à casa, Mr. Lang abriu a porta para que Mike entrasse, mas este deixou-se ficar onde estava, fitando-o com um olhar de fúria. Relutantemente, o idoso recuou, dando passagem a Sara em primeiro lugar, depois Mike e ele ficou no lado de fora a prender os cães.

Sara e Mike foram para a sala de estar, sentando-se no sofá, bastante velho.

– Esqueceste-te de me dizer sobre o que eu não devia falar – sussurrou-lhe ela.

– Podes dizer o que quiseses. O velho preferia morrer a dar qualquer informação. Ele não divulgará a notícia de que estamos casados.

Minutos depois, Mr. Lang entrou na sala trazendo uma tabuleiro com chávenas e pires condizentes, um bule e biscoitos servidos num prato. Os olhos de Sara arregalaram-se quando reconheceu o padrão do serviço de chá de porcelana, igual ao que vira num museu. Ele serviu o chá no que só podia ser uma chávena com cem anos, tão delicada como as asas de uma borboleta, estendendo-o a Mike.

Este acenou com a cabeça em direcção a Sara e, com uma careta – uma melhoria com relação à expressão escarninha –, Lang deu a chávena a Sara.

– É de jasmim? – perguntou ela, depois de beber um pequeno gole.

Mr. Lang respondeu-lhe com um encolher de ombros. Só tinha olhos para Mike, e os olhos enormes pareciam prestes a derreter-se.

– A minha mulher fez-lhe uma pergunta.

– Sim, é de jasmim. Sou eu que o planto.

– A minha mãe gostaria de poder vender isto. Nunca provei um chá melhor do que este.

– Ela até me venderia se pudesse – resmungou Mr. Lang. – A tua mãe transforma tudo em dinheiro.

Quando Mike fez menção de falar, Sara deu-lhe uma pequena cotovelada ao de leve.

– Realmente, isso é verdade. Calculo, Mister Lang, que seja por essa razão que o senhor e eu somos duas das pessoas mais pobres da vila.

Ele olhou para Sara, com o rosto inexpressivo.

- Ganharás dinheiro com essa tua loja.
- Não se o Greg apanhar o que merece – retorquiu Sara, servindo-se de um biscoito. Tinha umas rasas escuras.

- Se esses biscoitos estiverem cheios de marijuana... – disse Mike –, eu vou...
- São de alfazema! – adiantou Sara. – Sinto o sabor e o cheiro. Se a minha mãe soubesse que faz estes biscoitos...

- Não tardaria a vir cá para que eu lhe desse a receita – concluiu Lang, fitando-a com olhos irados.

- Não se preocupe. Eu não lhe digo. Sabia que o Mike agora é o proprietário da quinta?

Os olhos de Mike percorriam a sala com um olhar de carpinteiro. A primeira coisa que seria necessário fazer era inspeccionar a madeira para ver se tinha caruncho e térmitas, mas talvez Ramsey já tivesse tratado disso. Todas as madeiras que precisassem de ser substituídas teriam de vir de uma empresa de salvados arquitecturais. E onde iriam pôr um televisor naquela sala? A lareira estava descentrada, com um armário embutido ao lado. Seria possível fazer a instalação para a televisão por cabo e para a aparelhagem?

- O quê? – perguntou Mike quando sentiu que o olhar de Sara estava preso em si.
- Estava a dizer a Mister Lang que agora és o proprietário desta quinta.

O rosto do idoso mostrava a sua perplexidade.

- Vais viver aqui? Comigo? – perguntou, e pareceu que tinha visto o Paraíso na Terra.
- Não. Ainda me faltam alguns anos para poder aposentar-me, e até lá vou continuar a viver no Sul da Florida. Diga-me tudo o que sabe sobre o Greg Anders, e não omita uma única palavra.
- Ele é um homem muito malévolo – afirmou Lang, olhando para Sara e depois para Mike. – O Anders gosta de mulheres.

- Sabemos tudo isso.

Mike falava com brusquidão e apressadamente, e Sara deduziu que seria a maneira como ele falava habitualmente com os criminosos. Mas Mr. Lang não parecia incomodado. Olhava para Mike com admiração... e Sara teve a certeza de que o velho pensava que estava a olhar para o neto.

- Diga-nos o que não sabemos. Porquê tantas armadilhas?
- Como sabes que instalo armadilhas? – perguntou Mr. Lang, pestanejando de surpresa.
- Por pouco não fui atingido por dois dos seus dardos e aquele arnês que atou no palheiro só por um triz é que não caiu em cima da minha mulher – replicou Mike, com cara de poucos amigos.

A boca pequena e redonda de Mr. Lang ficou aberta, de espanto.

- Tu és como eu. Eu vou a muitos lugares e ninguém descobre que estive lá.
- Não sou absolutamente nada como o senhor. Mas o que pretendo saber é por que motivo o Greg Anders quer a Quinta Merlin. – Os olhos do idoso brilharam, uma centelha que teve a duração de uma fracção de segundos, mas que não passou despercebida a Mike. O velho estava a esconder-lhe alguma coisa. – O que viu enquanto andou por aí a espiar?

Lang inclinou-se para Mike, por cima de tabuleiro em que servira o chá, e sussurrou – como se Sara, a escassos trinta centímetros de distância, não pudesse ouvi-lo.

- Quando ele está com mulheres, ele rouba-as, mas elas não se apercebem.
- E como consegue ele fazer isso?

– Ele revista as malas delas e os carros – respondeu Lang, suspirando. – Nenhuma delas vive em Edilean; portanto, não sei o que faz em casa delas.

– Mas qualquer mulher daria pela falta de alguma coisa na mala, e ninguém nos disse nada a esse respeito na loja – disse Sara.

– O Vandlo só queria informações, e não objectos – adiantou Mike, falando por cima do ombro. – Ele apercebeu-se alguma vez de que estava a ser observado por si?

– Não sou tão bom como costumava – respondeu Lang, de cenho franzido. – Não consigo mexer-me com tanta agilidade.

– Portanto, você andava a espiá-lo e viu-o a revistar os pertences das mulheres e ele apanhou-o em flagrante. E depois, o que aconteceu?

A boca pequena de Lang contraiu-se.

– Ele veio cá e ameaçou que mataria os meus cães se eu dissesse alguma coisa. Eu prometi-lhe que nunca dizia nada a ninguém.

– Isso é verdade – adiantou Sara. – O senhor tem uma capacidade extraordinária para guardar segredos.

Lang olhou para ela como se tentasse decidir se ela estaria a elogiá-lo ou a ser sarcástica.

– Tem mais destes biscoitos? – perguntou Sara, sorrindo-lhe.

Lang fitou-a demoradamente, como se estivesse a tentar decifrá-la.

– Tenho alguns com capuchinhas.

– Eu não gosto... – começou Mike a dizer, mas Sara pôs-lhe a mão no braço.

– Capuchinhas? Flores ou vagens?

– Flores, claro. – Ele não parecia ter em grande conta as capacidades de jardinagem dela. – Eu ponho as vagens em conserva.

– Não fez nenhuma, pois não?

Mr. Lang levantou-se e foi à cozinha.

– Conseguiu livrar-te dele – disse Mike. – Então o que queres dizer-me?

– Olhaste com olhos de *ver* para o serviço de chá? No mínimo, é do século dezoito. E estas receitas antigas. Esquadrinhámos tudo o que havia nesta casa, mas não vi esta louça, tu viste?

– És uma *boa* detective – replicou Mike, sorrindo e dando-lhe um beijo na face. – Afinal de contas, talvez haja alguma coisa aqui. Vou dizer ao Vandlo que sou proprietário da quinta. É outra coisa em que ele terá de se bater comigo para conseguir obter. – Enquanto dizia isto, pegou na mão de Sara, num gesto para a tranquilizar.

– Mike! – exclamou ela, exasperada. – Não foi aí que quis chegar. Pensei que tu e eu, juntos, podíamos procurar e...

– Chiu. Ele vem aí.

Lang sentou-se. Trazia uma caixa vermelha de metal que Sara reconheceu por a ter visto em revistas. Era uma caixa de rebuçados da década de 1920 em muito bom estado, um objecto valioso para um coleccionador. Continha biscoitos frescos com bonitos nastúrcios que haviam sido aplicados quando ainda estavam mornos.

Sara serviu-se de um, mas Mike não quis. Deu uma dentada. Eram deliciosos.

– Se vender estes biscoitos na banca do Luke na feira, posso garantir-lhe um lucro de cem por cento do dinheiro que investir.

– Sem renda e sem comissão?

– Nada – confirmou Sara. – De facto, se quiser servir-se da nova cozinha da mulher do Luke para os fazer, a Joce poderá ajudá-lo.

– Não achas que devias perguntar-lhe primeiro? – perguntou Mike.

– Ela anda tão entediada que até trabalharia com o diabo – respondeu Sara, encolhendo os ombros. – Peço desculpa, Mister Lang, não foi minha intenção ofendê-lo.

O idoso e Mike fitavam-na com expressões semelhantes de consternação.

– Então... hum, de volta ao assunto do Greg – disse Sara, recostando-se no sofá velho e com dois biscoitos nas mãos. Ela tinha um motivo ulterior para despachar Mr. Lang para casa de Joce. Se ele estivesse na feira, então queria-o junto de Joce. Mike dissera que não havia perigo nenhum para Joce, apesar de ela ir ter nas mãos as cartas de tarô, mas Sara não se sentia assim tão segura. Além disso, Mr. Lang tinha mais experiência a espiar do que todos os sofisticados agentes federais de Mike juntos.

Deu outra dentada no biscoito.

– Oh, espere aí! Usou estêvia?

– Sou eu quem a planta.

– Os sonhos eróticos da minha mãe tornaram-se realidade – disse Sara, acenando com a cabeça. – Muito bem, acabei.

Rolando os olhos, Mike voltou a concentrar-se em Mr. Lang.

– Alguma vez viu o Anders com uma mulher mais velha, com cinquenta e poucos anos? Ela tem um nariz grande.

Lang sorriu como um garoto matreiro que não andasse a fazer das boas.

– Vi-o com duas ao mesmo tempo. Uma velha e outra nova. Juntas. – Olhou para Sara, mas esta, propositadamente, manteve os olhos no biscoito.

– Olhe para mim – ordenou Mike – e não para a minha mulher. Está a dizer que o Anders matou os seus cães só para o impedir de contar o que sabe?

Quando Mr. Lang não disse nada, Sara tomou a palavra.

– Não quero intrometer-me, mas eu diria que os cães foram a maneira de Greg o castigar porque o senhor contou ao xerife, não é verdade?

Lang fixou o olhar nas mãos.

Mike recostou-se no sofá, exasperado.

– Estás a dizer que existe um *xerife* nesta vila tão pequena? E o senhor falou-lhe dos roubos do Anders?

Lang encolheu os ombros, mas não soergueu o olhar.

– Porque é que eu não fui informado da existência de uma força policial nesta pequena vila? – perguntou Mike, dirigindo-se a Sara. – Calculei que Edilean estava sob a jurisdição de Williamsburg.

– E está, mais ou menos, e também temos o xerife do condado – explicou Sara –, mas temos uma espécie de zeladores da lei. Não são remunerados, por isso, as pessoas de fora não consideram que sejam uma verdadeira força policial.

Mike aguardou, mas nem Lang nem Sara acrescentaram mais explicações.

– Podem dizer-me *quem* chefia essa «espécie de» força policial?

– Adivinha – disse Sara, sorrindo.

– Sara, eu não... – Mike suspirou. – Os meus primos, os Frazier.

– És um homem tão perspicaz!

Mike passou a mão pela face e depois olhou para Lang.

– Você disse ao... ao xerife honorário que o Anders andava a dormir com metade das mulheres do condado, a maior parte delas casadas, e que lhes extorque informações. Ele também andava a fazer chantagem com eles?

– Não sei – respondeu Lang, dando de ombros. – E roubar não é coisa que se faça.

– Tão-pouco espionar as pessoas – ripostou Mike, com rispidez, mas acalmou-se de imediato. – Deduzo que o xerife tenha falado com o Anders e, mais tarde, os seus cães foram...

– Envenenados – concluiu Mr. Lang.

– Mas isso não foi o fim do assunto – continuou Mike –, porque, posteriormente, o senhor instalou uma série de armadilhas por toda a quinta. Se as tivesse posto antes, os seus cães não teriam morrido.

– Penso que ele fez isso deliberadamente – retorquiu Mr. Lang, em voz baixa.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Mike.

– Acredito que o Anders queria que eu o visse, queria que eu fosse falar com um dos Frazier. Ele *queria* matar os meus cães. – A garganta do idoso estava embargada.

– Isso significa que o alvo verdadeiro era *você* – adiantou Mike. – É bem conhecido por saudar as visitas de caçadeira em punho; portanto, existe alguma coisa por *aqui* que o Anders pretenda?

Uma vez mais, a mesma centelha fugidia iluminou os olhos do idoso.

– O que está a esconder-me? – perguntou Mike rapidamente, mas Lang não lhe deu resposta.

– Algumas pratas do tempo da Guerra Civil? – perguntou Sara, quebrando o silêncio. – Mais peças deste tipo de porcelana?

– Não – respondeu Lang. – Em qualquer dos casos, não me pertence. Pertence ao... – olhou para Mike, com olhos cheios de amor – ao neto da Prudie.

– Tudo isto te torna ainda mais um alvo – disse Sara, em voz baixa, a Mike, num tom de apreensão. – Se aquilo que o Greg quer se encontra aqui, quando ele descobrir que és o proprietário desta quinta, ele... ele...

– Esplêndido! – retorquiu Mike. Levou a mão à algibeira da camisa, de onde tirou uma fotografia que entregou a Lang. Era um retrato de Mitzi Vandlo em adolescente, mas fora trabalhada tecnologicamente de modo a apresentar a passagem dos anos. – Viu esta mulher alguma vez?

– Não – replicou Lang, que mal olhou para a fotografia.

– Veja-a com mais atenção.

Relutantemente, Lang pegou na fotografia, examinou-a e voltou a entregá-la a Mike.

– Não.

– Tem a certeza?

– Tenho boa memória para caras. Nunca a vi na minha vida.

Mike guardou a fotografia.

– A feira realiza-se este fim-de-semana. Quero que bisbilhote, que espie as pessoas e que me conte tudo o que vir.

– Nesta vila há muita gente promíscua – disse Lang, afectadamente. – Passam a vida na cama uns dos outros.

– As coisas que você faz pela calada são igualmente censuráveis – disse Mike, vendo as horas

no relógio. – Quero que desmonte todas as armadilhas que instalou na quinta. Não quero que deixe nem uma única que seja. E queime a marijuana.

– Acho que seria melhor enterrá-la – sugeriu Sara –, senão ainda pode parecer como no filme *O Jardim da Alegria*. Não queremos que o Colin ande pela feira a dançar todo nu.

Mike fitou-a como se ela tivesse enlouquecido, mas o semblante de Mr. Lang quase parecia sorridente.

Sara não disse nada a esse respeito, mas sabia que ele vira o filme. Talvez não tivesse televisão, mas algures haveria um DVD. Perguntava-se se ele teria visto *Mad Men*. E, muito provavelmente, adoraria a série *Dexter*.

– Temos de ir andando – disse Mike, levantando-se e olhando para Lang, que continuava sentado. – Não se esqueça de que tem de me contar tudo.

Pôs a mão na região lombar de Sara, conduzindo-a até à porta. Lang saiu com eles, mas deteve-se junto dos cães. Sara achou que não devia ter visto Mike passar sub-repticiamente umas cinco notas de cem dólares a Mr. Lang, dizendo-lhe de novo que se livrasse das armadilhas.

Depois de Mike ter aberto a porta do carro para Sara entrar, foi ao porta-bagagens. No interior havia meia dúzia de sacos de vinte e cinco quilos com comida para cães.

– Eu guardava-os para si – disse a Lang, em voz alta –, mas não até as armadilhas desaparecerem. Faça isso hoje mesmo.

Sara viu que Mr. Lang fazia um acenar de aquiescência, depois Mike acelerou pelo caminho de acesso à casa da quinta.

– Não receaste minimamente visitá-lo, pois não?

– E porque haveria de recear?

Ela ficou a olhar para o perfil dele até que o viu sorrir.

– Sara, minha querida, já vi como adoras cuidar das pessoas, portanto, deixo que cuides de mim.

Por breves momentos, ela ficou sem saber o que dizer. Quando Mike afirmou repetidamente que não queria visitar Mr. Lang, procedera de uma maneira absolutamente convincente – mas mentira. De súbito, Sara apercebeu-se de como ele conseguira trabalhar infiltrado durante tantos anos.

– Conseguiu descobrir o que querias saber?

– Nem uma única palavra quanto a isso, mas ele fez-me pensar em determinadas coisas. Desde que o Vandro era miúdo que lhe ensinaram a ler as expressões faciais das pessoas. Tudo o que ele precisava de ver era a maneira como os teus olhos mostravam uma expressão sonhadora sempre que essa quinta quase a cair de podre era mencionada e, como é evidente, ele começou a dizer que a ia comprar para ti. Sabes, Sara, começo a pensar que talvez seja verdade que o Vandro quisesse a quinta só para te agradecer.

– Não – contradisse ela em voz baixa. – Isso significaria que ele me amava, mas a realidade é que nunca chegou perto de me amar.

– Um homem realmente estúpido – retrucou Mike, estendendo a mão para a dela.

Desta vez, ela soube que ele tentava iludi-la – para desviar os seus pensamentos de Mr. Lang. Conseguiu inteirar-se de muita coisa, mas não queria dizer-lhe do que se tratava.

– E que tal se comprássemos umas sandes a caminho de casa, para podermos comê-las da barriga um do outro antes de irmos para a feira?

– Acho que nunca ouvi uma sugestão melhor – retorquiu Sara, sorrindo.

Mas durante o percurso até casa, o telemóvel dele tocou, Mike disse umas quantas palavras e depois desligou.

– O Stefan Vandlo foi posto em liberdade.

DEPOIS DE TEREM comprado as sandes e regressado a Edilean Manor, onde Mike fez um jarro de chá verde – recusava-se a tomar bebidas com gás –, os pensamentos de ambos concentravam-se em assuntos que não barrigas. « É agora », pensou Sara. Era só uma questão de tempo até a « acção » começar. Durante os dias seguintes, ela e Mike teriam muito pouco tempo para estar sozinhos. Ele dissera-lhe que, pelo menos, doze agentes chegariam a Edilean para a feira. Todos trabalhariam como infiltrados, pelo que qualquer casal ou grupos de homens e mulheres a namoriscar podiam, na realidade, ser membros bem armados das forças policiais.

A notícia fizera com que a original refeição que haviam planeado fosse cancelada. Ambos comeram as mesmas sandes: carne branca e muitos legumes. Sara rejeitara a sua salada de atum, que estava submersa em maionese.

– Acho que devia rever alguns aspectos contigo – disse Mike, sentado à mesa defronte dela. Reiterou que quando estivessem na feira agiriam como um casal normal, andando durante a maior parte do tempo de mãos dadas, sempre na brincadeira e rindo-se juntos. A ideia era chocar as pessoas da vila, o que levaria a que comesçassem a falar. Era uma preparação para quando Stefan Vandro regressasse e Sara lhe dissesse – assim como às pessoas da vila – que ela e Mike se tinham casado.

Quando Mike se apercebeu de que o que estava a dizer a Sara a assustava, tentou entretê-la com uma história dos dossiês que lera. Dizia-se que quando o marido de Mitzi descobrira que fora enganado de modo a desposar uma mulher feia, não conseguira consumir o casamento. Apesar disso, a sua jovem mulher engravidou, e o marido, muito mais velho, era demasiado orgulhoso para dizer que nunca tocara na rapariga. Quando o rapaz nasceu e se disse que era parecido com um jovem carteirista atraente e muito eficiente, ninguém mencionou isso, mas, seis dias depois de o bebé ter nascido, o jovem foi encontrado morto. Só anos mais tarde, quando disse que tencionava deixar tudo o que tinha ao filho estúpido e cruel que tivera da primeira mulher, é que o marido de Mitzi foi encontrado ao fundo de umas escadas com buracos na cabeça.

Quando Mike acabou a sua narrativa, confirmou que se serviria dos jogos da feira para atrair as atenções sobre si próprio – o que fez com que Sara pensasse no que se passaria quando o caso estivesse resolvido.

Sara pensava que, quando levassem Greg e a mãe algemada, Mike ir-se-ia embora com eles e nunca mais voltaria a vê-lo.

Esforçou-se ao máximo por se acalmar. Não se podia dizer que ele lhe tivesse mentido. Desde o princípio que lhe dissera que se casava com ela por causa do caso e que, posteriormente, nada os impediria de se divorciarem. Além disso, desde o dia do casamento não lhe dissera que a amava. E também não...

– Sara?

– Desculpa, a minha mente andava a divagar.

– Queres mais chá?

Ela estendeu-lhe o copo vazio, que ele encheu.

Sabia que em breve tudo acabaria. Dali a alguns dias, seria como se nunca se tivessem conhecido. A relação turbulenta entre os dois chegaria ao fim e cada um retomaria a sua vida de

antigamente. Ela teve uma visão de si própria sozinha em casa, com uma centena de vestidos no colo. Talvez decidisse fazer alguns cursos de formação profissional e tentasse arranjar um emprego de conservadora em Williamsburg.

Olhou para Mike, sentado no lado oposto da mesa. Quando chegaram a casa, ele tinha despido a camisa branca limpa e descalçado as meias e os sapatos. Agora só vestia as calças pretas impecavelmente vinculadas e o cinto com uma pequena fivela dourada. Ela engomara-lhe as calças nessa manhã e havia escolhido o cinto quando ainda se encontravam em Fort Lauderdale. As patilhas dele estavam muito escuras e ela sabia que ele não se barbeara antes de terem ido falar com Mr. Lang porque estivera muito ocupado a fazer amor com ela. Quanto a Sara, tinha despido o vestido e usava a sua camisa de dormir predilecta, a azul.

Desejava estender a mão para lhe tocar, mas não o fez. Mike falava-lhe das câmaras de vídeo que haviam instalado na tenda da cartomante, mas ela percebeu que ele estava preocupado com qualquer coisa. Esperava que fosse por causa do caso, e não do que receava, que estivesse a pensar na maneira de se descartar dela sem grandes problemas quando lhe dissesse que ela fora apenas outra vítima que tivera de socorrer.

– Achas que consegues lembrar-te de tudo isso? – perguntou Mike.

Sara não prestara atenção, mas ele não dissera nada que ela não tivesse ouvido antes.

– Não dizer a ninguém que somos casados. Isso é para apanhar o Greg de surpresa quando eu falar com ele.

– E...?

– Ter a certeza de que me encontro com ele ao ar livre. Para conseguir o maior efeito possível, devo chocá-lo ao dizer-lhe que dias antes do nosso casamento fugi com outro homem.

Mike arqueou uma sobrancelha ao aperceber-se do tom de sarcasmo.

– Ouvi dizer que a mulher dele fez cirurgia plástica facial e que está com muito bom aspecto.

– Ainda bem para ela – retorquiu Sara, levantando a mesa.

– A tua mãe enviou-me uma mensagem de texto a mandar-me ir a casa dela amanhã logo de manhã para me vestir.

Sara estava junto do lava-louças, de costas para Mike.

– Vais vestir um *kilt*. Quase todos os homens de Edilean o usam, até o meu pai, que detesta esse tipo de vestuário. O Luke vai... – Antes de conseguir concluir a frase, ela começou a chorar.

De imediato, Mike abraçou-a. Sara encostou o rosto à pele cálida do ombro dele enquanto as lágrimas continuavam a correr-lhe pelas faces. Mike pegou-lhe ao colo e levou-a para o quarto. Deitou-a na cama e estendeu-se ao lado dela, mantendo-a nos seus braços.

– Não sei o que se passa comigo – disse Sara.

Mike deu-lhe um lenço de papel e afagou-lhe o cabelo.

– É normal que te sintas atemorizada. Quem me dera que não tivesses de fazer isto, mas precisamos de surpreender o Vandro, e és a única pessoa que pode fazer isso. A partir do momento em que lhe disseres que o plano dele fracassou, segui-lo-emos tão de perto que ele...

– Não é isso – contrapôs Sara, passando a mão pelo peito nu dele, os dedos nos pêlos escuros.

Voltariam a estar juntos como naquele momento? Quem iria forçá-la a ir ao ginásio? Quem a abraçaria quando chorasse? E a faria rir?

– Então, o que se passa? – perguntou-lhe Mike. – Podes dizer-me.

Mas ela não conseguia. O seu orgulho e receio de mais outra rejeição não lhe permitiam dizer

o que a perturbava.

Ficaram deitados em silêncio durante algum tempo. Sara sabia que deviam levantar-se para começarem a arranjar-se para a feira. Mike teria de vestir um *kilt*, e ela sabia que isso daria azo a muitas gargalhadas. Quanto a Sara, tinha alguns vestidos compridos ao estilo medieval que usara e, é claro, Luke teria guardado um dos seus diademas de flores silvestres para ela pôr nos cabelos. Era com expectativa que aguardava tudo aquilo, mas naquele momento não suportava a ideia de se separar de Mike.

Este levantou-lhe a mão esquerda e olhou para os anéis dela. Com o corpo encostado ao dele, Sara virou-se de costas. Sentia o tecido das calças encostado às pernas desnudadas. Uma vez mais pensou no fim do casamento.

– Ficam-te bem – disse ele.

– São os anéis mais bonitos em todo o mundo.

– Escolhi o anel de diamante tão à pressa que não sabia se estaria a optar pelo mais acertado.

– A minha mãe não te ajudou a escolher?

– Não. Ela manteve-se junto do computador a observar-me como uma ave de rapina. Acho que ninguém me pôe tão nervoso como a tua mãe.

– Acho o mesmo.

– Quando eu disse que queria *este* anel, ela deu-me um beijo na cara. Parece-me que lhe vi lágrimas nos olhos.

– Ela sabia que eu ia gostar do anel, foi por isso que ficou comovida. A Kim faz uns anéis modernos de que eu não gosto nada.

– Também vi esses, mas não consegui imaginar-te a usar qualquer deles. Os anéis são à tua medida? Não vais ter dificuldade em tirá-los?

Sara dobrou os dedos e pôs a mão debaixo da região lombar.

– Não tenciono tirá-los. Nunca. – Mike virou-se, para poder olhar para ela.

– Tens de os tirar. Se as pessoas de Edilean virem os anéis antes da chegada do Stefan, começarão a falar. E isso chegará aos ouvidos da Mitzi, que pode ligar ao filho para o avisar. Por muito que quiséssemos, não conseguimos pôr sob escuta os telemóveis descartáveis que eles usam.

– Acho que vais ter de arranjar maneira de impedir que os meus anéis se vejam, porque *não* tenciono tirá-los. – Sara disse isto no seu tom de voz mais veemente, dando a entender que, por muito persuasivo que ele fosse, não levaria a sua avante.

Mas Mike não protestou. Ao invés, deixou-se ficar deitado ao lado dela com um braço por baixo dos seus ombros.

– Eu, hum... queria falar contigo acerca de um assunto – disse por fim.

«Aqui está o que eu temia», pensou Sara, e o seu corpo ficou rígido.

– Assim que este caso estiver resolvido, o que significa que os Vandlo serão detidos, vou ter de regressar a Fort Lauderdale. Tenho outros três casos pendentes e preciso de os resolver. Na verdade, os Vandlo nunca foram um problema meu. Só me pediram que ajudasse a investigar o caso por ter uma irmã a viver aqui e... – interrompeu-se.

– E o quê? – perguntou Sara num sussurro.

– Fiquei furioso por terem incendiado o meu apartamento, mas isso acabou por ser pelo melhor, não achas? A casa que o capitão me arranjou é bastante boa, não é?

– É maravilhosa.

– Apesar de ser grande de mais – acrescentou ele.

– Bastante grande – concordou ela.

Mike ficou em silêncio por uns momentos, e ela quase deixou de respirar.

– Sara – disse ele por fim –, sei que a tua vida é aqui, nesta vila, e todos os teus amigos e familiares vivem aqui, mas...

– Também os teus.

– Os meus quê?

– Todos os teus familiares estão aqui. Além disso, tu e o Luke parecem dar-se muito bem. E acho que vais gostar do Ramsey.

– Sim – concordou ele –, mas não é a isso que me referia. Sou capaz de viver em qualquer lugar. Mas tu só viveste aqui, nesta pequena vila; por isso, seria pedir-te de mais que deixes Edilean.

Lentamente, Sara começava a perceber onde é que ele queria chegar.

– Pensas que eu não conseguiria afastar-me da minha mãe, que acredita que o seu dever é dizer-me como devo viver a minha vida? Que não seria capaz de viver longe de familiares bisbilhoteiros que têm pena de mim porque pensam que o homem com quem namorei durante quatro anos me abandonou? Afastar-me da piedade que sentem por mim por ter sido seduzida por um homem que ninguém suporta? É a tudo isto que te estás a referir? – Sara sentia que ele sorria.

– Era mesmo a isso que me referia. Sei que não nos conhecemos muito bem, mas só raramente discutimos e parece que estamos de acordo em relação à maior parte das coisas.

– Excepto no que toca à comida e ao direito de ficar refastelada três horas a ver televisão sem praticar um único tipo de exercício. E...

Quando Mike desatou a rir, Sara pousou a mão no estômago plano e duro dele. Sentia os contornos dos músculos. Mike deitou-se de lado e apoiou a cabeça na mão.

– Apesar disso, estamos de acordo a respeito dos aspectos fundamentais.

– Como, por exemplo, tu achares que eu devo fazer exactamente o que me dizes todos os minutos do dia? – perguntou ela, inocentemente.

– Estava a pensar em coisas importantes, por exemplo, música.

– Tu gostas de ópera e eu gosto de... – Sara teve de se calar porque ele a beijou e os braços dela rodearam-lhe o pescoço. Mike afastou-se um pouco para poder olhar para ela.

– Estás disposta a acompanhar-me quando eu regressar a Fort Lauderdale para ver se conseguimos fazer com que este casamento resulte?

– Sim – respondeu Sara. – Gostaria muito de fazer isso.

Mike beijou-a de novo, mas como nunca a beijara antes. Desde o primeiro momento existira uma grande paixão entre os dois. Tinham tido relações sexuais em todas as superfícies imagináveis e em todas as posições que o corpo flexível de Sara e os músculos de Mike haviam concebido.

Porém, aquele beijo era diferente. Havia qualquer coisa nele além de paixão, uma ânsia por muito mais do que tinham partilhado até ao momento. Apesar de Sara viver rodeada de pessoas que a conheciam e apesar de todas as frequentes conquistas amorosas de Mike, no essencial, ambos eram pessoas solitárias. Agarravam-se um ao outro.

Mike pôs fim àquele beijo cheio de ternura. Tinha o corpo parcialmente em cima do dela e as suas mãos afastaram-lhe o cabelo para trás num gesto de ternura enquanto olhava atentamente para o rosto dela, como se quisesse memorizar as suas feições.

Sara sustinha a respiração. Iria ele dizer aquelas três pequenas palavras que ela ansiava tanto ouvir?

– Sabes, Sara...

– Sim? – murmurou ela, sustendo a respiração, na expectativa.

– Detesto os pratos que tu escolheste.

– O quê?!

Mike saiu de cima dela e deitou-se de costas.

– Aqueles pratos que têm flores, detesto-os.

– Esses pratos são *Villeroy & Boch* e são lindíssimos – disse Sara, colocando-se parcialmente em cima dele e começando a beijar-lhe o pescoço.

Mike desapertou a fivela do cinto das calças.

– Não me interessa o que são. Continuo a não gostar deles.

– Acho bem que comeces a habituar-te a eles porque vou incluí-los na lista de casamento, e toda a gente de Edilean vai oferecer-nos outras peças do serviço.

– Vamos receber prendas de casamento? – perguntou Mike, afastando-se dela por uns instantes.

– Claro que sim. Todas as pessoas da vila...

– *Desta* vila? Isso resumir-se-á a quê? Quatro prendas? – atalhou ele, baixando-lhe as alças da camisa de dormir pelos braços.

– Que engraçadinho! Já te esqueceste que os Frazier são teus parentes? Vou convencer Mistress Frazier a dar uma festa para nós em casa deles. Eles hão-de convidar o governador. – A boca de Mike já estava no seio dela. – E, claro, somos ambos aparentados com os McDowell, que são ricos. Vou fazer com que os Frazier e os McDowell compitam entre si para ver quem nos oferece mais coisas.

– Não fazia ideia de que fosses tão mercenária – disse Mike, parando de a beijar.

– Quero que toda a gente que disse « pobre Sara » *pague!* – retorquiu ela, com uma gargalhada maliciosa.

– És verdadeiramente malévola – disse ele, sorrindo-lhe.

– E ainda não viste nada, querido – retrucou Sara enquanto os seus lábios deslizavam para uma parte mais abaixo do corpo dele.

Mike não respondeu.

*

Uma hora mais tarde, Mike disse que ela o mantivera extremamente ocupado para poder trabalhar. Entretanto, a mãe de Sara enviara-lhe quatro mensagens de texto, perguntando-lhe onde é que ele estava e dizendo-lhe que tinha de ir a sua casa para se vestir.

– Talvez eu devesse aparecer nesta figura – disse Mike quando se dirigia para o chuveiro. Estava nu.

– Talvez aches que ias assustar a minha mãe, mas longe disso. Tu é que acabarias por ficar

vermelho que nem um tomate.

– Por falar em partes do corpo vermelhas, não sou obrigado a usar...

– Não existe forma de te livrares de vestir o *kilt*; portanto, nem sequer vale a pena tentares.

Vou ter contigo ao recinto da feira dentro de pouco tempo. Primeiro vou a casa da Joce.

– Tens a certeza de que não queres fazer-me companhia no duche?

– Só estás a adiar o inevitável.

Sara queria ter tempo para se vestir como devia ser e para reflectir sobre o seu futuro – a sua nova vida.

– Estás a morrer por dizer à tua amiga que conseguiste prender-me com grilhetas, não é verdade?

– Tens toda a liberdade para voltar à tua vida de antigamente. Oh! Espera! Esqueci-me de que não *tinhas* uma vida.

– Vai – disse Mike, fazendo uma careta risonha. – Vemo-nos na feira. Estarei vestido com uma saia. Meio nu.

Rindo, Sara saiu de casa.

*

Os olhos de Joce arredondaram-se quando viu a amiga.

– Sara! O que se passa com o teu pescoço? Até parece que te queimaste.

– Não é nada – replicou Sara, levando a mão à garganta.

– Mas isso não é « nada » . Já mostraste essa irritação na pele ao teu pai?

– Estás maluca?

– Ah... – disse Sara, lentamente. – Ficaste com a pele irritada por causa da barba dele, não foi?

Sara não respondeu.

– Até onde é que se estende?

Sara arqueou as sobrancelhas num trejeito que fez com que Joce se risse.

– Tens de dizer isso à Tess.

Sara olhou para ela como se não acreditasse no que estava a ouvir.

– Dizer à irmã do Mike que estou a passar uns momentos maravilhosos na cama com o irmão dela? Não me parece. Mas...

– Mas o quê? – perguntou Joce.

– O Mike pediu-me que fosse viver com ele para Fort Lauderdale. Vamos pôr o nosso casamento à prova – acrescentou Sara, estendendo a mão esquerda para lhe mostrar o anel.

– Vou eu dizer à Tess – disse Joce enquanto admirava o anel de noivado com três diamantes. – Ela vai ficar tão contente por ti como eu. – Pegou no telefone. – Vamos ter de lhe contar de uma maneira que a faça rir. O Rams disse ao Luke que ela está a ficar muito afectada por causa das hormonas e que se farta de chorar.

– A Tess a chorar?

– Sim. Espera até estares... De acordo, ainda é cedo de mais para isso, mas temos de lhe contar o que se passa contigo e com o Mike.

Sara escreveu a mensagem no telemóvel, passando-o a Joce, que a leu.

– Perfeito – disse, premindo « enviar » .

Em Veneza, o telemóvel de Tess vibrou e ela pegou-lhe antes que Rams tivesse tempo de dar um salto para atender.

– Se for o teu irmão e ele te fizer chorar outra vez, vou...

– É a Sara. – Tess leu a mensagem e desatou a chorar.

– Eu vou matá-lo – disse Rams, tirando o pequeno aparelho das mãos da mulher.

– É um choro de felicidade. Boas notícias – disse, soluçando. – São as hormonas.

– Sim, eu sei. Estão seiscentas vezes acima dos valores normais – disse Ramsey, premindo botões para reaver a mensagem de Sara. – Maldição! – resmungou. – Vou ter de falar com a minha prima sobre o envio de pornografia através das ondas hertzianas.

– És um puritano – disse Tess, assoando-se. – Dá-me isso.

Fazendo uma careta, ele deu-lhe o telemóvel.

– Vou pedir à Joce que me conte todos os pormenores. Oh! Quem me dera poder ir para casa.

– Uma vez mais, ela olhou para a mensagem de texto que Sara lhe tinha enviado.

O TEU IRMÃO DEIXOU-ME A PELE DO CORPO IRRITADA POR CAUSA DA BARBA. NÃO DEIXOU ESCAPAR UMA ÚNICA PARTE. PEDIU-ME QUE FOSSE VIVER COM ELE PARA FORT LAUDERDALE. SARA

*

Sara passou mais de uma hora com Joce, ajudando-a a memorizar o que tinha de dizer no seu papel de cartomante. Luke encomendara um exemplar de um livro sobre a leitura da sina, publicado em 1891, em que se explicava como as sinas eram lidas há vários séculos por pessoas sem quaisquer capacidades psíquicas.

– Muito bem – disse Sara –, vamos recapitular. – No entanto, sabia que Joce já tinha decorado tudo.

– A uma solteira, digo: «Está muitas vezes sozinha, mas gosta do tempo que passa consigo própria.» A uma casada, digo: «Sente muitas vezes que o seu marido não a compreende.» – Joce voltou a olhar para baixo. – Se for um homem de idade, a receita é: «Em tempos, foi injustamente punido por ter praticado uma boa acção em benefício de alguém.» – Olhou para Sara. – Achas que isto é suficientemente generalizado para que todos os homens de idade pensem que é verdade?

– Não sei. Diz-me o que pensas depois de teres lido uma centena de sinas.

Joce voltou a olhar para as cartas.

– O Mike pediu-me que dissesse isto a todas as mulheres com mais de trinta anos: «Algo que tem andado a planear há muito tempo está prestes a concretizar-se.» E o Luke viu na televisão que, se dissermos: «Você é uma pessoa para o mundo e outra na sua vida pessoal», toda a gente concordará.

– Isso é verdade no que me diz respeito; e quanto a ti?

– Claro que sim. Mas não achas que devias ir arranjar-te para ficares bonita? Está a fazer-se tarde. Achas... achas que o Greg estará lá?

– Não sei. Só sei que ele já foi posto em liberdade, mas o Mike recusa-se a dizer-me onde é que ele está; por isso, não sei quanto tempo levará a chegar cá. O Mike quer que eu fique

surpreendida quando ele aparecer.

– Uma surpresa é quando nos dizem que estamos grávidas de gêmeos em vez de um. Ver um homem que nos quer matar é o equivalente aos travões falharem numa estrada de montanha. Isso não é o que eu classificaria de « surpresa ». – Joce fez uma pausa. – Sara...

– Eu sei. Não posso pensar em nada disto, caso contrário, fico aterrorizada. O Mike estará presente e disse que ia falar com os Frazier e... – Voltou a olhar para Joce. – Não me vai acontecer nada de mal. Queres rever as cartas mais uma vez?

– Não, acho que já memorizei tudo. Algumas das coisas que se dizem às pessoas metem-me nojo. – Pegou numa das cartas. – O livro diz que as mulheres mais velhas que nunca se casaram são provavelmente as que mais consultarão uma cartomante dado estarem desesperadas por encontrar um bom homem. Diz que a mulher, com frequência, se sente sozinha e amargurada, e sabemos que está disposta a pagar para que a ajudem se for sarcástica.

– Tiveram de se esforçar muito para chegarem a essa conclusão? – perguntou Sara, e ambas desataram a rir.

Acenando com a mão, Sara foi-se embora. Quando chegou à porta das traseiras, levantou a cabeça e viu chegar a camioneta de caixa aberta de Mr. Lang; a parte traseira da viatura parecia estar cheia.

– Joce! – exclamou em voz alta. – Esqueci-me de te informar que ofereci o uso da tua cozinha a Mister Lang e disse-lhe que tu cortarias as coisas de que ele precisasse.

– Fizeste o quê?! – gritou Joce, mas Sara já tinha saído porta fora.

QUANDO MIKE ENTROU no carro, a sua intenção era ir a casa de Ellie vestir-se, mas continuava a pensar na casa de Lang. Horas antes, enquanto Sara e Lang tinham estado a falar sobre biscoitos, ele examinara a sala de estar com os olhos de quem queria torná-la habitável. Mas havia qualquer coisa que não batia certo. Não vira nada de insólito, fora de lugar ou mesmo estranho – mas sentia que algo não estava bem. É claro que Lang mentia em relação a quase tudo, mas isso parecia estar enraizado nele. Tanto quanto Mike podia dizer, o velhote não parecia capaz de dizer a verdade – ou, no mínimo, toda a verdade. Não admirava que Lang pensasse que Mike era seu parente, pensou Mike. Ambos tinham muito em comum.

O que quer que tivesse visto naquela manhã continuava a atormentá-lo; portanto, decidiu voltar à quinta para uma vista de olhos mais atenta.

Quando parou junto da casa antiga, apercebeu-se de que devia a Sara poder fazer aquela visita inesperada. Fora ideia dela substituir os cães de Lang, pelo que os animais conheciam Mike. Caso Lang tivesse decidido arranjar outros cães, possivelmente não conseguiria entrar na propriedade com tanta facilidade. Além disso, Sara também era responsável por Lang se encontrar ausente naquela tarde. Pobre Joce.

Mike precisou apenas de vinte minutos no interior da casa para encontrar o que procurava. Electricidade, pensou. Quem teria imaginado que fios eléctricos e lâmpadas seriam a desgraça de criminosos?

Quando Mike descobriu o que tanta gente havia procurado, ficou tão contente que o seu primeiro impulso foi telefonar a Sara a contar-lhe – mas não podia fazer isso. Era preferível ela não saber o que se estava a passar. Em vez disso, ligou a Luke. A julgar pelo barulho de fundo, este encontrava-se no recinto da feira.

– Estás ocupado?

– Toda a gente desta vila me pede para fazer tantas coisas que só me apetece agarrar numa pistola e disparar contra eles – replicou Luke, exasperado. – A resposta é não, não estou nada ocupado.

– Preciso da tua ajuda – disse Mike –, e já resolvi o caso.

– Contraste a Mitzi ou descobriste o que eles querem?

– Tenho o que eles pretendem. Podes vir ter comigo à Quinta Merlin com o teu jipe o mais depressa possível?

– Dez minutos são muito tempo?

– Sim. Vem mais depressa. – Consegui ouvir Luke começar a correr ainda com o telemóvel encostado ao ouvido. – Se eu telefonar à mãe da Sara, achas que ela me ajuda ou que me vai pregar um sermão por causa do raio de uma saia que se espera que eu vista?

– Ela fará o que for necessário para proteger a filha. Queres que lhe ligue por ti?

– Não. – Mike ouviu Luke a ligar a ignição da viatura. – Agora tenho uma sogra, e preciso de aprender a lidar com ela.

– Boa sorte com isso – disse Luke antes de fechar o telemóvel.

Seis minutos mais tarde, depois de Mike ter telefonado a Ellie para lhe dizer que não podia ir a casa dela naquele momento, mas que não dissesse nada a Sara, Luke chegou a grande velocidade

pelo caminho da acesso à Quinta Merlin. Os cães desataram a ladrar como se estivessem loucos, mas Mike ordenou-lhes que se sentassem, e os animais obedeceram-lhe.

– Deixa-me mostrar-te o que descobri – disse Mike, tomando a dianteira em direcção à casa, e encaminhando-se para o tesouro que encontrara num compartimento secreto.

Alguns minutos mais tarde, Mike telefonou a Tess para saber pormenores relativos aos direitos de propriedade de Sara com respeito aos quadros que encontrara. A irmã passou o telefone a Ramsey para que este lhe explicasse.

Em conformidade com o estipulado no testamento da tia Lissie, todos os quadros haviam sido deixados a Sara em herança. « Deixo todas as minhas pinturas CAY à minha querida sobrinha », rezava o testamento. Na altura em que o testamento fora escrito, havia apenas uma aquarela, aquela muito divertida com os patos púrpuras. Mas fora o pai de Ramsey, Benjamin, quem acrescentara a palavra « todos » ao redigir o testamento. Alegou que queria salvaguardar a possibilidade de aparecerem mais quadros.

– Uma vez que agora és o proprietário da casa – disse Rams a Mike –, podes levá-la a tribunal pela posse desses bens. – Quando viu que Mike não se dava ao trabalho de responder àquilo, Ramsey riu-se de uma maneira aprovadora. – Não perguntaste, mas, legalmente, o resto dos objectos do armário pertencem-te.

– Tudo será dado aos descendentes dos proprietários – apressou-se Mike a dizer.

– Ótimo – retorquiu Rams em voz baixa. – Diz-me quando for seguro podermos voltar para casa. A Tess e eu temos saudades de toda a gente. E, a propósito, ouvi dizer que tu e a Sara vão continuar juntos. Parabéns.

Uma vez mais, aquela persistente sensação de detestar que toda a gente conhecesse a sua vida particular assolou Mike, especialmente porque nem sequer conhecia aquele homem.

– Obrigado – conseguiu dizer a custo.

– E presumo que não precises de ajuda financeira para restaurar a Quinta Merlin.

Muito embora Rams tivesse dito aquilo em tom de brincadeira, Mike franziu o cenho. Nunca teria aceitado essa ajuda, mas agora começava a compreender que se casara com uma herdeira. E uma mulher rica podia arranjar alguém muito melhor do que um polícia que nem sequer tirara um curso universitário.

– Não, não preciso de ajuda nenhuma – acrescentou Mike, desligando o telemóvel.

Duas horas depois, ele e Luke deixaram a quinta com a parte de trás do jipe deste e o banco de trás do carro de Mike cheios. Foram até ao complexo de armazéns onde Mike tinha um. Não foi preciso muito tempo para arrumar os seus parques bens ao fundo – Tess alugara um espaço enorme na esperança de que ele o enchesse. Os dois homens começaram a descarregar os veículos e, quando acabaram, ambos estavam suados e sujos.

– És capaz de arranjar uma desculpa para a Sara que justifique a minha ausência? – pediu Mike. – Ela pensa que eu estou em casa da mãe. Preciso de fazer uns telefonemas de maneira a poder encaixar todas as peças deste caso.

– E quanto ao Vando? – perguntou Luke.

– Ele não vai chegar antes de amanhã. Sou informado de hora a hora sobre o paradeiro dele, mas quando chegar à vila não encontrará o que tem andado a procurar.

– Excepto a Sara. Estou preocupado por ele poder ficar muito furioso quando descobrir que os seus planos foram por água abaixo.

– Isso é dizer pouco, mas estou a fazer tudo para que ele descarregue a fúria em mim.

– E se isso não acontecer? – perguntou Luke.

– A Sara não sabe isto, mas amanhã, quando ela entrar em contacto com o Vandro e lhe disser que se casou com outra pessoa, será posta numa carrinha e levada para longe. Se o Vandro quiser vingar-se, eu serei o único presente. – Luke continuava a mostrar ceticismo. – Tens de confiar em mim. Há já algum tempo que faço isto e posso garantir-te que a Sara é uma pessoa muito importante para mim.

– Toda a gente da vila sabe isso. Dizem os mexericos que quando olhas para ela...

– Deixa-me *algum* orgulho – atalhou Mike, puxando a porta do armazém para baixo e fechando-a à chave. – Vamos embora daqui.

– Acho que devias ir para a feira assim que puderes. Na noite de abertura aparecem sempre cerca de quinhentas pessoas, e não me agrada que a Sara esteja desprotegida.

– Não está e não estará – replicou Mike.

Depois de Luke se ter afastado, Mike estacionou o carro a quilómetro e meio do armazém, posicionou-se por baixo de uma árvore e começou a premir botões do telemóvel.

Mike sempre acreditara que existia uma ligação qualquer entre a sua avó, a Quinta Merlin e os Vandro, mas nunca havia conseguido descobrir o quê. Ao encontrar o que Mitzi pretendia, Mike ficara com uma ideia de como essa ligação poderia ter sido estabelecida.

Ligou para o lar de terceira idade no Ohio onde a avó passara os últimos anos da sua vida e onde falecera, pedindo para falar com a chefe das enfermeiras. A chamada foi logo passada. Depois de ter apresentado as suas credenciais e de a informar sobre alguns pormenores relativos à investigação, não levou muito tempo a encontrar a pessoa que procurava. O nariz enorme fazia com que Mitzi fosse identificada facilmente. Tal como Mike suspeitava, ela tinha trabalhado naquele lar sob o nome falso de Hazel Smith, e a enfermeira estava desejosa de falar acerca dela.

– Não quero falar mal de ninguém, mas a Hazel era uma mulher horrível – disse a enfermeira. – Depois de se ter ido embora, os funcionários começaram a trocar histórias, e foi assim que descobrimos o que ela fez. Dizia uma coisa a uma pessoa e algo a outra completamente diferente. Enquanto trabalhou aqui, só tivemos caos. O problema era que nenhum de nós sabia quem era a pessoa responsável por isso. À primeira vista, a Hazel dava a impressão de ser a pessoa mais dedicada que tivemos aqui, e fui tão bem enganada como todos os outros. Um dia, ela veio ter comigo para me dizer que tinha visto a minha melhor enfermeira a roubar uma paciente que acabara de falecer. Enquanto me dizia isso estava a chorar, e tenho vergonha de admitir que acreditei em tudo o que ela me disse. Por causa dela, despedi uma enfermeira extremamente competente e dedicada.

– Se lhe serve de consolo – redarguiu Mike –, a mulher que conhece pelo nome de Hazel Smith conseguiu convencer muita gente a acreditar nela. Importa-se de me dizer tudo aquilo de que se recordar sobre a semana que antecedeu a morte da minha avó?

– Imagino que queira saber acerca da noite em que a Prudence ficou histérica.

– Sim – retorquiu Mike, sentindo o coração a bater-lhe com mais força. – Por favor, conte-me tudo a respeito desse incidente. – Não podia estar a apressar a mulher, uma vez que precisava que ela confiasse nele; portanto, tinha de a deixar falar sem se sentir pressionada.

– Bem... em primeiro lugar, a Prudence não era... e peço desculpa por dizer isto, Mister

Newland, mas ela não colhia a simpatia de ninguém no lar.

– Quer dizer que ela afugentava as pessoas quando chegava a uma sala?

– Sim, receio ter de confirmar isso. Ela costumava contar-nos com bastante frequência a história da sua violação. Talvez tenha conhecimento disso.

– Todas as semanas em que tive a infelicidade de estar com ela fui forçado a ouvir isso. E de cada vez que ela repetia a mesma história, a violência e o horror aumentavam. Por fim, acho que ela dizia que o Alex McDowell tinha usado um martelo para lhe esmagar as pernas.

– Sim, também ouvimos isso – corroborou a enfermeira. – Mas sabia que temos um terapeuta permanente? A sua avó adorava falar com ele, e eu não devia estar a dizer-lhe isto, mas como a história dela mudava todas as semanas, ele começou a averiguar notícias sobre o incidente em jornais antigos. Para começar, a violação não se deu quando ela disse. Foi à noite, e não durante o dia, e ela vinha de uma festa onde tinha bebido. Estava a par desse pormenor?

– Não – respondeu Mike em voz baixa. – Não estava. – Sentiu-se extremamente desagradado consigo próprio por nunca lhe ter ocorrido verificar a veracidade do caso em registos antigos. Mas, por outro lado, a alegada violação de que a sua avó fora vítima era algo sobre o qual ele não quisera ouvir mais nada.

– O psiquiatra pensou que era possível a Pru estar mais do que um pouco embriagada quando isso aconteceu, e que era possível ela ter acolhido de bom grado as atenções do homem. Mais tarde, quando o homem que ela disse que a tinha atacado se recusou a desposá-la, negando mesmo ter-lhe tocado alguma vez... Bem, o médico pensou que a Pru talvez tivesse exagerado tanto o acontecimento que Mr. McDowell estaria realmente inocente.

Mike tinha noção de que o que a enfermeira lhe dizia parecia corresponder à verdade e queria inteirar-se de mais, mas não dispunha de tempo para isso.

– Mas nessa noite, quando ela ficou histérica, disse alguma coisa diferente?

– Sim, disse. Nessa noite, quase todos os residentes se encontravam na sala de convívio a ver televisão, como era costume, quando a Pru começou a gritar a plenos pulmões. Nunca fomos capazes de ensinar à sua avó que havia ocasiões em que as necessidades dos demais eram tão importantes quanto as dela própria.

– Uma lição que ninguém conseguiu ensinar-lhe – retorquiu Mike, num resmungo. – E o que gritava a avó?

– Que tinha visto os quadros que estavam a mostrar na televisão.

Mike sabia que ele e Luke tinham acabado de retirar esses quadros do lugar onde haviam estado guardados na Quinta Merlin.

– Qual era o programa?

– *Tesouros Perdidos*. Costuma vê-lo?

O dia-a-dia de Mike não lhe permitia ter muito tempo para ver televisão, mas pareceu-lhe pomposo da sua parte dizer isso.

– Infelizmente, não – replicou. – É sobre o quê?

– Objectos valiosos que desapareceram. Os nossos residentes adoram esse programa, e costumamos vê-lo todas as quintas-feiras à noite. Nesse episódio em particular, mostraram umas pinturas antigas de plantas tropicais da Florida, acentuando que eram extremamente valiosas. É difícil recordar-me dos pormenores porque, cinco minutos depois de aparecerem no ecrã do televisor, a Pru começou a pular e a ginchar a plenos pulmões.

– O que disse exactamente a minha avó, tanto quanto se recorda?

– Disse qualquer coisa acerca de um rapaz... Bruce... Langley?

– Brewster Lang – adiantou Mike.

– Sim! Isso mesmo. Lamento ter de dizer isto, mas tivemos inúmeros problemas com a sua avó por ela andar sempre a bisbilhotar os pertences das outras pessoas. Além disso, adorava espiar os outros. Tínhamos de ter o cuidado de manter todas as portas fechadas à chave.

– Sei bem a que se está a referir – disse Mike, em voz baixa.

– Sim, imagino que saiba – confirmou a enfermeira, num tom compreensivo. – Mas, seja como for, a Pru disse que pouco antes da violação tinha visto os quadros da televisão em casa do rapaz. Na altura, estava a espreitar pela janela... a espiar, mas ela não disse isso... e vira-o com os trabalhos de pintura espalhados em torno dele. Penso que ela disse que ele a viu a espreitá-lo. Acha que isto é possível?

Mike imaginou esse fim de dia. A avó era uma jovem cheia de azedume e bebera de mais antes de se ter posto a espreitar pelas janelas de Lang. Espiar os outros era algo que ele sabia que ela adorava fazer, razão por que ainda em criança aprendera a manter os cortinados fechados e as portas trancadas.

Nessa noite, Lang olhara para cima e vira que ela o observava; assim, provavelmente, saíra de casa e fora atrás dela. Talvez Pru estivesse a tentar fugir na bicicleta e Lang lhe tivesse atirado pedras às rodas. Ou talvez ela estivesse tão embriagada que esbarrara em qualquer coisa. Ela sempre gostara de gim. Quanto a Lang, talvez tivesse pensado que ela fora à quinta para o ver, como acontecia muitas vezes. Também era possível que, como já era de noite, ele julgasse que ela percebera, finalmente, que ele era quase um homem e não o rapaz que ela sempre havia pensado.

Quando a bicicleta tombou, talvez Pru tivesse batido com a cabeça. Isso, associado ao muito que bebera, teria tornado bastante imprecisa a sua noção da realidade. Vira um *kilt* como o que Alex McDowell, o homem de que estava convencida que amava, costumava usar, e uma coisa levava à outra. Provavelmente, ela terá acolhido o homem com entusiasmo.

Face a essa situação, não admirava que Lang celebrasse esse dia todos os anos, deduziu Mike, perguntando-se como é que Lang se teria sentido quando, mais tarde, Pru exigira que Alex a desposasse.

– Mister Newland? – perguntou a enfermeira –, continua em linha?

– Sim. O que aconteceu depois do ataque de histeria da minha avó?

– Tivemos de lhe dar um calmante para a conseguirmos meter na cama. Isso seria o fim do episódio, se não fosse a Hazel.

– Imagino que ela terá ficado muito interessada no que a minha avó disse.

– Muito. Ela estava de serviço no turno da noite e toda a gente falava do assunto. Hazel perguntou a todos por que razão Pru parecia ter enlouquecido. Nenhum pormenor era demasiado insignificante para ela. Ela disse uma coisa bastante curiosa, algo de que nunca me esqueci.

– E o que foi isso?

– Disse que as pessoas idosas guardavam muitos segredos e, se tivessem uma idade muito avançada, tinham tendência para esquecerem o que devia ser mantido em segredo.

– Creio que a Hazel talvez lhe estivesse a indicar o motivo por que se encontrava no lar – disse Mike, pensando que talvez fosse por essa razão que Mitzi aceitara um emprego numa residência

para a terceira idade destinada a pessoas com dinheiro. Quando ela se pusera em fuga, centenas de polícias e agentes federais já andavam no seu encalço, pelo que precisara de sair de circulação durante algum tempo. Devia ter tido algum receio em retomar as suas habituais vigarices a mulheres angustiadas. Ao fim e ao cabo, algumas delas tinham-na atraído.

Perante essa situação, Mitzi decidira aceitar emprego num lar para a terceira idade cheio de pacientes cujos familiares pagavam bastante pelos cuidados que lhes eram prestados. Era possível que Mitzi só estivesse interessada nas jóias desses residentes, mas descobrira um filão de ouro em Prudence Walker.

– Depois dessa noite, a Hazel começou a negligenciar os outros residentes que tínhamos na altura, para passar todo o seu tempo com a Pru. Eu devia ter posto cobro a isso, mas a situação aqui passou a ser tão tranquila que não tomei medida nenhuma. Ainda não me tinha apercebido de que era a própria Hazel que causava tamanha perturbação. Pensei que o sossego se devia ao facto de a Pru se manter no quarto, pelo que foi com satisfação que deixei a Hazel dedicar-se inteiramente a ela a troco dessa tranquilidade.

– E o que é que elas faziam? – perguntou Mike.

– Conversavam. A porta do quarto da Pru estava sempre fechada, mas nós ouvíamos as duas a tagarelar incessantemente. Sei que liam todas as cartas que a sua irmã enviava à avó porque tivemos de ir buscar a caixa que estava guardada.

– A Hazel dizia sobre o que falavam?

– Não, a verdade é que não dizia. Oh! Sim, estou a lembrar-me. Houve uma ocasião à hora do almoço em que ela disse que soubera de uma pequena vila que era fascinante. Tinha um nome muito invulgar.

– Edilean, na Virgínia.

– Sim! Era isso mesmo – confirmou a enfermeira.

Mike deduziu que Hazel/Mitzi teria lido as cartas, ficando a saber da existência de Sara, que, através do testamento da tia, herdara as pinturas desaparecidas. Na altura em que o testamento fora redigido, sabia-se apenas da existência da pequena aguarela com os patos púrpuras que estava pendurada numa parede da casa de Sara. Mike queria bater a si mesmo por não ter prestado mais atenção quando Sara lhe dissera que Stefan lhe pedira o quadro. Na altura, Mike estava tão apaixonado que não se apercebera de uma pista que se encontrava mesmo à sua frente.

– E a minha avó faleceu alguns dias depois desse incidente com a televisão?

– Sim – confirmou a enfermeira. – Morreu durante o sono, e no dia seguinte, uma Hazel muito chorosa despediu-se. Alegou que não era capaz de ver morrer as pessoas que amava.

Mike não tinha a certeza – pelo menos, por enquanto –, mas achou que Mitzi devia ter assassinado a avó. Depois de esta ter obtido de Prudence todas as informações de que precisava, livrara-se dela, para que a sua avó não pudesse dizer a ninguém o que se passara entre as duas.

– Importa-se de me enviar uma cópia da fotografia de Hazel da ficha de emprego por correio electrónico? – pediu Mike. – Gostaria de a ver.

– Com certeza, Mister Newland – replicou a enfermeira. – E, por favor, agradeço-lhe que me mantenha informada acerca desse assunto.

Mike prometeu-lhe que o faria, deu-lhe o seu endereço electrónico e depois desligou.

Em seguida, ligou a Tess, pedindo-lhe que iniciasse a documentação necessária para a

exumação do corpo da avó. Precisavam de provas concretas de que ela fora assassinada.

– E ainda tens algumas das cartas que a avó te escreveu?

– Guardei-as todas. Pensei que um dia talvez quisesse lê-las.

– Eu não, mas se as cartas mencionarem uma enfermeira de nome Hazel, o procurador-geral ficará muito interessado.

Se fosse possível provar que Hazel Smith era Mitzi Vandlo e se o corpo a ser exumado mostrasse que a morte não havia sido natural, tal significava que ela poderia vir a ser julgada por homicídio.

Por fim, Mizelli Vandlo seria acusada de algo mais grave do que fraude.

Minutos mais tarde, Mike recebeu no seu telemóvel, por correio electrónico, a fotografia da ficha de emprego de Hazel no lar. Curioso, Mike examinou a fotografia, reparando no nariz enorme e na boca pequena quase sem lábios. Mitzi não tinha melhor aspecto agora do que em 1973, ano em que enganara Marko Vandlo de modo a torná-la a sua terceira mulher. Conquanto fosse interessante ver uma fotografia mais antiga da mulher, ele não se recordava de a ter visto em Edilean. Enquanto examinava a fotografia, perguntou-se qual seria a aparência física dela caso se tivesse submetido a uma rinoplastia.

Telefonou ao capitão Erickson, pondo-o a par em traços largos do que havia descoberto e pedindo-lhe que os técnicos manipulassem a fotografia de Mitzi.

– Quero ver qual o aspecto dela se tivesse eliminado cirurgicamente metade do nariz. Talvez estejamos a vê-la todos os dias sem a reconhecermos.

– Vamos já começar a trabalhar nisso, e, Mike, bom trabalho.

– Achas que é suficientemente bom para me conseguir um lugar nos serviços administrativos? A minha mulher quer que eu me mantenha perto de casa.

Mike quase conseguia ver o sorriso do capitão.

– Sim, acho que é possível arranjar isso. Juntamente com uma promoção e aumento de ordenado.

– Só peço que não me ponham a treinar os novatos – disse Mike, gemendo.

– Mas é isso exactamente que eu pensava fazer. Envio-te a fotografia assim que o pessoal acabar de a trabalhar – retorquiu o capitão, desligando.

Mike entrou no automóvel e seguiu directamente para o recinto da feira sem sequer tomar duche nem mudar de roupa. Tinha-se ausentado durante muito tempo, e sabia que Sara começaria a fazer perguntas – e ela veria demasiado.

– Cara-de-pau, Newland – disse, olhando para os espelhos do carro, mas não estava a ser seguido por ninguém.

*

Só várias horas depois de Mike sair de casa é que Sara se dirigiu para o recinto apinhado da feira, encaminhando-se para a tenda da mãe. Tinham sido colocadas várias mesas compridas à entrada cheias de produtos hortícolas e comida que os funcionários da Produtos Orgânicos Armstrong haviam passado várias semanas a preparar. Este ano, Sara não ajudara, mas tencionava fazê-lo no seguinte. Talvez nessa altura ela estivesse de esperanças ou já tivesse um recém-nascido nos seus braços. Ela e Mike não tinham abordado o assunto de filhos, mas

também não haviam falado de muita coisa com seriedade – excepto sobre o caso.

Despertou dos seus devaneios para olhar em redor. A mãe e as duas irmãs encontravam-se no interior da tenda, vestidas com os trajes medievais que Sara lhes fizera em anos anteriores. Sara vestia um corpete de veludo verde-escuro e uma saia pregueada cujo padrão axadrezado tradicional se dizia ter sido usado pelos McTern de tempos idos. As irmãs estavam vestidas de azul e cor de vinho borgonha, enquanto o traje da mãe era em tons de castanho e amarelo. « As cores da terra », dissera às filhas quando Sara o fizera.

O interior da tenda estava cheio de caixas e cestas de fruta. As arcas que continham comida pronta formavam grandes pilhas. A mãe dizia que, embora se tratasse de uma feira, se recusava a servir alimentos que não fossem saudáveis.

– Ela limita-se a albardar a fruta em massa crua, frita-a e depois polvilha-a com açúcar – dizia o pai, que era médico. – Absolutamente saudável.

Sara achou que tinha de dizer ao pai que fosse ter com Joce para uma leitura das cartas de tarô, para que ele ficasse a saber o que era o *verdadeiro* sarcasmo.

Sara continuava à entrada da tenda quando a mãe, com uma caixa de meloas nos braços, a viu. Sorriu-lhe, mas essa expressão deu lugar a um sorriso gozão quando reparou na vermelhidão no pescoço da filha. Sara disfarçara-a com base e pó-de-arroz, mas continuava a ser visível.

Ellie soube imediatamente de que se tratava.

– Ah, pele irritada pela barba. Isso transporta-me ao passado. Ainda me lembro dos tempos em que o teu pai e eu...

– Mãe, por favor! – atalhou Sara.

Rindo-se, Ellie saiu da tenda.

– Espera até teres o primeiro filho – disse a irmã Jennifer. – Vais ficar enojada com as histórias que ela te contará.

– As sagas sexuais são a minha perdição – disse a outra irmã de Sara, Taylor.

– O pai a ajudar ao teu parto no cimo de uma montanha não te deixou arrasada? – perguntou Jennifer.

– Não. Foram os pormenores das Noites Escaldantes dos pais no México. Até o Gene ficou corado que nem um tomate quando ouviu a história.

Sara olhava radiante para as irmãs. Pela primeira vez na vida, elas falavam-lhe como se ela fosse... bem, como se fosse uma adulta.

Jennifer tinha nas mãos uma caixa de tartes de fruta e parecia compreender a perplexidade de Sara.

– Não sabias que a mãe considera que somos virgens até nos casarmos? É por isso que ela nunca te contou nenhuma das suas histórias sexuais – disse, saindo da tenda.

Taylor levava três caixas de biscoitos.

– Estás com muita sorte por teres sido poupada aos pequenos episódios picantes da mãe durante tanto tempo – acrescentou, seguindo a irmã para fora da tenda.

Sara ficou a olhar para as duas irmãs com uma expressão de choque no rosto. Continuava no mesmo lugar quando Mike chegou.

– A tua mãe mandou-me vir buscar duas sacas de batatas. E por que diabo estão os teus familiares a fazer-me tantas perguntas acerca da minha barba? Tive a intenção de me barbear, mas... – interrompeu-se, olhando para ela. – Estás bem?

- As minhas irmãs foram *simpáticas* comigo.
- Em princípio, as irmãs devem ser simpáticas umas para as outras.
- Mas não as minhas.

Mike pegou numa saca de vinte e cinco quilos, colocando-a ao ombro esquerdo, e agachou-se para pegar na outra. Quando tinha uma saca em cada ombro, voltou a aproximar-se de Sara.

- O que te disseram elas?
- Disseram que a minha mãe vai contar-me histórias de natureza sexual.
- Sei que não cresci aqui, mas, Sara, não achas que isso é um pouco...

Sara tornou ao presente e olhou para ele. Mike estava com um aspecto magnífico! Não usava um *kilt* como ela pensava; estava vestido com calças de ganga e uma *T-shirt*. Mas, ao que tudo indicava, a mãe estava a obrigá-lo a trabalhar no duro, a avaliar pela camisola empapada em suor colada ao corpo. Ela conseguia contar os músculos abdominais dele.

No momento seguinte, apercebeu-se de que todas as outras mulheres presentes na feira também sabiam aritmética.

- Acho que vou buscar uma camisola lavada para poderes despir essa.
- Os olhos de Mike disseram-lhe que ele sabia exactamente aquilo em que ela estava a pensar.
- Uma camisola com o dobro do tamanho desta?
 - Estava a pensar com o triplo.
 - Dá-me um beijo.

Sara virou a cabeça para conseguir enfiar-se no meio das sacas, mas a mãe chamou-o.

- Mike! Onde estão essas batatas?

– Há que acrescentar uma sogra à lista dos parentes que passei a ter – murmurou ele, saindo da tenda.

– Pensa no nosso belo e sossegado apartamento em Fort Lauderdale – disse Sara quando ele já se afastava.

- Sim, sim, lá só teremos vigaristas a viver no andar de cima.
- «E um ou dois bebês no andar de baixo?» , perguntou-se ela.

Durante o resto da noite, Ellie manteve a filha tão atarefada que Sara quase não viu Mike. Quando conseguiu avistá-lo de fugida, ele estava a falar ao telemóvel, o que, em qualquer dos casos, os teria impedido de conversar. Além disso, ele passou tanto tempo com Luke que Sara pensou que se fosse uma pessoa diferente até podia ficar com ciúmes.

Viu Ariel uma vez a devorar uma maçã caramelizada. Quando avistou Mike com a sua *T-shirt* colada ao tronco, Ariel ficou de boca tão aberta que um pedaço da fruta peganhenta lhe caiu na parte da frente do vestido. Se usasse alguma roupa que Sara lhe tivesse feito, esta tê-la-ia ajudado a limpar a nódoa, mas Ariel encomendara o seu traje medieval numa loja de Nova Iorque. Alguém dissera à Sara que as costuras das mangas se tinham descosido duas vezes.

Quando Ariel voltou a erguer o olhar, Sara sorria, e apressou-se a dar o braço a Mike. Pensando melhor, talvez não quisesse que ele vestisse outra camisola.

- O que andas a tramar? – perguntou-lhe Mike.
- Coisas de mulheres. E então, onde é que o Greg está neste momento?
- Acabou de sair de uma bomba de gasolina. Comprou *Twinkies*.
- Essa é a tua punição suprema? Em que estado é que ele se encontra neste momento? – apressou-se a acrescentar.

– Que roupa interior vestiste por baixo dessa coisa?
– Absolutamente nenhuma. E que tal se me indicasses quem é que nesta multidão é dos teus e os que são apenas turistas?
– Viste o Lang a bisbilhotar a tenda da Joce?
– Tencionas, por uma vez que seja, responder directamente a alguma das minhas perguntas? – questionou Sara.

– Não, se puder evitá-lo.
– Queres que te apresente aos teus primos, os Frazier?
– Amanhã lutarei contra eles com sabre, por isso, tenho tempo para os conhecer nessa altura. Já conheci dois. Quantos mais são?

– Os três matulões. O Colin é o mais velho, a seguir temos o Pere, diminutivo de Peregrine... tem o nome do pai... e o Lanny, cujo nome é Lancaster.

– Sinto-me feliz por não terem sido os pais deles a darem-me o nome.
– São nomes antigos de família. Os Frazier mantêm-nos de geração em geração.
– Sara! – chamou a mãe, e ela gemeu.
– Mais trabalho para mim. Vemo-nos logo à noite?
– Sim – respondeu ele, dando-lhe um beijo na face. – Preciso de fazer uns telefonemas e por isso talvez chegue tarde.

Mike começou a afastar-se, mas não antes de ela ter visto um brilho nos olhos dele que a levou a agarrá-lo pelo braço. Perscrutou-lhe o rosto.

– O que aconteceu? Estás entusiasmado com qualquer coisa.
– Nada. É só a expectativa do dia de amanhã.
– Não. Há mais qualquer coisa. Pareces... feliz.
– Claro que estou feliz. Está um dia maravilhoso, tenho uma mulher deslumbrante, boa comida graças à tua mãe e...

– Vejo outra coisa qualquer nos teus olhos. E parece-me que vi a mesma expressão no Luke. O que andam os dois a maquinar?

– As meninas que fazem perguntas não têm direito a surpresas.
– Estás a tentar fazer-me acreditar que tu e o Luke andam a planear uma festa-surpresa para mim?

– Sara, tenho de ir andando.
Mas ela não lhe largou o braço.
– Quero saber o que te fez tão feliz.
– Foste tu! E não tenciono dizer mais nada. Agora vai! Se a tua mãe me vir, ainda me obriga a mudar as sanitas portáteis.

– Não admira que tu e o meu pai se dêem tão bem. Devias pedir-lhe que te mostrasse os sítios onde se esconde da minha mãe. Está bem, vai, mas esta noite tenciono chegar ao fundo da questão.

Mike soergueu uma sobranceira.
– Eu tenciono chegar ao fundo de tudo.
– De acordo, guarda os teus segredos... por agora – retorquiu Sara, com um esgar sorridente.
Mike voltou a beijá-la na bochecha, após o que se afastou, num passo apressado.

Quando Mike regressou ao apartamento já era meia-noite. Deparou com Sara sentada no cadeirão na sala de estar com a costura no colo e a dormir a sono solto. Não queria acordá-la; foi para a casa de banho e tomou um duche prolongado. Depois do duche, voltou à sala de estar e pegou em Sara ao colo, com a costura e tudo. Ela aninhou-se nele semiadormecida.

Mike deitou-a na cama e pegou no que ela tinha estado a costurar. Era um pano triangular de seda preta translúcida com pequenos discos de metal dourado cosidos à largura de uma das orlas.

– O que é isto?

– É um véu para a Joce – respondeu Sara, virando-se de costas. – Ela disse que as pessoas, até mesmo desconhecidos, lhe perguntavam mais pela data do nascimento dos bebés do que prestavam atenção quando ela lhes lia a sina. Por isso, pensámos que se lhe cobríssemos a cara com um véu ficaria com um aspecto mais misterioso.

Mike estendeu-se ao lado dela.

– Como a Mitzi – murmurou.

– De facto, pensei nela.

– Para ocultar o nariz grande e a quase falta de lábios.

– A Joce é bonita de mais para querer esconder alguma coisa, mas acho que o véu ajudará a manter a sua identidade em segredo. Então estás pronto para me dizeres o que andaram tu e o Luke a fazer hoje?

Ao ver que ele não lhe respondia, Sara olhou para ele e constatou que já estava a dormir. Apagou a luz, puxou o edredão para tapar os dois e aninhou-se nos braços de Mike.

MIKE FAZIA os possíveis para manter a calma, mas não era fácil. Fora informado de que Stefan Vandlo ainda se encontrava a três horas da vila, fazendo a viagem com todo o vagar, indo a restaurantes, onde namoriscava as empregadas de mesa, e aborrecendo de morte os homens que o seguiam.

– Ele está acompanhado de dois guarda-costas, portanto, tem cuidado – disse um dos agentes a Mike, na fila para as limonadas. – Um foi companheiro de cela dele na prisão e, a julgar pelo seu aspecto, já esteve numa data de rixas.

Enquanto Mike tomava a sua bebida, olhou em volta para ver quem poderia ajudá-lo caso fosse necessário. Não tinha dificuldade em identificar os homens que estavam em boas condições físicas, mas o problema deles era pensarem que, se desenvolvessem os bíceps e se exercitassem durante trinta minutos na passadeira, estariam preparados para o que desse e viesse. Não avistou um único homem capaz de movimentar o corpo com a agilidade que seria necessária se houvesse um confronto corpo a corpo.

Naquela manhã, às seis horas, fora acordado pela sogra a bater insistentemente à porta do quarto. Sonolento, dissera a Sara:

– Acho que ela sabe abrir a tua porta da frente.

– E a de todas as casas da vila – murmurou Sara, com uma expressão de cansaço. O dia anterior fora muito comprido, e nada lhe teria agradado mais do que poder passar algumas horas na cama com Mike.

– Vocês dois têm de se vestir – disse Ellie, em voz alta, através da porta fechada. – Mike, não podes andar pela feira de calças de ganga pelo segundo dia consecutivo. Tens de vestir o teu *kilt*.

– Mas o Luke...

Sara sabia o que ele ia dizer.

– Ontem, o Luke andou com calças de ganga porque esteve a montar uma banca. É melhor que faças o que a minha mãe te disse, ou ela não tardará a entrar no quarto. – Ela referia-se ao facto de Mike não se ter incomodado a vestir o que quer que fosse depois do duche na noite anterior.

A resmungar, Mike vestiu um par de calças e saiu do quarto.

– Não há nada mais bonito de se ver pela manhã – disse Ellie, olhando para o torso nu.

Mike fechou a porta do quarto e Sara voltou a aninhar-se debaixo das cobertas. Pensara que se sentiria enervada por ter de ver Greg naquele dia, mas não era o caso. Sabia que, quando o confrontasse, ele ficaria furioso. Anteriormente, Sara reudara o temperamento irascível dele. Na altura, não havia tido percepção disso, mas era uma realidade. De facto, fizera inúmeras coisas contra a sua vontade só para evitar que ele se encolerizasse – assim como para impedir que ele a magoasse com os seus comentários, que a amesquinhavam.

Por que razão não lhe fizera frente?, perguntava-se. Por que razão não dissera que não permitia que ele lhe falasse naqueles termos? Mas tinha noção de que isso fora surgindo de forma muito gradual, e com a grande quantidade de trabalho que ele lhe dava para fazer, não tivera tempo para pensar no que se estava a passar. Sempre que ela protestava contra o que ele dizia ou fazia, Greg dizia-lhe que *ela* era o problema.

– É por isso que nunca ganhaste dinheiro – costumava ele dizer. – É por isso que vives na casa do teu primo e não tens um lugar teu onde viver. – Na altura, as palavras dele tinham-na feito esforçar-se mais, mas, agora, não era capaz de compreender porque não lhe dissera o que podia fazer com as suas queixas.

Contudo, havia uma coisa que lhe dava grande satisfação: o facto de ter deixado que fosse Tess a cuidar das suas finanças. Nunca dissera nada a ninguém, mas Greg tentara repetidamente fazer com que ela assinasse uma procuração que lhe daria plenos poderes sobre tudo o que ela possuía.

– É para teu próprio bem – alegara ele, dando a entender implicitamente que ela não sabia grande coisa em relação ao que quer que fosse. – Sabes bem que te amo e que só quero o melhor para ti. Receio que, se me acontecesse alguma coisa, ficasses sem nada.

– Mas como é que eu dar-te tudo o que possuo agora me deixaria sem nada se tu morrasses? – perguntara-lhe Sara, genuinamente confusa.

– Estás a ver o que quero dizer? – ripostara Greg. – Nem sequer és capaz de compreender os aspectos mais básicos sobre finanças. – Apesar dos argumentos dele, Sara não assinara nada, por saber que depois teria de se explicar a Tess.

A voz da mãe despertou-a para o presente.

– E tu, minha menina, sugiro que te levantes da cama – ouviu a mãe dizer, batendo à porta –, a menos que queiras que eu vá aí, para te vestir.

– Lá se vão as minhas esperanças de ser tratada como adulta – murmurou Sara, pegando nas suas roupas antes de ir para a casa de banho.

Quando saiu, ainda apenas parcialmente vestida, pelo canto do olho viu algo axadrezado na sala de estar, e foi ver do que se tratava. A mãe tinha ajudado Mike a vestir-se a rigor, como um verdadeiro escocês. Não era o *kilt* formal que ele teria de usar no último dia, mas sim o que vestiria quando competisse nos jogos. A camisa larga tinha mangas pregueadas e o *kilt* dava-lhe pelos joelhos. Calçava sapatos escoceses e meias grossas de lã que lhe chegavam acima da barriga das pernas bem musculadas. Estava magnífico! Parecia uma personagem extraída de um livro. Ela quase conseguia ouvir as gaitas-de-foles e sentir a fragrância da urze.

– Caramba! – exclamou Sara.

– Sim – disse Mike, fazendo uma careta. – Roupas de mulher.

Sara olhou para a mãe, e ambas trocaram sorrisos. Não havia nada à face da Terra mais másculo do que um homem com o traje escocês tradicional.

Mike olhava para Sara através do espelho de corpo inteiro que Ellie encostara à parede, lendo a expressão do rosto dela.

– Não há tempo para isso agora – disse Ellie. – Vão ter de esperar até à noite.

– Desde quando é que esperou por aquilo que desejava? – perguntou Mike à sogra.

– Não muitas vezes – retorquiu Ellie, rindo-se. – Sara! Vai vestir a saia. Depois da primeira batalha, prometo que to devolverei. Isto é, se os Frazier não o mutilarem.

– Humm! O meu Mike vai pulverizá-los – retrucou Sara, de nariz empinado, e voltando para a casa de banho.

Mike olhava para ela sorrindo até se aperceber de que Ellie o fitava, através do espelho, muito séria.

– Se a magoares, eu...

– Eu sei – atalhou Mike. – Já fui devidamente avisado. Não se opõe a que ela viva comigo em

Fort Lauderdale alguns anos até nos mudarmos para cá?

– Eu só quero que as minhas meninas sejam felizes – disse ela, inclinando-se para lhe puxar a bainha do *kilt*. – Vai tudo correr bem hoje, não é verdade?

– Assim que a Sara se encontrar com o Anders para lhe dizer que se casou, será levada daqui até eles estarem todos presos.

Ellie assentiu com a cabeça enquanto ajustava a camisa de Mike, e ele manteve-se em silêncio porque via que ela queria acrescentar mais alguma coisa.

– Quanto ao casamento... Sei que o fizeste por causa do caso, mas...

– Isso só foi uma desculpa – interrompeu Mike, sorrindo. – Eu podia ter salvado muitas mulheres se me tivesse casado com elas, mas não o fiz. Pare de se preocupar com isso. Preocupe-se com o que aqueles matulões que são meus primos me vão fazer hoje.

– Ora aí está uma *coisa* que não me preocupa – disse Ellie, afastando-se dele, mas depois voltou atrás para o abraçar. – Obrigada. Foi horrível ter de ver, sem poder fazer nada, o quanto a minha filha ficou tão infeliz depois da forma como o Brian a tratou. Compreendo porque é que ela começou a namorar com o mentecapto do Greg Anders, mas nem por isso essa situação me agradou mais.

Mike não fez comentários. Mais tarde, enquanto punha pensos rápidos nos dedos de Sara para ocultar o anel de noivado e a aliança, pensava que se Ellie soubesse a verdade sobre o que tinha acontecido a Brian Tolworthy e estivesse inteirada do que lhe haviam feito e porquê, provavelmente raptaria a própria filha e escondê-la-ia num lugar seguro. Precisamente o que Mike desejava fazer, mas sabia que, enquanto os Vandlo andassem por perto, Sara nunca estaria fora de perigo. Mitzi era bem conhecida pelo seu espírito vingativo, e se o filho fosse o único a estar preso, ela iria atrás de Sara por ter destruído o plano que levava a ambos tanto tempo a pôr em prática.

Naquele dia, o objectivo principal de todos os envolvidos no caso era apanhar Mitzi Vandlo.

Quando Mike chegou ao recinto da feira, a sua curiosidade acerca dos Frazier levou-lhe a melhor. A corpulência nem sempre era indicadora dos melhores lutadores. Luke explicara-lhe as regras básicas da luta de espadas que ele teria com os Frazier, mas Mike não estava muito interessado nisso. O que queria saber era o que os Frazier sentiam por Sara. Ela falava deles com afecto, mas referia-se a toda a gente de Edilean nos mesmos termos. Embora se queixasse das irmãs, não era difícil detectar o amor que lhes dedicava no seu tom de voz.

« Como quando fala comigo », pensou Mike, sem conseguir evitar um sorriso.

Minutos antes, lembrara a Sara que esta queria dizer a Colin Frazier o que pensava por ele não lhe ter dito que Greg Anders tinha casos amorosos. Mike pretendia ver como é que o filho mais velho dos Frazier reagiria ao ser repreendido por uma mulher com metade do seu tamanho.

Sub-repticiamente, Mike percorreu o recinto da feira a seguir Sara. Em duas ocasiões, fez ligeiros acenares de cabeça a homens que sabia estarem a trabalhar infiltrados. Quando Sara se abeirou de Colin, Mike ocultou-se nas sombras.

Teve de admitir que era divertido observar Sara a falar com Colin. Enquanto ela conversava com o homem de estatura gigantesca, mantinha a cabeça tão inclinada para trás que quase tocava na coluna vertebral. Colin mantinha os olhos presos nela, dando a impressão de estar a prestar-lhe toda a sua atenção. Mas quando olhou de relance, viu um caixote de madeira ao lado de um dos carrosséis da feira; pegou no braço de Sara e conduziu-a até lá. Como ela não parou

de falar enquanto subia para o caixote, Mike concluiu que aquilo era algo que haviam feito muitas vezes.

Perto deles havia uma roda gigante; Colin estava voltado para ela, e Sara, de costas. Mike ouviu um grito e viu um cone de gelado cair, parecendo ir atingir Sara. Começou a deixar o seu esconderijo, mas, nesse momento, Colin pôs as mãos à volta da cintura de Sara, desviando-a para a direita sem que os pés dela tocassem no solo. O cone de gelado aterrou a centímetros do lugar onde ela estivera; em seguida, Colin voltou a pousá-la em cima do caixote e continuou a ouvir o que ela dizia.

Sorrindo, Mike começou a afastar-se. Já tinha visto o que queria: Sara estava a ser protegida. Mas antes que pudesse afastar-se, Colin fitou-o directamente, olhos nos olhos. Desde o princípio que soubera que Mike se encontrava ali a observá-los.

No semblante de Colin, viu uma interrogação; perguntava-lhe se havia passado no teste. Mike fez-lhe um acenar de cabeça e desapareceu entre a multidão. Se tinha de ter primos, estes poderiam ser piores. A luta que enfrentaria dali a mais ou menos uma hora seria mais interessante do que julgara inicialmente.

*

Sara estava sentada nas bancadas entre três mulheres da sua igreja. Duas bancadas abaixo, Ariel estava-se ao lado do irmão mais novo, Shamus, e Luke encaminhava-se para Sara.

Abaixo deles, no enorme campo aberto, encontrava-se Mike, muito atraente no seu *kilt* e camisa larga. Empunhava o que Sara sabia ser um sabre, uma arma sólida que pesava cerca de quinze quilos. A julgar pela forma como ele deixava a ponta apoiada no piso de terra batida, o peso parecia ser quase de mais para ele.

Descrevendo círculos em volta dele, vestidos com *kilts* que Sara fizera, encontravam-se três dos gigantes Frazier. Sara sabia que a ideia era recriar uma batalha em que um soldado sozinho dera a vida pelo seu clã, mas, naquele momento, a história não lhe agradava muito. Os Frazier participavam todos os anos naquele evento, e ela sabia que eles adoravam ser assobiados e apupados. Nessa tarde redimir-se-iam ao interpretarem o papel de guerreiros cheios de bravura que venceriam o inimigo, mas aquela peleja destinava-se a trazer lágrimas aos olhos das pessoas, recordando-as das adversidades por que os escoceses haviam passado ao longo da sua história.

Luke pediu às senhoras que se afastassem um pouco para poder sentar-se ao lado de Sara.

– Assustada? – perguntou, metendo a mão nas pipocas dela. – Eles não lhe vão fazer mal.

Ariel ouviu o que Luke disse e virou-se a fim de olhar para Sara.

– Ele vai ficar bem. Os meus irmãos decidiram que o Pere e o Lanny vão afastar-se e deixar o Colin tratar dele. Obriguei o Colin a prometer ser meigo.

Ariel procedia como se dissesse aquilo a Sara em confidência; no entanto, a sua voz podia ser ouvida seis bancadas mais acima ou abaixo.

– A minha esperança é que o Mike não aleije os teus irmãos – ripostou Sara, numa voz igualmente elevada, enquanto enchia a boca de pipocas.

À volta, ouviram-se risos abafados das pessoas que estavam a par da eterna animosidade entre as duas jovens.

Se havia alguma coisa que os Frazier tinham em comum era que, quando elevavam a voz, faziam-se ouvir, e isso foi demonstrado no campo de jogos.

– Então és nosso primo – gritou Colin, num tom ameaçador. – Não te pareces nada connosco.

– Os anjos devem ter *gostado* da minha mãe – ripostou Mike.

A sua voz não era tão alta quanto a deles, mas o tom roufenho fez os pêlos da nuca de Sara eriçarem-se – e levaram-na a recordar a noite anterior, quando ele a acordara com beijos. Infelizmente, a voz profunda de Mike parecia exercer o mesmo efeito nas outras mulheres, pois algumas adolescentes começaram a guinchar.

– Ele julga-se muito esperto – disse Pere. Era um ano mais novo do que Colin, que tinha trinta anos, e tão bem-parecido como os irmãos.

– Ter esperteza deve significar que não sou parente dos Frazier. – As palavras de Mike mereceram os aplausos da multidão. Na óptica das pessoas da vila, era magnífico ouvir alguém a desafiar aquela família tão rica.

O círculo de homens corpulentos fechava-se mais em torno de Mike.

– Devemos chamar o nosso irmão mais novo, o Shamus, para esta tarefa? – gritou Lanny. – Acho que para derrubar este velhote chega um rapaz. – Lanny desferiu um golpe pouco convincente com o sabre em direcção a Mike, numa atitude de troça, mas Mike reagiu de imediato. Ergueu a pesada lâmina como se não pesasse nada e descreveu um círculo acima da sua cabeça. Lanny e Pere recuaram, mas Colin avançou. Num único movimento, Mike bloqueou a mão com que Colin empunhava o sabre com o antebraço esquerdo e desferiu uma forte estocada nas outras duas armas com a sua, atirando-as pelos ares através do campo.

Concluído aquele golpe, Colin mantinha-se de pé com o sabre em punho, enquanto os irmãos mais novos haviam ficado de mãos vazias.

O assombro emudeceu a multidão. Todos estavam como que petrificados, mãos a meio caminho das bocas, as bebidas suspensas no ar. As mães interromperam-se a meio das advertências aos filhos; os homens deixaram de olhar para as raparigas e os miúdos limitavam-se o olhar fixamente. Sara foi a primeira a recuperar do assombro. Pôs-se de pé e começou a aplaudir. Ao ver que as suas palmas isoladas não incentivavam a multidão, começou a gritar vivas. Luke levantou-se ao lado de Sara, juntando a sua voz à dela. Instantes depois, as pessoas reagiram com um bramido atroador enquanto se punham de pé.

No centro do campo, Mike não deu mostras de ter ouvido o barulho. Os seus olhos estavam fixos em Colin, enquanto recuava alguns passos para poder ter os irmãos mais novos no seu ângulo de visão. Quando a multidão se acalmou e se sentou, os dois homens mais novos avançaram para tentarem apanhar as espadas do solo, mas Mike agarrou numa delas, arremessando-a para fora do alcance deles. Descreveu um arco para a direita, passando por cima de uma pilha de barricadas e indo cair no outro lado, com um impacto tão forte que a lâmina se cravou no solo ruidosamente.

Desta feita, Sara não precisou de incentivar os aplausos, já que as pessoas, uma vez mais, se puseram de pé, começando a gritar.

Mike empunhava dois dos pesados sabres e deslocava-se em círculo, com ambos erguidos acima da cabeça.

Quando Pere se aproximou, Mike investiu, tendo ficado tão perto de lhe golpear o pescoço que a multidão susteve a respiração. Do outro lado do recinto da feira, as pessoas ouviram os gritos e

vieram a correr. O homem que manobrava um dos carrosséis parou-o e abandonou a comprida fila de clientes que esperavam a sua vez. Quando começaram a protestar, gritou:

– Sigam-me. – Passou por um grupo de rapazes adolescentes e gritou-lhes: – Combate a valer! – Quase atropelavam as pessoas quando desataram a correr.

No campo, Pere levantou as mãos ao ar, num gesto de rendição, e curvou-se diante de Mike. Se disse alguma coisa, ninguém ouviu devido ao barulho da multidão.

Lanny aguardou, mas depois deu meia volta e fez uma vénia ao público, também num gesto de rendição. Foi apupado e assobiado atroadoramente.

Restavam Mike e Colin, e nenhum parecia disposto a desistir. Mike tinha as duas espadas, mas quando a multidão se acalmou, sorriu a Colin.

– Não queria vencer-te estando eu em vantagem, primo – disse em voz alta, ao mesmo tempo que arremessava o sabre por cima das barricadas, que foi cair a poucos centímetros do outro. Os aplausos que se seguiram podiam ser ouvidos a quase dois quilómetros.

– Ele é maravilhoso, não é? – perguntou Sara a Luke, em voz baixa, agarrando-se ao braço dele.

Ele segurou-lhe a mão e sorriu afectuosamente.

– O Mike é o herói do momento, tão frio que transpira cubos de gelo. Mas não te esqueças de que o Colin é um osso duro de roer. O Mike vai ter de se esforçar muito para o vencer.

Os dois homens inclinaram-se para a frente e começaram a descrever círculos. Colin foi o primeiro a tomar a iniciativa, empunhando o sabre diante de si, como se fosse atingir Mike no peito. Mas este deu um salto e atingiu Colin no peito com um pé, apanhando o homem mais corpulento tão de surpresa que este cambaleou para trás. Mike aterrou no solo e depois começou a circundá-lo com a espada erguida.

Após alguns momentos para recuperar o fôlego, Colin endireitou-se e disse:

– Não me incomodas mais do que um mosquito.

Ao ouvir isto, um grupo de rapazes sentados no extremo mais afastado das bancadas tomou o partido de Colin, começando a incentivá-lo.

– Frazier! Frazier!

Por sua vez, Sara pôs-se de pé a entoar: « Mike! Mike! » E os espectadores do seu lado da bancada fizeram coro com ela. Com excepção de Ariel e Shamus, como seria de esperar, que se mantiveram sentados, mas quando as pessoas lhes bloquearam a visão, Shamus levantou-se e tocou no ombro do homem à sua frente. O indivíduo, um forasteiro, avaliou a estatura gigantesca de Shamus e decidiu sentar-se. Não tardou a formar-se um corredor de pessoas sentadas, o que permitiu que Ariel e Shamus vissem o que se passava no campo, continuando sentados.

Quando Colin se lançou a Mike, este desviou-se dele, mas a manga da camisa ficou presa na espada, rasgando-se do ombro ao pulso. Grandes pedaços de tecido pendiam perigosamente. Sem perder a concentração, Mike arrancou os pedaços soltos de tecido. A camisa ficou rasgada até à cintura e ele tirou o que restava pela cabeça.

Quando a visão de Mike em tronco nu e *kilt* fez a multidão ficar quase frenética, ele correu na direcção de Colin, que deu um salto à retaguarda, mas não antes de a lâmina do sabre de Mike ter rasgado o ar. A multidão arquejou em choque. Aquilo era uma feira local, mas Mike parecia levar o combate muito a sério. No último golpe, teria ferido Colin?

Este manteve-se imóvel, a olhar para o peito como se estivesse à espera de ver o sangue a

jorrar, mas então viu algo que passara despercebido à multidão. Sorrindo, retrocedeu, levantou os braços e movimentou-se em círculo. Como que em câmara lenta, a camisa de Colin começou a cair. Com um golpe cheio de destreza, Mike tinha-a cortado sem deixar uma única beliscadura no tronco do primo. Quando a camisa de Colin pendeu em grandes pedaços, este arrancou-a do corpo e também ficou em tronco nu.

As raparigas começaram a aplaudir ao verem o torso bem musculado de Colin; Sara riu-se.

– Parece que o Colin tem andado a exercitar o físico – disse Luke.

No segundo seguinte, os dois homens recomeçaram a girar e o combate iniciou-se a sério – ou, pelo menos, demasiado a sério para o gosto de Sara. Não havia dúvida de que Mike era mais ágil e fisicamente mais bem preparado do que Colin, mas lutar com Colin era como lutar contra uma rocha. Mike correu para cima das barricadas e, a dada altura, atingiu os ombros de Colin com os pés. Mike esgueirava-se facilmente a todos os golpes que este desferia com a espada. Saltou duas vezes por cima da lâmina do sabre quando corria o risco de ser golpeado no estômago.

– Não estou a gostar disto – murmurou Sara, e Luke passou o braço por cima dos ombros dela.

– Espero que ele não fique ferido – acrescentou, escondendo a cara no ombro de Luke.

– Não estás a ver que é tudo a fingir? Nenhum deles corre perigo, muito menos o Mike. Os três Frazier podiam atirar-se a ele sem nunca o apanharem.

– Tens a certeza?

– Absoluta. Devias ver isto. O Colin está a ficar exausto, mas o Mike era capaz de continuar o resto do dia. Que preparação física é que ele teve?

– Não sei. A Tess disse qualquer coisa sobre o Brasil e a China – respondeu Sara, passando-lhe o seu *BlackBerry*. – Mas podes ligar-lhe para lhe perguntares.

– E perder a luta? Ah! Anda, vamos descer até mais perto da vedação.

Sara seguiu Luke, que a levantou da quinta bancada. Posicionou-se junto da vedação que delimitava o campo de jogos e esforçou-se por ver a luta, mas era difícil. Mike esquivava-se a cada estocada de Colin com o seu enorme sabre, mas agora que se encontrava mais perto, Sara constatou que, de facto, Mike estava a divertir-se à grande – e parecia querer continuar todo o dia.

Mas ele olhou para a vedação e viu que Sara o olhava, à beira das lágrimas e com a preocupação estampada no rosto; fez-lhe um aceno de cabeça. Iria pôr cobro àquela peleja por causa dela. No instante seguinte, rodopiou num movimento que o colocou atrás de Colin, saltando para lhe encostar um pé à parte de cima das costas, ao mesmo tempo que assentava a superfície plana do sabre na barriga das pernas de Colin. Este perdeu o equilíbrio e caiu desamparado por terra, com um estrondo ensurdecido. Mike pousou o pé nas costas de Colin e encostou a espada ao seu pescoço.

A multidão começou a aclamar histericamente. O não favorito ganhara.

Quando Mike retirou o pé, Colin levantou-se a cuspir a lama que lhe enchera a boca. Mike estendeu o braço para Sara, que correu para ele. Pegou-lhe, levantou-a e fê-la rodopiar – e os gritos da multidão foram ensurdecedores.

Quando Mike a beijou, os forasteiros riram-se e gritaram, mas os residentes de Edilean pareceram chocados. Sara não ia casar-se dentro de dias? Com outro homem?

– Acho que já fomos vistos por todos – disse Sara, continuando agarrada a Mike, a face encostada ao peito suado e nu.

– Era essa a intenção.
– E também foi por isso que te casaste comigo – disse ela.
– Por isso e por umas quantas Noites Escaldantes nossas – redarguiu ele, prendendo os olhos nos dela.

– Arranjem um quarto! – gritou alguém na multidão, e todos desataram a rir. Relutantemente, Mike pousou Sara no chão.

Ela correu para Luke, que tinha ficado junto da vedação enquanto Mike e Colin agradeciam os aplausos. Colin pôs todos a rir quando pegou em Mike por trás e o ergueu do solo. Em seguida, parodiando o que Mike e Sara haviam acabado de fazer, Colin enlaçou Mike e fingiu que tentava beijá-lo.

Mike deu uma reviravolta, acabando de pé em cima dos ombros de Colin, que o agarrou pelos tornozelos sem o deixar cair. Colin começou a dançar como se estivesse embriagado à volta do campo, enquanto Mike se esforçava por manter o equilíbrio. Quando Colin se deteve, Mike saltou para o solo, caindo a rebolar. A multidão aplaudiu, e Mike fez uma vénia, enquanto Colin corria atrás dele rumo à tenda ao fundo do campo de jogos com os lábios a desenharem um beijo.

– Deus me valha – disse Mrs. Frazier, olhando para os dois homens sem camisa, todos sujos e a rirem-se.

Mike nunca a tinha visto, mas reconheceu-a das cartas de tarô. Ela envergava um traje tão sumptuoso que teria sido o orgulho de qualquer rainha medieval. Mike colocou uma perna atrás da outra e fez-lhe uma vénia rasgada.

– Vossa majestade.

Mr. Frazier, vestido como um mercador próspero, deu um passo em frente.

– Creio que ele percebe quem realmente és, minha querida.

– Ele é pequeno, mas posso ficar com ele, mãe? – perguntou Colin atrás de Mike, como se este fosse um cachorrinho.

– Cuidado com a ferroada mortal do escorpião – ripostou Mike numa voz rosnada.

– Cuidado com o pé do primo – contrapôs Colin.

Mr. Frazier interpôs-se entre os dois, estendendo a mão a Mike.

– Ouvi dizer que a tua avó era irmã da minha mãe biológica. Lamento não ter chegado a conhecer nenhuma delas, mas... – pareceu não saber que mais acrescentar.

– Oh, Grinny – disse Mrs. Frazier –, haverá tempo para isso mais tarde. – Virou-se para Colin e era evidente que reprovava o facto de ele estar em tronco nu. – Há camisas lavadas na caravana. – Olhou para Mike. – E sugiro que também vistas qualquer coisa.

– Sim, minha senhora – retorquiram os dois homens ao mesmo tempo, saindo da tenda e regressando ao campo de jogos, onde começaram imediatamente aos socos.

– Queres ir beber qualquer coisa? – perguntou Colin.

– Quem me dera poder, mas tenho de fazer umas coisas.

– Sim, não há ninguém da vila que não te tenha visto com a Sara. – Colin baixou a voz. – Ouve... sei algumas das razões que te trouxeram até cá, mas não a história completa. Se precisares de ajuda, só tens de dizer.

– Só peço que zeles pela segurança dela – retorquiou Mike, saindo do campo e encaminhando-se de novo para a tenda de Ellie. Tal como adivinhara, Sara esperava-o com uma camisa lavada.

Minutos depois, Mike recebeu uma mensagem de texto.

OLÁ RAPAZ. OUVI DIZER QUE RECEBESTE O MEU CONVITE PARA TE JUNTARES A MIM. O QUE QUER QUE ESTEJAS A FAZER ESTÁ A RESULTAR. O VANDLO PÔS-SE A ANDAR, ENRAIVECIDO.

Sorrindo, Mike atirou o telemóvel ao ar, apanhando-o a seguir.

– O que foi isso? – perguntou Sara, alisando-lhe a camisa.

Agarrando-a pela cintura, Mike começou a andar à roda com ela.

– Porque estás tão satisfeito? Ontem à noite e agora isto. O que é que se passa?

– Instinto, doçura – respondeu ele, rindo-se. – Ainda não me deixou ficar mal.

Sara aguardava uma resposta à sua pergunta.

– Digamos apenas que eu receava que alguém me tivesse atraído, mas não fui capaz de acreditar nisso.

– E ele... ou ela... não te atraíu?

– Nã. E então, onde está a irmã mais nova da Kim. Anna, não é? Temos de ensaiar antes do início do espectáculo.

Entretanto, Taylor, a irmã de Sara, entrou na tenda.

– Falei com a Anna e ela não quer ter nada que ver contigo. Viu-te a lutar e disse, passo a citar:

« Ele é velho de mais e não gosto da barba dele. »

Mike pôs Sara no chão e deu-lhe um beijo no pescoço.

– Não será a primeira vez que terei de persuadir uma mulher a gostar de mim.

– E porque duvido que tenhas tido muita experiência nisso? – perguntou Taylor, e Mike sorriu-lhe.

– Pára de namoriscar a minha irmã e vai procurar a Anna.

– Sim – secundou Taylor –, ou o meu marido dá-te uma valente tarefa.

O marido de Taylor era um médico que trabalhava de mais e que nunca tinha tempo para ir a um ginásio.

– Vou ganhar este jogo, e será o último – disse Mike em voz baixa a Sara. – Depois volto aqui, para te dizer o que tens de fazer; portanto, não te vás embora. Estás a perceber?

– Estou – respondeu ela, respirando fundo.

Sabia que aquilo queria dizer que Greg ia a caminho, o que significava que o grande confronto com ele seria dentro em pouco. O seu receio era sentir-se tão encolerizada quando o visse que deitaria a verdade da boca para fora a respeito da mãe dele e da investigação, dando cabo de tudo.

– Vais fazer tudo bem – disse Mike. – E não te preocupes por poderes falar de mais. Já vi como consegues ser uma grande mentirosa.

– Isso é para eu me sentir melhor?

Mike puxou-a para os braços e, depois de uma rápida olhadela para ver se Taylor estava de costas, beijou-a.

– Quando este assunto estiver resolvido, prometo que te farei sentir muito melhor.

Sara fez um acenar de assentimento, mas continuava preocupada. Mike depositou-lhe um beijo no meio da testa e saiu da tenda.

– Sara – disse Taylor –, o Luke disse-me que o Mike está a pensar em abrir uma espécie de ginásio. Posso inscrever já o Gene?

Quando se riu, Sara apercebeu-se de que começava por fim a tornar-se amiga das irmãs.

SARA QUERIA ver o marido na competição do salto à corda, especialmente com uma miúda tão cheia de genica como Anna Aldredge; por isso, apressou-se a tratar das tarefas de que a mãe a encarregara. Enquanto estava à entrada da tenda a descarregar tartes de maçã, ouviu inúmeros elogios de pessoas que haviam visto Mike a lutar com Colin. Alguns adolescentes fingiam dar pontapés uns aos outros, para gáudio dos espectadores, que se riam ao vê-los cair.

Queria tanto poder dizer-lhes que Mike era seu marido!

Ellie deteve-se junto da filha e segredou-lhe:

– Daqui a nada podemos começar a fazer publicidade ao ginásio do Mike. Estás preparada para iniciar a remodelação daquela quinta escalavrada?

Sara sorriu; a mãe sabia na perfeição o que dizer para a animar. Ela adorava pensar no seu futuro ao lado de Mike.

– Ele tirou o carro do estrado! – gritou um rapaz. – Ele e uma miúda qualquer vão competir a saltar à corda em cima da plataforma!

Não havia que enganar quanto à identidade do « ele », e Sara desatou o avental. Todos os anos, os Frazier doavam um carro que era oferecido à pessoa que ganhasse mais jogos. E agora parecia que Mike tratara de mandar remover o carro de maneira a que ele e Anna pudessem competir num lugar de destaque. Era um espectáculo que Sara não queria perder.

Mas o pai deteve-a.

– Sara, posso falar contigo uns momentos?

Estava com aquilo a que a família chamava « cara de médico ». Em quase todas as situações, o Dr. Shaw era um homem de trato fácil, sem sequer se opor a que a mulher e as duas enérgicas filhas mais velhas ditassem a sua existência; no entanto, quando as suas capacidades profissionais eram necessárias, toda a sua personalidade se alterava. Era o homem em controlo da situação.

– O que se passa? – perguntou Sara.

– É a Joce.

De imediato, Sara começou a encaminhar-se para a tenda da sina, mas o Dr. Shaw agarrou-a pelo braço.

– Ela está bem, mas cansou-se demasiado. O Luke e eu vamos levá-la para casa, para que ela possa descansar algumas horas. Sara, sei que queres ver o Mike, mas importas-te de a substituir? Há uma fila enorme à entrada da tenda, e a perspectiva de decepcionar as pessoas está a deixá-la numa grande tensão. Ela disse que tu és a única pessoa que sabe o que fazer para poderes substituí-la.

– Claro que sim – retorquiu Sara. – Faço tudo o que for preciso por ela.

Consolou-se ao pensar que ficaria próxima da tenda da mãe, tal como Mike lhe dissera que fizesse.

– O Luke trouxe-lhe roupa, e ela já a vestiu. Importas-te de enfiar aquele... – acenou com a mão, num gesto que indicava o traje espalhafatoso de cartomante que Joce tinha vestido.

– Com certeza. Dá-me só uns minutos.

Enquanto se dirigia para o pequeno espaço separado por uma cortina ao fundo da tenda da cartomante, Sara perguntou-se até que ponto Mike teria posto os pais ao corrente da situação na

noite em que havia combinado o casamento.

Sara não precisou de muito tempo para vestir o amplo traje de Joce por cima da sua própria vestimenta medieval, após o que pôs as argolas de Tess. Pelo menos, enquanto fazia de Joce, podia tirar os pensos rápidos que lhe ocultavam a aliança e o anel de noivado. Num impulso de momento, pediu ao pai que a ajudasse a pôr uma almofada por cima do estômago liso. Com o véu e a tinta preta muito carregada com que pintou os olhos, Sara esperava que ninguém desse pela substituição da cartomante.

O Dr. Shaw fixou a almofada no seu devido lugar, dizendo:

– Só espero que esse rapaz com quem te casaste faça disto uma realidade. Gosto de netos. Hum... Sara, achas que sou velho de mais para me inscrever no ginásio do Mike?

– Paizinho, aos meus olhos, nunca serás velho de mais seja para o que for – replicou ela, dando-lhe um beijo na face.

Sorrindo, ele prendeu-lhe o véu em volta da cara. Com o turbante vermelho a cobrir-lhe o cabelo e os anéis finalmente à vista, era difícil distingui-la de Jocelyn.

– Vai em frente – disse o Dr. Shaw, e quando afastou a aba que tapava a abertura da tenda para sair, ela apercebeu-se de um rápido movimento ao fundo. Noutras circunstâncias, Sara não teria reparado naquilo, mas agora sabia que se tratava de Brewster Lang a rondar.

Assim que o pai desapareceu do seu raio de visão, Sara disse calmamente:

– Toda a gente está a adorar os seus biscoitos, Mister Lang.

Entrou na tenda e sentou-se numa cadeira baixa. Diante de si tinha uma pequena mesa redonda que Shamus decorara com os signos do zodíaco e estrelas iridescentes; no lado oposto da mesa havia outra cadeira.

À entrada da tenda estava uma das raparigas da escola secundária que se oferecera para ajudar na feira, e Sara disse-lhe que podia começar a deixar entrar as clientes.

Uma hora mais tarde, só lhe apetecia começar a gritar que também precisava de fazer uma festa. As pessoas da vila sabiam que era Joce quem fazia de cartomante. Talvez por ela ser uma recém-chegada à vila, ou talvez por causa do véu, qualquer que fosse a razão, a verdade é que as pessoas abriam o coração – e levavam muito a sério o que Sara lhes dizia quando lhes lia a sina. Desde a primeira « leitura » que ela deu consigo a desempenhar o papel de conselheira.

– Acha que devo deixá-lo? – perguntou-lhe uma mulher.

Sara conhecia-a e só queria gritar-lhe: « Sim! » Em vez disso, num tom de voz tão místico quanto foi possível, indicou-lhe um conselheiro matrimonial em Williamsburg especializado em violência doméstica.

– Será que o meu marido tem um caso?

Sara garantiu à mulher, que era evidentemente ciumenta, que não. O marido em questão tinha uma barriga maior do que a de Joce, e não havia nenhuma mulher que se atirasse a ele.

– Acha que encontrarei alguém?

Sara gostou da pergunta da mulher porque vira Mr. Peterson a olhar para ela na igreja. Sara disse-lhe que, se não fosse comprar imediatamente quatro pneus novos à Peterson's Wheels, teria um acidente de viação – acrescentando que Arthur Peterson tinha uma mensagem espiritual para ela, pelo que precisava de falar com ele pessoalmente. A mulher saiu apressadamente, e Sara esperava que fosse a caminho da garagem.

Sara disse a duas adolescentes que deixassem de fumar às escondidas e que passassem a vestir

saíam mais compridas. Ambas saíram da tenda a rir a bandeiras despregadas.

A pior parte daquela tarefa era ouvir as aclamações da multidão que assistia aos jogos. Perguntava-se como estaria a correr a competição a Mike. Nunca o vira a saltar à corda. Saltaria bem? É claro que se tratava de uma pergunta absolutamente retórica, uma vez que, ao que tudo indicava, não existia uma única actividade desportiva em que ele não fosse brilhante.

Sorrindo, Sara perguntou-se se os filhos de ambos herdariam os talentos do pai. Gostaria de ter um filho excelente em artes marciais. Por outro lado, esperava não vir a ter uma filha que pensasse que trepar a árvores era uma forma de arte. Como é que Sara se relacionaria com ela?

– Valha-me Deus, parece que vim interromper um devaneio.

Sara soergueu o olhar e viu Mrs. Myers entrar na tenda a manquejar. Era uma viúva octogenária que vivia numa casa exígua nos arredores da vila e ia à igreja com regularidade. Não vivia em Edilean há muito tempo, mas dizia-se que residira na vila quando era criança, tendo regressado quando o marido falecera alguns anos antes. A pobre mulher caminhava com a ajuda de duas bengalas e, mesmo assim, tinha dificuldade em andar. Na igreja, figurava sempre entre as cinco primeiras pessoas de qualquer lista que precisavam da caridade do próximo.

Enquanto Mrs. Myers se sentava, Sara baralhou as cartas de tarô com cuidado, para não as dobrar.

– E a que perguntas lhe posso responder hoje? – « Por favor, não me pergunte quantos mais anos lhe restam de vida », disse Sara para com os seus botões.

– Ora, o habitual, minha querida. Quando é que vou encontrar um homem?

Sara fez um esforço para não se rir, mas quando viu o brilho nos olhos da idosa, não conseguiu evitar um sorriso por detrás do véu translúcido.

– E que tal um simpático e saudável empresário aposentado?

– Eu preferia um cavaleiro, magro e de tez morena, um homem que me leve pelos campos no seu alazão e que faça amor comigo ao luar.

Sara ficou de boca aberta.

– Essa é uma ideia que também me agrada bastante.

Mrs. Myers olhava para as cartas de tarô por entre os olhos semicerrados.

– Então o que dizem as cartas a meu respeito?

Sara não sabia o suficiente acerca da mulher para poder proceder a uma leitura da sina adequada. Mas sabia que ela não era rica.

– Dinheiro – disse Sara, com firmeza, enquanto deitava três cartas. – Vejo uma fortuna no seu futuro.

– A sério? E em que carta vê isso?

Sara não sabia muito bem qual o significado de cada carta, mas fazia sentido que as moedas significassem dinheiro. Apontou para aquela em que Greg figurava com uma expressão carrancuda, rodeado pelos rostos de seis mulheres em moedas douradas.

– Esta.

Mrs. Myers abriu a sua mala de mão – tão velha que já tinha rachas no couro – de onde tirou os óculos de ver ao perto. Enquanto abria a armação, disse:

– Em tempos usei um véu muito parecido com o seu.

– A sério? – retorquiu Sara, sorrindo. – E conseguiu-lhe o que desejava?

– Conseguiu-me um marido muito bem-parecido – replicou Mrs. Myers, pondo os óculos. –

Talvez fosse um tudo-nada velho de mais, mas ainda funcionava bastante bem.

– Isso quer dizer que valeu a pena – retorquiu Sara, mas sentia o coração a bater acelerado. Um véu que lhe permitiu arranjar marido? Um jovem bem-parecido que fazia amor ao luar? Seria possível que fosse o pai de Greg? Seria aquela mulher a notória Mitzi Vandro? Tinha muito mais do que cinquenta e três anos, mas quando Sara olhou para as mãos da mulher, viu que não tinham os sinais da idade que o rosto apresentava. Ninguém sugerira que Mitzi pudesse disfarçar-se de modo a aparentar mais idade, e aquela mulher também não tinha o nariz grande, que era tão protuberante na única fotografia que se conhecia dela.

Sara apercebeu-se de que, se Mrs. Myers tivesse contado a mais alguém a história de como o véu lhe permitira arranjar marido, teria sido uma boa piada. Não fosse o que Mike lhe dissera, e Sara não conseguiria reconhecer a mulher.

O seu primeiro pensamento foi desejar ter uma campainha que pudesse premir com o pé. Não perguntara nada a Mike com relação a câmaras de vídeo na tenda da cartomante, o que agora lamentava. Haveria alguém a monitorizá-las, ou limitar-se-iam a registar tudo em vídeo para ver posteriormente? Se fizesse um gesto em direcção à câmara, seria vista por um agente?

«Mantém a calma», disse a si mesma enquanto se apressava a esconder a carta com o rosto de Greg e deitava as outras em cima da pequena mesa. Assegurou a si própria que, se Mitzi a tivesse visto junto de Mike, não haveria problema, porque naquele momento estava protegida pelo facto de todos pensarem que ela era Joce, e não Sara. Isso era bom, porque, tanto quanto sabia, a mala velha de Mrs. Myers continha uma arma. Para reforçar a sua identidade, pôs os anéis bem à vista. Joce era uma mulher casada.

Mrs. Myers observava as cartas com a ajuda dos óculos de ver ao perto com olhos muito abertos.

– Onde é que arranjou este baralho? – perguntou a mulher, com a respiração arquejante, como se estivesse a ver algo maravilhoso.

Qualquer dúvida quanto a ela ser Mitzi Vandro desapareceu num ápice.

– São lindíssimas, não são? – replicou Sara, numa voz mais elevada do que fora sua intenção. – Existem apenas seis baralhos em todo o mundo. Foi a editora do meu marido que as imprimiu. Tencionavam usá-las na promoção de um dos livros dele, mas a impressão era demasiado dispendiosa; portanto, estes são os únicos baralhos impressos.

Mrs. Myers inclinou-se para a frente a fim de examinar melhor as cartas dispostas em cima da pequena mesa.

– Estarei a reconhecer algumas das caras?

– Oh, sim. O Shamus Frazier desenhou-as todas e surpreendeu-nos ao fazer retratos. – Sara pegou na carta que representava o Dia do Juízo Final, em que figurava o rosto da sua própria mãe. Trajava um vestido vermelho e tinha a cabeça coberta por um amplo lenço; usava umas argolas de ouro. – Esta é Mistress Shaw, a mãe da minha amiga Sara. – Tão sub-repticiamente quanto possível, Sara colocou uma carta com o rosto de Stefan por baixo do baralho. Pensava que seria melhor não deixar que a mulher visse Stefan como um homem de aparência extremamente desagradável. – Mas estou para aqui a falar-lhe da minha vida quando, em princípio, devia estar a falar da sua.

A despeito de tudo o que pudesse fazer, Sara sentiu o pânico apoderar-se de si. O que devia fazer? Deixar-se ficar na tenda no papel de médium e aguardar, ou correr para Mike? Mas sabia

que sair dali seria impossível. Aquela mulher andara a iludir as autoridades ao longo de toda a vida, pelo que a conclusão lógica era que ela nunca ficaria ali para ser capturada.

Sara decidiu fazer o seu melhor para manter a mulher interessada durante o máximo de tempo possível, para que alguém pudesse chegar e... O quê? Prendê-la? Tentou recordar-se de tudo o que Mike lhe dissera sobre Mitzi, mas não era fácil, pois sentia o coração na garganta.

– Deixe-me ver... Ah, sim. – Olhou para a mulher. – Quer saber a verdade do que estou a ver nas cartas, ou é como as outras e quer que eu doure a pilula?

Mrs. Myers – Mitzi – pestanejou.

– A verdade – respondeu.

– Muito bem. O véu que usava levou a um casamento infeliz, e há muito tempo que enviuvou.

– Soergueu o olhar, fitando a mulher com uma expressão apologetica. – Lamento muito, Mistress Myers, limito-me a dizer o que vejo. Não parece que o seu marido tenha sido um homem simpático.

Quando viu que a mulher não dizia nada, limitando-se a olhá-la com fixidez, foi por pouco que não deitou tudo a perder. Bateu numa carta.

– Mas teve amor na sua vida com outro homem. Ele era jovem e muito bem-parecido – continuou Sara, esboçando o seu sorriso mais doce. – A descrição que fez de cavalgadas ao luar pertencia a esse passado?

A idosa não lhe deu resposta. Sara voltou a concentrar-se nas cartas.

– Aconteceu algo ao seu jovem apaixonado. O futuro dele é nebuloso.

A mulher inclinou-se ligeiramente para a frente, como se estivesse intrigada.

– Mas espere. Existe outro amor na sua vida. Há uma criança. Um rapaz? Uma rapariga? –

Olhou para a mulher, à espera que esta lhe respondesse.

Mitzi encostou-se na cadeira e Sara recebeu que ela estivesse a perder interesse nas cartas.

– A cartomante é você, minha querida, não eu.

Sara voltou a olhar para as cartas.

– A criança é muito desejável para o sexo oposto, o que a deixa satisfeita, mas isso também lhe causa muitos problemas.

Uma vez mais, a mulher remeteu-se ao silêncio.

– Ah! Aqui está. Esta carta – continuou, tocando na carta em questão. – Parece que tem um objectivo na sua vida. Deseja algo porque lhe proporcionará... – Sara franziu a testa ligeiramente, como se estivesse a concentrar-se. – Paz. Liberdade. Sim, o que quer que seja que pretende, se conseguir encontrar isso, passará a desfrutar da paz por que tanto anseia.

– Você é uma jovem tão perspicaz – disse Mrs. Myers, e depois começou a tossir. – Peço desculpa. – Continuou a tossir. – São as mazelas do envelhecimento. Detesto ter de a incomodar, minha querida, mas importa-se de ir ali ao lado buscar-me um copo de água?

Ela queria roubar o baralho de cartas, pensou Sara, levantando-se da cadeira, pestanejando sucessivamente enquanto tentava pensar no que fazer. «Ir ter com o Mike», foi o primeiro pensamento que lhe ocorreu, mas como poderia fazer isso sem deixar a mulher sozinha? E se ela guardasse um ou dois baralhos na mala e fugisse? Talvez nunca mais voltassem a encontrá-la – e a culpa por ela ter desaparecido recairia sobre Sara.

– Com certeza – disse Sara, transpondo a cortina que separava a parte das traseiras da tenda. Meteu a cabeça de fora.

– Mister Lang! – chamou entre dentes. – Preciso de si. – Mas o homem não apareceu. Sara foi para dentro e olhou através da cortina, vendo que Mrs. Myers continuava sentada, dando tempo a Sara para que esta sasse.

Sara olhou para a costura que unia as paredes do tecido da tenda. A extremidade superior estava orlada com um cordão entrançado, presumindo ela que as lentes da câmara de vídeo estariam ocultas ali. Ergueu o punho fechado e girou sobre si própria, rodopiou de novo e com os dois braços fez um gesto com que pretendia pedir que enviassem alguém para a ajudar.

Olhou para trás, para a parte central da tenda, constatando que Mrs. Myers continuava sentada no mesmo lugar com os óculos na ponta do nariz. Tinha pegado no baralho que Sara usara e examinava as cartas. Sara respirou fundo. Não tardaria que ela deparasse com o rosto de Greg, percebendo o que se estava a passar.

– Onde é que está o Mike?

Sobressaltada, Sara virou-se, deparando com Ariel, que se encontrava na abertura das traseiras da tenda.

– O Mike? – repetiu Sara.

– Sim, o tipo a que te agarras como se ele estivesse prestes a afogar-se. Ele desapareceu. Vi-o há pouco acompanhado por um desconhecido, um tipo lindo. A forma como ele se movia fez-me... Mas adiante, agora não conseguimos encontrar o Mike, e os próximos jogos não tardam a começar. Achas que ele está com medo da desforra com os meus irmãos?

Sara espreitou outra vez através da cortina e viu que Mrs. Myers metia três baralhos de cartas dentro da sua mala. Dado que parecia que não viria ninguém para a salvar, Sara sabia que tinha de agir sem mais delongas, caso contrário, Mitzi Vandlo pôr-se-ia em fuga. Se ela escapasse, tudo o que fora posto em movimento para apanhar a mulher iria por água abaixo.

Ariel vestia um traje medieval de mulher rica. Presa ao pequeno toucado de veludo, havia uma faixa de seda branca que se estendia à largura do pescoço.

Estendendo o braço, Sara deu-lhe um forte puxão, arrancando o pedaço de seda.

– Mas que raio pensas que estás a fazer?

– A apanhar uma criminosa – respondeu Sara, olhando através da cortina. Mrs. Myers estava a pôr-se de pé. Dentro de um minuto estaria fora da tenda. Sara afastou a cortina com brusquidão, deu uma corrida e atirou-se à mulher, derrubando-a para o chão.

– Perdeste o juízo?! – perguntou-lhe Ariel, atrás dela.

Sara estava estendida ao comprido em cima da mulher e esforçava-se por enfiar a faixa de seda que arrancara do toucado de Ariel na boca de Mitzi antes que esta pudesse começar a gritar.

– Ela é uma ladra e, possivelmente, uma assassina – disse Sara, debatendo-se com a mulher. – E se o Mike desapareceu, então, ela... Ai! – A mulher tentara morder-lhe. Sara escarranchou-se em cima dela, imobilizando-a. – Se o Mike não está na feira, o desaparecimento dele só pode estar relacionado com o filho dela.

Ariel olhava para Sara, sentada em cima do que parecia uma mulher de idade, mas a julgar pela energia com que ela lhe opunha resistência, não devia ser tão velha quanto aparentava.

– O Anders é filho dela? – perguntou Ariel, de olhos arregalados, tal o choque que sentiu.

– Sim! O mesmo homem que sabias que andava de cama em cama com metade das mulheres da vila, mas do qual não me avisaste, é filho dela. E ambos são procurados por toda a gente, pela Polícia, pelo FBI e pelos Serviços Secretos. São criminosos.

Ariel parecia não compreender tudo o que ouvia.

– Não terias acreditado em mim se eu te contasse o que sabia a respeito do Greg.

Sara continuava sentada em cima da mulher, que se debatia, tentando chegar a Sara com as mãos e as unhas.

– Tencionas ficar aí a olhar para mim, ou achas que podes ajudar-me? Preciso de alguma coisa com que amarrá-la.

Num dos cantos da tenda havia um cordão vermelho e púrpura bastante comprido com uma borla enorme na ponta. Ariel puxou-o com força, e com o cordão vieram cerca de dois metros da guarnição entrançada. Enquanto amarrava as mãos da mulher nas costas, disse:

– Sabias que há uma câmara de filmar ali em cima?

– Ficaram de instalar câmaras de vigilância em todos os pontos desta tenda, mas parece que não há ninguém a monitorizá-las. Diz-me o que sabes sobre o Mike.

– Ele está cá para investigar um caso, não é? O Colin disse-me...

– Não quero saber o que disse o lingüeiro do teu irmão. O que aconteceu ao Mike?

– Ele acabou de se exhibir na competição com a Anna e... Viste-o a levantar a miúda acima da cabeça? Ela ficou tesa como uma tábua e o Mike...

Mrs. Myers debatia-se violentamente debaixo de Sara.

– Tenho andado ocupada de mais a apanhar assassinas para poder ver o meu próprio marido a fazer seja o que for! – ripostou Sara, exasperada e frustrada.

– Marido?! – exclamou Ariel, interrompendo a amarração. – Se ele está aqui a tratar de um caso, *casou-se* contigo para te proteger do Anders?

– Escusas de estar a olhar para mim dessa maneira! O Mike é meu e tenciono ficar com ele.

Debaixo dela, Mrs. Myers tinha-se imobilizado por completo.

– Acho que a mataste – disse Ariel.

– Não, ela só ficou muito perturbada por eu não me ter casado com o filho dela. Não é verdade, Mitzi?

A mulher caída no chão emitiu alguns sons desagradáveis, abafados através do pano que Sara lhe enfiara na boca.

– Temos de a levar daqui sem que ninguém a veja – disse Sara, tirando a almofada que pusera por baixo da saia. Não havia necessidade de continuar a fingir ser outra pessoa.

– Vou chamar o Colin e...

– Não! – atalhou Sara. – Não podes dizer nada a ninguém. O teu irmão haveria de querer levá-la para a cadeia.

– Claro que sim. Que outra coisa se deve fazer com ela?

– Se o Mike não estiver na feira, isso significa que foi levado. A vida dele pode estar em perigo, e eu tenciono trocar esta velha horrível por ele.

Mitzi Vando virou a cabeça a fim de poder olhar para Sara.

– Oh... – disse Ariel, arqueando as sobancelhas.

– Sim, oh. Vai lá fora e diz à rapariga que está à entrada que Mistress Myers se sentiu mal e que tenho de a ajudar a... Não sei. Invento qualquer coisa. E depois sai pelas traseiras e diz a Mister Lang que venha cá e...

– O Brewster Lang? Pensei que tinhas medo dele.

– Nem quero saber como soubeste isso. Vai buscá-lo e diz-lhe que tem de fazer de cartomante.

– O Brewster Lang a ler a sina? Estás maluca?

– Ariel, esta não é a melhor altura para o teu negativismo.

Por breves instantes, Ariel limitou-se a olhar para Sara, que continuava sentada em cima da velha. O véu de Sara pendia apenas por uma ponta e, devido às cores berrantes da indumentária de cigana, não parecia nada a rapariga dócil e inócua com que Ariel antipatizara tanto durante toda a sua vida.

– De acordo – aquiesceu Ariel, por fim.

Precisou apenas de meio minuto para dizer à rapariga à entrada da tenda que se verificaria um atraso. Levou dois minutos a encontrar Mr. Lang, e quando ambos chegaram, Ariel tinha uma mão firmemente pousada no ombro dele.

Mr. Lang parou de tentar libertar-se do aperto da mão de Ariel quando deparou com a extraordinária cena de Sara sentada em cima da velha Mrs. Myers. Os olhos pequeninos dele iluminaram-se e o seu vago esgar risonho assomou-lhe à boca. Pela primeira vez, olhou para Sara com uma expressão de respeito enquanto batia ao de leve no nariz. Tinha visto aquela mulher na fotografia que Mike lhe mostrara.

– Sim, creio que ela lhe cortou uns dez centímetros – disse Sara, e, ao ouvir aquele comentário, Mitzi tentou atirar a perna para trás a fim de atingir Sara com o calcanhar. Mas não foi suficientemente rápida para Mr. Lang, que lhe deu um valente pontapé no tornozelo. Sara ouviu-a gemer. – Ajudem-me a pô-la de pé. Vou vesti-la com estas roupas e tapar-lhe a boca com o véu.

– Alguém tem de me dizer o que se está a passar – disse Ariel.

– Roubou-me os meus quadros, foi o que ela fez – resmungou Mr. Lang, olhando para a mulher amarrada no tapete.

Sara e Ariel viraram-se e ficaram a olhar para ele.

– De que está a falar? – perguntou Sara quando já começava a despir o amplo vestido, satisfeita por ter continuado a usar o seu traje medieval, mais pequeno, por baixo.

Quando Mr. Lang hesitou, Ariel disse:

– Vai ter de se haver com os meus irmãos se não nos disser o que fez.

– Nada. Limitei-me a encontrá-los quando era miúdo, mais nada. O homem que vivia lá, o professor universitário, nunca chegou a vê-los. Certifiquei-me disso mesmo. Preguei a porta desse compartimento com pregos.

– Que compartimento? – perguntou Ariel.

– Existe um compartimento secreto na Quinta Merlin? – perguntou Sara, em voz baixa, e, ao ver que Mr. Lang não lhe respondia, acrescentou: – Junto da lareira. É por isso que a lareira está descentrada. Oculta uma porta secreta. O Mike conseguiu descobrir isso?

O rosto enrugado de Mr. Lang quase se derreteu.

– Ele levou-os? Eu vi-o a olhar para lá, mas não pensei que soubesse. Ele é um rapaz esperto. Sinto-me contente por ser meu...

– Você é parente do Mike? – perguntou Ariel, de olhos muito abertos. – Como é que isso aconteceu?

– Isso agora não interessa – atalhou Sara. – Ariel, ajuda-me a vestir-lhe isto. Mister Lang, quero que fique aqui a ler sinas.

– Não posso...

– Eu também não posso lutar com pessoas, mas é o que estou a fazer! – ripostou Sara. – Se

quer que o meu marido o deixe continuar a viver na Quinta Merlin, terá de ajudar. Está a perceber o que lhe digo?

Mr. Lang acenou que sim.

– Caramba, Sara! Desde quando passaste a tê-los?

– Ariel, cala a boca e ajuda-me.

– Sim, minha senhora – retrucou Ariel, enquanto punham Mrs. Myers, que continuava a debater-se, de pé.

– Que carro trouxeste? – perguntou Sara.

– Nenhum – respondeu Ariel. – Toda a minha família veio numa carrinha.

– Deve ser do tamanho de um vagão de carga – resmungou Sara, e Mr. Lang soltou uma das suas pequenas gargalhadas patúscas.

– É melhor do que esses carrinhos de brincar de que tu e a Joce gostam.

Ariel imobilizou a cabeça de Mitzi enquanto Sara lhe prendia o véu de maneira a cobrir-lhe a parte inferior da cara.

– Sabe uma coisa – começou Sara, olhando para a mulher –, fica muito melhor com metade da cara tapada. É verdade que o seu velho marido ficou tão horrorizado quando a viu na vossa noite de núpcias que não conseguiu consumir o acto?

Os olhos de Mitzi pareceram fogo em direcção a Sara.

– Ela odeia-te – comentou Ariel. – Odeia-te profundamente.

– É recíproco.

Ariel agarrou-a por um braço e Sara pelo outro, mas, quando tentaram deslocá-la, a mulher firmou os pés no tapete que cobria o chão. A custo, lá conseguiram arrastá-la para as traseiras da tenda, onde a cortina as escondeu.

– Ótimo. E agora, o que fazemos? – perguntou Ariel.

– Não sei, mas temos de a levar daqui para fora o mais discretamente possível; não queremos atrair atenções.

– E como propões fazer isso? – perguntou Ariel.

– Eu, hum...

Sara não sabia como responder-lhe. Uma vez mais, olhou para o tecto da tenda. Mas por que razão não havia ninguém a observá-las, vindo em seu auxílio?

Ariel retirou o braço que cingira em torno da mulher.

– Sugiro ir buscar a carrinha e trazê-la para aqui.

– Uma ideia excelente – disse Sara.

Puseram Mitzi no chão, e Ariel saiu a correr. Sara virou-se para Mr. Lang:

Destruí aquelas armadilhas como o Mike lhe pediu? – Quando ele desviou os olhos de lado, ela soube que não. – Nem sequer uma? – Mr. Lang fixou o olhar nos pés. – Ainda bem! – continuou Sara. – E agora vá para ali e comece a ler sinas.

Ele pareceu prestes a protestar, mas mudou de ideias. Com uma expressão resignada, encaminhou-se para a área da entrada.

Durante vários minutos, Sara manteve-se inclinada para Mitzi, preocupada com todas as coisas que poderiam correr mal. E se o seu pai voltasse à tenda? Como poderia explicar-lhe o que estava a fazer? Por outro lado, o pai adorava ajudar as pessoas; portanto, era possível que quisesse envolver-se no assunto. Mas ela não queria envolvê-lo no que iria passar-se a seguir. E, é

claro, havia os membros da sua igreja, além de todos os familiares. Como é que poderia explicar-lhes aquela situação?

Mitzi estava sentada em cima do pequeno tapete no chão, fitando Sara com olhos ferozes, como se fosse capaz de lhe pôr pensamentos na cabeça à força.

Sara retribuiu-lhe o olhar feroz.

– É bom que não tenha acontecido nada de mal ao Mike, porque, se lhe aconteceu alguma coisa, farei com que lamente ter nascido.

Sara pensou em tirar a mordaca da boca da mulher para poder fazer-lhe algumas perguntas, mas o mais certo seria ela desatar a berrar, levando a que as pessoas corressem para a tenda. Não havia maneira nenhuma de Sara poder explicar aquilo que estava a fazer.

No outro lado da cortina, ouvia a voz baixa de Mr. Lang e pensou que devia ter feito um esforço para o vestir com um traje de cartomante. Por outro lado, Mr. Lang já tinha um aspecto tão excêntrico que não precisava de acrescentar nada a essa excentricidade.

Espreitou através da cortina e viu Carol Garrison sentada à mesa, de olhos arregalados. Ninguém em Edilean estivera assim tão perto daquele velho tão reservado desde... Talvez desde 1941.

Sara não conhecia Mrs. Garrison e deu graças por não ter de tentar ler-lhe a sina –, mas era evidente que o bisbilhoteiro Mr. Lang sabia tudo sobre a vida dela. Disse-lhe que a filha mais velha saía do quarto pela janela para se encontrar com um rapaz cuja família se mudara de Atlanta para a vila havia pouco tempo, acrescentando que costumavam fumar cigarros juntos. A filha mais nova tinha surripiado três dólares do porta-moedas da mãe, e o filho cantava quando estava sozinho, e ela devia arranjar-lhe lições de canto. No tocante ao marido, era verdade que ele fazia serão até tarde porque queria comprar um barco, e até já tinha dado uma entrada.

Mrs. Garrison ficou sentada em silêncio, de olhos arregalados e boca aberta.

– É só isso – rosnou Mr. Lang. – Pode sair. Mande entrar a próxima pessoa.

– O que fui eu fazer! – murmurou Sara audivelmente, fechando a cortina e voltando a concentrar-se em Mitzi Vandlo. Uma vez mais, a sua mente ficou cheia de pensamentos relacionados com a perfidia daquela mulher. – Só espero que a metam na prisão para sempre pelo que fez ao Brian. Ele era um jovem maravilhoso e tinha um grande futuro pela frente.

Os olhos da mulher pareciam rir, o que fez Sara sentir um impulso quase irresistível de lhe bater. Em vez disso, desviou o olhar. Mas onde fora Ariel? Porque estaria a demorar tanto? Nesta altura já teria tido tempo de ir buscar a carrinha da família ou até de se ter apoderado do automóvel que iria ser entregue como prémio. Ela podia ter...

Interrompeu a sua linha de pensamento porque as traseiras da tenda abriram-se, dando entrada a cerca de um metro de traseira de um automóvel preto que reconheceu. Era o precioso *BMW* de Mike. Ele estava a salvo! Foi por um triz que Sara não tropeçou no corpo da mulher amarrada e amordaçada quando correu para o lado do condutor. Os vidros das janelas do carro de Mike eram tão escuros que não se apercebeu de que era Ariel quem estava ao volante até esta ter aberto a porta de repente e saído.

– Onde está o Mike? – perguntou Sara, numa voz receosa.

– Eu já te disse tudo o que sei quanto ao paradeiro dele – replicou Ariel, entrando na tenda, que, agora, tinha parte de uma viatura no seu interior.

Sara foi atrás dela.

– Pensei que podíamos pô-la no porta-bagagens – disse Ariel. – Achas bem?

– Sim, mas como conseguiste o carro do Mike? *Por que razão* estás com o carro dele?

– Estavas à espera que eu roubasse o *Camry* de alguém? Ou talvez um *Kia*? – Pegou em Mrs. Myers por um lado. – Agarra-a pelo outro braço – disse Ariel, lançando um olhar cheio de ferocidade à mulher. – Se me aleijar, por muito pouco que seja, vai arrepender-se e muito.

Sara continuava a olhar para Ariel, à espera que esta respondesse à sua pergunta.

– O meu pai tem uma concessão de automóveis. Liguei à Sue, para o escritório, dei-lhe o número de identificação do veículo, e ela abriu-o.

– E também conseguiu pôr o motor a funcionar dessa maneira?

– Não, isso fui eu. Juntei uns fios e... – Ariel encolheu os ombros.

Ambas se esforçavam por erguer Mitzi, uma vez que ela era como um peso morto nos braços das duas, além de ser bastante pesada. Precisaram de reunir todas as suas forças para conseguirem metê-la no porta-bagagens, após o que bateram com a porta.

– Eu guio – disse Ariel.

Quando já estavam dentro do automóvel e a sair do recinto da feira, Sara disse:

– Ariel, vais fazer de um homem qualquer um *grande* marido.

Ariel não se sentiu ofendida.

– Assim que encontrar um homem quase tão bom como os meus irmãos, fico com ele. Deduzo que vamos à Quinta Merlin?

– Imagino que sim, pois o Stefan quer deitar a mão ao que quer que esteja no compartimento secreto... Pinturas?

Sara sabia que apenas uma obra de arte lhe fora deixada em testamento, a aquarela CAY. Com certeza que esse pequeno quadro de concepção tão infantil não poderia valer muito dinheiro.

Ariel manobrava o carro de Mike por entre as pessoas que se encontravam na feira, seguindo em direcção à estrada. Quando chegaram à extremidade do recinto, apareceu um jovem que içou a barreira para elas passarem.

– Ah, as regalias de se ser uma Frazier – comentou Sara.

– Se vais tentar fazer-me acreditar que tens ciúmes, paro já aqui. Quase destroçaste o coração do Lanny quando andávamos no liceu.

– Eu fiz o quê? – perguntou Sara, apoiando a mão em cima do tabliê, para se firmar, porque Ariel conduzia a grande velocidade. A estrada antiga seguia o curso do ribeiro K, sendo extremamente sinuosa.

– Nada. Importas-te de me dizer que diabo se está a passar aqui? O que é assim tão importante, que um detective se *casou* contigo para o obter?

Ariel descreveu uma curva a quase cem quilómetros num trecho da estrada cujo limite era de cinquenta, após o que teve de guinar acentuadamente para a esquerda a fim de evitar bater contra uma árvore.

– Ariel! Vais matar-nos!

– Este carro conduz-se na perfeição. Vou pedir ao meu pai que se informe mais sobre ele. Sabes, não sabes, que o Mike tem vidros à prova de bala nas janelas? Pergunto a mim mesma o que terá ele guardado no fundo falso da bagageira?

Depois de ela ter dito aquilo, entreolharam-se de olhos muito abertos. Não sabiam o que Mike

teria no porta-bagagens, mas podiam tentar adivinhar. Armas. E tinham posto Mitzi Vandro junto delas, a ser esse o caso. Muito embora fosse verdade que ela estava amarrada, se conseguisse soltar-se...

– Que maravilha! – exclamou Sara. – *Tinhas* de ir buscar o carro do Mike, e agora uma das criminosas mais procuradas nos Estados Unidos está fechada junto de uma data de armas. Bom trabalho, Ariel. Muito inteligente.

– Se não querias a minha ajuda, não a devias ter pedido.

Encontravam-se à entrada da Quinta Merlin, e quando Ariel manobrou nessa direcção, Sara disse-lhe que parasse.

– Mister Lang pôs armadilhas por tudo quando é sítio nesta quinta, e o Mike indicou-me a localização de algumas delas. Quero que estaciones o carro no pomar. Se a Mitzi conseguir sair do porta-bagagens, será obrigada a atravessar um terreno cheio de armadilhas que foram colocadas para apanhar o filho dela.

Ariel seguiu as indicações de Sara, continuando através da vegetação rasteira, contornando as sebes e parando no antigo pomar.

– E agora, o que fazemos? – perguntou, desligando o motor.

– Não sei. Tens alguma ideia?

– Em primeiro lugar, devíamos telefonar ao Colin.

Sara olhou para o relógio no tabliê.

– Toda a tua família está a assistir aos jogos e ninguém atenderá os telemóveis.

– Nesse caso, parece que somos só tu e eu.

Quando saíram do automóvel, Sara olhou de relance para o porta-bagagens.

– Achas que devíamos... ver como ela está?

– E sermos recebidas por uma saraivada de balas? Não me parece. – Ariel olhava para o pomar, onde faltavam metade das árvores originais. – Este lugar arrepia-me. Sempre acreditei que estava assombrado.

– O Mike e eu vamos restaurar esta quinta. Ariel, vê lá se ganhas coragem e vamos. E mantém-te perto de mim, para não seres atingida por uma seta.

As duas mulheres, com os seus trajes medievais, pareciam perfeitamente enquadradas naquelas construções antigas. Apesar da plena luz do dia, as mulheres atravessaram a clareira aberta agachadas e com rapidez, dirigindo-se para a casa da quinta. Só quando chegaram perto da entrada lateral é que avistaram o carro de Greg.

Sara não foi capaz de conter o medo. Desde que o conhecia, Greg exercera o seu poder sobre ela. E muito embora as duas últimas semanas tivessem mudado a sua vida totalmente, continuava a sentir-se angustiada, pensando que ele poderia dominá-la.

Mas agora não podia pensar nisso. Calculou que se Greg e – esperava ela – Mike se encontrassem dentro de casa, estariam na espaçosa sala de estar, onde a lareira descentrada permitia a existência de um compartimento secreto.

Sara conduziu Ariel para o extremo lateral da casa. Infelizmente, só conseguia espreitar pela janela caso se pusesse em bicos de pés. Esticou-se e espreitou para o interior; o que viu fez com que o coração lhe batesse aceleradamente. Havia quatro homens na sala. Greg/Stefan encontrava-se junto da lareira. Ao lado dele estava um homem com uma arma que apontava a Mike e ao quarto indivíduo; ambos se encontravam no meio da sala. O pouco mobiliário de Mr.

Lang fora encostado às paredes, para que o soalho ficasse livre de qualquer obstáculo, tendo sido transformado num ringue de boxe improvisado.

Mike e o outro homem estavam vestidos apenas com as calças, sem camisas e descalços. Andavam à roda um do outro, mas, a julgar pelo sangue nos rostos dos dois, a luta começara havia muito tempo.

Os dois homens tinham uma altura e constituição física semelhantes, ambos com corpos bem musculados, ombros largos e cinturas estreitas.

O outro homem atingiu Mike com o punho, como se estivesse num combate de boxe sem luvas. Sara sentiu-se aliviada ao ver Mike esquivar-se ao murro. Em seguida, repentinamente, Mike inclinou-se e agarrou uma perna do homem, puxando-a com força. Durante alguns momentos, o homem conseguiu manter o equilíbrio, mas Mike deu-lhe uma violenta cabeçada no estômago e ele caiu, com Mike em cima dele.

Os dois homens estavam agarrados, com Mike por cima e as pernas do outro a envolverem-lhe o tronco. Mike começou a dar-lhe socos na cabeça com os punhos fechados, enquanto o homem baixava as pernas e dava um forte empurrão a Mike no estômago. Este recuou e, no segundo seguinte, ambos voltaram a ficar de pé, recomeçando a esmurrar-se.

Sara assentou os pés no solo, o punho fechado na boca, para não gritar. Olhou para Ariel.

– Foi aquele homem que viste na feira? Aquele por quem ficaste tão entusiasmada?

Ariel respondeu com um encolher de ombros.

– Consegues ser pior do que eu a avaliar homens!

– Temos de ligar ao Colin – sussurrou Ariel.

– Quando ele chegasse, já o Mike estaria morto.

Sara olhou para Ariel, com a sua saia comprida e corpete de seda.

– Precisamos de lhes desviar a atenção. O que vestiste por baixo?

Ariel esboçou o assomo de um sorriso de compreensão, virando-se de costas para Sara, para que esta pudesse desatar-lhe as fitas do corpete.

– Há uma loja pequena em frente da Biblioteca de Nova Iorque, a grande, que é gerida por uma francesa muito pequenina. Não imaginas o tipo de *lingerie* que ela vende. E todas as peças podem ser alteradas de modo a ajustarem-se ao corpo na perfeição. – Ariel falava depressa de mais para ocultar o temor que sentia.

– A sério? – perguntou Sara, que tinha as mãos a tremer. – Se conseguires... Se conseguires fazer com que um daqueles homens te siga até ao celeiro... há uma armadilha lá dentro.

Sara tentava pensar com objectividade e não no que poderia acontecer a Ariel se houvesse um homem armado a segui-la. Explicou-lhe a natureza da armadilha e falou no fio à largura da porta que se destinava a fazer cair quem nele tropeçasse; também lhe contou o que sucedera no sótão com Mike a descer pela corda.

Depois de desatadas todas as fitas do vestido, Ariel virou-se e começou a despir o pesado traje pelos ombros.

– Não me vai acontecer nada. Pára de te preocupares comigo.

Quando o vestido já estava amontoado aos seus pés, viu-se que Ariel usava um corpete de seda preta com fitas estreitíssimas passadas por ilhós a apertarem-no, assim como cuecas pretas que só cobriam metade do seu rabo firme. As pernas compridas estavam desnudadas.

– Ainda bem que não uso cuecas de avozinha como tu.

– Ariel, e que tal se tentasses ser simpática? Talvez gostes.

Uma vez que havia sido Sara a fazer a sua própria indumentária, costurara-a de maneira a ser fácil de vestir e despir. Escondera tiras de velcro por baixo da costura da frente do vestido, que separou rapidamente. Quando se vestira naquela manhã, tinha pensado em premiar Mike por ganhar os jogos, pelo que vestira umas peças de roupa interior que ele ainda não vira. O corpete branco com cuecas a condizer, e as meias brancas, que lhe chegavam até meio das coxas, formavam um conjunto que não ficava a dever nada à *lingerie* de Ariel.

– E aqui estamos nós, vestidas para passar um dia num bordel – disse Ariel, encostando-se à casa. – E agora, o que fazemos?

Logo de seguida, foi-lhes dada resposta quando ouviram disparos à distância.

– A Mitzi! – exclamaram ambas ao mesmo tempo, entreolhando-se.

Ela tinha conseguido desamarrar-se e encontrara as armas de Mike.

– Vai para o outro lado da casa – disse Sara. – Vou fazer com que o Greg me veja.

Segundos depois, o som dos tiros levou Greg e um dos guarda-costas a saírem para o alpendre. Quando Sara, vestida apenas com a roupa interior branca, apareceu, vinda de um dos lados da casa, os dois homens ficaram a olhar para ela, surpreendidos.

Vindo do lado oposto, ouviu-se um barulho enorme, como se uma pedra grande tivesse batido contra a parede lateral da casa. O guarda-costas foi ver o que se passava e deparou com Ariel, alta, esbelta e vestida com um corpete de seda negra. Nem sequer lhe passou pela cabeça disparar, tendo ficado embasbacado a olhar para ela.

Sorrindo-lhe sedutoramente, Ariel recuou um passo.

O homem olhou de fugida para o patrão, mas Greg só tinha olhos para Sara.

– É uma mulher – disse o homem.

– Vai atrás dela – rosnou-lhe Greg. – Esta é minha.

O guarda-costas saltou do alpendre e desatou a correr atrás de Ariel.

Sara deu meia volta e começou a correr, mas não conseguia ser mais veloz do que Greg. Ele apanhou-a quando ela chegou ao terraço de gralhas em frente da antiga cocheira.

Sara preparou-se para ser agredida, mas tal não aconteceu. Quando olhou para ele, viu que o seu semblante reflectia uma profunda tristeza e mágoa. Era uma expressão que ela conhecia bem. Ele recorrera a ela várias vezes quando falava das antigas namoradas – as que o tinham atraído, fazendo com que ele desconfiasse de todas as mulheres.

Enquanto o observava, Sara sentiu-se surpreendida ao perceber como as emoções podiam mudar de um momento para o outro. Um mês antes, quando Greg a olhava com aquela cara tão triste de «ai, pobre de mim», sentia uma grande ternura por ele. Como podia queixar-se de algo que ele tinha feito? Como podia crescer mais às mágoas que ele já havia sofrido? Qualquer que fosse a natureza da pergunta ou queixa que tivera a apresentar, calava-a. Não queria que dissessem que magoara alguém – e também quisera provar a Greg que nem todas as mulheres eram gananciosas, egoístas e manipuladoras como as suas antigas namoradas.

Mas agora Sara via que a expressão de Greg de «tem pena de mim» não era genuína, perguntando a si mesma como fora possível ter tido tão pouco amor-próprio ao ponto de acreditar nele.

O que queria fazer era dizer-lhe que sabia tudo a seu respeito, mas ele tinha uma arma enfiada no cinto, o que a levou a não agir dessa maneira. Era preferível aplacá-lo, e não encolerizá-lo.

Ao invés, ia esforçar-se para tirar partido do tremendo ego do homem. Chamou a si toda a sua força de vontade para dissipar a cólera, encostando-se a Greg e pondo os braços à volta do tronco dele.

– Oh, Greg, meu querido, foi tão horrível enquanto estiveste fora. Não és capaz de acreditar nas mentiras que me disseram acerca de ti. Mas eu não acreditei numa única palavra.

Sara susteve a respiração, à espera que ele acreditasse ou... que disparasse contra ela. Depois do que lhe pareceram vários minutos, ele abraçou-a.

– Sara – disse cautelosamente. – Porque estás aqui e apenas em roupa interior?

– Eu encontrava-me na feira e Mister Lang disse-me que estavas aqui.

– O Lang?

Sara afastou-se para poder olhar para ele.

– Sim. Mister Lang disse que estavas aqui à minha espera e que querias falar comigo; por isso, é claro que vim imediatamente. Depois de chegar à quinta, quando estava no meu carro a despir o traje da feira, ouvi o que me pareceu disparos. Tive medo que fosse Mister Lang atrás de *ti* com a espingarda de caça e por isso vim tal como estava.

– E porque fugiste quando eu te vi?

– Parecias tão zangado por causa do meu *deshabille*.

– O teu...

Sara viu a irritação momentânea no semblante de Greg e apercebeu-se de que tinha cometido um erro. Ele detestava que ela usasse palavras que não conhecia – e aquela expressão recordou-lhe como tinha vivido com as constantes mudanças do seu humor. Num momento estava muito bem-disposto, para logo no seguinte ficar furioso – e isso era *sempre* por culpa de Sara. Todos os maus humores de Greg – nunca quando estava bem-humorado – eram, segundo ele, causados por Sara.

Ela fingiu não reparar na irritação dele.

– Tive tantas saudades tuas – continuou Sara, forçando-se a beijá-lo no pescoço. – Sentiste a minha falta? – « Quando estiveste com a tua mulher? Ou na prisão? », queria ela perguntar-lhe.

– Sara, não tenho tempo para isto neste momento – disse ele, tirando os braços dela do pescoço e afastando-se, mas ela viu a centelha nos olhos dele. Sara não fazia ideia se ele saberia ou não que ela, entretanto, se casara com Mike, mas uma coisa era evidente: ele queria sexo. E ela precisava de tempo.

– Há uma antiga casa de Verão não muito longe daqui – disse ela ternamente. – Logo atrás daquelas sebes.

– Eu...

Sara começou a retroceder, afastando-se dele.

– Aposto que não consegues apanhar-me – disse o mais sedutoramente possível, começando a correr em direcção à casa de Verão.

Todavia, Sara vira a centelha de cólera nos olhos de Greg, pelo que sabia que não tardaria muito que ele desse rédea solta à sua raiva. Enquanto corria, a imagem que não lhe saía do pensamento era a de Mr. Lang a pôr o arame à largura da soleira da antiga casa de Verão e a fixar as setas no interior da entrada.

Na altura, ela imaginou o que aconteceria se Mike ou ela própria tivessem entrado naquela bonita e pequena construção depois de a armadilha ter sido instalada. Mas Sara não podia pensar

naquilo enquanto corria pelos campos, contornando a sebe alta que protegia a privacidade daquela estrutura.

Sara seguiu directamente para a antiga casa de Verão, dando um salto quando transpôs a soleira. Já no outro lado, deixou-se ficar encostada à parede, de onde podia ver as quatro setas fixadas no lado de dentro da entrada. Não havia maneira de se lhes escapar.

Greg parou no lado de fora da porta.

– Sara! – gritou, numa voz autoritária. – Sai daí imediatamente.

– Preferia que fosses tu a entrar – murmurou ela, sedutoramente, embora sentisse o coração a latejar-lhe nos ouvidos.

Ao ver que ela lhe desobedecia, Greg deu largas à sua fúria.

– Sua cabra! – invectivou, precipitando-se para a frente.

Tudo aconteceu num ápice. Greg sacou da arma e avançou para ela – e ela ouviu o clique do arame.

Greg viu a expressão dela e soube que algo tinha acontecido.

– Raios partam o Lang, mais as suas armadilhas! – vociferou, apontando a arma a Sara.

Instintivamente, ela atirou-se ao chão, protegendo a cabeça com as mãos.

Assim que a arma foi disparada, as setas foram projectadas.

Stefan Vandro, também conhecido por Greg Anders, além de vários outros nomes falsos, foi atingido por quatro setas com pontas de aço – e silenciado para sempre.

Sara sentiu-se tão horrorizada com o sucedido – com o que ela própria causara – que mal conseguiu pôr-se em pé. O sangue de Greg salpicara-lhe o rosto e a roupa. Para sair, teria de deslocar o corpo, que estava preso à largura da entrada, e não conseguia fazer isso. Deixou-se ficar onde estava, encostada à parede da casa de Verão.

*

Mike precisou de algum tempo para se livrar dos agentes que ele próprio havia chamado quando ouviu os tiros. No espaço de mais ou menos quatro minutos, a antiga quinta foi invadida por veículos e homens, e todos tinham informações a transmitir.

Conquanto encontrar Mitzi tivesse sido tarefa fácil, Stefan escapava-lhes. Veículos de emergência, incluindo um helicóptero, assim como imensas pessoas, encontravam-se por todo o lado. A caça a Stefan Vandro intensificara-se.

Porém, a única preocupação de Mike era Sara. Foi forçado a abrir caminho por entre toda aquela gente para conseguir chegar a Ariel. Quando esta lhe disse que tinha vindo com Sara, ele ficou quase em pânico. Julgara que ela se encontrava em segurança na feira.

Possuído de um grande frenesim, Mike começou a correr. Havia um lugar na Quinta Merlin pelo qual se podia passar sem se dar pela sua existência.

Quando, finalmente, Mike encontrou Sara, ela estava encostada à parede do fundo da antiga casa de Verão, enquanto o corpo sem vida de Stefan Vandro se encontrava atravessado na soleira. As setas de Mr. Lang tinham-lhe perfurado o corpo em quatro pontos, sendo um deles o coração.

Mike não sentiu remorsos quando retirou as setas e deixou cair o cadáver no chão. Aproximou-se de Sara e abraçou-a com força.

– Está tudo bem – sussurrou-lhe. – Agora estás a salvo.

Encostou a cabeça dela ao seu ombro de maneira a não poder ver o corpo de Stefan, que entretanto era levado pelos paramédicos. Quando a ambulância já se afastava, levou-a para fora da casa de Verão, abraçou-a, e ambos se encaminharam para a casa da quinta. No caminho de acesso havia um carro dos bombeiros e uma ambulância, bem como um helicóptero.

Alguém pôs um cobertor por cima dos ombros de Sara enquanto Mike a mantinha junto de si; viu Ariel encostada à traseira de um carro dos bombeiros. Tinha um casaco de bombeiro sobre os ombros, mas as pernas compridas estavam descobertas, e encontrava-se rodeada de pelo menos doze homens. Ela fez um pequeno gesto de saudação a Sara quando Mike já a levava dali.

Ele conduziu-a até à cozinha da casa, sentando-a em cima da bancada de fórmica já muito gasta. Depois de abrir duas gavetas, encontrou panos de cozinha lavados; humedeceu um deles e começou a limpar-lhe o rosto. Os panos ficaram sujos com o sangue de Greg.

Sara tocou no hematoma que Mike tinha junto do olho direito e viu um corte por baixo do outro. Ele já limpava a maior parte do sangue da cara, mas ela continuava a lembrar-se de se ver ensanguentada. Subitamente, recordou-se de como tinham chegado à quinta.

– A Mitzi! Nós trouxemo-la para cá no teu carro e entretanto ouvimos tiros! Acho que...

– Não te preocupes – disse Mike, beijando-a suavemente. – A Mitzi conseguiu sair do porta-bagagens, mas tropeçou numa das armadilhas do Lang. Fomos dar com ela suspensa de uma árvore, envolta numa rede.

– Ela está bem? – perguntou uma voz, da porta.

Sara virou-se e viu o homem com quem Mike tinha lutado, o mesmo que lhe pusera a cara a sangrar... o homem que trabalhava para Greg.

– Você fez-lhe isto! – gritou Sara. – Vi-o a bater-lhe! – Tinha os punhos cerrados como se tencionasse atacá-lo.

– Neste momento, não és a pessoa predilecta dela – disse Mike. – Sara, minha princesa guerreira, apresento-te Frank Thiessen. Já te tinha falado dele, é o meu amigo mais antigo.

– Não tão antigo como isso – retorquiu Frank, aproximando-se de Sara com a mão estendida.

Sara não lhe apertou a mão. Não estava habituada a ver homens esmurrarem-se, embora fossem grandes amigos.

– Se serve de alguma coisa, devo dizer que o Mike já me fez muito pior. De facto, em duas ocasiões, por pouco não me matou. Até posso mostrar-lhe algumas das cicatrizes que tenho por causa dele... – Frank calou-se ao ver que Sara ainda não estava receptiva ao seu humor.

A um acenar de cabeça de Mike, Frank saiu da cozinha.

– Sara, minha querida, está tudo bem. O Frank estava a trabalhar num outro caso quando ouviu alguém mencionar o nome « Edilean ». Pediu que o destacassem para a investigação Vandlo por saber que a minha irmã vivia aqui. Foi para a prisão durante vários meses, para poder ter uma história verosímil, e o Stefan Vandlo foi colocado na mesma cela que ele. E foi o Frank que fez com que eu comesse a investigar o caso. Esforçou-se muito para obter informações do Stefan, mas não me disse nada. O melhor que o Frank podia fazer era levar o Stefan a acreditar que precisava de um guarda-costas.

– O outro homem que eu vi com o Greg também era um agente?

– Não – respondeu Mike. – Era do bando da Mitzi. Penso que ela estava chateada porque o filho deitara a perder aquilo que ela tentara fazer. – Mike alisou o cabelo de Sara para trás. – O Frank é

a única pessoa a quem falei da Tess e de Edilean. Quando o capitão Erickson me disse que essa informação havia sido divulgada, eu soube logo que só podia ter sido o Frank, e durante algum tempo pensei que ele talvez me tivesse atraído ou que estava a pedir-me que o ajudasse.

– Quando vos vi a lutar...

– Estávamos a tentar prolongar a situação o mais possível, na esperança de que a Mitzi aparecesse e pudéssemos deitar-lhe a mão. Não passava pela cabeça de ninguém que fosses tu a apanhá-la. – Olhou para ela com uma expressão de tanto orgulho que Sara se sentiu corar. – Quando o Frank me contactou na feira, combinámos toda aquela encenação para desviar a atenção de Vandlo durante o máximo de tempo possível.

– Não foi « encenação » nenhuma. Ficaste realmente ferido.

Quando Sara lhe tocou no rosto, viu que ele se esforçava por não se retrair.

– O Frank e eu treinámos juntos; por isso, tivemos muitas oportunidades de praticar em combates de boxe e...

– Como planeias fazer no ginásio que queres abrir?

– Exactamente. E que tal eu fazer uma demonstração esta noite? Podemos lutar um com o outro.

Mike sorria, mas não era o caso de Sara. Tinham acontecido demasiadas coisas más durante as últimas horas para que ela sentisse vontade de sorrir.

– Queres saber como descobri o compartimento secreto? – perguntou Mike, mudando de assunto. – O Lang passou um fio eléctrico pelo interior para poder ter luz eléctrica. Quando nós o visitámos, e enquanto tu e ele ficaram a conversar sobre biscoitos, eu inspecionei a sala e vi que o fio desaparecia na parede. Mas não me apercebi do significado do que tinha visto até ao dia seguinte.

Sara acariciou-lhe a face, olhando-o com uma expressão cheia de amor.

– És inteligente, lindo e talentoso.

– Nesse caso, devo ser a imagem chapada de ti – retorquiu Mike, rindo-se. Colocou as pontas dos dedos debaixo do queixo dela. – Sara, lamento muito que tenhas ficado sozinha, tendo de enfrentar o que te apareceu pela frente. Disseram ao rapaz do FBI que monitorizava as imagens da câmara de vídeo que a Joce se tinha ido embora, pelo que ele assumiu que a tenda da cartomante ficara vazia. Assim, decidi ir ver-me a saltar à corda com a Anna. Se isso te fizer sentir melhor, quero que saibas que ele agora tem dois olhos negros, um devido a um murro que lhe dei e o outro ao do Frank. Eu queria partir-lhe as pernas, mas o Frank não me deixou. – Mike encolheu os ombros. – O Colin continua a pensar que devíamos...

Mike calou-se quando a porta se abriu. Era uma mulher-polícia com o vestido comprido que Sara usara na feira. Quando o deixou em cima da mesa da cozinha, olhou para Sara com uma expressão de admiração.

– Fez um belo trabalho – disse ela antes de sair.

Mike sorriu a Sara.

– Ainda não vi as gravações, mas ouvi dizer que foste admirável com a Mitzi. Calculo que ela estava habituada a que ninguém soubesse nada a seu respeito, e, dado que não pensava que tu eras a sua vítima a abater, falou de mais com a pessoa errada. Seja como for, andam a dizer que foste magnífica.

– Nem por isso – redarguiu Sara, mas sentiu-se contente com o elogio dele. – Acho que a Mitzi

ficou tão empolgada quando viu as cartas de tarô, que deixou de ter discernimento, e eu estava com um medo de morte. Mas tive ajuda.

– Sim, já falaram com a Ariel.

– O que lhe aconteceu? Aquele homem foi atrás dela.

– Quando ouvimos os disparos, o Stefan e o outro guarda-costas correram para fora de casa. O Frank e eu soubemos nessa altura que estava tudo acabado. A Mitzi nunca apareceria se houvesse alguém a disparar. O Frank e eu ligámos a pedir ajuda antes de irmos atrás dos outros. O Frank encontrou o outro guarda-costas e neutralizou-o.

– Queres dizer que o abateu a tiro?

– Sim, mas se o Frank tivesse chegado um minuto mais tarde, não creio que a Ariel estivesse viva. – Mike hesitou. – Mas havia um problema.

Quando a covinha na face de Mike se mostrou, Sara olhou-o com uma expressão inquiridora.

– Imagino que tenhas contado à Ariel que me pendurei numa corda para impedir que tropeçasses no arame da armadilha.

– E o que fez ela?

– Depois de o Frank ter abatido o guarda-costas do Vandro, a Ariel tentou escapar, pendurando-se na corda. O que era compreensível, dado que ela não sabia quem era o Frank, mas, por isso, ele teve muita dificuldade em apanhá-la – disse Mike, sorrindo. – Mas, com base no que ele me contou, gostou quando se agarrou a ela.

Sara era capaz de imaginar a luta que se seguira, com Ariel apenas em roupa interior preta, a debater-se com toda a energia. Sim, imaginava que Ariel quase teria gostado de algo nesses moldes.

– Parece que gostam um do outro – acrescentou Mike, inclinando a cabeça em direcção à dela. – Quanto a ti... acho que hoje envelheci dez anos. Fui bombardeado pelos agentes federais que tentavam falar comigo, e eu só queria saber o que acontecera. Se me tivesse passado sequer pela cabeça que estavas aqui, saberia onde procurar. – Tocou-lhe nos cabelos. – Quando me disseram que havias desaparecido da feira, fiquei em pânico. Encontrei a Ariel, e quando ela me disse que tinham vindo juntas... Sara, não devias ter... – A expressão no rosto dela calou-o. – De acordo, chega de sermões – disse Mike. – Horroriza-me pensar no perigo que correste, mas estou muito, mesmo muito, contente por teres apanhado a Mitzi. – Pôs as mãos nos ombros dela. – E agora, Sara, meu amor, por muito que goste do que tens vestido, *não* quero que sejas vista nesses propósitos por outros homens. Portanto, vamos lá a vestir-te, para podermos falar com algumas pessoas, de acordo?

Quando Sara o agarrou pelo braço, ele virou-se para trás, olhando-a com uma expressão interrogadora.

– Chamaste-me teu amor.

Mike olhou para ela, intrigado.

– Nunca tinhas dito isso antes. – Quando viu que ele continuava sem compreender, ela acrescentou: – *Amor!* Nunca tinhas dito o meu nome e *amor* na mesma frase.

– Pensas que me casei contigo, mas que não estava louco de amor por ti?

– O caso requeria que tu...

Entreabrindo-lhe as pernas, Mike posicionou-se no meio delas.

– Há muitas criminosas, mas nunca me casei com nenhuma apenas para a salvar. – Beijou-a

no pescoço. – Amo-te – acrescentou Mike, beijando-a na face. – Cada dia te amo mais. – Beijou-lhe as pálpebras. – Quando te vi encostada à parede da casa de Verão atrás do Vandlo, toda coberta de sangue, por momentos não soube se estavas viva ou morta, e pensei que *eu próprio* ia morrer.

– Também eu – disse ela, beijando-o. – Quando me apercebi de que aquela velha era a Mitzi, soube de imediato que corrias perigo e...

– Chiu – fez ele, apertando-a contra si. – Tudo isso já passou, e vou ter de voltar para Fort Lauderdale na segunda-feira. Achas que consegues fazer as malas até lá? Só não sei o que vou conduzir.

– O teu carro...?

– Está cheio de buracos de balas. Que diabo te passou pela cabeça para pores a Mitzi Vandlo num automóvel cheio de armas? Não podias ter roubado outra viatura?

– Não fiques irritado *comigo*. Foi a Ariel. A tua amada Ariel, com quem saíste, apesar de seres um homem casado.

– Sai com ela *antes* de me ter casado contigo. E ela...

– Detesto ter de vos interromper – disse Frank, da ombreira da porta –, mas toda a gente quer ver a mulher que conseguiu deitar a mão à Mitzi.

– Sairei assim que a Sara estiver vestida.

– Não te incomodes por causa de nós – retorquiu Frank, e depois riu-se ao ver o olhar furibundo de Mike.

– Presumo que os quadros escondidos no compartimento secreto de Mister Lang estejam assinados por CAY.

– Sim, estão – disse Mike. – Charles Albert Yates. Ontem, o Luke e eu tirámos todas as pinturas do compartimento. – Pegou em Sara levantando-a da bancada da cozinha. – São cerca de cem quadros, mas há muito mais. Tudo o que se encontrava nesse esconderijo é antigo e não faço a mínima ideia do que é. Estão lá várias caixas cheias de cartas, diários antigos e roupas. O *kilt* e a camisa que o Lang vestia nessa noite de mil novecentos e quarenta e um e as roupas de que ouvi falar durante a maior parte da minha infância também estavam lá. – Mike respirou fundo. – Não sou capaz de compreender como é que ninguém descobriu esse compartimento antes de mim.

– Mister Lang fechou-o com pregos – adiantou Sara enquanto Mike a ajudava a enfiar o vestido comprido.

– Para que só *ele* pudesse ver o que continha. Faz todo o sentido.

– Como soube a Mitzi da existência dos quadros? E que eram valiosos?

Mike ficou em silêncio.

– Mike? O que se passa?

– Eu enviei fotografias de duas dessas pinturas para o FBI em Washington. Sara, minha querida, és milionária. Multimilionária.

O único pensamento dela foi que agora tinha dinheiro para restaurar a Quinta Merlin. Além disso, não precisariam de se preocupar com a educação dos filhos. E Mike poderia abrir um ginásio do melhor que houvesse. Sorrindo, Sara olhou para ele, mas viu que Mike estava com uma expressão muito séria.

– És a única pessoa à face da Terra que poderia sentir-se infeliz por passar a ter muito dinheiro.

– Esse dinheiro não me pertence. É teu, e podias fazer muita coisa com ele.

Sara teve de fazer um esforço para não gemer. Mike queria dizer que, se quisesse pôr fim ao casamento, ele não levantaria quaisquer obstáculos.

– Achas que a Tess poderá gerir os *nossos* milhões?

– Com certeza – replicou ele, e a covinha apareceu-lhe na face.

Sara deu-lhe o braço.

– A minha mãe já tem uma lista de pessoas que querem inscrever-se no teu ginásio.

– O problema aqui é saber se conseguiremos *tirar-te* da cama para te juntares a essas pessoas.

– Eu... – começou Sara a dizer, mas calou-se quando saíram.

Para além do carro de bombeiros, ambulância e os carros da polícia, parecia que metade das pessoas de Edilean se encontrava ali. E quando avistaram Sara, começaram a aplaudir. Ela tinha a certeza de que a maior parte dos presentes não fazia a mínima ideia do que ela fizera, mas alguém lhes dissera o suficiente para que toda a vila se sentisse orgulhosa dela. Olhou para Mike, que se detivera um pouco atrás dela.

– Vai – disse ele. – Este momento é teu. És a heroína. – Apertou-lhe a mão ao de leve. – Nunca mais ninguém terá pena da Sara Shaw.

Se ela tivesse alguma dúvida do seu amor por ele, ter-se-ia dissipado naquele momento. Havia sido devido ao trabalho de Mike que o caso fora resolvido; no entanto, estava disposto a ocupar um lugar secundário para que ela pudesse desfrutar de toda a glória.

– Newland – corrigiu Sara. – O nome do homem que amo.

– Sim, Mistress Newland – disse Mike, com um sorriso rasgado. – A minha mulher.

Virando-se, Sara encaminhou-se para as pessoas que esperavam para a congratular – mas não largou a mão de Mike.

GOSTARIA DE AGRADECER à pessoa que tornou este livro possível, o meu consultor e, acima de tudo, meu amigo, o detective Charles J. Stack, da Unidade de Crimes Económicos do Departamento da Polícia de Fort Lauderdale.

Charlie, um antigo campeão de *kickboxing* e karaté, e eu exercitámo-nos juntos. Entre incentivar-me a levantar pesos cada vez mais pesados e socar aquele saco enorme com luvas de boxe, ele respondeu a todas as minhas perguntas.

Charlie respondeu imediatamente a todas as minhas mensagens de texto, estivesse onde estivesse, na sala de um tribunal ou numa reunião com o procurador. Explicou-me tudo, desde os planos de pensões do Departamento da Polícia de Fort Lauderdale ao último parecer do Supremo Tribunal, passando pelo *muay thai*.

Contou-me histórias verdadeiramente fascinantes acerca do seu trabalho perigoso como agente infiltrado. (A AMC quer realizar um documentário sobre uma delas!) Leu as cenas que escrevi sobre as lutas, bem como sobre a actividade da verdadeira Mitzi, tendo feito um trabalho exemplar quando as reviu.

Os seus conhecimentos sobre a maneira de pensar de criminosos como os da genuína família «Vandlo» foram uma narrativa fascinante. A magnitude dos crimes que ele investiga e o desconhecimento do público em relação a estes criminosos deixaram-me horrorizada.

Jamais serei capaz de expressar adequadamente a minha gratidão a Charlie, pela sua ajuda, pela sua inteligência, pela sua generosidade e a sua infindável paciência.

Muito obrigada, Charlie. És um verdadeiro herói.

[1]Levantamento do Património Histórico dos Estados Unidos. (*N. da T.*)

[2]Considerado o pai do fotojornalismo, morreu em 1896, e é conhecido pelo seu trabalho de documentação da Guerra Civil norte-americana. (*N. da T.*)

[3]Addison Cairns Mizner (12 de Dezembro de 1872 – 5 de Fevereiro de 1933), arquitecto norte-americano. (*N. da T.*)

Table of Contents

Ficha Técnica

1

FORT LAUDERDALE, FLORIDA

2

EDILEAN, VIRGÍNIA

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

Agradecimentos